

XI ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL

MEMÓRIA, DEMOCRACIA E JUSTIÇA



Comissão Organizadora

Maria Paula Nascimento Araujo (UFRJ) – Presidente da

ABHO

Benito Bisso Schmidt (UFRGS) – Vice-presidente da ABHO

Ana Maria Mauad (UFF)

Verena Alberti (FGV)

Ângela de Castro Gomes (FGV/UFF)

Luciana Heymann (FGV)

Mariana Cavalcanti (FGV)

Lucia Grinberg (UNIRIO)

Samantha Quadrat (UFF)

Fernando Dumas (FIOCRUZ)

Ilana Strozenberg (UFRJ)

Marco Aurélio Santana (UFRJ)

Tânia Regina de Luca (UNESP)

Marieta de Moraes Ferreira (FGV/UFRJ)

Marcos Montysuma (UFSC)

Desirree dos Reis Santos (mestranda PUC-Rio) – Produção

executiva

XI Encontro Nacional de História Oral

10 a 13 de julho de 2012

Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/Instituto de História
da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Largo de São Francisco, n.1, Centro, Rio de Janeiro.

O XI Encontro Nacional de História Oral tem como tema “Memória, Democracia e Justiça”. Em nosso mundo contemporâneo, nas últimas décadas, inúmeras sociedades viveram transições políticas importantes: passaram de regimes ditatoriais e arbitrários para regimes democráticos. Neste processo de transição algumas questões são fundamentais.

Entre elas: a memória e o direito à verdade e à justiça.

A história oral - que trabalha com depoimentos, testemunhos, memória, trauma, verbalização e re-significação do passado e das experiências de vida - muito tem a contribuir para este processo.

TERÇA FEIRA (10/07)	QUARTA FEIRA (11/07)
8h – 10h: Credenciamento	8hs-10h: Minicursos
<p>10h 12hs: Abertura</p> <p>Apresentação:</p> <p>Benito Schmidt, vice- presidente da ABHO e presidente da ANPUH</p> <p>Conferência: Maria Paula Araújo (Presidente da ABHO) “Memória, testemunho e superação: história oral da anistia no Brasil”.</p>	<p>10h – 12hs: Mesa –Redonda</p> <p>Questões metodológicas</p> <p>Coordenação: Regina Beatriz (UFPE)</p> <p>Ana Mauad (UFF) Verena Alberti (CPDOC) Tania de Luca (UNESP)</p>
12h – 14h ALMOÇO	12h – 14h ALMOÇO
14h – 17h Simpósios Temáticos	14h – 17h Simpósios Temáticos
COFFEE BREAK	COFFEE BREAK
<p>17.30h – 19.30h Mesa – Redonda História oral e diversidade étnica</p> <p>Coordenação: Giovani José. (UFMS) Amílcar Pereira (UFRJ) Ana Mária Ribeiro (IHGMT e Funai-MT) Regina Weber (UFRGS)</p>	<p>17.30h – 19.30h</p> <p>Conferência Internacional</p> <p>Profa Aurora da Fonseca Ferreira (Universidade de Luanda, Angola)</p> <p>Lançamento de livros (número musical)</p>

QUINTA FEIRA (12/07)	SEXTA FEIRA (13/07)
8h – 10h: Minicursos	8hs-10h: Minicursos
10h – 12hs: Mesa –Redonda Memória, Justiça e Reparação na América Latina (tema do Encontro) Coordenação: Carla Rodeghero (UFRGS) Antonio Montenegro (UFPE) Álvaro Rico (Uruguai) Victor Quinteros (Peru)	10h – 12hs: Mesa –Redonda História Oral e Meio ambiente Marcos Montysuma (UFSC) Eurípedes Funes (UFC) Lise Sedrez (UFRJ)
12h – 14h ALMOÇO	12h – 14h ALMOÇO
14h – 17h Simpósios Temáticos	14h – 17h Simpósios Temáticos
COFFEE BREAK	COFFEE BREAK
17.30h – 19.30h Assembléia da ABHO	17.30h – 19.30h Gêneros e homossexualidades Joana Pedro (UFSC) Robson Laverdi (UNIOESTE) Ana Paula Uziel (CLAM)

Resumos

001. A história, a memória e as práticas historiográficas.

Coordenação: Regina Beatriz Guimarães Neto, Antonio Torres Montenegro

10/07 - Terça-feira (Tarde - 14h as 17h)

Identidade, Representação e Memória: A festa como sociabilidade na cidade de Borda da Mata - MG

Cleyton Antonio da Costa(Escola Estadual Professor Juvenal Brandão).

Resumo: A presente pesquisa visa discutir e problematizar os múltiplos significados e sentidos do festejo de Nossa Senhora do Carmo, na cidade de Borda da Mata, localizada no sul de Minas Gerais, com o intuito de buscarmos as diferentes memórias e experiências vivenciadas por diferentes atores sociais que participam do festejo, que é realizado, anualmente, na segunda semana do mês de Julho. Compreendemos que festejar se constitui em um momento em que homens e mulheres rompem com sua rotina de trabalho e partem para momento de lazer, de religiosidade e de sociabilidade. Sendo estes elementos norteiam este período festivo, possibilitando a construção de um espaço repleto de manifestações, gestos somente realizando neste íterim, como, por exemplo, acompanhar a novena religiosa, adquirir produtos comerciais em estabelecimentos informais, as “barracas”, assistir apresentações musicais em praça pública, entre outros. E, também, por meio das festividades que os sujeitos sociais reafirmam suas identidades, suas concepções de mundo, os seus valores. Por

meio da História Oral, que foi realizado este trabalho, buscando conhecer e evidenciar experiências de sujeitos sociais que vivenciaram e vivenciam a Festa de Nossa Senhora do Carmo. Pois, através desse método de estudo é possível analisar as experiências de homens e mulheres em diversos e diferentes setores da sociedade, permitindo um percurso de conhecimento e possibilidades de valorização a grupos sociais até então invisíveis na documentação oficial escrita. A História Oral é uma metodologia, uma nova proposta de trabalhar-se a História, não vem para responder ausências, mas é mais uma nova forma de interpretação. Caminha junto à memória oficial, porém oferece novas possibilidades com outras memórias não-oficiais e possibilidades de análise para percepção dos discursos e da constituição ideológica.

Um Foucault desconhecido? Viagem ao Norte-Nordeste brasileiro em anos (ainda) sombrios

Heliana de Barros Conde Rodrigues(UERJ)

Resumo: Michel Foucault esteve por cinco vezes no Brasil, sempre durante os anos de Ditadura Militar: 1965, 1973, 1974, 1975 e 1976. Essas viagens, tema de nossa investigação “Michel Foucault no Brasil: presença, efeitos e ressonâncias”, são razoavelmente conhecidas mediante conferências publicadas e notícias divulgadas na imprensa. A última estada em nosso país, no entanto, tem características bastante singulares: após seus protestos, em 1975, quando do assassinato do jornalista Vladimir Herzog nos porões do DOI-CODI, o filósofo julgava que não obteria novo visto de entrada. Sendo assim, em 1976 ele contorna os então chamados “grandes centros” e visita apenas cidades do Nordeste e Norte brasileiros, a saber: Salvador, Recife e Belém. O presente trabalho procura reconstituir esse percurso menos conhecido de Foucault no

Brasil, recorrendo, para tanto, a entrevistas sob o paradigma da História Oral com aqueles que conviveram com o filósofo à época, associadas ao divulgado na imprensa alternativa, que, ao contrário da grande imprensa do eixo Rio-São Paulo, acompanhou de perto essa última visita. Os periódicos anarquistas, em especial, aproximaram-se então de Foucault, publicando notícias, entrevistas e conferências. Dentre eles, destacam-se “O inimigo do Rei” e “Barbárie”, ambos editados em Salvador. A reconstituição empreendida, seja mediante as narrativas orais, seja por intermédio dos documentos escritos, sugere não ser uma simples fantasia a vigilância sobre Foucault desencadeada pela Ditadura Militar, em parte responsável, talvez, pelo fato de o filósofo não mais haver retornado ao Brasil após 1976. Paralelamente, permite explorar os contrastes entre jornais locais, grande imprensa e imprensa “nanica” no que tange à apreciação da presença e das idéias de Michel Foucault.

Os usos das narrativas orais no terreno delicado da pesquisa histórica: o caso dos cemitérios de anjinhos no Ceará

Cícero Joaquim dos Santos (Universidade Regional do Cariri (URCA))

Resumo: A presente pesquisa investiga as disputas pelas memórias sobre os cemitérios de anjinhos no Cariri cearense. Ancorada nos procedimentos metodológicos da história oral, ela problematiza as memórias sobre a construção dos cemitérios sem registros oficiais e os embates que recobrem a continuidade dos sepultamentos infantis no tempo presente. Os cemitérios de anjinhos são resultantes das antigas tradições fúnebres tocantes a busca pelo espaço sagrado para o descanso eterno. Diferentes das crianças batizadas, cujo corpo era direcionado para as igrejas e capelas, até meados do século XIX, a criança pagã não

detinha tal merecido. Como resultado, as cruces de morte trágica tornaram-se espaços procurados para sua inumação. Mais recentemente, tais práticas (e espacialidades) passaram a ser perseguidas e combatidas por clérigos, agentes de saúde, administradores públicos e latifundiários que denunciam a ilegalidade dos enterramentos. Em contraposição, os devotos teimam na continuidade das tradições fúnebres, cultuando seus anjinhos nos quintais das suas residências e nas estradas interioranas.

Ressonâncias do pensamento de Foucault na academia - Relatos orais e escrita da História

Maria Izabel Vasconcellos Pitanga Espirito Santo de Araujo(UERJ)

Resumo: Integrado à pesquisa Michel Foucault no Brasil: presença, efeitos e ressonâncias, o trabalho investiga a produção historiográfica de alguns pesquisadores que se apropriaram das categorias de análise de Foucault e passaram a utilizá-las em seus estudos. Com o apoio da História Oral, foram realizadas entrevista com professores universitários do campo da História que tiveram em suas trajetórias o contato com a obra do filósofo e a rede de intelectuais a ele associados, cujas narrativas nos serviam de fonte de valiosas informações para apreciar os efeitos de Foucault. As entrevistas tiveram como finalidade a exploração do caráter narrativo das fontes orais a fim de perceber a transformação dos discursos em fontes, discursos que produzem novas realidades, bem como objetos que foram construídos através do olhar e da experiência de cada entrevistado. Os discursos começam a ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem. Essa nova historiografia marcada pela presença de Foucault utiliza-se das categorias da

descontinuidade, da diferença, das noções de limiar e de ruptura. Dentre as inúmeras questões que Foucault coloca aos historiadores, uma das mais inquietantes. Refere-se ao estatuto do real. A certeza de saber o que realmente ocorreu no passado, a posse do método correto e sua utilização adequada conferiam o poder de verdade ao historiador. Para Foucault, diferentemente, interessaria à História um trabalho de questionamento das representações e imagens do real que certos coletivos de agentes defendem como seu real e seu universal. Abre-se, com isso, uma possibilidade de reflexão sobre as práticas discursivas dos historiadores e seus efeitos no presente, para os quais o trabalho com fontes orais abre novos efeitos perturbadores.

Dança cênica, Memória e Cidade: a profissionalização na cidade do Rio de Janeiro.

Isabela Maria Azevedo Gama Buarque(UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Resumo: Pensar em estudar a dança a partir de prerrogativas históricas e de memória nos ajuda a entender as configurações do campo profissional em dança e ampliar as visões, estabelecer diálogos e fomentar discursos e saídas para os principais desdobramentos verificados. Além de nos oferecer respostas, o estudo histórico nos ajuda a construir, solidificar e preservar a memória do campo, tão importante para o fortalecimento deste. A memória das companhias de dança profissionais no Brasil, que foram criadas em sua maioria na cidade do Rio de Janeiro, pode-nos apresentar panoramas e conflitos, nos fazendo dialogar com os conceitos e discursos elaborados no campo. A relação entre história e a memória do campo nos permite perceber as realidades atuais e preservar os discursos dos principais atores do campo, para que possamos analisar os

benefícios e malefícios que os traumas gerados pelas inovações, perdas e mudanças de discursos geram no campo da dança e de uma forma mais abrangente na própria sociedade. Assim, a fim de percebermos as primeiras manifestações de grupos profissionais em dança na cidade do Rio de Janeiro buscando suas memórias, nos aprofundar nas décadas de 1970, 1980 e 1990 nos permitirá mergulhar na história de uma construção de campo profissional em dança, que no Brasil teria mesmo seus primeiros passos profissionais a partir da década de 1970, mas somente se estabelecendo na década de 1980, quando percebemos as primeiras manifestações mais concretas no sentido de ações para o reconhecimento deste campo e dos atores envolvidos. Entender como e por que a cidade do Rio de Janeiro foi fundamental nesta construção do profissionalismo em dança é importante para mapearmos a trajetória profissional da dança no Brasil e buscar suas memórias de forma a entender não somente como a dança se profissionalizou, mas como o espaço no qual ela ia se inserindo era propício para tal. As décadas apresentadas são relevantes para a cultura brasileira, especialmente para a produção artística, o que trouxe ganhos e perdas aos diversos campos das artes e suas manifestações. Estudá-las nos permite avançar nas discussões sobre o campo da dança no país. O objetivo central deste estudo é investigar a memória das companhias de dança do Rio de Janeiro, analisando seus discursos para construção do campo profissional em dança, buscando as permanências e inovações no estabelecimento deste. Neste projeto, o foco de estudo são as companhias de “dança cênica contemporânea” (SIQUEIRA, 2006), aquelas onde os grupos se organizam para ter como resultado de um processo um espetáculo a ser veiculado, que foram criadas e residiram na cidade do Rio de Janeiro. Os depoimentos dos atores serão peça chave para este estudo.

A Administração Naval pós 1938: o processo de reestruturação a partir dos relatos dos oficiais

Fabiola Maria da Silva Chagas(Marinha do Brasil)

Resumo: Este tema reflete um crescente interesse e estudo da história militar com a história oral no Brasil. Por muitos anos, esta, foi relegado ao ostracismo associada à historiografia factual que se concentrava apenas nos relato dos fatos e da descrição de grandes batalhas, caracterizada também pela ausência de questionamentos. No entanto, hoje vivenciamos o retorno da história militar, trazendo novas perspectivas e reflexões sobre temas anteriormente relegados pelos historiadores. Este retorno da história militar trabalhada em conjunto com a história oral, que abre espaço para que estejamos hoje aqui a discutir estas novas questões.

O estudo apresentado aqui é parte de uma pesquisa realizada conjuntamente pela Diretoria do Patrimônio Histórico e de Documentação da Marinha e com a Diretoria de Administração da Marinha que pretende analisar a história da Administração Naval de 1938 ao dias atuais. Para esta apresentação destacou-se o impacto da 2ª Guerra Mundial na gestão do Estado brasileiro, incluindo a reestruturação dos Serviços de Intendência da Marinha.

Este estudo visa analisar o processo de reestruturação do departamento de intendencia da Marinha do Brasil após a Segunda Guerra Mundial. No entanto, a análise dessa reestruturação ocorre por meio de entrevistas realizadas com militares e funcionários civis da área de administração que participaram deste movimento de reestruturação. Por isso, procuramos entender a mudança na estratégia de logística que a Marinha do Brasil adquiriu no pós-guerra, através dos relatos de

oficiais que integraram o processo de transformação.

11/07 - Quarta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Entre a memória e a história: reflexões de Lucilia Neves Suellen Neto Pires Maciel(Universidade de Brasília)

Resumo: Ao tomar como referência depoimento de história de vida acadêmica da historiadora Lucilia de Almeida Neves Delgado, a presente comunicação analisa a narrativa da depoente sobre seu percurso (formação e vida profissional) e suas escolhas teóricas e metodológicas ao longo de sua trajetória como, estudante de História e de Ciência Política, professora universitária e autora de livros sobre História do Brasil Republicano e sobre história oral. Lucilia Neves avalia as repercussões e implicações de sua dupla formação em Ciência Política e em História nas escolhas de temáticas – movimento operário e trabalhismo no pré 1964, privilegiadas quando de seu mestrado e doutorado. Por decorrência, reflete sobre sua integração a pesquisas de história oral e de história do tempo presente, em diferentes instituições universitárias. Considera para tal questões teóricas referentes a: metodologia, nova história política, memória e cultura política. Analisa também sua opção recente em se dedicar a uma pesquisa sobre história, historiografia e memória: o golpe de 1964 e a trajetória de João Goulart.

O maior responsável pelo levante foi o secretário-geral do partido, Antônio Maciel Bonfim, o Miranda: história, memória e historiografia da Insurreição de 1935 nas entrevistas de Luiz Carlos Prestes

Raimundo Nonato Pereira Moreira (Universidade do Estado da Bahia (UNEB))

Resumo: O presente trabalho discute alguns dos resultados de uma pesquisa em curso, intitulada “No rastro de Miranda: uma investigação histórica acerca da trajetória de Antônio Máciel Bonfim (1905- c. 1947)”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia. Assim, busca-se problematizar, considerando as relações entre o campo da Memória e a escrita da História, as entrevistas concedidas por Luiz Carlos Prestes (1898-1990), antigo secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro (PCB), sobre a Insurreição de novembro de 1935. A partir deste escopo, tomam-se como registros fundamentais duas séries de declarações, organizadas pelos jornalistas Dênis de Moraes e Francisco Viana: “Prestes: lutas e autocríticas” (1982) e “Prestes com a palavra” (1997). Em seguida, confrontam-se os testemunhos do dirigente comunista acerca de questões relacionadas ao levante de 1935 com outros indícios históricos, evidenciados nas investigações de Paulo Sérgio Pinheiro, Marly de Almeida Gomes Vianna e Wiliam Waack. Finalmente, à luz dos aportes teóricos proporcionados por Michael Pollak, Henry Rousso e Peter Burke, analisam-se as implicações dos depoimentos de Luiz Carlos Prestes sobre a “Revolta Vermelha” para a memória comunista e a historiografia brasileira.

Relatos orais, memória e narrativa: histórias do poeta José Costa Leite 1950-1960

Geovanni Gomes Cabral (Governo do Estado de Pernambuco)

Resumo: Geovanni G. Cabral / Doutorando UFPE

A presente comunicação tem como objetivo analisar os relatos orais do poeta José Costa Leite acerca de suas andanças pelas

feiras do Nordeste do Brasil e o desafio enfrentado por este para poder vender seus folhetos de cordel. Nascido no município de Sapé, localizado na Paraíba e atualmente residindo em Condado, Zona da Mata Norte de Pernambuco, este cordelista desafia o tempo com uma rica memória da vida e da história. Um homem simples que acredita na arte da poesia e na força do cordel. Com oitenta e quatro anos, sua memória nos possibilita deslocamentos acerca de suas experiências estabelecendo um liame com o tempo e a produção do texto historiográfico nos reportando a lugares da história, a um passado que se faz presente, a um período rico na venda, circulação e consumo dessa literatura popular.

Palavras-chave: História Oral, Folheto, Memória, Narrativa

ENTRE O SABER E O PODER: ALGUMAS CENAS DA TRAJETÓRIA POLÍTICA DE JOSUÉ DE CASTRO.

Helder Remigio de Amorim (SEDUC-PE)

Resumo: O presente trabalho tem como intenção problematizar algumas cenas da trajetória política de Josué de Castro, intelectual pernambucano que obteve reconhecimento internacional através de estudos voltados para a desnaturalização da fome. Nesse sentido, a relação entre intelectualidade e política será o fio condutor das nossas discussões. Além da dimensão da obra de Josué de Castro, analisaremos as redes, as teias e as construções desse intelectual por meio de alguns cargos que ocupou como deputado federal, presidente do conselho executivo da fundação de alimentação da ONU, embaixador do Brasil em Genebra. Identificando, o seu envolvimento com questões agrárias, com a criação da SUDENE, e com políticas de assistência social do período. Perceberemos Josué de Castro, como uma figura móvel,

múltipla e produtora de sentidos, situada em um contexto histórico, de modo algum nos prendendo a uma história pessoal. Desse modo, relatos de memória oral, periódicos, fotografias se constituem como fontes documentais que possibilitam problematizar algumas cenas dessa trajetória.

Depois da utopia: A história oral e a história com fontes orais na visão de dois historiadores

Ricardo Santhiago(Universidade de São Paulo)

Resumo: Foi no ano de 1992 que Maria de Lourdes Mônaco Janotti publicou -- em coautoria com Zita de Paula Rosa -- o artigo “História oral: Uma utopia?” e que Antonio Torres Montenegro trouxe à luz seu livro “História oral e memória: A cultura popular revisitada”. Os dois textos se tornaram referências importantes para o campo da história oral no Brasil -- e carregam, em seus títulos, a expressão que o denomina. A obra dos dois historiadores em questão têm, ainda, outras similaridades. Eles foram pioneiros na conciliação da “oral history” que se estabeleceu no Brasil a partir dos anos 1970 e das tradições historiográficas que já caracterizavam a paisagem acadêmica brasileira; têm atuado de forma expressiva no campo da “história oral”, mas preferencialmente descrevem seus trabalhos como sendo “história com fontes orais” ou “história e memória”; recentemente, têm lido criticamente seus primeiros textos, à luz de novos referenciais teóricos e experiências de pesquisa. Nesta comunicação, que se baseia em um dos capítulos da tese de doutorado que desenvolvo, analiso os trabalhos de Janotti e Montenegro à luz do impacto que tiveram no campo da história oral, das transformações sofridas ao longo dos anos, das filiações teóricas e epistemológicas que os informam, e do significado de falar em “história e memória” ou “história com fontes orais” em lugar de “história oral”.

A festa de Nossa Senhora do Rosário como espaço sócio-político e cultural (1920 – 1954)

Bianca Silva Lopes Costa(Secretaria Municipal de Educação)

Resumo: Esta pesquisa analisou a festa de Nossa Senhora do Rosário em Itaberaba-BA entre os anos de 1920-1954. Tomando como foco os diferentes significados de mundo, do viver social e os processos simbólicos que foram produzidos e reproduzidos por meio da festa religiosa imprimindo-lhes identidade. Dentre as práticas que foram analisadas está os rituais que antecedem à festa, a preparação do corpo espiritual: novenas, a missa, a organização para a procissão, as vestimentas, os recursos; além das quermesses e situações que ocorriam no próprio festejo. Este trabalho evidenciou como homens, mulheres e crianças construíram e reconstruíram suas identidades e suas sociabilidades, a partir da multiplicidade de vivências e simbolismos ocorridos no festejo. Além disso, identificou como a festa postulou experiências e conseqüentemente significações, para os sujeitos sociais que dela participaram.

Ancestralidade e oralidade no movimento negro de Pernambuco

Isabel Cristina Martins Guillen(UFPE)

Resumo: Este trabalho objetiva discutir como a noção de ancestralidade foi construída no movimento negro pernambucano bem como os modos com que militantes do movimento negro reproduzem e transmitem conhecimentos e saberes acerca desses ancestrais para os jovens e recém

chegados.

Ao fazermos uma série de entrevistas com militantes do movimento negro pernambucano pudemos perceber que uma dada ancestralidade era formulada como fundamental para a afirmação do próprio movimento bem como das identidades culturais. Além das já notórias, tais como Zumbi dos Palmares, outras pessoas apareceram nas entrevistas como responsáveis pela positivação do movimento, tais como Solano Trindade, ou como referências de resistência, a exemplo de Dona Santa e do Sr. Luis de França, ambos maracatuzeiros que viveram no Recife décadas passadas. Poucos desses militantes conheceram ou conviveram com as referidas pessoas, mas estas estão figuradas em suas memórias como ancestrais, aqueles precursores aos quais sempre se referem e em quem se espelham, em alguns momentos. Neste trabalho mostraremos quem são essas pessoas e os modos como foram construídos na memória. É importante salientar também que para muitos militantes, trata-se efetivamente de referências de ancestralidade que ultrapassa a memória individual, pois muitos desses militantes não chegaram a conhecer essas pessoas. É nesse sentido que optamos por trabalhar com o conceito de ancestralidade, pois também essa é a categoria preferencial utilizada pelos próprios militantes.

Memórias da e na cidade – relato de algumas experiências

Maria Elena Bernardes(UNICAMP)

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo discutir algumas memórias vividas por migrantes que chegaram a Campinas-SP, nas décadas de 60 e 70 do século XX, seduzidos pela possibilidade de trabalho e melhores condições de vida, principalmente no que concerne à saúde e escolaridade. Mas, nem sempre a cidade os acolheu com generosidade. Essas

famílias, sem nenhuma escolaridade ou com escolaridade mínima, se instalaram na periferia mais distante e lá, quase sempre, ficaram esquecidos e excluídos das políticas públicas. Assim, a impossibilidade de inserção regular no mercado de trabalho e conseqüentemente a experiência de um crescente empobrecimento os levam a buscar formas alternativas de sobrevivência no mercado informal e aos jovens, muitas vezes, a alternativa que resta é o tráfico de drogas. Percebemos que tal situação gerou em algumas famílias migrantes o desejo de apagar, para as gerações já nascidas na cidade, a memória do processo migratório que, sendo estigmatizadora, é melhor não ser lembrada. Assim, as raízes rurais ou interioranas, como as festas e manifestações populares, tais como folia de reis, samba de roda, capoeira, as roda samba e tantos outros, não são valorizados, ou contrário, no processo de negação e até de rejeição, estas famílias fazem coro com as igrejas evangélicas, demonizando ou silenciando a pluralidade cultural, negando, assim, voz aos diferentes saberes e identidades culturais. Neste sentido, os espaços formais e informais de educação podem ser lugares privilegiados para agregar discussões relativas a temáticas da memória, sejam elas escritas, orais e iconográficas, buscando o reconhecimento e a preservação do nosso patrimônio imaterial.

Memória dividida: historiografia da migração de nordestinos e narrativas orais de migrantes nordestinos para o Médio Mearim-Maranhão

Marcia Milena Galdez Ferreira(UEMA)

Resumo: A historiografia da migração de nordestinos tende a reforçar a relação migração- seca e migrante-flagelado. Tais ideias-imagens tão propaladas na imprensa e na literatura foram

naturalizadas em muitas abordagens historiográficas clássicas e subjazem ainda em algumas leituras contemporâneas. O Maranhão, dotado de abundância de água das chuvas e dos rios, passa a ser desde o final do século XIX um espaço almejado por migrantes nordestinos, especialmente em períodos de grandes secas. No estudo da experiência de migrantes nordestinos no Médio Mearim-Maranhão entre 1930-1960, percebe-se nas narrativas orais de migrantes e descendentes a tendência da negação da relação migração-seca e migração-miserabilidade. Embora o ano de saída da terra natal coincida com secas (1932, 1942, 1951-1953, 1958) as narrativas orais instituem uma memória da migração vinculada às ideias-imagens de aventura, pioneirismo e trabalho. Busca-se, portanto, compreender a disputa de memória em jogo entre a historiografia clássica, o imaginário social e as narrativas orais de migrantes nordestinos e seus descendentes.

A exploração do trabalho no Brasil contemporâneo (Amazônia Legal): desafios metodológicos da entrevista oral e da escrita do texto historiográfico.

Regina Beatriz Guimarães Neto (Universidade Federal de Pernambuco)

Resumo: A gravidade da questão social do trabalho escravo no Brasil contemporâneo expressa a força política do tema como objeto de análise, sobretudo, para historiadores, que apresentam uma produção intelectual, de modo geral, mais recente, e estudiosos das ciências sociais e do direito. As análises não se restringem às condições sociais dos trabalhadores da Amazônia Legal, mas ampliam-se para contribuir com os estudos sobre o trabalho no mundo contemporâneo que ocupam um lugar central nos debates atuais. Esta apresentação tem como foco de análise a narrativa oral da presidenta do Sindicato dos

Trabalhadores Rurais da cidade de Confresa - MT, Aparecida Barbosa da Silva, que atua em uma das áreas de maior incidência de conflitos trabalhistas da Amazônia, espaço predominante do agronegócio, onde se destacam práticas de “trabalho análogo a de escravo”. O relato oral expresso na entrevista da presidenta do sindicato abre outras perspectivas de análise, por não se limitar a apresentar denúncias contra o direito dos trabalhadores pobres, mas, em especial, porque também revela a importância da narrativa oral como uma prática discursiva que interfere, modifica e atua na configuração da luta e violência defendendo os direitos dos trabalhadores. Diante disso, os desafios metodológicos do processo da entrevista oral e a escrita do texto, resultado das análises realizadas, serão objeto da reflexão historiográfica. Este trabalho integra um projeto de pesquisa em história, com apoio de uma bolsa produtividade do CNPq.

FICÇÃO, SONHO E MEMÓRIA: roteiros possíveis para a transgressão da escrita historiográfica

RAIMUNDO INACIO SOUZA ARAUJO (UFMA/UFPE)

Resumo: Desde a década de 60, os historiadores tem buscado se apropriar da prática do estudo da História enquanto linguagem. Novamente está em foco a necessidade de ampliar os horizontes de interpretação e buscar experiências alternativas ao que foi construído como História. Nessas tentativas, vemos presentes alguns temas que potencializam a matização das afirmações sobre o passado, demolindo certezas e discutindo possibilidades.

A ficção é um dos gêneros que contribui sobremaneira nessa reorientação do ofício do historiador frente aos novos horizontes interpretativos abertos após o fim do século XX. Os escritos ficcionais podem ser utilizados para além da

perspectiva utilitária que neles visualizava apenas mais uma possibilidade de fonte, um manancial de informações disponível para aquele que estivesse capacitado a extraí-las, através da crítica das fontes. A literatura, muito antes da História, debruçou-se sobre temas malditos e incômodos, e pode conduzir o historiador por uma certa educação da sensibilidade que reabilite objetos como a prostituição, a morte, os sentimentos, ou o próprio ser da linguagem da História. É ilusão pensar a obra ficcional como livre de qualquer amarra; sabe-se que cada segmento tem suas próprias regras de ofício e a literatura não está livre disso. No entanto, o estímulo à criatividade e à sensibilidade são certamente pontos fortes desse gênero literário.

Essa chegada tardia da indefinição e da ambigüidade ao campo da historiografia tem ainda nos usos da memória um material fundamental para tal reorientação. As reminiscências, desautorizadas que estavam enquanto ferramenta do historiador, eram observadas com desconfiança pela História positivista. Além de maleáveis, passionais, incertas, as memórias punham em questão elementos importantes da História enquanto coletivo singular, enquanto relato que pode abarcar todos os relatos. Não deixa de ser curioso que esses mesmos atributos tenham sido mais recentemente utilizados para legitimar o uso das fontes orais pela historiografia: as narrativas pregnantes são hoje consideradas importantes não porque repetem a História consagrada, mas ao contrário, porque filham novas interpretações, são possibilidade de criação e recriação, dinamizam a reflexão, matizam contornos considerados bem definidos, põem a História em movimento.

13/07 - Sexta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Testemunho dos Sentidos. Memória e Esquecimento na linha de trem em Londrina

Ana Maria Augusta da Silva

Resumo: Esta pesquisa está em andamento e pretende resgatar alguns aspectos da memória individual de moradores que viviam próximos à linha de trem na cidade de Londrina, especificamente, na Vila Cazoni, na Vila Nova, na Vila Recreio e na Vila Matos. A proposta é estudar a memória individual de trabalhadores a partir de sua vivência do espaço social da linha de trem, buscando entender de que forma as suas lembranças históricas expressam ou não uma decepção profunda, desenraizamento social e afetivo, um sentimento de isolamento que nos possa permitir compreender os mecanismos políticos e sociais que encorajam determinadas formações de personalidades. Entende-se que a memória coletiva se entrelaça com a memória individual, pois o que se testemunha é o que se lembra e, partindo destes pequenos fragmentos de recordações pretendemos estabelecer os fios da trama mais ampla do processo de ocupação e constituição da cidade de Londrina. A idéia de pioneirismo privilegia o olhar visionário daqueles que aqui chegaram e se destacaram sendo uma forma seletiva de construção do passado que privilegia o recorte de classe baseado na propriedade da terra advinda do trabalho. Colonizadores ingleses, alemães, italianos, brasileiros cuja memória é ressaltada e lembrada como relevantes para a fundação da cidade e, em sua maioria, residentes acima da linha de trem, no processo de desenvolvimento da cidade com a linha férrea. Buscamos as lembranças dos moradores abaixo da linha de trem, onde ficavam os trabalhadores, as oficinas, os carroceiros, as zonas de meretrício para refletir acerca das formas de vivência atreladas ao espaço social da linha de trem que dividia a cidade em dois espaços distintos de ocupação e

vivência. O processo de construção dessa memória individual deverá expressar as experiências vividas atreladas à linha férrea como espaço social no cotidiano de seus moradores, espaço da rua, no dia a dia familiar, do trabalho. A espacialidade é fundamental para o ato de lembrar, pois quando rememoramos o fazemos a partir de um certo espaço, mas não em um tempo preciso, porque o tempo é uma dimensão espacial, social, cultural e política. Uma memória que paga tributo aos mecanismos de poderes instituídos, mas que excede aos feitos de moderação e controle de poder sobre si mesmo.

PEPETELA: CONVERSAS COM UM GRANDE INTELLECTUAL ANGOLANO.

Silvio de Almeida Carvalho Filho (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Resumo: Uma entrevista concedida é uma performance que reúne a sinergia do depoente que estabelece uma escrita de si e um entrevistador que estimula um arquivo a partir do qual ele pode estabelecer a escrita do outro. A nossa pesquisa sobre o pensamento social e político em Pepetela, um dos mais importantes intelectuais angolanos da atualidade, com obras editadas em diversos países de língua portuguesa e traduzidas em vários idiomas, um literato de renome, premiado em seu país e no estrangeiro, com uma constante intervenção social através romances, artigos, entrevistas e palestras, levou-nos a realizar três entrevistas com o mesmo. A primeira delas em fins de 2008, no Rio de Janeiro, e duas outras, cada uma delas, de mais de uma hora de duração, em Lisboa, no primeiro semestre de 2010. Pepetela compôs aquela parcela de brancos que se posicionou a favor da independência, militante do Movimento Popular pela Libertação de Angola desde a década de 1960, foi guerrilheiro e, nessa atividade, exerceu uma série de atividades

de cunho cultural. Sob a égide socialista, lutando contra o sistema colonial, participou de seu país do alto escalão político de seu país entre 1975 e 1982. A sua verve irônica na literatura e em suas intervenções sociais, tornaram-no uma espécie de consciência crítica da sociedade angolana. Assim, interroga as demandas de seu tempo e lugar, expondo as grandes questões sociais e políticas, as relações entre os grupos sociais e as ideologias em confronto em sua sociedade. Nossa perguntas procuraram enfocar a sua trajetória, conectando as dimensões de sua vida pessoal com político, social e cultural, ou seja, com o que possuiu uma dimensão pública. Nessas entrevistas, ele ressaltou sua trajetória pessoal e política, assim como refletiu sobre as suas obras, revelando as conexões dessas com a história social e política angolanas, mostrando a importância de determinadas instituições da sociedade civil e política em sua vida como intelectual.

“Cristo e o processo revolucionário brasileiro”: a inserção dos evangélicos nos debates políticos e sociais na década de 1960.

Márcio Ananias Ferreira Vilela(UFPE)

Resumo: Em 1962 foi realizada na cidade do Recife uma Conferência ecumênica – Cristo e processo revolucionário brasileiro. Este foi o último de outros eventos semelhantes no Brasil tendo os evangélicos seus protagonistas. O ano e o local são dados significativos para pensarmos a sua repercussão e representatividade. Desta Conferência temos dois documentos, trata-se de um diário, espécie de crônica, e os discursos de religiosos e de nomes como Gilberto Freyre, Paul Singer, Celso Furtado, entre outros. Ora, esta pesquisa procura compreender o envolvimento de segmentos evangélicos numa problemática nacional sobre a realidade brasileira. Nesse sentido, além dos

documentos acima realizados, as entrevistas com alguns religiosos de ativa atuação na Conferência como o pastor João Dias de Araújo, que na época era presbiteriano e professor do Seminário do Norte/SPN em Recife, tornam-se fundamentais para a sua compreensão.

História e Memória: governo Castelo Branco, contragolpe e Frente Ampla (Brasil: 1964-67)

Célia Costa Cardoso (Universidade Federal de Sergipe)

Resumo:

A pesquisa analisa a memória política produzida por um grupo oposicionista ao movimento civil-militar brasileiro de 1964, conhecido como “grupo do Rio”, sob o comando do ex-tenente brigadeiro Francisco Teixeira. Após o golpe de Estado, o brigadeiro foi preso e afastado de suas funções na Aeronáutica por assumir posicionamentos políticos reformistas em apoio ao governo Goulart. Esse “grupo do Rio” tornou-se um importante articulador da política de mobilização das massas para desestabilizar o governo Castelo Branco, obtendo apoio de amplos setores oposicionistas, inclusive do Partido Comunista Brasileiro. Outros fatos relevantes dos anos sessenta, como os desentendimentos entre políticos civis de carreira, como Adhemar de Barros e Carlos Lacerda, e o governo Castelo Branco, provocados pelo lançamento do Ato Institucional nº 2 em outubro de 1965, aproximaram, em momentos distintos, interesses políticos do governador do Estado de São Paulo, do ex-governador da Guanabara e do “grupo do Rio”. De modo a esboçar um movimento conspiratório interestadual que visava organizar um contragolpe, não assumido abertamente pelo brigadeiro Teixeira, para derrubar ou provocar a renúncia do Presidente Castelo Branco. Essas novas articulações políticas, dirigidas por Adhemar de Barros, foram motivadas por

possibilidades concretas de intervenção militar no governo paulista. Posteriormente, logo após a cassação do mandato do governador Adhemar de Barros, acirraram-se as divergências entre Carlos Lacerda e o governo Castelo Branco. A aproximação dessa liderança civil com o “grupo do Rio” e de políticos cassados, como João Goulart e J. Kubitschek, permitiram a criação da Frente Ampla para reivindicar eleições livres e diretas em todos os níveis de representação política. Desse modo, a pesquisa buscou compreender, com base nas memórias políticas dos envolvidos, a formação dessa frente oposicionista que agia em contrariedade a ação governamental da União de criação do sistema do bipartidarismo.

Histórias e Memórias dos Agentes Culturais do GRES Salgueiro

Guilherme José Motta Faria (Professor da Rede Estadual de Educação)

Resumo: A História Oral, muito combatida dentro do campo historiográfico, sofreu por muito tempo a crítica do meio acadêmico, sendo acusada de falta de objetividade, parecendo não ser possível a sua utilização como método para a produção de análises. No caso do estudo sobre carnaval e mais especificamente sobre escolas de samba, além das memórias apaixonadas entram em jogo outros elementos que carregam as narrativas repletas de simbolismo, onde o ponto central desses discursos é a questão da primazia, da posição de pioneirismo por parte da sua Escola. Trabalhando, com os componentes da Velha Guarda e de personagens importantes no ambiente carnavalesco dos anos 1960, percebemos essa tentativa de demarcar as ações da agremiação de coração como inovadora ou mantenedora do capital simbólico da tradição. Tendo os

Acadêmicos do Salgueiro, como objeto de estudo, mergulhei nessas narrativas que permearam o caminho mítico e revolucionário, encontrando alguns pontos que parecem confluir na criação e consolidação de certos consensos que passaram a se tornar verdades dentro da bibliografia especializada no assunto. Relacionando as escolhas temáticas da escola ao longo dos anos 1960-70, o que ganhou notoriedade foram à busca de uma linguagem discursiva carnavalesca que privilegiasse os personagens marginalizados da nossa História, principalmente os de origem negra, mulheres e de temas que remetessem ao passado da diáspora africana do contingente negro no Brasil. Essas escolhas temáticas apontaram para um caminho que sinalizava uma postura de engajamento e militância política, em consonância com os diversos grupos do Movimento Negro. Assim, o Salgueiro se tornou a ponta de lança de um novo posicionamento temático, com suas escolhas estéticas e ideológicas. Como os entrevistados vivenciaram esse processo? Como participaram desse momento? Que contribuições eles tiveram? Nas 15 entrevistas realizadas pude tentar responder essas questões e levantar mais algumas.

Relatos de Memórias de Vida e Militância Política: (1964 - 1980)

Antonio Torres Montenegro (Universidade Federal de Pernambuco)

Resumo: Esse meu trabalho é resultado do trabalho de entrevistas, realizado na execução do Projeto Marcas da Memória da Comissão de Anistia do Ministério de Justiça. Tive a oportunidade de entrevistar - utilizando a metodologia da história oral - homens e mulheres que tiveram significativa atuação política na luta de resistência ao golpe civil militar de 1964. Analisar essas memórias, estabelecendo paralelos com

diferentes coleções documentais, ou seja, a imprensa, processos judiciais, documentação do Dops possibilita deslocar o foco analítico e construir outras trilhas historiográficas. Por outro lado, por meio desses relatos é possível estabelecer novas formas de abordagem e análise acerca da relação entre história e memória, assim como refletir sobre as novas análises que têm sido construídas pela historiografia do golpe civil militar nessa última década.

002. Afrodescendentes e Indígenas: Narrativas e Memórias da Diversidade Coordenação: Giovani José da Silva, Amilcar Araujo Pereira 10/07 - Terça-feira (Tarde - 14h as 17h)

Indígenas Camba-Chiquitano em Mato Grosso do Sul: narrativas e memórias da diversidade na fronteira Brasil- Bolívia

Giovani José da Silva(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Nova Andradina)

Resumo: A comunicação objetiva apresentar uma parte significativa dos resultados obtidos em pesquisa efetuada junto ao Programa de Pós-Graduação em História, da UFG (Universidade Federal de Goiás), entre 2005 e 2009, para a obtenção do título de doutor em História, sob a orientação da antropóloga Prof^ª. Dr^ª. Joana Aparecida Fernandes Silva. Os sujeitos pesquisados foram os indígenas da etnia Kamba, que se autodenominam Camba-Chiquitano e que atualmente estão localizados na periferia da sede do município sul-mato-grossense de Corumbá, na fronteira do Brasil com a Bolívia, em

um local conhecido como “Reduto (ou Alameda) São Francisco”. Em passado recente esta localidade também era chamada de “bugreiro” pelos não indígenas vizinhos. Os indígenas descendem dos antigos Chiquitano, estabelecidos pelos jesuítas entre os séculos XVII e XVIII nas chamadas “reducciones” ou missões no atual Oriente boliviano. No início da segunda metade do século XX, uma parte do grupo abandonou o território tradicionalmente ocupado há séculos, deslocando-se para o Brasil e estabelecendo-se em Corumbá, então Estado de Mato Grosso. Compreender as razões pelas quais estes indígenas migraram e como constituíram suas identidades ao longo do tempo, tanto as atribuídas a eles pelos regionais como as que eles se auto-atribuíram, em um ambiente hostil e marcado pela estigmatização, constitui o foco do trabalho. Além de pesquisas documentais e bibliográficas realizadas em bibliotecas e arquivos públicos e particulares localizados tanto no Brasil como na Bolívia, recorreu-se à realização de entrevistas, por meio das técnicas de História Oral, e trabalhos de campo de caráter etnográfico. As narrativas dos indígenas que se dispuseram a dialogar com o pesquisador apresentam uma complexa e emaranhada trajetória histórica, marcada por identidades cambiantes, em permanente negociação numa região de fronteiras de Estados nacionais, que pode ser qualificada como transnacional. Os índios Kamba, homens e mulheres fronteiriços por excelência, são hábeis na utilização de certas identidades, dependendo das circunstâncias que os envolvem, ora se fazendo passar por brasileiros, ora por bolivianos, ou ainda por não índios. A reprodução física e cultural do grupo, mesmo que tenha se realizado com grandes dificuldades de diversas ordens, demonstra a força de um fenômeno marcante na contemporaneidade, qual seja, o processo das reelaborações étnicas e suas implicações na vida

de índios e não índios.

“NÓS TEMOS QUE FALAR SOBRE NÓS”: populações negras e lugares de fala

Silvana Santos Bispo (Secretaria da Educação do Estado da Bahia)

Resumo: Essa comunicação foi elaborada no intuito de refletir sobre as experiências das mulheres negras no Movimento Negro Unificado (MNU), buscando perceber através de suas trajetórias os aspectos constitutivos para a organização do movimento de mulheres negras em Salvador, Bahia, entre os anos de 1978 – 1997. Para isto, se faz particularmente importante neste estudo percebermos categorias de análises como: memória, mulheres, gênero, racismo e classismo como tessituras interseccionais e estruturas de dominação. De todo modo, questionando a invisibilidade imposta por estruturas hegemônicas de poder, os estudos sobre africanidades, relações etnicorracias e do feminismo negro são fundamentais para presente exposição oral. Assim, fazendo um contraponto às estereotípias, subrepresentações e imagens de controle impostas historicamente às mulheres negras, o objetivo da comunicação busca captar a partir da memória a diversidade constitutiva de algumas ativistas negras na luta anti-racista e anti-sexista. A fim de analisar como tais relações são desenvolvidas, fiz uso do dimensionamento teórico-metodológico da história oral, para apreender as memórias, identidades e trajetórias políticas de tais sujeitos políticos.

Aprendizes de feiticeiros ao encontro do jaguar: iniciação ao xamanismo Nambiquara

Anna Maria Ribeiro Fernandes Moreira da Costa (Fundação Nacional do Índio e IHGMT)

Resumo: Esta apresentação tem como objetivo discutir questões relacionadas às experiências e trajetórias do povo indígena Nambiquara, com enfoque especial aos grupos Wakalitesu, Sawentesu, Halotesu, Kithãulhu, Niyahlosu, Siwaihsu e Hinkatesu localizados no oeste de Mato Grosso, em plena Amazônia Legal. Ao utilizar fontes orais na recuperação de histórias e sujeitos esquecidos e/ou excluídos da história, dá visibilidade ao processo de iniciação ao xamanismo Nambiquara. O propósito dos Nambiquara ao visitarem a montanha sagrada denominada Yaitulensu consiste em uma das etapas da iniciação espiritual, para que possam exercer a prática da cura e demais atribuições que fazem um homem ser considerado um xamã. O desejo de se tornar um xamã requer cuidados especiais: permanecer na aldeia o maior tempo possível, conhecer um repertório considerável de histórias antigas, ou seja, aquelas que retratam um tempo longínquo, que ninguém pode medir, e que explicam o surgimento dos astros, dos animais e a revelação de inúmeros saberes tradicionais. Afastado da maior parte das atividades desempenhadas pelo sexo masculino, principalmente daquelas voltadas à agricultura, o xamã reserva grande parte de seus dias a percorrer uma extensa área. Também organiza cerimônias de cura e mantém contato com entes de seu mundo religioso (as almas da natureza, os espíritos sobrenaturais) e os espíritos de pessoas falecidas (as almas de seus ancestrais). O exercício da observação e da coleta de dados durante as pesquisas de campo possibilitaram o entendimento sobre a maneira de como os Nambiquara organizam-se coletivamente para o exercício de práticas religiosas. A iniciação espiritual indica possibilidades diferenciadas de ocupação territorial, pois, segundo os índios, essas territorialidades secretas são imperceptíveis aos olhos dos não indígenas. Esses territórios sagrados são referendados em

composições musicais, especialmente no que diz respeito às Montanhas Sagradas. Entendidas como outra forma de memória, as seculares Montanhas Sagradas dos Halotesu, Wakalitesu, Sawentesu, Kithãulhu, Niyahlosu, Siwaihsu e Hinkatesu só existem como registros porque contêm informações sobre suas práticas cotidianas, numa ação temporal e espacial que lhes fornecem um processo de marcação, memorização e registro de vivências. E, à entrada das Montanhas Sagradas, os Nambiquara informam que jaguares, paradigmas do invisível, são os grandes auxiliares do xamã.

A História Oral na Escola: o projeto: “Ensinando e aprendendo a história e a cultura afro-brasileiras” no Colégio Estadual Souza Aguiar(RJ).

Bruna Cássia Nascimento Fonseca

Resumo: Este trabalho busca apresentar uma forma de uso da História Oral no ensino de história e cultura afro-brasileiras no Ensino Médio. A partir da parceria entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro(UFRJ) e o Colégio Estadual Souza Aguiar(CESA), no Centro do Rio de Janeiro, foi possível refletir o uso das fontes orais na construção de um pensamento histórico coletivo.

Este projeto envolveu professores e alunos do ensino médio do colégio , licenciandos e professores orientadores das licenciaturas em história e sociologia da universidade.

Incentivados pela Lei 10.639/93, que institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileiras em todos os seguimentos estes colaboradores buscaram, dentre outras abordagens, a utilização das fontes orais para compreender as múltiplas dimensões da questão negra dentro da sociedade brasileira. Para isso foram utilizadas entrevistas individuais e coletivas visando a participação da comunidade escolar, e

também de outros indivíduos convidados a pensar a questão negra a partir de suas histórias de vida. As fontes orais, portanto, mostram o papel de trazer a história e a cultura afrobrasileiras a partir de um olhar que valorize a memória do vivente na historiografia. Paralelamente buscou-se neste projeto de intervenção a reflexão de uma história oral que dialogasse coma linguagem escolar dos alunos do colégio no seu cotidiano e o aprendizado obtido da prática de ensino em história nesse mesmo ambiente.

Palavras-chave: Educação, Ensino, fontes orais, memória social ,licenciatura, história e cultura afro-brasileiras.

Taller interdisciplinario de capacitación y construcción de materiales didácticos para escuelas de educación intercultural bilingüe

Bibiana Andrea Pivetta(Universidad Nacional de Rosario)

Resumo: El Proyecto Aborigen Intercultural –ProAbi- fue pensado como “programa de capacitación” a través del cual el docente tenga acceso a un proceso continuo de capacitación profesional en el cual no sólo se logre la optimización de la tarea del maestro sino que también se construyan materiales didácticos que puedan ser utilizados en el aula intercultural bilingüe en la cual se desempeñan. La experiencia propone la capacitación de maestros, supervisores, directores e idóneos de escuelas de EIB y la materialización de sus necesidades en relación al desarrollo de una didáctica que contemple la cultura tradicional, culminando en una tarea conjunta –idóneos , maestros y capacitadores- en la elaboración de materiales áulicos bilingües interculturales: cuadernillos, Cds, juegos de mesa, libros de cuentos, entre otros.

El proyecto se viene desarrollando desde el año 2005 en etapas

sucesivas y complementarias entre sí abarcando diferentes temáticas curriculares.

ProAbi 1: años 2005 y 2006. Ejes: Geografía, Historia Oral, Educación Física (juegos) e Investigación Educativa.

ProAbi 2: año 2007. Ejes: Ciencias Naturales (cosmovisión sobre el medio ambiente), Formación Ética y ciudadana (valores étnicos) e investigación-acción

ProAbi 3: 2008 y 2009. Ejes: Lengua-Bilingüismo e investigación-acción.

De las 23 escuelas santafesinas que cursaron la 1ra etapa se seleccionaron 7 para la segunda y finalmente estamos trabajando con 4 escuelas para la 3ra. En el ProAbi 3 la idea es que cada grupo de maestros con los idóneos de lengua aborígen y/o padres de cada comunidad construyan materiales didácticos bilingües e interculturales para su escuela.

En la ponencia actual se relata uno de los trabajos realizados con la escuela Intercultural Bilingüe N° 6173 “Manuel Belgrano”. Campo El 94. Comunidad Mocoví “Llalec Lavá”. Colonia Durán. Santa Fe.

Palabras claves: Investigación-acción; Educación intercultural-Bilingüe; Materiales Didácticos

Narrativas sobre diversidade em escolas públicas do Rio de Janeiro: com a palavra, os professores de História

Amílcar Araujo Pereira (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Resumo: O ensino de “História e Cultura Afro-Brasileiras” nas escolas ainda é um grande desafio para profissionais de educação em nosso país. A Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003 tornou obrigatório o ensino de histórias e culturas africanas e afro-brasileiras em todas as escolas do país, algo que pode ser considerado fundamental para a construção de uma sociedade

democrática de fato no futuro. Mas ainda são muitas as dificuldades e os desafios para a implementação dessa lei. Desafios como a formação inicial e continuada dos professores, e dificuldades como as condições materiais e de estrutura para a realização de um trabalho que contemple a diversidade das matrizes históricas de nossa sociedade, além de muitos outros aspectos. É importante ouvir os professores para que se possa compreender como está se dando o processo de implementação da referida lei. O trabalho aqui apresentado foi elaborado a partir de análises de entrevistas de história oral realizadas com professores de escolas públicas do Rio de Janeiro, que têm se dedicado, de diferentes maneiras, ao processo de implementação da Lei 10.639/03.

11/07 - Quarta-feira (Tarde - 14h as 17h)

“No meu tempo, quando eu era criança [...] todo mundo era Rezador!”: trajetórias de vida e experiências compartilhadas.

Alaíze dos Santos Conceição (Secretaria de Educação do Estado da Bahia)

Resumo: A comunicação visa refletir acerca do universo cultural e religioso de Rezadeiras e Rezadores do município de Governador Mangabeira, Recôncavo sul da Bahia, nas décadas de 1950 a 1970, ressaltando as suas atuações nas comunidades que residem. Esses sujeitos históricos são integrantes das classes trabalhadoras e negras, os quais, motivados por questões econômicas, foram introduzidos no mundo do trabalho ainda na infância. Por fatores raciais, esses indivíduos, em sua maioria, alocados na segunda geração do pós-abolição, perambularam pela região em busca de melhores condições de vida, uma vez que as migrações pelas cidades do Recôncavo foram intensas

até as décadas de 1950. Nesse sentido, buscou-se na elucidação de experiências cotidianas, sobretudo no universo do trabalho e nos aspectos religiosos da benzeção refletir acerca das identidades individuais e coletivas construídas no processo. A permanência dos elementos culturais presentes no âmbito das benzeções revela particularidades de uma população no que tange à relação que estabelecem com o sobrenatural, as doenças e a cura, suas expectativas, sentimentos e as possibilidades de transcendência da dura realidade. Sendo assim, as fontes utilizadas trataram-se dos depoimentos orais dos sujeitos históricos envolvidos no contexto em análise, bem como o atentar para a importância da memória na empreitada da reconstrução histórica.

A fé dos que benzem: as experiências religiosas de rezadores em Santo Antonio de Jesus-BA (1940-1970).

Manuela Santana Nascimento

Resumo: O objetivo dessa comunicação é apresentar parte da pesquisa que venho desenvolvendo, junto ao Programa de Pós-graduação em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia-UNEB/ Campus V. A pesquisa busca refletir acerca da formação do universo religioso de rezadores e rezadeiras, que migraram para a cidade de Santo Antônio de Jesus, localizada no Recôncavo Sul da Bahia, entre as décadas de 1940 e 1970, analisando como o catolicismo foi reinterpretado e ligado a tradições afro-brasileiras, pelos agentes de cura. Viver na cidade foi sem dúvida uma grande experiência para os rezadores e suas famílias, que deixaram o campo fugindo da pobreza e das condições de trabalho muitas vezes semi-escravistas, grupos de rendeiros, meeiros, posseiros e outros trabalhadores viam na cidade um lugar de outras oportunidades. Seduzidos pelas feiras e pela possibilidade de

trabalho fora dos mandos e desmandos dos grandes proprietários e da decadência em que entravam muitas fazendas nesse período, as famílias de rezadores e benzedores chegaram à cidade trazendo na bagagem muito trabalho, aprendizados e esperanças. Para a presente comunicação, trago a trajetória de vida do rezador Crispim dos Santos, mais conhecido como Seu Crispim, que fugindo da pobreza nas roças foi com sua família, por volta da década de 1950, para dentro da cidade e lá continuou a desenvolver as rezas e bezenções aprendidas ainda na infância com seus familiares, que agregam ao catolicismo uma devoção a santos, guias e orixás.

Em azul, branco e negro: uma experiência de História Oral sobre o carnaval da Vila Isabel (1988).

Eduardo Pires Nunes da Silva

Resumo: A partir do depoimento de história oral gravado com Lícia Maria Maciel Caniné, conhecida como “Ruça”, presidente da escola de samba Unidos de Vila Isabel em 1988, o trabalho pretende discutir o desfile “Kizomba – a festa da Raça” do carnaval daquele ano. A fala da entrevistada perpassa os momentos mais significativos da construção do carnaval da Vila Isabel e também os desdobramentos consequentes da inesperada vitória. Nesta apresentação abordarei os temas referentes à questão racial brasileira e às vicissitudes do carnaval carioca e da cidade do Rio de Janeiro na década de 1980.

O tema em questão propicia a análise do discurso político da entrevistada que é contextualizado com o momento de reabertura política brasileira e a formação da Constituinte ocorrida também em 1988, mesmo ano do desfile vencedor da Vila Isabel.

O trabalho problematiza a fala da entrevistada ao empreender

um diálogo com outras entrevistas realizadas com personagens que também fizeram parte daquele universo carnavalesco carioca da Vila Isabel. Pretende-se, assim, fazer uma apresentação que teça uma rede entre a história oral e outros tipos de fontes, como reportagens de jornais ou a produção literária da época sobre o tema.

Pode-se perceber através da fala de Ruça, a construção de uma auto-imagem e a memória de liderança empreendida por ela naquele desfile.

Narrativas e Memórias da Sociedade de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande-MG, século XX

Lívia Nascimento Monteiro(UFF)

Resumo: Este trabalho pretende aliar as proposições teórico-metodológicas da História Oral à pesquisa que desenvolvo no doutorado sobre a Sociedade de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande-MG, durante o século XX. A partir das narrativas dos sujeitos envolvidos com as memórias dessa Sociedade, desde a sua fundação no ano de 1928, até os dias atuais, o projeto pretende perceber as diferentes práticas culturais e os conflitos identitários que envolveram e envolvem, ainda hoje, o grupo de afro-descendentes fundadores e participantes dessa Sociedade. Nesse sentido, o recorte cronológico apresenta três linhas centrais: três gerações de participantes, que coexistem sincronicamente na festa, na dança e no ritual e diacronicamente, no tempo e na memória. São essas as ideias iniciais, do projeto, e que pretendo apresentar nessa comunicação.

Possibilidades e perspectivas da História Oral no estudo de populações indígenas na fronteira Brasil-Bolívia

Adriano Lúcio Bezerra Farias (Prefeitura Municipal de Nova Andradina), tharsis Manoel Rosa dos Santos(Agroindustrial e comercial indy)

Resumo: A comunicação faz parte do projeto “História e Antropologia em fronteiras: presenças indígenas entre Brasil e Bolívia (1952-2011)”, que conta com auxílio financeiro do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e é orientado pelo Prof. Dr. Giovani José da Silva, da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul). O objetivo do projeto é o desenvolvimento de pesquisas sobre populações indígenas que vivem na fronteira Brasil-Bolívia, por meio da utilização de fontes orais, no anseio de compreender os processos de mudanças de identidades das etnias indígenas tanto nas fronteiras físicas como simbólicas. Dentre as etnias pesquisadas é importante destacar os Kamba ou Camba-Chiquitano (autodenominação do grupo). De origem boliviana, os Kamba vivem atualmente na periferia do município sul-mato-grossense de Corumbá, no “Reduto São Francisco de Assis”, bairro “Cristo Redentor”. Os Camba-Chiquitano migraram para o Brasil a partir da segunda metade do século XX, por meio da ferrovia Santa Cruz de la Sierra-Corumbá, assumindo, todavia, no lado brasileiro, identidades e práticas culturais específicas e determinadas por contextos históricos. Os Kamba, contudo permaneceram e permanecem estigmatizados e não reconhecidos como etnia indígena tanto pelo Estado brasileiro quanto pela população regional que os representam apenas como “bolivianos”. Eles próprios, os indígenas, se assumem muitas vezes ora brasileiros, ora bolivianos ou mesmo não indígenas. Encontra-se nesse complexo jogo de identidades, uma maneira de conviver e fazer parte do espaço do Outro na fronteira.

O COTIDIANO DO LAZER DA POPULAÇÃO NEGRA DE SANTO ANTÔNIO DE JESUS: Sociabilidades e Resistência.

Liliane de Jesus Oliveira Lima

Resumo: Este artigo é apresentação de parte da pesquisa em andamento para a construção da Dissertação de mestrado que busca analisar o lazer da população negra de Santo Antônio de Jesus nas primeiras décadas do século XX, mas precisamente de 1910 a 1950. O principal recorte desta análise é o cotidiano da cidade que se transformava impulsionada pelos ideais de modernidade e progresso. É importante ressaltar que nesta cidade o discurso civilizador que pregava a modernidade e o progresso em todo país não era diferente e, aos olhos da elite, as práticas culturais da população preta e pobre eram vistas como males da civilização. Assim, a elite santoantoniense procurava a todo custo manter a ordem, e aqueles que por diversos motivos não se submetiam aos padrões estabelecidos foram punidos das mais diferentes formas. A população negra, seus descendentes tornaram-se os alvos preferenciais desta mudança, entretanto tensões e conflitos estavam sempre presentes travestidos pela resistência. A proposta metodológica para a realização desta pesquisa é entrelaçar os processos crimes, fotografias e jornais com as entrevistas realizadas com alguns moradores dos bairros Mutum, Urbis II e Cajueiro. É importante destacar que a opção pelo trabalho com a História Oral não se deu por falta de fontes, mas por acreditar que a mesma constitui um espaço privilegiado para destacar a fala daqueles que viveram experiências, possuindo um importante papel para a pesquisa histórica. Tem-se por objetivo basilar estudar os principais espaços de lazer da população negra santoantoniense nas primeiras décadas do século XX, bem como analisar estes momentos, em especial as festas, os batuques, as rodas de samba, as cantorias e o

botequim como espaços de sociabilidades, nos quais se fortificavam os laços de amizade e se ampliavam os espaços de convivência. Visa ao mesmo tempo analisar os ambientes de lazer como espaços de sobrevivência e resistência da cultura negra existindo neste momento a possibilidade do encontro de culturas. Ficou evidenciado com a análise dos documentos que a intenção de perseguir e controlar o lazer da população negra e pobre da cidade acaba também por desvendar a resistência, daqueles que, embora vigiados não se acomodavam, não se intimidavam, resistiam sempre, ainda que para boa parte da população, a sua cultura, tradições e credos fossem praticamente inaceitáveis. Enfim, as fontes até agora analisadas demonstram que os membros das camadas populares não se curvavam aos imperativos da ordem estabelecida, mantendo suas práticas culturais e suas formas de interação com a sociedade, continuaram fazendo das ruas, lugares públicos e privados o espaço da resistência contra a opressão empreendida contra eles.

A militância de Pedrina Lourdes dos Santos.

Fernanda Pires Rubião(Universidade Federal Fluminense)

Resumo: Pedrina Lourdes dos Santos é uma importante liderança do congado da cidade de Oliveira (MG), é afrodescendente, com, aproximadamente 49 anos, formada em contabilidade, hoje funcionária da Caixa Econômica Federal e moradora da cidade de Belo Horizonte o que não a impede de participar da festividade. Pedrina tem um posicionamento singular dentro do universo de entrevistas realizadas para a pesquisa, muito influenciado pelo contato que mantém com as outras comunidades congadeiras e pela sua participação no movimento negro. Sua visão sobre o Congado e a religiosidade afro-brasileira está intimamente entrelaçada a sua luta contra o

preconceito racial e por melhores condições de vida para o negro e congadeiro. Assim o objetivo desse ensaio é analisar a atuação de Pedrina Lourdes dos Santos relacionado à sua vivência congadeira, religiosa e ao movimento negro e perceber como essas vertentes estão articuladas entre si.

Notas sobre a entrevista com Dionato Eugênio, presidente da Associação dos Remanescentes de Quilombo da ilha da Marambaia (RJ - março/2012)

Daniela Yabeta

Resumo: Dionato de Lima Eugênio, conhecido como Seu Naná, nasceu na ilha da Marambaia, na praia de João Manoel, em 14 de janeiro de 1942, filho de Raimundo Eugênio e Albertina Eugênio de Lima. Logo após seu nascimento, sua família mudou-se para praia do Sitio, local onde Seu Naná passou toda sua infância e juventude. Em 1954, Seu Naná entrou para a Escola de Pesca Darcy Vargas e permaneceu como aluno da instituição até 1960. Aos dezoito anos, após sair da escola, foi trabalhar como pescador, mesma profissão de seu pai, e continuou morando na ilha. Na Marambaia, Seu Naná se casou e teve três filhos. Assim como alguns outros moradores da ilha, ele chegou a tentar a vida fora da Marambaia. Foi funcionário da empresa Minerações Brasileiras Reunidas (MBR) durante a construção do Porto de Sepetiba, inaugurado em 1982, mas acabou retornando a ilha. Em 1998, quando residia com sua irmã Eugênia Eugênio Barcellos, na praia do Sítio nº10 foi surpreendido com uma ação de reintegração de posse ajuizada pela União Federal, proprietária da Marambaia desde 1905, contra sua irmã. A União alegava que Dona Eugênia era invasora do território e, além disso, de acordo com os autos de sindicância instaurado pelo CADIM – Centro de Adestramento da Ilha da Marambaia, ficou constatado que

houve a construção de uma casa, ao lado da casa onde residiam, de maneira irregular, sem a devida autorização do Comando Militar da ilha, que esta aos cuidados da Marinha desde 1971. Indignado com essa situação, Seu Naná iniciou sua atuação política na ilha. Ao lado de outros moradores, lutou pela constituição da Arquimar - Associação dos Remanescentes de Quilombo da ilha da Marambaia, que em 2012 completou oito anos. Atualmente no seu terceiro mandato como presidente da Arquimar, durante a entrevista realizada em março de 2012, Seu Naná falou sobre sua infância na ilha, sobre o período da Escola de Pesca e sobre seu maior desejo: de que algum jovem da Marambaia assuma seu lugar na presidência da associação. Através da história de Seu Naná, podemos reconstruir a trajetória das famílias descendentes de ex-escravos do tempo dos Breves, proprietário da ilha de 1847 até 1889. Sua entrevista nos fornece grandes indícios de como essas famílias permaneceram na ilha mesmo após o fim da escravidão (1888), após a morte do comendador (1889), após a chegada da Escola de Pesca (1939) e mesmo após a chegada da Marinha (1971). Podemos verificar como os moradores através da Arquimar, lutam pela titulação do território onde vivem como remanescentes de quilombo, através do Artigo 68 da Constituição Federal de 1988.

Grasifs - A Voz do Morro

Jussara Valéria de Miranda (Secretaria Educação de São Paulo)

Resumo: O trabalho apresentará aspectos da cultura negra na cidade de Rio Claro, interior de São Paulo. O carnaval é uma das festividades mais importantes do local, atraindo muitos expectadores da região e envolvendo grande parte da sociedade em torno das Escolas de Samba. O Arquivo Público Municipal tem realizado um projeto de registro de memórias de

importantes personagens dessa história, o que possibilita ao pesquisador o acesso a uma documentação rica no que se refere à discussão acerca da história do carnaval em Rio Claro, e, especialmente, das questões raciais envolvidas nesse processo. Este trabalho terá como fonte três entrevistas cedidas ao Arquivo por pessoas que tiveram e têm relação direta com a Escola de Samba Grasifs-A Voz do Morro, fundada em 1956, sendo, portanto, uma das mais antigas do Estado de São Paulo. Surgiu a partir de uma Associação que integrava a comunidade negra da cidade, já que, naquele momento, Rio Claro, assim como praticamente todas as outras cidades da região, vivenciava uma evidente segregação racial. Havia espaços para negros e espaços para brancos dentro do município. Dessa forma, os depoimentos revelam aspectos importantes da história cultural e política da cidade, porém na perspectiva daqueles que foram negligenciados e excluídos pela elite e pelo poder público em Rio Claro. As entrevistas de Durval Augusto (fundador da Escola que nasce com o nome de “A Voz do Morro” em 1956), Marcos Faria (um dos integrantes do grupo que modificou o estatuto da Escola em 1972, transformando-a em Grasifs-A Voz do Morro) e de Gerson Santana, que esteve presente na Escola desde a sua fundação, revelam ricas experiências partilhadas em comunidade e apaixonantes histórias contadas em ritmo de samba.

12/07 - Quinta-feira (Tarde - 14h as 17h)

PURUBORÁ: Narrativas de um Povo Ressurgido na Amazônia

José Joaci Barboza(Universidade Federal de Rondônia)

Resumo: O presente trabalho é o resultado parcial do desenvolvimento de um projeto de pesquisa institucionalizado

na Universidade Federal de Rondônia e, posteriormente, apresentado ao PROEXT e ao PIBIC para registrar, resgatar e revitalizar a memória e a história do Povo Puruborá. Segundo os relatos históricos esse grupo étnico teve seu primeiro contato com a cultura não indígena na primeira década do século XX, ainda no apogeu do Primeiro Ciclo da Borracha. Quando da construção das linhas telegráficas, que ligava o Mato Grosso à Rondônia, o Marechal Rondon, então responsável pela construção das aludidas linhas, retirou esse povo de seu território ancestral e juntou-os a outros grupos num posto do SPI. Anos mais tarde quando da criação de uma reserva florestal e da demarcação das terras do povo indígena Uru-Eu-Au-Au, a FUNAI os expulsou dessas terras, dando início assim ao processo de dispersão. Só na década de 2000 é que esse povo vai ressurgir enquanto grupo étnico. Para realizar a presente pesquisa nos utilizamos da metodologia da História Oral desenvolvidos por José Carlos Sebe Bom Meyhi; ao mesmo tempo estamos nos utilizando da literatura etnográfica principalmente a desenvolvida por João Pacheco de Oliveira, pioneiro no estudo dos povos ressurgidos no Nordeste. Iniciamos as entrevistas, no mês de fevereiro de 2012, sendo que as primeiras foram realizadas na aldeia Aperoy, que ao mesmo estão sendo trabalhadas na fase da transcrição e transcrição. Outras entrevistas estão pré-agendadas para serem realizadas.

PALAVRAS CHAVES: História Oral; Puruborá; Povos Ressurgidos; Interculturalidade.

Kanatyo Pataxó, um artista indígena criador de mundo e produtor de sonho

Mara Vanessa Fonseca Dutra

Resumo: Este artigo apresenta a trajetória de vida, o

pensamento e a produção artística de Kanatyó Pataxó, professor, artista, liderança e pensador indígena, procurando verificar sua relação com questões de identidade, cultura e territorialidade. Essa história de vida é narrada a partir da fala de Kanatyó e com ênfase nas canções compostas por ele – canções que falam do que é ser índio, do que é ser Pataxó, da relação com terra e com a natureza, da espiritualidade, da relação com os mais velhos e com as crianças, do território mítico... O artigo propõe ainda uma reflexão sobre a contribuição do pensamento de Kanatyó para o diálogo intercultural e para o debate sobre educação, diversidade e produção cultural no Brasil de hoje. Trata ainda da produção artística e da recriação cultural como espaços de garantia de direitos – especialmente direito à terra e ao território, à educação e à língua. A abordagem metodológica é a da História Oral, privilegiando a entrevista como instrumento e o princípio do pesquisador como testemunha e, portanto, engajado eticamente com a situação pesquisada. Essa abordagem coloca questões de como as narrativas sobre as situações vividas entre os índios e não índios são narradas; como são vistos os conhecimentos tradicionais indígenas pelos não índios; qual é o status desses conhecimentos; de quem é a voz que conta essas histórias de encontros entre culturas, de como essas narrativas adquirem autoridade. Kanatyó vem, em sua trajetória, contando uma versão da história Pataxó através de suas canções, de seus poemas, de sua produção literária, com uma história de vida totalmente imbricada com sua visão de mundo e sua construção identitária, a qual se assenta na relação com a terra, com a natureza e com a espiritualidade.

OS XERENTE E O SÉCULO XX - trajetória, contextos e memórias

CLEUBE ALVES DA SILVA(UNIVERSIDADE FEDERAL

DO TOCANTINS)

Resumo: Este trabalho busca descrever e compreender como o povo indígena Xerente viveu uma trajetória de fortalecimento cultural durante o século XX. Uma trajetória vivenciada em diferentes contextos históricos, com vários personagens e inúmeras lutas. Nessa pesquisa percebemos que para essa trajetória um dos elementos chaves de fomentação da luta foi a memória dos mais velhos. Uma memória que serviu de bússola para os embates, para visualização de objetivos e para o fortalecimento da cultura social e material do povo Xerente. É essa memória que procuramos identificar e como ela foi utilizada por sujeitos históricos em luta diante de contatos com não-índios durante o século XX no norte de Goiás e, depois de 1989, no Tocantins.

Brinquedos e brincadeiras indígenas: relatos de mudanças através dos tempos

Jeniffer Caroline da Silva

Resumo: Na Terra Indígena Xaçupé (SC), os mais velhos contam que em sua infância, as práticas de lazer eram bastante diferentes das realizadas pelas crianças e jovens dos dias atuais. Na presente pesquisa, recorre-se à metodologia da História Oral na realização das entrevistas com os indígenas, a fim de investigar quais eram as brincadeiras que os mesmos executavam em sua infância, como eram produzidos os brinquedos, quais as mudanças percebidas pelos mais velhos em relação ao lazer. Busca-se também compreender como os mais velhos enxergam as práticas de lazer dos jovens nos dias de hoje. Para traçar um paralelo das atividades de entretenimentos realizadas pelos Kaingáng são utilizados os estudos de Telêmaco Borba (1908) e Pierre Mabilde (1836-

1866), que nos apresentam como os indígenas desta etnia costumavam ocupar seu tempo livre. Se observados a partir de uma ótica contemporânea, Borba e Mabilde sugerem um caráter brutal nas diversões dos Kaingáng, ainda assim, as práticas culturais realizadas por estes indígenas serviam para adquirirem um momento de entretenimento ou diversão. De acordo com os relatos dos indígenas, atualmente, salvo exceções, as crianças não têm tanto interesse em brinquedos e brincadeiras tradicionais. Entre as exceções, se destaca a prática do futebol, esporte que desperta interesse tanto nos jovens quanto nos adultos da Terra Indígena.

Palavras-chave: Kaingáng, memória, lazer.

História Oral e Cultura Material Kaingáng: um olhar sobre a tradição e o ambiente escolar

Luana Máyra da Silva (Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Univer)

Resumo:

A cultura material Kaingáng está inserida na concepção de ensino-aprendizagem, onde a importância do seu estudo se deve à transmissão das técnicas particulares, dá-se também a transmissão de experiências sociais ou da sabedoria comum da coletividade do povo indígena. Ela compõe um campo de investigação e juntamente com a História Oral pode nos levar a outras interrogações que ajudam a elucidar a pesquisa. O momento de recordar possibilitado pela metodologia da História Oral é significativo, pois possibilita que os pesquisadores conheçam as práticas de sociabilidade dos povos indígenas. Essa pesquisa objetiva auxiliar na compreensão quanto à importância do ensino da disciplina de Artes Kaingáng. Esse estudo está sendo realizado na Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkrê, localizada na T. I. Xapecó, no oeste de

Santa Catarina, entre os municípios de Ipuacú e Entre Rios.

Narrativas de histórias Tembé como fontes para a construção de materiais pedagógicos em escolas indígenas.

weleda de fátima freitas

Resumo: O artigo apresenta narrativas de lideranças Tembé que descrevem momentos importantes da história de luta deste povo indígena em defesa de seu território. O mesmo se baseia em pesquisa realizada com os Tembé no período de novembro de 2009, fevereiro de 2010, abril de 2011 e março de 2012, no âmbito do projeto Observatório da Educação Escolar Indígena dos Territórios Etnoeducacionais da Amazônia, atendendo a uma proposta de lideranças e professores Tembé de construção de materiais pedagógicos para as escolas indígenas. A abordagem da história oral possibilita a construção conjunta do conhecimento por meio do diálogo de saberes travado entre a acadêmica e os indígenas. Esta construção conjunta pode e deve estar presente nas produções voltadas para o ensino da história de luta dos povos indígenas no Brasil, neste caso específico do Pará, de forma a atender a Lei 11.645/08. Os relatos coletados em campo apresentam diferentes momentos da história recente dos Tembé que podem ser entendidos enquanto tempos/períodos que se estendem de 1970, tempo da defesa do território; 1980, tempo das conquistas; 1990, tempo das associações; até os anos 2000, tempo da autossustentabilidade.

MEMORIALISTAS, VIAJANTES E INDIGENAS NA BACIA DO RIO DAS CINZAS NO PARANÁ

Aluizio Alfredo Carsten(LAEE - UEM)

Resumo: Na região chamada de Norte Pioneiro do Paraná, as populações indígenas não foram consideradas pela historiografia tradicional. Desde a década de 1950, historiadores

construíram um mito de ocupação para esse território entre o rio Itararé e rio das Cinzas. O conhecimento histórico construído sobre a região foi sintetizado no livro Norte Velho, Norte Pioneiro do professor Ruy C. Wachowicz (1987), que fez um apanhado da produção historiográfica que o antecedeu, além de contribuir com suas próprias pesquisas para a história do Paraná. Seu outro livro, História do Paraná, (1988) tornou-se a referência básica, de modo que, os historiadores que o sucederam reduziram a história do “Norte Velho / Norte Pioneiro” a uma reprodução das questões trabalhadas pelo autor. Desta maneira, sobre o Norte Pioneiro do Estado do Paraná a historiografia paranaense nada mais produziu. Os historiadores em sua grande maioria ao fazerem história regional delimitam como espaço de estudo as divisões políticas da região sobre a qual escrevem e estabelecem como ponto de partida a chegada do colonizador ou do “pioneiro”. Quando muito dedicam um curto primeiro capítulo a “pré-história” da região. Dessa forma a história das populações indígenas que ocuparam esse território fica a margem da história regional, seja porque ainda permeia o conceito de História como o relato da trajetória e desenvolvimento de populações com domínio da escrita ou por essa história ser apenas a história dos que ocuparam novas terras, trazendo para esse novo território, um novo modo de produção. Sendo assim o que existe é uma história “branca”, a história do “vencedor” que se sobrepôs a natureza e toda sua adversidade para instalar o seu modo de vida, desconsiderando populações diferentes a ela. No entanto, utilizando de dados arqueológicos, livros de memorialistas, naturalistas e etnólogos foi possível reescrever a história regional, incluindo populações associadas a três tradições arqueológicas e no mínimo duas etnias. Hoje na bacia do rio das Cinzas existem duas Terras Indígenas, 270 sítios arqueológicos,

que evidenciam que as populações indígenas sempre resistiram nesse território, e que a bacia do rio das Cinzas é ocupada no mínimo a 9630±40 anos AP (Antes do Presente).

Currículos escolares e Diversidade étnico-cultural Uma análise sobre a aplicabilidade da lei 11.645/08 nas escolas de Belém-PA

Lorena Alves Mendes

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar os currículos escolares e o material didático da rede pública e privada de ensino em Belém, e a partir desta análise refletir sobre a inclusão da temática referente à história e cultura indígena nos currículos, de acordo com as exigências da lei 11.645/08. A análise foi realizada através de pesquisa bibliográfica e documental, entrevistas nãoestruturadas com gestoras e professores de duas escolas da educação básica de Belém, além da análise do material didático e conteúdo programático de outras duas escolas. A importância deste trabalho reside na possibilidade de proporcionar um olhar geral sobre as escolas de Belém e de que modo estas lidam com essa lei, o que nos permite analisar os possíveis avanços e as dificuldades da educação belenense em implementar um ensino pluriétnico. Foi possível constatar que a temática indígena ainda não se faz presente de forma plena no cotidiano escolar em Belém, e que ainda há muito que caminhar no sentido de garantir a efetiva aplicação da lei 11.645/08.

13/07 - Sexta-feira (Tarde - 14h as 17h)

MARACATUS E MARACATUS: RUPTURA OU CONTINUIDADE DAS TRADIÇÕES MARACATUZESCAS?

WALTER FERREIRA DE FRANÇA FILHO(COLÉGIO E CURSO MYCKEILÂNDIA)

Resumo:

Os Maracatus Nação do Recife podem ser considerados como a principal atração do carnaval do Recife. Possuem maior visibilidade e valoração no tempo presente, talvez pelo novo tipo estilístico de se fazer Maracatu Nação na atualidade, com destaque na cena cultural local e internacional. Seus mestres são ambicionados para ministrarem oficinas realizadas até no exterior em grupos percussivos. Seu batucar com elementos inovadores tais como o “baque”, mais acelerados ou lentos, com breques, e a não menos importante melodia. Criando ao mesmo tempo os sotaques nas nações para se diferenciarem. Como objetivo, pretendo discutir a relação entre os diversos elementos inseridos e seu efeito nas nações de maracatus de Pernambuco. Este artigo discute entre outras a relação cultural “tradicional” construídas pelo modo inovador com que os grupos, reinventam tradições e ou as transformam como meio estratégico que fazem, ou não, inserção diversas para sua promoção.

PALAVRAS-CHAVE: Maracatus Nação; Identidade pernambucana; Carnaval de Pernambuco; Cultura Negra.

Os Processos de Estigmatização de Religiões de Matrizes Africanas na cidade de Campina Grande

Melise Lima(UFCG)

Resumo: A proposta deste projeto é estudar as dinâmicas de afirmação da identidade negra mediadas pelas casas de cultos afro-brasileiros existentes na cidade de Campina Grande, na interface com processos de estigmatização étnica e religiosa. Elegendo como ponto de referência teórica a antropologia interpretativista, que entende a sociedade como uma rede em constantemente produtora de símbolos e significados, propomo-

nos a pesquisar o terreiro do Pai Walter a fim de analisar a maneira como a religião aparece como espaço de construção e afirmação de identidades negras, em referência a processos de estigmatização relativos à etnia e ao campo religioso. Podemos dizer que esta construção e afirmação de uma identidade étnica pode também ser pensada como uma forma de luta política pelo poder, de modo a afirmar a diferença, indo além de um “resgate” da tradição negra. Esta construção reflete possivelmente a criação de um “nós coletivo” (cf. NOVAES, 1993), na formação de um grupo que está, sobretudo, interessado em reivindicar uma maior visibilidade social face ao apagamento a que foi submetido. Essa construção de uma identidade negra a partir de religiões afro-brasileiras pode ser encarada como um fato significativo para a construção desta identidade, aparecendo no prefácio de “Vovó Nagô e Papai Branco” (DANTAS, 1988), no qual Peter Fry apresenta o Candomblé como uma forma de “resistência cultural”, pela qual os negros mantêm sua identidade própria, sempre num processo constante de construção e afirmação. Dessa forma, tal identidade pode ser entendida em um corpus coletivo, haja vista que ela pode ser encarada como “resistência cultural”, ou seja, a maneira pela qual negros afirmam sua própria identidade, opondo-se à cultura dominante. É uma identidade, um corpus coletivo que contrasta com os demais. Nosso estudo pretende analisar em que medida podemos dizer que o candomblé ainda permanece sendo uma forma significativa de construção/afirmação de uma certa identidade negra.

IDENTIDADE E MEMÓRIA: ESTUDO DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO SANTANA DOS PRETOS – PINHEIRO – MA.

André Luís Bezerra Ferreira. (Coordenação de Aperfeiçoamento

de Pessoal de Nível Superior)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo conhecer e analisar, ainda que de forma exploratória, aspectos culturais e identitários da comunidade quilombola Santana dos Pretos localizada no município de Pinheiro – MA, a partir de suas memórias. A referida comunidade resulta, de certo modo, do processo de resistência do povo negro que desde os tempos da escravidão vem reagindo às formas de desigualdades a que foram e ainda são submetidos, de tal modo que nesse processo construíram e preservaram traços da cultura e da identidade herdados dos antepassados africanos. A comunidade quilombola Santana dos Pretos está localizada a 32 km da cidade de Pinheiro – MA, composta por cerca de 150 famílias, tendo como fonte de renda a agricultura e teve seu reconhecimento na Fundação Palmares no ano de 2003. A metodologia usada para a realização da pesquisa é embasada nos métodos da história oral, pois, a partir desta metodologia podemos compreender os mecanismos de construção das identidades sociais, processos de resistência cultural e política e histórias de vida dessa comunidade. Por fim, pelo fato da pesquisa ainda está em andamento, não há possibilidades de apresentarmos resultados concretos, porém, problematizaremos os relatos que nos foram concedidos para vislumbrarmos as primeiras conclusões.

Palavras-chaves: Comunidade Quilombola. Resistência. Memória. Cultura. Identidade.

O TERREIRO DE CANDOMBLÉ DE PAI LEOPOLDO (REPRESENTAÇÕES E SIMBOLISMO: 1963 – 2006)

Luis Carlos Borges da Silva (Colégio Estadual Professor Edgard Santos)

Resumo: O objetivo principal deste artigo é fazer uma análise acerca da importância histórica do Terreiro de Candomblé de

Pai Leopoldo (Yiê Oyó Mecê Alaketu Axé Ogum), localizado no município de Governador Mangabeira – Bahia, no bairro do Portão, enfatizando as representações e os símbolos construídos no seu interior e nas manifestações de relacionamento externo ao mencionado espaço religioso, tendo como marco temporal a sua fundação em 1963 à morte do seu criador em 2006, bem como, elaborar algumas reflexões acerca da vida religiosa, social e política do senhor Leopoldo Silvério da Rocha (1944-2006), usando como fontes algumas entrevistas realizadas com pessoas que conviveram com o Babalorixá, o cidadão e o político Leopoldo, além de outros documentos que fazem menção a vida do mesmo, a exemplo dos livros de Ata da Câmara de Vereadores do município de Governador Mangabeira, uma vez que ele exerceu a função de vereador entre os anos de 1983 a 2000.

Palavras Chave: Candomblé, Terreiro e Representações.

HISTÓRIA E MEMÓRIA EM PÓS-MIGRAÇÕES DE RETORNO NA COMUNIDADE NEGRA RURAL DE TAPUIO-PI

Cláudio Rodrigues de Melo(USPEI)

Resumo: a proposta deste texto é apresentar o resultado parcial da pesquisa em desenvolvimento que trata de migrações e retornos de moradores da comunidade negra rural de Tapuio em Queimada Nova – PI que migraram para grandes centros urbanos e posteriormente retornaram à comunidade. Situamos nossa pesquisa na década de 70 e 80, momento de intensa migração, especialmente da região nordeste em direção à região do sudeste brasileiro. Este fenômeno de deslocamento não foi exclusivo no meio urbano, visto ter atingido também o meio

rural, no caso, a comunidade negra rural de Tapuío. De que maneira os moradores que migraram e retornaram entendem esse movimento de saída e de retorno? Que acontecimentos se refletem mais nas suas memórias? Que sentimentos expressam nas suas histórias de vida a partir do movimento de migrar? Estas são algumas questões motivadoras da pesquisa em execução. Alguns indícios já podem ser verificados por meio de narrativas orais coletadas, embora possamos afirmar que somente ao final da pesquisa teremos algumas respostas mais conclusivas acerca da problematização de fundo proposta. Palavras chave: memória - tempo - comunidade negra.

Gileno de Carli e suas memórias sobre os trabalhadores dos engenhos açucareiros, Pernambuco 1940.

Maria Emília Vasconcelos dos Santos(Unicamp)

Resumo: O presente trabalho faz parte de um estudo maior de doutoramento no qual investigamos acerca dos significados da Abolição da escravidão para os trabalhadores dos engenhos açucareiros da Zona da Mata Sul de Pernambuco. Para ampliar a compreensão de alguns aspectos da vida dos trabalhadores dos engenhos buscamos apoio em alguns relatos de memória escritos por pessoas que moraram e circularam pela região. Esse é o caso do livro escrito em 1940 pelo agrônomo Gileno de Carli, intitulado Aspectos açucareiros de Pernambuco, publicado pelo Instituto do Açúcar e do Alcool. Tal registro apresentava questionamentos sobre o destino dos ex-cativos ligados as lidas dos canaviais após a Abolição em Pernambuco. Suas descrições como a de outros autores que viveram ou visitaram a Mata Sul são relatos sobre a região, os engenhos e sua gente. Desse modo, os livros de memórias resultam em testemunhos significativos sobre o que ocorreu durante a escravidão, abolição e pós-abolição em Pernambuco.

Memórias do Cativo e Escravidão Negra no Sertão do Ceará ou as Interfaces da Memória Oral e da História

Paulo Henrique de Souza Martins (Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA)

Resumo: A Província do Ceará é considerada a primeira a libertar totalmente seus escravos em 1884, episódio gerador do lauro epíteto de “Terra da Luz”. A visão clássica que as elites intelectuais locais construíram sobre o Ceará e a escravidão negra ali existente destacava a pouca influência dos negros na cultura, na composição populacional, na sociedade cearense de modo amplo. Todavia, bastava um olhar mais atencioso para perceber as muitas comunidades negras existentes, surgidas durante e logo após o processo de abolição do cativo. Historicamente pouco evidenciadas, elas são indícios incontestes da presença do negro na sociedade cearense. Essa pesquisa busca discutir como um conjunto de narrativas de descendentes da última geração de escravos e libertos da província do Ceará pode dialogar com as recentes perspectivas da pesquisa historiográfica, sugerindo novas possibilidades de interpretação para a escravidão e pós-abolição no Ceará, sobremaneira nos espaços rurais sertanejos. A pesquisa privilegiou comunidades rurais do município de Santa Quitéria, Sertão Central do Estado do Ceará. Nesse sentido, pessoas mais velhas dessas comunidades, portadores ainda de uma memória da escravidão vivida por seus ascendentes ou por estes conhecida, são bastante importantes para criação de identidades locais e compreensão sobre a escravidão negra no Ceará. Foram realizadas entrevistas, com roteiro semi-estruturado e captação audiovisual, constituindo-se o material empírico básico para essa pesquisa. Todavia, o trabalho com a memória da escravidão, por parte de quem não a viveu, coloca interrogações

importantes ao trabalho historiográfico. São essas as discussões desse artigo.

A literatura em movimento (negro): Conceição Evaristo e a intelectualidade negra carioca (1980-2010)

Bárbara Araújo Machado(Universidade Federal Fluminense)

Resumo: O presente trabalho consiste na apresentação da pesquisa, ainda em curso, sobre a produção literária da escritora Conceição Evaristo e sua relação com o despontar de uma intelectualidade negra atuante nos campos artístico e literário no Brasil a partir da década de 1980. A nosso ver, Evaristo tem em sua obra a preocupação de dar voz ao discurso dos subalternos, dos “excluídos” da História: negros, pobres, mulheres, com especial destaque às mulheres negras e pobres. Para tanto, a autora navega pelos meandros da memória afro-brasileira, de caráter fortemente oral, para trazer à tona uma outra perspectiva histórica, a subalterna, que teria sido colocada “nos antípodas da história oficial”, conforme a expressão de Eduardo de Assis Duarte.

Pretendemos, por um lado, analisar a obra da autora – em particular seus dois romances, “Ponciá Vicêncio” e “Becos da Memória”, bem como poemas reunidos na coletânea “Poemas de recordação e outros movimentos” – em busca de compreender os elementos constitutivos de um discurso contra-hegemônico, simultaneamente político e poético. Por outro lado, desejamos localizar sua obra no contexto histórico do movimento negro brasileiro, através da realização de entrevistas com a autora e com outros escritores negros, como o poeta Deley de Acary, ao lado de quem Evaristo atuou no Coletivo de Escritores Negros (também conhecido como Grupo Negrícia), que completa trinta anos de existência desde sua fundação, em 1982.

Acreditamos que a atuação artística e literária dessa intelectualidade no movimento negro brasileiro visou contribuir para a formação de uma identidade negra política, combativa e reivindicatória de direitos em uma sociedade discriminatória dominada pelo poder hegemônico dos brancos. A obra de Conceição Evaristo, em particular, parece focar-se no emergir de uma “memória da dor”, ou seja, no resgate de vestígios de uma memória do sofrimento da população negra, tanto na sociedade escravista como no pós-abolição. A abordagem da autora, no entanto, não se limita à denúncia do sofrimento, mas indica que manter viva a memória afro-brasileira, em sua riqueza cultural e em seu aspecto sofrido, é fundamental para a transformação social das condições de vida dessa população. Assim, como sinaliza Paul Gilroy em “O Atlântico Negro”, podemos considerar Conceição Evaristo como uma artista da diáspora negra que confere igual importância a raízes e rotas, à memória, à transformação do presente através da conscientização e à construção de um futuro igualitário.

Afrodescendentes de Comunidade quilombola em Garanhuns(PE): identidade étnico-cultural na continuidade escolar do Castainho

Maria Giseuda de Barros Machado(Universidade de Pernambuco)

Resumo: A cultura escolar ainda apresenta dificuldades quando se refere ao espaço de quilombolas no município de Garanhuns. A escola localizada no Castainho tem conseguido avançar na expansão do Ensino Fundamental, considerando que antes situava apenas séries iniciais, embora a comunidade já reiterasse sua dinamicidade. Contudo, persistem distanciamentos entre a cultura de afrodescendentes e a cultura universal como se essa cultura não pudesse estar inter-relacionada à outra cultura. Na

pesquisa o objetivo foi compreender essa relação, no sentido de conceber através das crianças, cuja maioria se constitui membro da Comunidade Castainho, através da oralidade que se apresenta como fonte indispensável na metodologia, no uso de entrevistas com as crianças e adolescentes de instituição escolar in loco, na percepção das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. O entendimento é de que pretensas mudanças, já com a abertura de políticas públicas nesta direção, demandam múltiplas ações que possam trazer nas (re)construção do conhecimento escolar, na valorização ampliada do que sejam os negros e indígenas em sua humanização; na formação de professores com o fortalecimento de currículos, na dinamização de ações sociais, culturais, ambientais, artísticas, e nas demais dimensões socioculturais. Por sua vez, torna-se difícil o trabalho iniciante de professores que muitas vezes a condição de trabalho é passar no concurso público, ser contratado ou participar de eventuais momentos de formação para atuar no sentido de contribuir com a construção de identidades étnico-culturais na melhoria da auto-estima de estudantes quilombolas.

Palavras chave: Cultura escolar; Afrodescendente ;Quilombola; Oralidade; Identidade étnico-racial.

004. Culturas políticas: Memórias e narrativas

**Coordenação: Juniele Rabêlo de Almeida,
Adriane A. Vidal Costa**

10/07 - Terça-feira (Tarde - 14h as 17h)

Cultura antifascista: trajetórias de militares brasileiros no contexto da Guerra Civil Espanhola (1936-39)

Marco Antônio Machado Lima Pereira(Universidade Anhanguera Uniderp)

Resumo: Através de depoimentos e fontes orais, a proposta desta comunicação é apresentar de que maneira os voluntários brasileiros assimilaram a experiência da guerra. Dessa maneira, trata-se de investigar como elementos externos, no caso as disputas internas que dilaceravam o campo republicano, foram relidos pelas “culturas locais”. A partir de um diálogo com as pesquisas antropológicas, o presente trabalho almeja captar em que medida o contato com outros militantes de esquerda engendrou estratégias de negociação e reformulação de identidades.

Relações de gênero e a participação das mulheres na nova esquerda no Brasil (1964-1979)

Mirian Alves do Nascimento

Resumo: Durante a segunda metade do século XX, período conhecido pela efervescência nas mudanças de costumes que resultaram da Revolução Sexual, da Segunda Onda do Movimento Feminista e dos movimentos de contracultura, pode-se ver no Brasil, em relação a períodos anteriores, um aumento significativo, da participação de mulheres na militância de partidos de esquerda, sobretudo os da nova esquerda. Não foram apenas jovens do movimento estudantil, mas, profissionais liberais, professoras, donas de casa, entre outras ocupações, também foram atraídas pelas ideias revolucionárias que pulsaram ao seu redor. Todavia, embora tenha existido significativo avanço em relação ao engajamento de mulheres ainda permaneceu no interior das organizações de oposição ao governo, pensamentos conservadores em relação às funções e

papéis delineados para homens e mulheres. No intuito de estudar tais atribuições dadas às mulheres e homens pelos grupos de oposição ao governo, utilizei autobiografias, depoimentos, entrevistas e jornais que trazem as falas de indivíduos participantes dos movimentos de oposição e resistência ao governo brasileiro. E, para analisar tais documentos lancei mão da História Oral, no que tange à produção de relatos memorialísticos, e às reflexões trazidas pelos estudos de gênero em relação às construções de gênero. Então, vimos que as transformações na sociedade brasileira, no período estudado foram muito incipientes no que tange à equidade de gênero. Apenas no âmbito doméstico houve algum avanço. As relações de gênero no âmbito público, majoritariamente, ainda se pautaram pela hegemonia masculina. Situação que se reproduziu em vários setores da sociedade, inclusive nos considerados mais progressistas como as organizações de esquerda, pois foram compostas de indivíduos oriundos das mais diversas culturas, inclusive religiosas, especialmente cristãs, comumente conservadoras - como os militantes da AP, por exemplo -, e preocupadas em manter costumes que possibilitassem a manutenção do modelo de família nuclear-burguesa, uma vez que a emancipação das mulheres era vista como risco para tais tradições. Pudemos perceber, também, que muitas mulheres sofreram preconceito no interior das organizações e realizaram tarefas “tipicamente femininas”, outras chegaram à direção de organizações e tiveram que se “masculinizar” para chegar lá e manter-se. Que a manutenção das construções de gênero pôs a segurança de alguma delas em risco, especialmente em tarefas de “levantamento” de informações para futuras ações. E, ainda, que tais construções de gênero foram compartilhadas tanto por grande parte dos militantes como pelos responsáveis pelas

torturas, numa mostra de que a sociedade como um todo compartilhava tais culturas em relação a “papéis” e funções específicas para homens e mulheres.

No caminho à democracia: o Congresso de reconstrução da União Nacional dos Estudantes

Angelica Muller(Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO))

Resumo: O presente trabalho visa apresentar o percurso realizado por estudantes para realização do Congresso de Reconstrução da União Nacional dos Estudantes – UNE, em 1979, evidenciando sua importância como fato político na luta pelas liberdades democráticas, fruto de uma nova cultura política. Tal interesse vem de encontro a uma historiografia que privilegiou canalizar as vozes de novos atores políticos como os ‘baluartes’ deste processo, deixando a atuação estudantil com um papel secundário. A resistência praticada pelo movimento estudantil, mesmo no período mais agudo da ditadura militar brasileira, sempre privilegiou a organização associativa como melhor forma de representação e por ela lutou. Tão logo os sinais de abrandamento do regime foram notados, o movimento tratou de reestruturar sua entidade nacional, colocada na ilegalidade quando o regime se instalou, em 1964, e que atuou na clandestinidade total depois da assinatura do Ato Institucional nº 5, em 1968, até início dos anos de 1970 quando a virulenta repressão desbaratou toda diretoria. Baseado em depoimentos de ex-militantes, documentos estudantis e os produzidos pela imprensa da época a ideia é apresentar uma narrativa analítica ao leitor para que o mesmo possa compreender a importância da realização de um Congresso de dez mil estudantes ainda sob as asas da ditadura militar e sua contribuição para a redemocratização do país.

Aspectos da redemocratização brasileira no pós Segunda Guerra Mundial.

Josélia de Castro Silva(Docente)

Resumo: O presente trabalho objetiva discutir a escrita da história acerca da ascensão de democracias representativas na América Latina no pós Segunda Guerra Mundial, com estudos de caso de Brasil.

No contexto do governo Dutra, observamos acerca do processo de redemocratização a valorização dos aspectos de continuidade do governo Vargas. Neste processo o tipo de memória que é construída no governo de Eurico Gaspar Dutra nos interessa as contradições sobre o processo de democracia e o discurso dominante após o seu estabelecimento.

No Brasil se afirma a influência varguista no processo de consolidação da democracia através do governo Eurico Gaspar Dutra, no entanto, a documentação oficial contradiz essa informação, revelando aspectos diferenciados dessa figura pública.

Buscaremos abordar a memória construída oficialmente sobre esse personagem e sua trajetória militar e política na história do Brasil Contemporâneo.

Sujeito coletivo e comunicação pública: história oral com integrantes do Fórum Metropolitano de Belo Horizonte
Claudia Chaves Fonseca (Centro Universitário Newton Paiva),
Juniele Rabêlo de Almeida(UFF)

Resumo: O trabalho investiga os processos e estratégias de comunicação pública exercidos pelos interlocutores do Fórum Metropolitano Permanente da Região Metropolitana de Belo Horizonte (FMPRM). Instituído em agosto de 2007 pela Câmara Municipal de Belo Horizonte, o Fórum é uma entidade

de discussão que reúne representantes dos municípios que compõem a região metropolitana e colar metropolitano de Belo Horizonte. Para tanto, realiza encontros anuais e outras atividades, gerando e articulando redes sociais. A pesquisa, em história oral, aponta múltiplos atores sociais que buscam construir, por meio da comunicação pública, um sujeito coletivo. Quando se pretende compreender como as conexões entre os diversos atores são estabelecidas, é preciso entender como eles se expressam presencialmente ou virtualmente. Verifica-se, por meio da comunicação dialógica, sentidos e valores compartilhados. O foco é voltado para a relação estrutural da rede com o grupo social, para o papel social de um indivíduo dentro de um grupo. Considerando-se as redes sociais como formadoras de ações coletivas, a intencionalidade política coloca-se como um elemento relevante para a análise do “coletivo em rede”. Para análise das entrevistas (realizadas com lideranças políticas e burocratas do governo estadual) foram observados os documentos produzidos nos eventos institucionais, documentos estatísticos, jurídicos, publicações parlamentares e administrativas, referentes ao Fórum. Título: Sujeito coletivo e comunicação pública: história oral com integrantes do Fórum Metropolitano de Belo Horizonte.

A greve do 1/3: memórias da luta pela democracia na Universidade do Ceará

FREDERICO DE ANDRADE PONTES (CASA DE JOSÉ DE ALENCAR/UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ)

Resumo: Há cinquenta anos era iniciada na Universidade do Ceará a greve do 1/3, também conhecida como greve da participação. Movimento grevista de amplitude nacional que estava previsto para começar em junho e foi antecipado e deflagrado pelos universitários cearenses no dia 21 de maio de

1962, fato que pode ser relacionado às especificidades do movimento cearense que adotou uma estratégia grevista original, ocupação dos prédios universitários e paralisação completa das atividades universitárias. A bandeira levantada pode ser traduzida em um cartaz produzido pelos grevistas, “PARAR PARA PARTICIPAR, QUEREMOS 1/3”, a greve fazia parte da luta estudantil nacional pela reforma universitária, que tinha como principal demanda a participação dos estudantes nas decisões dos órgãos deliberativos universitários. A memória desta experiência política ímpar do movimento foi de certa forma ofuscada pela memória proeminente do movimento pós-64, porém ela resiste nas lembranças dos militantes que dela participaram. Estas memórias carregam várias possibilidades de análise da historicidade do acontecimento, haja vista a multiplicidade de representações, de lugares, de pessoas e processos relacionados à greve do 1/3. O trabalho ora apresentado pretende analisar criticamente as memórias dos militantes cearenses acerca da greve do 1/3, sob a ótica do conceito de “memória dividida” de Portelli, “memória subterrânea” de Pollack e “memória social” de Fentress.

A imigração peruana em Minas Gerais: O trânsito e a inserção dos imigrantes peruanos na sociedade e na cultura mineira.(1970 a 2010)

Francisco Gonçalves de Almeida

Resumo: objetiva-se conhecer as razões da imigração peruana para o Estado de Minas

Gerais, bem como os processos culturais, sociais e históricos envolvidos neste trânsito.

Como também, compreender como os peruanos procuram fortalecer seus laços identitários em Minas Gerais e como essa comunidade resgata e conserva a memória ligada as suas

tradições de origem, adaptação à cultura local, bem como seus processos de resistência à assimilação cultural, tendo em vista a manutenção de uma identidade de origem.

Cultura Política Petista e sua relação com o comunismo/ trabalhismo: reflexões sobre o modo petista de lembrar

Francisco Josué Medeiros de Freitas

Resumo: Este artigo tem o objetivo de refletir sobre a forma como a cultura política petista se relaciona com a história da esquerda brasileira anterior ao PT, em especial aquela que viveu a maior derrota dos trabalhadores, o golpe de 1964. A hipótese é que existe um modo petista de lembrar este período, fortemente marcado pela disputa travada entre a militância que se engajou no PT e aquela que seguiu nas tradições comunista e trabalhista que hegemonizavam a esquerda até 1964.

A cultura política petista se caracterizou pelo entendimento de que o PT inaugurou a trajetória de uma esquerda combativa e consequente. Mesmo quando o partido reconhece combatividade de algumas experiências da esquerda, como o anarco-sindicalismo e a luta armada, faz questão de enfatizar a inconsequência de tais experimentos. Este modo petista de lembrar foi tão poderoso que não apenas orientou as referências as resoluções partidárias como também exerceu enorme influência no debate acadêmico sobre o PT nos anos 1980 e 1990.

Este estudo se insere nas reflexões metodológicas em voga no campo da história oral, que tratam de temas como “memória em disputa”, “lugares de memória” entre outros. A ênfase no tema da memória e sua relação com a construção da identidade coletiva é fundamental para o entendimento da gênese e do desenvolvimento das forças políticas que representam as classes trabalhadoras, já que são setores contra hegemônicos, não contam

com os canais da história oficial para se reproduzir. Para Pollack : “A memória é um elemento constituinte da identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. (p. 204).

Como identidade se constrói na interação com o outro, pode-se dizer que memória e identidade são fenômenos que podem ser negociados nesta interação, e por isso não constituem a essência de uma pessoa ou grupo em nenhuma dimensão. “Memória e identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais e, particularmente, em conflitos que opõem grupos políticos diversos”. (p. 205).

Neste sentido, trata-se tanto de investigar como se deu a interação da memória petista com o passado da esquerda brasileira na época da sua formação como também pensar tal interação nos dias atuais. Assim, este trabalho irá refletir se em alguma medida a experiência petista na presidência da república pode construir uma (re)atualização do modo petista de relembrar, seja valorizando antigas experiências de esquerda pré-1964 seja renovando a crítica que a cultura política petista faz às tradições comunista e trabalhista.

Memórias Petebistas no Alvorecer do Território do Amapá (1946-1964)

Maura Leal da Silva(Universidade Federal do Amapá), Verônica Xavier Luna(Universidade Federal do Amapá)

Resumo: O presente ensaio se propõe refletir as memórias de sujeitos históricos que vieram para uma região considerada, segundo o IBGE de 1940, de densidade baixa, insalubre e abandonada; atraídos, dentre outras razões, pela implantação de

uma nova “unidade política”. Evidencia, também, outras “memórias”, como a de pessoas que já se encontravam em terras amapaenses muito antes de 1943, quando de sua transformação em Território Federal. Alguns se uniram aos que chegavam e fundaram em 1946 o Diretório do PTB no Amapá. Entre os seus fundadores está o Sr. Alfredo Távora, paraense que viveu desde os primeiro ano de vida em Portugal. Retornou ao Brasil, em 1940, chegando a terras amapaenses, no início de 1943, para reassumir os negócios do pai. Ali se estabelecera, tornando-se uma das maiores lideranças políticas. Em 2011, o Sr. Alfredo lançava, aos 89 anos, o livro Folha soltas do meu alfarrábio, com as memórias de sua trajetória política. Despretensiosamente escreveu nas primeiras linhas da introdução: “A minha memória é um alfarrábio, um livro velho (...) Cedo entrei na luta que me trouxe dissabores e sacrifícios que poderiam ser evitados, mas estava em jogo um ideal maior: a minha liberdade, e a de todo o povo do Amapá, de pensar e agir livremente”. A memória do Sr. Alfredo é eminentemente política e inserida no campo estratégico de disputa contra o poder legitimado, como nos ensina Alessandro Portelli: “A memória da Resistência, de fato, nunca coincidiu com o discurso do Estado”. Através de sua memória, que se confunde com muitas outras, percebemos que o PTB surgiu enquanto expressão de liberdade política, como relata o Sr. Alfredo, “Para aglutinarmos os descontentes e perseguidos, formamos um partido de oposição, para dar amparo legal ao movimento de resistência”. Sua origem reordena a estrutura de poder vigente e legitima um espaço de disputas e negociações, que só pode ser compreendido quando consideramos que a política “institucionalizada” é fundamental para a vivência democrática. A partir do encontro com um dos fundadores do PTB, outros sujeitos foram compondo o universo petebista. Amaury Farias,

um ano antes de falecer, em 2007, escreveu Os meus momentos políticos. O livro narra, como o autor mesmo esclarece, “os momentos políticos acontecidos entre 1958 e 1964, de uma luta que tivemos para eliminar nos tempos modernos, em plena democracia, um regime feudal, uma verdadeira dinastia”. Assim como fora relatado pelo Sr. Alfredo, a vivência política no Amapá também representou a luta pela liberdade política. Chamou-nos atenção nessas memórias o fato de não terem sido produzidas ao acaso. Vimo-nos diante de memórias silenciadas pelo discurso oficial, mas com o desejo contido de saírem de suas condições, como bem denominou Michael Pollak, “subalternas”.

Humanismo Intransigente: a trajetória de vida de Dona Helena Greco, Presidente do Movimento Feminino pela Anistia

Lucilia de Almeida Neves Delgado(UNB)

Resumo: Análise da trajetória de vida de Dona Helena Greco, presidente do

Movimento Feminino pela Anistia no Brasil, considerando as seguintes

questões:interlocução memória/história e narrativa, constante de seu

depoimento de história de vida, sob a guarda do Núcleo de História Oral da

UFMG; culturas políticas de esquerda e lutas pela democratização do Brasil

na década de 1970; objetivos e propostas do MFPA; práticas de mobilização

do MFPA; tendências políticas e conflitos internos ao movimento; o

projeto de anistia ampla, geral e irrestrita, repercussões das lutas

pela
anistia no Brasil; limites e alcances da lei da anistia de agosto
de 1979; a
questão da anistia e as lutas pela memória referentes ao período
ditatorial
de 1964 a 1985.

11/07 - Quarta-feira (Tarde - 14h as 17h)

DA RODÉSIA PARA O ZIMBABUÉ: A transmutação de culturas políticas e a identidade dos antigos colonos

Manoel Magalhães dos Santos Gontijo

Resumo: Este trabalho versa os meandros que envolveram a transformação política vivenciada pelo Zimbábue desde a colonização, passando pela independência como república parlamentarista, e chegando ao regime autoritário de Robert Mugabe. Nesse ínterim analisar-se-á o lugar dos antigos colonos ingleses, em maioria fazendeiros, no atual regime, o qual os discrimina e persegue. Procurar-se-á, assim, analisar a questão sob o prisma da história do país, iniciada pela colonização sistemática da região por uma companhia inglesa sob as ordens do explorador Cecil Rhodes, memória sobre a qual mais tarde se fundaria a Rodésia.

Trata-se de uma análise que se estende por mais de cem anos, envolvendo dois povos diferentes, os ingleses e os seus descendentes e os indígenas negros dispersos em diversas tribos; em convívio constante desde os finais do século XIX. Concomitantemente, esta análise se estende a pelo menos três culturas políticas distintas: aquela representada pela monarquia do Reino Unido, vigorante na maior parte da história do país; a república parlamentarista, independente do Reino Unido, que

vigorou de 1965 a 1980; e o regime autoritário iniciado em 1980, sob a liderança de Robert Mugabe.

Objetiva-se, assim, focar na identidade desses colonos na condição de zimbabuanos e africanos e também de pessoas humanas, porquanto as perseguições ocorrem em nível político e jurídico e envolvem profundas questões de direitos humanos. O objeto de estudo se realiza tanto por meio de entrevistas com colonos remanescentes, principalmente James Maberly, chefe do Zimbabwe Agricultural Welfare Trust, e Benjamin Freeth, ativista de direitos humanos, quanto por pesquisa histórica. A importância do tema reside no fato de o Zimbábue ter sido pouco estudado pela academia brasileira, especialmente em suas nuances da pós-independência. Especialmente em relação à questão dos direitos humanos, tema recorrente no governo atual de Robert Mugabe, o Zimbábue é pouco analisado.

Salienta-se ainda que esta pesquisa permite embasamento para uma pesquisa futura, envolvendo um cenário em que os outros lados da questão sejam pesquisados e estudados a fim de expor novamente o tema em futuros eventos da Associação, prezando as narrativas orais.

O trabalho conclui que esses colonos ingleses de fato são vítimas de políticas discriminatórias por parte do regime de Mugabe e têm seus direitos humanos violados pelas circunstâncias correntes. Além disso, parece existir pouco interesse da comunidade internacional em lidar com essa questão, apesar de algumas posições políticas mencionadas no trabalho. E, finalmente, conclui que a rivalidade ou a segregação racial entre os povos, baseadas em preceitos cientificistas, é a raiz do problema, e isso não é criação dos indígenas negros, mas dos europeus. Por fim, acredita-se que a exposição desse tema poderá trazer perspectivas para o Brasil como país multicultural e multirracial, permitindo um melhor

convívio social entre os povos.

Memórias de imigrantes na França : entre foloklorização e reconhecimento

Marine Lila Corde

Resumo: Desde os anos 1980, a França está atravessada por uma onda memorial que se manifesta através a criação de diversas políticas patrimoniais, um número crescente de eventos comemorativos, etc. Muitos desses trabalhos sobre memórias variadas levam a nação por temática central : eles questionam símbolos republicanos da França, propõem reflexões sobre sentimentos de pertencimento a uma comunidade nacional, esboçam certos retratos da França e alimentam discussões sobre o « viver juntos » neste país. A partir dos anos 90, um novo objeto veio enriquecer esses trabalhos sobre memórias nacionais : as memórias de imigrantes. Tais memórias foram dissimuladas durante muitos anos por memórias nacionais oficiais seletivas (notadamente no nome de um universalismo republicano que se repugna a tratar de diversidades culturais, diversidades de origem, diversidades religiosas, entre outras, no espaço público francês.) Para contrabalançar essa ocultação que se estendeu sobre décadas, trabalhos de pesquisas intensos são levados hoje para recolher testemunhos, histórias de vida de imigrantes, para encontrar traços e arquivos espalhados, etc. Esses trabalhos concorrem para mudar a imagem da França como “país de imigração que se ignora” e oferecem espaços para apresentar os imigrantes como tendo contribuído à constituição de uma comunidade nacional francesa. Porém como analisar tal processo crescente de valorização de memórias de imigrantes ? Será que este se oferece como real reconhecimento da participação dos imigrantes na elaboração da sociedade francesa ou será que essas memórias são antes de

tudo mobilizadas para realçar ideais republicanos e alimentar certos retratos lisonjeiros da França (como país acolhedor, defensor dos Direitos Humanos, herdeiro das ideologias dos Iluministas, por exemplo) ? Será que no contexto francês atual onde as políticas de imigração se fazem cada vez mais repressoras tais trabalhos memoriais permitem de enfrentar e discutir problemáticas sociopolíticas ou será que eles as escondem atrás de trabalhos de folklorização de memórias de imigrantes repletos de boas intenções ?

Esse trabalho traz como argumento central que as memórias de imigrante são memórias polissêmicas, elas não são neutras e trazem consigo jogos políticos. Ele propõe jogar algumas luzes sobre o que implica valorizar memórias de imigrantes na França de hoje tanto como sobre os interesses complexos que animam tais trabalhos de reconhecimentos dessas memórias como memórias nacionais.

O apito do progresso republicano: memórias e histórias da Estação Ferroviária de Pouso Alegre/MG

Ana Eugênia Nunes de Andrade(Universidade do Vale do Sapucaí), Fernando Henrique do Vale(Universidade do Vale do Sapucaí)

Resumo: O artigo tem como objetivo debater as mudanças cidadinas e os conflitos sociais e políticos em torno da antiga Estação Ferroviária da cidade de Pouso Alegre. Podemos dizer que as memórias da cidade estão representadas nos edifícios, nas ruas e avenidas, nos monumentos, nos prédios. A partir da análise das fotografias e dos depoimentos orais observamos o posicionamento dos políticos na utilização deste espaço público, os resignificados do prédio e as memórias dos sujeitos sociais vivenciadas e reorganizadas pela memória hegemônica. No sentido de que a cidade é um espaço marcado pelos interesses

políticos, entender os significados das políticas públicas, seus processos de formação e os outros sentidos que seus idealizadores deram ao antigo prédio da Estação Ferroviária de Pouso Alegre. Demonstrando assim, as múltiplas possibilidades de fazer da história um constante exercício de construção. A proposta desta pesquisa foi desvendar e refletir sobre as múltiplas experiências do cotidiano pousoalegrense, buscando na dinâmica da cidade os diferentes sentidos dos sujeitos sociais. Neste artigo, muito mais que contar os resignificados do antigo prédio da Estação Ferroviária de Pouso Alegre procuramos problematizar as diferentes relações sociais no universo citadino, de acordo com a visão de mundo desses sujeitos, que constantemente mesclam os seus viveres com outros segmentos da sociedade, onde todos aparecem engajados na construção de uma teia que se encontra sempre em conflitos nos meandros do poder público.

TRABALHO E SOCIABILIDADE: MEMÓRIA DOS SALÕES DE BAILE DA REGIÃO DA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO DE PELOTAS (1950-1970)

Luísa Lacerda Maciel

Resumo: O trabalho aqui apresentado tem por objeto de pesquisa os espaços de sociabilidade comunitários, mais especificamente os salões de baile, relacionados com o trabalho fabril na região colonial da cidade de Pelotas (RS). A partir de entrevistas, e em outras fontes documentais como as fotografias, busca-se recompor o cenário em que se deram essas festividades, bem como a identificação de elementos constitutivos da memória social dos agentes sociais. Sabe-se que a dificuldade de comunicação entre a cidade e a colônia (Peixoto, 2003) e entre as próprias colônias (Caruso, 2008), resultaram num esforço para viabilizar a sobrevivência

das famílias, levando ao aparecimento de fábricas de caráter artesanal. Com o passar dos anos, desenvolvem-se moinhos, vinícolas, pequenas fábricas de compotas, doces em pasta e embutidos atrelados às propriedades rurais (Caruso, 2008). Com base nas entrevistas de descendentes de imigrantes italianos, Peixoto (2003) ressalta a existência, desde o início da colonização, de uma inter-relação entre os espaços – as lavouras, os currais e as casas... As alterações neste espaço, provocadas com o tempo, devido a melhores condições financeiras, ou de novos padrões culturais, não afetaram por completo as condições de trabalho e as relações pessoais (Peixoto, 2003). Bach (2009), afirma que grande parte das indústrias de conservas de frutas na zona rural de Pelotas era composta por pequenas fábricas tipicamente artesanais, geralmente localizadas junto à residência do proprietário, guardando, muitas delas, as características da casa da família. As instâncias do doméstico e do trabalho confundiam-se. Além disso, o autor afirma que a fábrica cumpria um papel social muito importante dentro da comunidade, pois, de acordo com relatos orais obtidos para sua pesquisa, pôde constatar que várias serviam de local para comemorar festas de casamento de familiares, bodas de prata, festas religiosas ou celebração de cultos dominicais. Portanto, segundo Bach, o lazer do trabalhador colonial tinha na sociabilidade o ponto alto. Visto que a sociabilidade é uma categoria que possibilita compreender a relação entre as esferas da vida cotidiana e do trabalho (Mota, 2003), percebe-se, portanto, a significativa importância que atribuídos à esses espaços de sociabilidade, principalmente no que se refere ao período abarcado por esse trabalho. Deste modo, tem-se como foco central desta investigação identificar e analisar quais seriam esses espaços de sociabilidade, e qual a relação que pode ser estabelecida entre estes e o espaço fabril,

na Colônia de Pelotas, no período caracterizado como o início, o apogeu e o declínio dessas fábricas, ou seja, de 1950 a 1970 (Bach, 2009; Caruso, 2008).

A luta em defesa do nacionalismo em Cruz das Almas - Recôncavo Baiano: cruzando narrativas orais com matérias do jornal O Nacionalista (1958-1959).

HEBER JOSÉ FERNANDES DE OLIVEIRA

Resumo: O presente trabalho discute alguns dos resultados da pesquisa intitulada “O movimento de luta nacionalista de Cruz das Almas – Recôncavo Baiano (1950/1964)”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local (PPGHIS) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Assim, objetivamos analisar o papel desempenhado pelo jornal O Nacionalista (1958/1959), diante da evidência histórica segundo a qual ao longo das décadas de 1950 e 1960 houve uma intensificação na atividade da imprensa em diversas regiões brasileiras (inclusive no Recôncavo Baiano), cruzando matérias publicadas neste periódico com relatos orais de informantes que atuaram na sua publicação, edição e distribuição, na perspectiva de problematizar as relações existentes entre os registros impressos e a oralidade, procurando valorizar a utilização da fonte oral, refletindo sobre os seus limites e suas possibilidades, a partir principalmente das concepções de teóricos que indicam para estas perspectivas, tais como Paul Thompson, Philippe Joutard, Etienne François, dentre outros. O jornal O Nacionalista surgiu em 1958, a partir da fundação da Frente Nacionalista de Cruz das Almas (FNCA), tornando-se o seu órgão representativo, e tinha o intuito de divulgar e ampliar uma luta em defesa do nacionalismo junto à população local. Segundo o historiador Jorge Ferreira, a luta nacionalista se tornou característica em uma parcela da

sociedade brasileira a partir dos anos 1950, ou seja, entre aqueles que buscavam o desenvolvimento econômico do país e melhorias sociais a partir da defesa dos interesses nacionais. Em Cruz das Almas, estes questionamentos foram levados adiante por estudantes e professores universitários e secundaristas, sindicalistas do sindicato do fumo da cidade, camponeses da Associação dos Tarefeiros da Escola Agrônômica da Bahia (EAB) e domésticas, que atuavam na Associação das Mães Pobres. Todos estes grupos integravam a Frente Nacionalista de Cruz das Almas (FNCA). A partir das entrevistas realizadas com alguns destes atores sociais e do cruzamento com 26 edições de O Nacionalista, referentes ao seu primeiro ano de publicação (1958/1959), discutiremos as razões do aparecimento do jornal em Cruz das Almas, como se dava a sua distribuição, aceitação, rejeição e representatividade junto aos habitantes da cidade e de outros municípios do estado da Bahia.

Memórias e narrativas políticas: como se escreve a história do Rio Grande do Norte pós 1945

Jailma Maria de Lima (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Resumo: A literatura memorial do Rio Grande do Norte compõe-se, principalmente, das obras de autores que são referência no estado, atuantes na política local, e até nacional, a partir das décadas de 1920/30. Eles publicaram memórias, discursos parlamentares e depoimentos orais. Tais livros vieram a público durante o regime militar, porém, em contextos políticos diferenciados e nos quais interessava aos autores dar explicações e criar imagens das suas atuações e opções políticas. Assim, para os fins de análise desta comunicação, selecionamos, da produção memorialística local, os textos de três políticos e um jurista: Aluizio Alves, Dinarte Mariz, João

Maria Furtado e João Café Filho. Nosso objetivo, ao apresentarmos os seus perfis biográficos e suas memórias, é mostrar como eles, ao construírem narrativas sobre suas trajetórias políticas, constroem também versões para a história política do estado, e no caso de Café Filho, para a história política do Brasil, algo relevante porque são consolidadas pela literatura acadêmica. Tais narrativas têm um lugar de produção e são motivadas por interesses em explicar suas participações em momentos políticos chaves da história do estado/país. É preciso atentar para o fato de que as pesquisas que utilizam memórias e depoimentos orais, seja como fonte, seja como objeto de pesquisa – têm suscitado diversas reflexões de cunho teórico-metodológico. Uma das questões apontadas é a perspectiva de se analisar tais trabalhos não como se fossem a “verdade dos fatos”, mas no sentido de pensar como os autores, em determinados contextos, dizem o que viram, sentiram e experimentaram. A pesquisa têm como suporte teórico-metodológico autores como Roger Chartier, Ângela de Castro Gomes, Jorge Ferreira, Tânia de Lucca, Maria Helena Capelato, dentre outros.

A imigração peruana em Minas Gerais: o trânsito e a inserção dos imigrantes peruanos na sociedade e na cultura mineira (1970-2010)

Adriane A. Vidal Costa(UFGM), Angelo Anderson Andrade Coimbra(Associação Madre Paula de Educação e Assistência Social)

Resumo: Objetiva-se conhecer as razões da imigração peruana para o Estado de Minas Gerais, bem como os processos culturais, sociais e históricos envolvidos neste trânsito. Como também, compreender como os peruanos procuram fortalecer seus laços identitários em Minas Gerais e como essa

comunidade resgata e conserva a memória ligada as suas tradições de origem. Isso demanda conhecer e compreender, por meio da oralidade, seus processos de inserção e adaptação à cultura local, bem como seus processos de resistência à assimilação cultural, tendo em vista a manutenção de uma identidade de origem.

12/07 - Quinta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Demonização e Mitificação de Luís Carlos da Serra Negra
Lossian Barbosa Bacelar Miranda(IFPI)

Resumo: A partir das estórias transmitidas ao longo de muitas gerações e de estudos nos arquivos públicos, fazemos uma descrição biográfica de Luís Carlos da Serra Negra, senhor feudal e governante da Capitania do Piauí. Analisamos o processo de demonização que lhe foi imposto após seu enigmático desaparecimento em 1811 e a sua posterior mitificação, resultante da reação popular, através da oralidade. **Observação:** Em coautoria com Carlos Augusto Pires Brandão.

Memórias e Reminiscências: o Instituto Nacional de Telecomunicações – INATEL entre os anos de 1960 e 1970
Diego Miranda Natali

Resumo: A pesquisa apresentada tem como objetivo analisar as relações sociais, políticas, culturais e econômicas existentes na criação do Instituto Nacional de Telecomunicações – INATEL, localizado na cidade de Santa Rita do Sapucaí - MG.

Metodologicamente trabalhamos com a análise de entrevistas realizadas com homens e mulheres que vivenciaram de diversas formas a criação do INATEL, documentos escritos e oficiais que trazem traços das mudanças na cidade. Através das muitas memórias de nossos depoentes é possível perceber as diferentes

articulações e experiências que envolveram a criação desta instituição no Sul de Minas, em um momento conturbado da história de nosso país que passava por uma ditadura militar. Nesse período o país buscava se ‘desenvolver’ e a tecnologia surgia como uma alternativa positiva para o investimento de diferentes regiões do país. Trabalharemos a memória e a narrativa oral lembrando que estas são “(...) elementos centrais para reconstituição de épocas e acontecimentos que tiveram importância para a vida de comunidades, instituições e movimentos aos quais os depoentes estiveram ou ainda estão vinculados. Em outras palavras, são documentos produzidos que têm no registro da lembrança e esquecimentos o principal suporte para reconstituição de versões, representações e interpretações sobre a História.”. (DELGADO, 2010) A partir da interpretação do corpus documental, em especial dos discursos e memórias produzidos por nossos narradores, podemos realmente notar estes sujeitos, dentro de suas práticas culturais, permeados de valores, costumes e intermináveis ensinamentos adquiridos ao longo de décadas de experiências de vida na cidade.

Iraci Gama: memórias e narrativas de uma colegial do interior, que ousou. andar nos “trilhos” da insubmissão - 1956-1962.

José Jorge Andrade Damasceno(Universidade do Estado da Bahia (UNEB))

Resumo: Este trabalho tem como propósito, trazer a lume a memória da cidade de Alagoinhas, na Bahia, a partir de memórias e narrativas de alguns sujeitos “protagonistas” de sua história sócio-cultural.

Nascida em julho de 1943 ,ingressa em um colégio de freiras como bolsista em 1956, saindo de lá formada em 1962, a

professora Iraci Gama é, uma destas vozes singulares, que ao ser ouvida pelo historiador, possibilita-o a apreender uma dada época da sociedade alagoanhense.

Iraci Gama, viveu e protagonizou movimentos culturais, mudanças de caráter social, crises político-institucionais e um desenvolvimento rápido de hábitos de uma pequena cidade do interior baiano. Suas memórias narradas, abrem um leque de possibilidades que nos dá a conhecer “os lugares de memória”, de uma cidade que no início do século XX era o maior entreposto ferroviário baiano. A referida professora é uma das várias vozes que se pretende ouvir, durante o desenvolvimento de um projeto de iniciação científica em construção.

Pretende-se com tal projeto e, a partir dessas discussões preliminares, despertar o interesse de alunos e outros professores do Campus II da Universidade Estadual da Bahia, para a importância das pesquisas no campo da memória, do uso e problematização das fontes orais, cuja apreensão e a interpretação teórico-metodológica muito vem contribuindo para produção historiográfica.

Memória e a dimensão política da identidade na comunidade canela - Estado do Tocantins.

JOSE VANDILO DOS SANTOS(UFT)

Resumo: Essa tese é um esforço de compreensão da dinâmica recente de construção de comunidades identitárias no Brasil, através do estudo do deslocamento de um povoado, o povoado de Canela, originalmente ribeirinho, em razão da construção da hidrelétrica de Lajeado em 2001. Tal povoado, reassentado em novo contexto urbano – a cidade de Palmas –, reinventa-se como uma comunidade identitária, cujo fundamento encontrar-se-ia no tripé: tradição, memória e reparação. A política de identidade hoje em curso no Brasil encontra sua expressão mais

visível nas diversas comunidades de identidade, a exemplo das comunidades quilombolas que, sobretudo desde a Constituição de 1988, vêm dando o tom da emergência de novas identidades. Embora a construção da identidade Canela não exatamente se defina por características como a afrodescendência, ou pela trajetória histórica associada à escravidão, possui, todavia, fortes afinidades com as dinâmicas políticas presentes nas comunidades quilombolas. Esses processos de afirmação de identidades em curso no Brasil contemporâneo nos permitem considerar o nosso objeto de estudo, a comunidade Canela, como parte desse novo cenário que favorece agendas políticas baseadas em pleitos de reconhecimento e de direitos de minorias, de comunidades de tradição que reivindicam reparação a fim de assegurar suas sobrevivências como identidades ameaçadas. A construção da Usina Hidrelétrica de Lajeado, inaugurada em 05 de outubro de 2001, que formou um lago-reservatório sobre o rio Tocantins, fazendo desaparecer as terras do Canela, foi a principal razão para o reassentamento do povoado Canela em outra área, fato que levou a uma série de reivindicações pela comunidade Canela, tanto em relação às suas condições materiais de existência, quanto em relação ao que ela acredita ser, a reestruturação de sua identidade.

Palavras chave: Memória, Identidade, Multiculturalismo.

As Campanhas Eleitorais em Pernambuco pelos percursos de Jorge Albano (1958-1962)

Giuliana de Cássia Pinto da Matta(UFPE)

Resumo: Em 1958, o publicitário Caio Souza Leão propõe à Cid Sampaio, candidato ao governo do estado naquele ano, a contratação do especialista em pesquisa de opinião, Jorge Albano. Com receio, Cid aceita a proposta e se inicia em

Pernambuco a primeira campanha eleitoral sistematizada: com estratégias de propaganda e pesquisas de intensão de voto. A vitória de Cid Sampaio nesta eleição faz com que a UDN, o seu partido, contrate novamente Jorge Albano, agora para gerir a campanha de João Cleofas, também ao governo do Estado, em 1962. Iniciado o período eleitoral, aqueles que contrataram o especialista, descobrem que ele está também trabalhando para um outro candidato ao governo do estado, ou seja, Jorge Albano prestara serviços simultaneamente à dois candidatos numa mesma eleição, sem que este fosse um acordo claro entre as três partes. Dispensado da Campanha de João Cleofas, Jorge Albano passa a se dedicar integralmente à Armando Monteiro Filho, o outro candidato com quem já estava trabalhando. Entretanto, faltando três semanas para as eleições, este especialista em campanhas eleitorais, sem nenhum aviso prévio, abandona a campanha de Armando Monteiro Filho, sabendo que este já não tinha nenhuma chance de vitória. Esta história, narrada por Joca Souza Leão – filho de Caio Souza Leão –, Fernando da Câmara Cascudo – que assumiu a coordenação da campanha de João Cleofas, quando Jorge Albano desligou-se dela –, Carlos Garcia – assessor de comunicação de Cid Sampaio – e Armando Monteiro Filho – candidato ao governo do Estado de Pernambuco em 1962 –, lança uma pequena luz sobre as experiências democráticas neste período entre ditaduras. Sendo, então, o foco de análise deste trabalho, que procura apresentar as relações estabelecidas entre profissionais e políticos, e o embate entre seus interesses comuns e divergentes.

Caminhos da memória e da história: reflexões sobre as memórias de antigos moradores da fazenda Cuiabá no estado de Sergipe

Givaldo Santos de Jesus(Colégio Estadual João XXIII)

Resumo: GIVALDO SANTOS DE JESUS
GRADUADO EM HISTÓRIA E MESTRE EM GEOGRAFIA
AGRÁRIA (UFS)
givaldodgeohistoria@yahoo.com.br

ANTÔNIO FERNANDO DE ARAÚJO SÁ
PROFº ASSOCIADO DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
E DO MESTRADO EM LETRAS DA UFS
antoniofernandosa@ig.com.br

A Micro-história como método de pesquisa adota várias escalas para a visualização de diferentes tipos de conhecimento e o local passa a ser entendido como uma das diversas escalas que o historiador utiliza de acordo com o seu interesse. A escolha da história local acaba permitindo a visualização do objeto de estudo com maior profundidade. O presente trabalho tem como objetivo analisar as relações de poder do coronelismo até a presença do Movimento dos trabalhadores sem terra (MST) em Sergipe, a partir das memórias de antigos moradores da fazenda Cuiabá, hoje assentamento do MST, que permanece com o mesmo nome da antiga fazenda. Utilizamos como metodologia de pesquisa a História Oral, que através de depoimentos e entrevistas a antigos moradores (vaqueiros canoeiros) do Baixo São Francisco conseguimos resgatar memórias e refletir sobre as vivências do passado e do presente, importantes para a construção da história. Dessa forma, a História Oral permite que os sujeitos históricos sejam tratados como sujeitos ativos, pois suas lembranças do passado fornecem informações valiosas sobre si mesmo e sua relação com a sociedade. Durante as entrevistas e depoimentos dois temas foram recorrentes nas narrativas e importantes para a nossa pesquisa. O primeiro, o forte controle (relação de poder) entre fazendeiros e vaqueiros.

E o segundo, a luta pela posse da terra pelo MST, onde foi assentado cerca de duzentas famílias na fazenda Cuiabá (propriedade da família Britto). Sobre esta questão é importante ressaltar que as famílias assentadas vieram de municípios do próprio estado de Sergipe, da Bahia, Alagoas e Pernambuco. Enquanto antigos moradores da fazenda Cuiabá não conseguiram lotes de terra. É uma pesquisa que está em andamento e acreditamos colher bons frutos e contribuir com a história de Sergipe.

Memórias sociais e políticas de preservação: legislações públicas e relatos orais sobre o patrimônio tombado Cine Theatro Capitólio (Porto Alegre, RS)

Cláudio de Sá Machado Júnior(UFPel)

Resumo: O presente trabalho tem como principal proposta a realização de algumas reflexões a partir de excertos de depoimentos orais coletados sobre a memória visual do Cine Theatro Capitólio, espaço urbano tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (IPHAE). Em paralelo ao valor atribuído pela sociedade encontra-se o valor atribuído pelo Estado, caracterizando hierarquias simbólicas que merecem ser analisadas e seus resultados confrontados entre as esferas da oralidade e do legislativo. Há consonâncias entre os argumentos dos relatos orais e os textos legais? Cabe verificar se as políticas públicas caracterizam-se como pensamento presente também no segmento social organizado, interessado na preservação do espaço, ou se são destoantes e aplicadas somente em caráter administrativo das diferentes esferas do poder. Destaca-se, portanto, o papel dos agentes sociais – constituídos em sua maioria por moradores residentes nas proximidades, em parceria com instituições públicas e privadas – em iniciativas

pelo reconhecimento do prédio não somente em sua qualidade estética e econômica, mas também como um lugar que abrigou inúmeras experiências sociais e desperta memórias de diferentes sensibilidades e temporalidades. O espaço de cinema teve sua fundação em 1928, passando pelo seu fechamento definitivo em 1994, estando na pauta da memória social e do patrimônio cultural até a contemporaneidade.

13/07 - Sexta-feira (Tarde - 14h as 17h)

“O Marco”: diálogos de uma contracultura capixaba

Diogo Pereira Lube(Centro Universitário São Camilo-ES)

Resumo: Palavras -chave

jornal; contracultura; Cachoeiro de Itapemirim

Resumo

O jornal “ O Marco” foi um veículo impresso que transitou em Cachoeiro de Itapemirim-ES entre os anos de 1979 e 1984 com o objetivo de gerar reflexões sobre o momento político em questão. Os redatores do jornal eram universitários(hoje professores) denominados” morcegos” por se reunirem à noite e por usarem pseudônimos devido às restrições impostas na época.

O depoimento do professor Geraldo Hemerly, um dos redatores do jornal, é de fundamental importância para compreendermos este ensaio informativo de uma contracultura cachoeirense.

Anistia política no âmbito do Congresso Nacional Brasileiro (1964-1979)

Sandro Héverton Câmara da Silva(Secretaria Estadual de Educação)

Resumo: Esta comunicação aborda a participação do

Congresso Nacional Brasileiro em torno da anistia política aos apenados pelo regime civil-militar. Indo de encontro à historiografia que prioriza a atuação dos movimentos sociais da década de 1970, situa o debate na esfera da resistência democrática, num recorte temporal delimitado entre o início do governo Castelo Branco e a promulgação da Lei 6.683/79, enfocando as estratégias, motivações e significados das disputas acerca daquela bandeira para os rumos do processo político

MEMÓRIA DE MILITARES E POLÍTICOS CIVIS: O Regime de 64 visto por dentro do poder.

Lucileide Costa Cardoso(UFRB)

Resumo: Dentre as inúmeras possibilidades de percorrer os meandros da memória política, analisamos as representações mais significativas acerca do Golpe e do Regime de 64, presentes nos livros de memórias escritos por militares e políticos civis comprometidos com o ideário e a prática dos seus governos. Investigamos a posição ideológica dos agentes militares e civis, os diferentes níveis ocupados na hierarquia das Forças Armadas ou nos postos dos governos; seus posicionamentos sobre o tema da repressão política e os confrontos com os escritos ditos de “esquerda”. A trajetória individual ou do grupo do qual fez parte define contornos próprios para as críticas e autocríticas; desencantamentos ou enaltecimentos da “revolução de 1964”. A esfera do político é o lugar privilegiado de reconstrução do passado, marcando posições ideológicas que circundam suas memórias e práticas no presente.

A visão histórica do Supremo Tribunal Federal sobre a Anistia: análise do registro oral dos votos dos ministros Cassiano Gedoz

Resumo:

Em 2008, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) protocolou no Supremo Tribunal Federal (STF) uma Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF 153), na qual questionava a interpretação que se consolidou do artigo 1º do parágrafo 1º da Lei de Anistia nº 6.683, de 28 de agosto de 1979. Na interpretação que se questiona, a Anistia caracteriza-se por ser recíproca, estando anistiados, portanto, também, os representantes do Estado brasileiro que cometeram crimes de tortura, morte e desaparecimento de pessoas durante o período da Ditadura Militar (1964-1985).

O desfecho da ADPF 153 deu-se a 28 e 29 de abril de 2010, com a votação em plenário, da proposição da OAB, na qual sete ministros votaram contra a ação impetrada, acompanhando o relatório do ministro Eros Grau, e dois a favor – ficando, assim, a lei de 1979 inalterada para os efeitos requeridos – quais sejam, entre eles, a possibilidade de julgamento dos crimes perpetrados durante o regime de exceção.

Os votos dos ministros estão disponíveis na página oficial do Supremo Tribunal, no Youtube. Cada qual tem em média uma hora de duração. Em sua análise, chama a atenção a discussão histórica que alguns ministros realizam, extrapolando, assim parece, suas atribuições de juristas da Suprema Corte, para ingressarem em um debate historiográfico. Entre eles, o voto que se destaca nesse sentido é o voto/relatório do ministro Eros Grau, que chegou a dizer que “Há quem se oponha ao fato de a migração da ditadura para a democracia política ter sido uma transição conciliada, suave em razão de certos compromissos. Isso porque foram todos absolvidos, uns absolvendo-se a si mesmos”. Um ministro, entretanto, Carlos Ayres Brito, vice-Presidente do STF, questionou o que ele assim denominou de “método histórico de interpretação”, que deveria ser utilizado

“em necessidade apenas de se resolver dúvidas, depois de utilizados os métodos tradicionais de interpretação do texto legal, tal como o literal, lógico, teleológico e sistemático”. Quer-se discutir, portanto, a legitimidade dos argumentos do “método histórico” dos votos na posição legal do Supremo Tribunal Federal no caso da revisão da Lei de Anistia.

Aloísio Magalhães e Ditadura: Desenvolvimento e Legitimação

Laís Villela Lavinias

Resumo: O trabalho tem como principal objetivo ponderar como o patrimônio cultural e histórico foi utilizado pelo governo brasileiro para valorizar a idéia de nação e para se legitimar. A análise começará a partir do início do regime ditatorial e se estenderá até o começo da Nova República. O estudo será desenvolvido a fim de captar quais ferramentas foram usadas durante o regime para construir a imagem de um país coeso, culto e civilizado. Quer se entender como a preservação dos patrimônios culturais ajudou a solidificar a idéia de nação para a população brasileira, fazendo com que o regime mantivesse sua legitimização perante a sociedade. Além disso, a ditadura, também, usa as políticas culturais, principalmente as relacionadas com a proteção dos bens culturais, como incentivo ao desenvolvimento econômico e social do país, conseguindo, assim, abafar a crise econômica e social enfrentada pelo regime no início de sua distensão. A escolha do espaço temporal do governo militar se justifica por ser um período de fortes conflitos sociais, em que o governo se vê obrigado a tomar medidas para se legitimar, além disso, é um período também de grande crescimento econômico e social. Durante os anos militares, o Brasil conseguiu ampliar a concepção de “povo brasileiro”. Portanto, o presente trabalho

vem buscar na análise teórica, através dos bens culturais e históricos, como se deu esse processo de mudança da visão de nação. Assim como, delinear quais foram as principais mudanças produzidas na área da preservação cultural brasileira e como elas influenciaram a constituição da memória nacional. Concluiu-se que, de uma maneira em geral, a memória da ditadura militar não é positiva. Trazendo mais as lembranças que ressaltam o autoritarismo e a repressão do regime do que as que evidenciam o crescimento social e econômico do país. Contudo, ao analisar a esfera cultural, pode-se afirmar que a memória é mais positiva do que negativa. O trabalho desenvolvido por Aloísio Magalhães e as instituições por ele comandadas evidenciam uma nítida preocupação em melhorar, desenvolver e democratizar as políticas culturais. Há uma genuína preocupação em incentivar o crescimento econômico e social do país, sendo que a cultura seria utilizada como instrumento de auxílio, seja através do turismo cultural e/ou como fornecedora de referenciais materiais e simbólicos para a criação de adequadas soluções para o desenvolvimento do país. Percebe-se uma clara evolução no tratamento das questões culturais pelo o Estado, já que se criam direitos civis direcionados a esse campo e altera-se a forma de estruturação e aplicação das políticas culturais. A Constituição de 1988 ganha os artigos 215 e 216, a sociedade torna-se parceira do Estado no que tange o planejamento e o gerenciamento das políticas culturais. Criam-se novos conceitos dentro da área cultural, assim como alteram a noção de patrimônio histórico brasileira, proporcionando a inclusão social. Há, ainda, a introdução do conceito de bem cultural imaterial.

O Envolvimento do IPES nas relações entre o regime civil-militar e a sociedade civil

Elaine de Almeida Bortone

Resumo: Autoras:

JOANA D'ARC FERNANDES FERRAZ - Professor Adjunto
da Universidade Federal Fluminense

ELAINE DE ALMEIDA BORTONE – Mestranda
Administração / UFF

Este artigo tem como objetivo geral analisar, através dos arquivos do Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES), que se encontram custodiados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, a participação de parte da sociedade civil no golpe de 1964. O IPES foi criado em 1961, por empresários do Rio de Janeiro e de São Paulo com apoio dos setores militares. Este Instituto ajudou na construção da ação militar, no que se refere ao suporte político-jurídico, financeiro e ideológico para a mobilização de setores civis e militares, a fim de evitar o “perigo comunista”, “a deteriorização do setor econômico” e “preservar a democracia”, ainda que fosse necessário para isso, seu apoio à efetivação do golpe. Suas estratégias centravam-se na mobilização, articulação e financiamento das formas de participação de diferentes segmentos sociais, entre eles donas de casa, professores, intelectuais, estudantes, padres e empresários. Partindo deste pressuposto privilegiamos para análise alguns documentos produzidos pelo IPES, no período de 1961 a 1972, tais como atas de reuniões, estatutos, artigo e relatórios, nos quais abordamos as estratégias e formas de ação adotadas pelo IPES.

006. Democracia e Memória: identidades e diversidades na contemporaneidade

Coordenação: Suzana Lopes Salgado

Ribeiro, Andrea Paula dos Santos

OS MILITARES REVOLTOSOS DA DÉCADA DE 20 E SUA INTEGRAÇÃO À MEMÓRIA INSTITUCIONAL NO EXÉRCITO

Isabel Lopez Aragão (SEEDUC-Secretaria Estadual de Educação)

Resumo: O trabalho estuda como a partir da mitificação da heroicidade militar, a trajetória de Siqueira Campos seria immortalizada através de solenidades cívico-militares. Mostra como a apropriação de sua imagem, uma figura do passado, outrora, considerado um criminoso, depois de alguns anos, passa a fazer parte das memórias que nutrem a caserna. Pondera acerca da integração de sua imagem à memória institucional, por sua vez em constante construção e reformulação, revelando a intenção de pôr termo à finitude do tempo, reavivando o caminho percorrido por ele, para aceitá-lo como um novo componente da galeria dos mártires do Exército.

A história é escrita utilizando-se como fontes: autobiografias, associadas à entrevistas com familiares e à notícias de jornais, nas quais os jornalistas são testemunhas do evento narrado, bem como através da observação das solenidades existentes em torno do militar estudado, nos dias atuais.

São analisados processo de heroicização, de exaltação e veneração dos feitos heróicos de militares considerados guerreiros, mortos na defesa da pátria e da liberdade, sua immortalização, mesmo, através dos ritos, que envolvem festas comemorativas, encenações teatrais, bandas de música e até a organização de museus, entre outros procedimentos utilizados pelo Exército para construção de uma memória institucional.

As políticas sobre o passado, memória e transição democrática: o caso brasileiro e suas relações com a América Latina e África do Sul

Gislene Edwiges de Lacerda(UFJF)

Resumo: Diante do trauma gerado por uma experiência autoritária, o Estado deve assumir a responsabilidade da não repetição a partir do não esquecimento. O Estado deve conduzir uma justiça transicional que consiste “em uma justiça de entendimento histórico, ampla, que contribui para encerrar alguns capítulos extremamente dolorosos e permite sua ultrapassagem” (SUSSEKIND, 2009: 10). Não há transição sem a repactuação da sociedade, e esta só é possível através da mobilização de memórias. Desta forma, o processo político de transição para a democracia (1974 – 1985) e a justiça de transição empregada no Brasil pós-ditadura militar estão presentes na análise deste artigo. Para tal, busca-se compreender as características da transição democrática brasileira e constituir relações com os modelos de justiça de transição e de “Verdade, Justiça e Reconciliação” estabelecidos por países da América Latina, em especial do Cone Sul, e pela África do Sul, na “transição da memória” e na consolidação das democracias nascentes após regimes autoritários.

Palavra falada e ouvida: divindades líquidas da luta-mundo para pessoas com deficiência visual.

Rita de Cássia Almeida Santos(ACEB/BA)

Resumo: Há muito me interesse pela relação entre educação, diversidade e desigualdade. A minha dissertação de mestrado, por exemplo, trouxe como objeto de estudo a concepção educacional na revitalização do Pilar, localidade pertencente ao bairro Comércio, parte baixa do Centro Histórico de Salvador/Bahia, em uma perspectiva que pressupõe a interferência de

programas específicos de intervenção em áreas urbanas centrais, ou mais esclarecidamente, como eram concebidas as temáticas do desenvolvimento, da participação e da educação no Trabalho Social formulado para a comunidade, temáticas que eram reivindicadas nos Programas como democratizadoras. A discussão da desigualdade na diversidade ainda é um ponto nodal nas minhas incursões acadêmicas, recentemente tenho feito trabalhos voluntários com pessoas com deficiência visual, particularmente mulheres cegas. Pesquisando e observando o universo da deficiência, especialmente da visual e sendo ledora do Grupo de Voluntários Copistas e Ledores para Cegos da Biblioteca Central – Salvador/Bahia, uma questão tem se colocado para mim, qual seja: Há uma vinculação entre deficiência e desigualdade que se discute pouco, bem como os seus desdobramentos verticalizados nos aspectos étnico-raciais, de gênero e de classe. Percebo que os espaços de socialização dos saberes e prazeres para as pessoas com deficiência visual são exíguos e muitas, principalmente as mulheres cegas, nem mesmo são invisibilizadas, praticamente inexistem para a sociedade. Neste trabalho como ledora, percebi que, como ponto de partida (e de chegada), as palavras faladas e ouvidas são as escultoras do processo de aprendizagem e de (sobre) vivência dessas pessoas, porque elas são o fio que conduz à Unidade Primordial, então, estamos falando de memória. A proposta desta comunicação é refletir a importância da Memória e da Palavra ouvida e falada para as pessoas com deficiência visual construtoras da sua inserção nos espaços públicos como sujeitos produtores e participantes.

História oral e imigrantes: identidades e diversidades na colônia chilena de Campinas/SP

Vanessa Paola Rojas Fernandez (NEHO - USP e Prefeitura

Municipal de Campinas)

Resumo: Este trabalho aponta e analisa as identidades e diversidades existentes em uma colônia de chilenos imigrantes. Nestes apontamentos fica claro que, embora esses chilenos sejam todos membros de uma mesma comunidade de destino - chilenos emigrantes após o Golpe de Estado de 1973 no Chile - e de uma mesma colônia - chilenos imigrantes residentes na cidade de Campinas/SP - não são todos que pertencem ou se sentem membros da comunidade chilena que foi construída aí ao longo do processo migratório, entendendo esta como uma “comunidade realmente existente” (BAUMAN, 2003). Tais reflexões emanam de uma pesquisa de mestrado que conciliou história oral e imigrantes.

MEMÓRIA E IDENTIDADE DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA ZONA OESTE CARIOCA.

William de Souza Vieira (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro)

Resumo: O presente trabalho é um recorte da pesquisa que desenvolvo no curso de Doutorado em Memória Social no PPGMS da UNRIO sob a orientação da Prof. Dr^a Andréa Lopes da Costa Vieira.

Apresento elementos preliminares sobre a relação existente entre memória e identidade relativo a diferentes movimentos sociais presentes na região da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro mais especificamente bairros de Bangu, Campo Grande e Santa Cruz.

A Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro consiste em uma região que abrange diversos e diferentes bairros, como por exemplo: Jacarepaguá, Campo Grande, Barra da Tijuca, Sepetiba, entre outros. Essa diferença pode ser percebida para além da questão geográfica, histórica e até cultural, ela é

percebida também na maneira como a Zona Oeste encontra-se fragmentada, principalmente se compararmos bairros como Barra da Tijuca e Sepetiba, marcados por um abismo socioeconômico.

Um dos objetos da pesquisa se refere aos movimentos sociais presentes nos bairros que compreendem a região de Bangu, Campo Grande e Santa Cruz, e como sua prática contribuiu e ainda contribui na construção de uma identidade social. A concepção de movimento social que pretende-se trabalhar está associada às práticas diversas ocorridas ao longo do século XX e início do século XXI.

Algumas ações organizadas podem ser destacadas ao longo do século XX, todas envolvendo elementos específicos da região. Lutas variadas que vão desde o desejo de se obter uma universidade pública, passando pela tentativa de manutenção de espaços de lazer, ou então ações voltadas para a educação popular e comunitária e valorização da cultura e da memória locais. Todas são importantes do ponto de vista da participação social e de uma vinculação identitária com elementos da região. A pesquisa se desenvolve no campo da relação entre a identidade construída pelos movimentos sociais pesquisados e suas memórias, tendo como ponto de partida as narrativas de seus atores e aquelas que são construídas a cerca desses movimentos.

Neste trabalho desenvolvo essa relação entre identidade e memória na perspectiva de um dos movimentos sociais pesquisados: O núcleo socialista de Campo Grande, sua atuação na região e a relação da memória e da identidade deste grupo a partir principalmente da narrativa que seus atores vem construindo.

A Transição Democrática e a Construção da Memória

Política na África do Sul e na Argentina

Julia Monteath de França

Resumo: Este trabalho apresenta elementos para a reflexão sobre a construção da memória social como forma de pensar as relações políticas de uma nação no contexto de transição política de um regime autoritário para um regime democrático. A análise é feita a partir dos casos da Argentina e da África do Sul, por representarem duas experiências contrastantes de relação com o passado, com a verdade e com a justiça.

A guerra sem fim: A memória de um pracinha da FEB como objeto de análise do trauma de guerra

Douglas de Almeida Silva (Fundação Cultural Cassiano Ricardo)

Resumo: Nesta pesquisa, propomos iniciar uma discussão a respeito da memória de guerra, mais especificamente, a memória traumática de Eliseu de Oliveira, pracinha da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Diante disto, propomos nos valer de todo um arsenal teórico para desvendar todos os meandros da memória de guerra.

Eliseu de Oliveira, nascido na cidade de São José dos Campos - SP atuou como pracinha da FEB na Itália de junho de 1944 à junho de 1945. Foi aprisionado em 31 de outubro permanecendo prisioneiro na Alemanha até abril de 1945 ao ser libertado pelo VII exército norte-americano. Retornando ao Brasil, Eliseu sente-se desiludido e revoltado diante da população civil que duvidava do sacrifício e esforço dos pracinhas nas terras europeias, bem como da falta de políticas públicas em auxílio aos ex-combatentes. Para Eliseu a guerra foi em vão (Silva,2011).

Assim como no Mito de Sísifo, personagem mitológico analisado por Albert Camus, Sísifo foi condenado pelo Olimpo

a rolar um rochedo até o cume de uma montanha por toda a eternidade. Este mito nos demonstra que não existe nada mais tedioso do que o “trabalho inútil”. Sísifo se torna consciente de seus atos ao buscar o rochedo que rola montanha abaixo, saindo da dimensão da ilusão, tendo acesso a uma percepção da vida. Este instante é trágico, pois é responsável pela constituição de seu autoconhecimento (Camus,2010). Eliseu retornou totalmente abalado pela experiência de guerra, pretendia descansar por muito tempo quando retornasse ao Brasil. Porém os rumores propagados pela população civil e a falta de políticas em auxílio aos ex-combatentes, põem em xeque todo o seu esforço de guerra. Esta desilusão é trágica para Eliseu, lhe proporcionando uma tomada de atitude.

A crise de identidade é um conceito utilizado por Alessandro Portelli ao estudar as memórias dos veteranos da guerra do Vietnam em sua busca por respeito e cidadania (Portelli,2010). Diante de sua própria crise de identidade, Eliseu concede uma série de entrevistas ao jornalista Altino Bondesan, divulgado-a em crônicas semanais no Jornal de São Paulo. Em 1947 suas memórias são publicadas no livro: Um pracinha paulista no inferno de Hitler. Toda sua narrativa é marcada pela frase constante: “escrevi para dizer a verdade”, seguindo este princípio pessoal, Eliseu não se omite diante dos acontecimentos de prazer e de dor que marcam suas experiência pessoal. Sua ânsia em dizer a “verdade” é resultado da crise de identidade que o obriga a revisitar seu passado traumático recente.

CAMUS, Albert. O Mito de Sísifo. Rio de Janeiro: Record, 2010.

PORTELLI, Alessandro. Ensaio de História Oral. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

SILVA, Douglas de Almeida. Memórias de um prisioneiro de

Memória e Democracia: história oral como instrumento de construção de identidades na ampliação do espaço público
Suzana Lopes Salgado Ribeiro (NEHO - USP)

Resumo: Esta apresentação propõe uma discussão sobre a atuação de movimentos sociais na ampliação do espaço público, na conquista de direitos e na instalação da democracia. Além disto, a intenção é refletir sobre como trabalhos em história oral, que utilizam o registro de narrativas podem ajudar na construção identitária desses grupos. Nele sistematizaremos reflexões oriundas de pesquisas junto a movimentos sociais de trabalhadores rurais e de pessoas com deficiência.

Tais reflexões destacam a importância da luta política da publicização do mundo privado, para forçar o fundo público servir à diversidade e a ampliação da democracia. Essa luta é o emblema de grupos que se unem e transformam suas demandas até então privadas em públicas, incluindo novos sujeitos no cenário político, retomando o diálogo e fazendo com que a ação seja democrática e contemple a pluralidade e complexidade social.

Da leitura dessas histórias de vida que relatam lutas e conquistas, podemos concluir que democracia é uma tarefa, não algo conquistado e concretizado. Seu fazer exige uma luta diária de todos. O convívio com as diferenças amplia a democracia ao alargar a possibilidade de participação dos sujeitos no espaço público. Nossa sociedade fica melhor quando convive com pessoas que nos ensinam o exercício da cidadania e sobre ser um cidadão com direitos. E nós pesquisadores aprendemos a discutir novas perspectivas dos estudos de identidade e memória tendo em vista a construção de conhecimento de forma plural, complexa e democrática. Podemos, certamente, constatar a

mudança social operada por esse conjunto de protagonistas de ações inclusivas e democráticas, militantes de seus movimentos sociais.

Destacamos também que na apresentação será apresentada uma análise de conhecimentos produzidos a partir do contato com identidades e convicções diversas, plurais e complexas. As entrevistas que geraram as reflexões da apresentação são de natureza subjetiva. Elas humanizam toda uma história e nos ajudam a compreender lutas que foram também humanizadoras de seus sujeitos. Por outro lado, o registro e trabalho com essas narrativas, foi também um processo humanizador para a pesquisadora. Este exercício, portanto, passa a ser válido, na medida em que preserva e divulga narrativas e memórias de um momento central de nossa história contemporânea. Mas, para além disso, as histórias de vida relembram os legados de luta e as identidades forjadas no caminho de consolidação desses grupos.

11/07 - Quarta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Mulheres partidárias petistas: memórias e identidades das lideranças do PT

Glauber Eduardo Nascimento Ribeiro Santos

Resumo: O Partido dos Trabalhadores se constituiu pela atuação política de lideranças que estiveram presente na luta política na década de 1970: participantes da luta armada, sindicalistas, movimentos sindicais e sociais. A participação das mulheres se tornou marcante no período delimitado, fazendo-se presente na área pública e reivindicando direitos e deveres necessários para as suas condições de vida.

Neste momento, os conceitos de identidade partidária e gênero são importantes para entender os discursos de duas lideranças

femininas do PT: Irmã Passoni e Benedita da Silva, sendo importante relatar como os militantes dedicaram a construção de uma nova proposta política e com protagonismo central na fundação do partido.

Para contribuição metodológica do trabalho, utilizamos a história oral que tem o potencial de relatos como fonte de pesquisa e como instrumento de reflexão sobre a origem e a trajetória partidária, entendendo as narrativas como referência e auto-referência, constituindo memórias individuais e coletivas e construindo identidades partidárias.

Experiências de Militantes Petistas de Santa Helena-Pr (1980-2012): memórias e significados

Diná Schmidt

Resumo: A pesquisa apresentada nesta comunicação tem por objetivo compreender e problematizar as experiências, e os sentidos construídos em torno destas, de militantes do Partido dos Trabalhadores (PT) do município de Santa Helena entre 1980 e 2012. A partir de entrevistas orais com militantes e ex-militantes, busco perceber na narrativa desses sujeitos o impacto de suas experiências militantes em suas trajetórias de vida. Observando, atentamente, como (re)significam, em suas memórias, os caminhos percorridos na militância e nos cruzamentos destes caminhos com outras dimensões de suas vidas, como a pessoal e profissional.

O interesse por esse objeto dialoga com o contexto histórico atual, no qual o Partido dos Trabalhadores atingiu, em âmbito nacional, uma projeção significativa a partir da conquista da presidência da república nas últimas três eleições (2002, 2006 e 2010). Pode-se observar que essa projeção tem se dado em três direções: a institucional, projetando o Partido; em torno de militantes com maior visibilidade pública a partir de postos

assumidos no governo petista; e em torno do ex-presidente Lula com a construção de um mito pessoal em torno de sua trajetória. Sem negar a importância de discutir esses três eixos, a proposta deste projeto é colocar em pauta as trajetórias de pessoas que contribuíram para a construção e ascensão do partido e do projeto petista, mas não ganharam projeção política, social ou em trabalhos acadêmicos. Assim, este trabalho se constrói na aspiração de compreender e problematizar um objeto que ainda não possui grande inserção acadêmica. Apesar de possuir grande relevância social, visto que compartilho da idéia de que o momento histórico vivido hoje pelo Brasil, com seus avanços e problemas, só foi possível a partir da ação desses sujeitos. A opção pela produção de narrativas a partir da história oral está diretamente ligada às características do objeto de pesquisa. Ao buscar compreender e problematizar as experiências e os significados que os sujeitos constroem em torno delas, documentos burocráticos do Partido, materiais de campanhas eleitorais ou documentos do Fórum Eleitoral não seriam satisfatórios. Embora atendam a outras questões, essas fontes não poderiam atender aos meus objetivos com tanta propriedade quanto as narrativas orais. Portanto, a escolha das fontes a serem utilizadas está diretamente ligada ao problema que orienta a pesquisa, com a opção de ouvir aqueles para quem, até agora, a História tem feito ouvidos moucos. Protagonistas de um processo histórico de grande importância na conjuntura histórica atual do país, mas que têm sido deixados nos bastidores em função de uma ênfase naqueles que podem se fazer ouvir por outros meios, e em alto e melhor som.

Mulheres e maternidades: entre o direito de ser ou não ser mãe

Marcela Boni Evangelista(NEHO-USP)

Resumo: A experiência da maternidade é historicamente ligada à condição feminina, ainda que atualmente esta perspectiva esteja cada vez mais sendo ampliada. Partindo da ideia de que a maternidade é algo esperado das mulheres, nesta comunicação buscaremos problematizar a questão tendo como base o pressuposto de que, assim como não existe um modelo ideal de mulher, o mesmo se dá com a experiência da maternidade. Temos, portanto, maternidades. Neste sentido, abordaremos dois aspectos principais: o primeiro tratará da maternidade vivenciada de forma adversa a partir de histórias de vida de mulheres-mães de jovens em conflito com a lei que, ao trilhar um caminho de distanciamento forçado dos filhos tem subtraído o direito de ser mãe de forma plena ou socialmente tida como tal. O segundo aspecto continuará tratando da questão dos direitos da mulher, mas neste caso a partir da vivência do aborto. Neste caso, o direito de escolha e de autonomia sobre o próprio corpo poderá ser aprofundado.

Memória ressignificada: o relato de uma participante da Companhia Nacional de Alfabetização, 1963-1967.

ALDAIR SMITH MENEZES(SEED/SEMED)

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo analisar o relato de Maria de Lourdes Rodrigues Correia, participante da Companhia Nacional de Alfabetização (CNA). Esta mulher, enquanto estudante e educadora de um movimento de educação popular, teve seus direitos cerceados durante a instalação do golpe civil-militar de 1964. A história oral possibilitou metodologicamente o registro de seus relatos. A negação em suas memórias aponta para o processo de resistência, em termos psicanalíticos, da aceitação dos traumas vivenciados.

Palavras-chave: memória, ressignificação, psicanálise.

O PAPEL DAS MULHERES NA ORGANIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÕES DA SOCIEDADE BRASILEIRA.

Celma Faria de Souza Burille(SEED-PR)

Resumo: Esse artigo pretende refletir um pouco dos conflitos entre homens e mulheres nas relações de poder, com o auxílio das ideias de Foucault, que afirma que o poder está em todas as partes, que o poder reprime, mas produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades e práticas. Pretende também conhecer um pouco da trajetória e a importância do papel da mulher na formação da sociedade brasileira, para entender a sua organização, bem como as transformações na sociedade brasileira ao longo da história, do período colonial até a atualidade, para compreender as mudanças ocorridas ao longo da história. Atualmente a mulher tem múltipla jornada: casamento, casa, filhos e trabalho. Muitas responsabilidades sociais e muitas cobranças: da família, do marido, da escola, da igreja. A grande questão que se coloca hoje para a mulher é: “Ser ou não Ser – Amélias, Giseles ou Zildas?!” Através de algumas ideias de três historiadoras brasileiras: Maria Odila Leite da Silva Dias, Leila Mezan, Mary Del Priori e auxiliado pela História Oral, com algumas entrevistas, relataremos um pouco da realidade de algumas mulheres – meninas, jovens e senhoras, estudantes e trabalhadoras, com suas múltiplas responsabilidades e suas lutas contra o preconceito e discriminação das quais muitas são vítimas diárias.

(Pós) Feminismos e Diversidades em Performances: memórias e oralidades em desconstrução

Andrea Paula dos Santos(Universidade Federal do ABC)

Resumo: Diversidades em Performances é um projeto de extensão transdisciplinar que o Grupo de Pesquisa ABC das Diversidades – Conflitos sociais, diversidades culturais e

tecnologias, da Universidade Federal do ABC, promove para criar um espaço de exposição das temáticas e de práticas culturais, artísticas e científicas. Em eventos periódicos busca-se reunir acadêmicos, artistas e ativistas em torno das questões das diversidades e discussões sobre cidadanias culturais na contemporaneidade, que buscam ressignificar práticas e valores culturais de memória e identidade.

Assim, o Grupo de Pesquisa ABC das Diversidades busca – sob inspiração do projeto pedagógico da recém-criada UFABC, que se pretende inovador por ressaltar seu viés interdisciplinar – articular na prática as atividades de pesquisa que desenvolve com a execução de um projeto de extensão. Para tanto, conta com o apoio e o financiamento da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), por meio da aprovação do projeto em edital de 2011, que permitiu a distribuição de duas bolsas para estagiários, além de contar com uma equipe de mais quatro estagiários voluntários e colaboradores, entre estudantes, artistas e professores de várias instituições.

As práticas de pesquisas e de extensão têm nos levado a pensar que a formulação das Políticas Públicas e a atuação do Estado no século XXI exigem o estudo das demandas das chamadas minorias e grupos que até pouco tempo não faziam parte da tomada de decisão nos assuntos públicos. Neste contexto, de exercício de construção permanente da democracia, os eventos mensais realizados com pessoas e grupos de dentro e de fora da academia, junto ao Projeto Diversidades em Performances colocam em diálogo agentes políticos, ativistas, artistas e acadêmicos com o objetivo de promover um espaço de debate privilegiado sobre políticas e práticas para as populações das diversidades, sobretudo as de gênero, sexuais, étnicas e socioeconômicas.

Esse projeto de pesquisa e de extensão tem como objetivo o

reconhecimento cultural e social de sujeitos das diversidades e de suas várias performances, artísticas e políticas, sendo que as expressões performáticas muitas vezes ganham consistência com o recurso às oralidades. Nessa direção, o projeto cria práticas que iniciam, atualizam as pessoas – tanto os estudantes como os membros dos mais diversos movimentos culturais e sociais que participam delas – nas complexas dinâmicas que fazem partes das políticas públicas, incluindo o conhecimento e o reconhecimento de agentes sociais, econômicos, culturais, políticos, do Estado e das suas instituições.

12/07 - Quinta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Vida Política de Estudantes Universitários: memórias e histórias.

Rubens de Moraes Silva(Universidade Católica de Brasília)

Resumo: Meu trabalho de pesquisa faz a seguinte trajetória: como docente universitário da UCB, tenho observado que estudantes de hoje têm certo sentimento de inferioridade em relação aos estudantes dos anos 70-80 quanto ao seu envolvimento político. Acredito que esta comparação com o passado pode inibir as novas gerações por falta de uma leitura mais crítica das realidades de ontem e de hoje, além das maneiras variadas de reação histórica em contextos diferentes. Pretendo construir este trabalho partilhando esta minha visão com outros cinco docentes (mulheres e homens), que trabalham na mesma entidade da UCB, e que tenham tido algum tipo de envolvimento político estudantil no período da ditadura do golpe de 64. A esta pesquisa de oralidades acrescentarei outros dados de minha observação sobre as histórias de vida dos estudantes que tenho acompanhado em mais de 5 anos de vida docente

nesta instituição.

Projeto Mosaico de Memórias: histórias contadas por estudantes migrantes do Programa de Educação de Jovens e Adultos da Fundação Oswaldo Cruz

Danielle Cerri do Nascimento(PEJA FIOCRUZ), Marcela Maria Freire Sanches(SEEDUC- Secretaria de Educação do Estado Rio de Janeiro)

Resumo: Nosso trabalho reflete sobre as histórias produzidas no cotidiano, tecidas por estudantes migrantes que freqüentam o espaço de educação formal, o PEJA, Projeto de Educação para Jovens e Adultos na Fiocruz. Estes estudantes são moradores do complexo das comunidades de Manguinhos localizado no entorno da Fiocruz, no Rio de Janeiro, e que contam as suas histórias na Oficina Mosaico de Memórias.

Pensar nestas memórias produzidas durante a Oficina é possibilitar um espaço de construção de uma história democrática, dar voz às memórias das margens, dos historicamente excluídos. Ao contarem suas experiências de vida, sentiram-se protagonistas, rompendo a barreira do silêncio através de suas falas e fotos.

Neste sentido compreendemos como as histórias individuais possibilitam entender a história da sociedade, e como o uso da história oral apresenta-se um relevante recurso de fonte histórica. E ainda como a história oral possibilita ao cidadão o sentimento de serem registrados na História.

Conforme Walter Benjamin (1994) uma das conseqüências dos tempos modernos é a pobreza da troca de experiência humana, o desafio de encontrar pessoas que saibam contar histórias e principalmente as suas histórias de vida no espaço, como a escola. Em que tradicionalmente os estudantes são colocados como receptores de conhecimentos enciclopédicos.

Compreendemos a escola como um espaço dialógico permitindo a troca de saberes e de trajetórias de vida. A escola enquanto um lugar de memórias e narrativas constituindo o grande mosaico de memórias e lugar de pertencimento para estes estudantes migrantes.

(Re)Construções de identidades de jovens a partir de sua pertença ao Tiro de Guerra 05-015.

maykon aparecido zopellaro vieira

Resumo: Neste trabalho apresento alguns resultados da pesquisa realizada para conclusão de curso de História. Nesta pesquisa problematizo (re)construções identitárias de jovens de Assis Chateaubriand que em diferentes momentos prestaram serviço militar obrigatório no Tiro de Guerra 05-015 desta localidade. Esta instituição atua no município a cerca de 35 anos, tendo servido na mesma um grande número de jovens. Assim, este espaço, aparece historicamente, não apenas como uma instituição de formação militar, mas também enquanto espaço de construção e elaboração de múltiplas identidades. Os jovens que ingressam nesta unidade constroem sentidos de pertença diversos em relação ao grupo social constituído a partir daquele espaço. Assim, através do TG são criados novos relacionamentos e rotinas, que interferem na vida cotidiana desses jovens. A partir da interação que há entre a instituição e os jovens, busquei perceber como o TG é representado nas memórias desses sujeitos. Para trabalhar essas questões, utilizo entrevistas orais realizadas com ex integrantes desse espaço realizadas no ano de 2011.

Narrativas de jovens residentes em territórios de risco: reflexões em torno dos “modos de viver” e os “modos de

morrer”.

Dione Lolis(UEL)

Resumo: A presente comunicação tem origem na experiência de pesquisa que vem sendo desenvolvida em Londrina – PR, e que busca conhecer as opiniões de jovens residentes em territórios considerados de risco, sobre os “modos de viver” e os “modos de morrer” nesse meio. Procura apreender a formação de novas culturas juvenis e entender qual o lugar ocupado por esses sujeitos no espaço público. Dessa forma, pretendemos estabelecer um debate que privilegie a história desses jovens, considerando suas narrativas na construção de suas identidades, cada vez mais diversas e fragmentadas em tempos atuais, enfraquecendo conceitos enraizados em gerações passadas, fazendo emergir novas formas de pertencimento desses sujeitos e culturas juvenis. Neste sentido, a história oral é o meio pelo qual podemos ter acesso a esses jovens e/ou grupos jovens, frequentemente ignorados pelas autoridades e grupos sociais pertencentes a extratos sociais mais abastados e, quando vistos, são desconsiderados em suas subjetividades e são desprezadas as poucas perspectivas de futuro em um contexto permeado por violências de todo tipo.

Identidade e formação de campo profissional: O caso dos alunos evangélicos da graduação em dança da UFRJ.

ana leticia aires ribeiro ricco(Centro de cidadania e atividades sociais - CCAS)

Resumo: O presente trabalho propõe a reflexão sobre a singular relação entre Universidade e Religião. Debatendo o processo de construção da identidade do aluno evangélico do curso de Bacharelado em Dança da UFRJ e a expectativa de atuação no campo profissional da dança.

O grupo dos evangélicos vem demonstrando notável ascensão

em número e em influência política e religiosa nas últimas décadas. Sua atuação na sociedade desperta atenção, constituindo-se um desafio de análise no contexto pós-moderno. Instruir os estudantes acerca de assuntos acadêmicos e vocacionais é apenas uma parte do trabalho da Universidade. Além disso, um dos seus papéis é ajudar a preparar o estudante para o mercado de trabalho. Mesmo que as expectativas profissionais dos estudantes não correspondam sempre à necessidade do mercado ou mesmo à capacidade de absorção da mão-de-obra especializada. Destacando aqui a busca da ocupação e do prestígio social que para o aluno evangélico, corresponde a uma lógica presente no contexto religioso de sua fé.

Para elucidar tal discussão será iniciado o debate da Modernidade. A racionalização e a sua intensa separação da subjetividade, que rompe o mundo sagrado à transparência da razão. Bem como a obsessão de uma identidade não apenas definida em termos sociais já que a sociedade pós-industrial é fortemente marcada por um indivíduo fragmentado pela sociedade de consumo e imerso em na indústria cultural. Marcando além da funcionalidade das instituições sociais, mas o conflito entre o Sujeito e os sistemas de liberdade e poder. A construção de esferas diferenciadas em torno dos saberes adquiridos durante a formação intelectual do aluno proporciona conhecimentos cada vez mais fragmentados. Essas contradições só podem ser analisadas em relação com os conflitos sociais. Assim a influência socializadora da universidade, dos grupos e dos meios de comunicação em massa tem acompanhado a possibilidade de criação de novas regras e novos modelos. A identidade tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo

em sua reconstrução de si possibilita ao aluno ser o ator social, no sentido que a ele é permitida a transformação de sua própria identidade não precisando se submeter a padrões pré-existentes.

13/07 - Sexta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Uma “Pequena São Paulo” no interior da Bahia: Memórias da cidade de Amargosa

JAQUELINE ARGOLO REBOUÇAS(ESCOLAS REUNIDAS ALMEIDA SAMPAIO)

Resumo: A história do município de Amargosa, localizado na região do Recôncavo Sul Baiano, abarca um período de riqueza e de destaque regional, proporcionados pelo comércio agroexportador do café, que acabou por contribuir para a criação de uma sociedade local importante, nas primeiras décadas do século XX. Esse período de pujança foi marcado por um conjunto de intervenções urbanísticas, que acabaram por interferir no cotidiano e no imaginário da cidade, acabando por conferir-lhe a identidade “Pequena São Paulo”. O presente artigo objetiva apropriar-se das transformações ocorridas na paisagem urbana e das representações historicamente criadas, entre meados de 1920 e década de 1930, na expectativa de problematizar aspectos relacionados a alguns segmentos da população que além de idealizar identidades para o seu “lugar”, desejavam justificar e retratar a marca da sua Cidade na região. Assim, através das muitas memórias e narrativas de indivíduos que residem ou residiram no município de Amargosa, como também, pesquisa documental e imagens sobre a cidade, tentamos compreender como as estruturas socioculturais interferem no cotidiano e na memória da Cidade, permitindo assim a construção de uma das identidades da Cidade.

Do estranhamento à reivindicação de uma identidade negra/quilombola: um estudo da comunidade quilombola Manoel Ciríaco dos Santos, Guaíra, PR

Jéssica de Lima da Silva

Resumo: A presente comunicação objetiva discutir, a partir da produção e interpretação de relatos orais, questões referentes à construção de identidades negras/quilombolas na comunidade quilombola Manoel Ciríaco dos Santos, localizada no distrito de Maracaju dos Gaúchos, área rural de Guaíra, região Oeste do Paraná. Propõe analisar como uma “nova realidade quilombola” tem gerado disputas neste espaço. Esta comunidade foi reconhecida em 2006, após pesquisa realizada pelo Grupo de Trabalho Clóvis Moura, órgão responsável por mapear e identificar comunidades quilombolas no estado do Paraná. Desde o reconhecimento, o que era de início um estranhamento passou a reelaborar identidades, especialmente pautadas pela ideia de “cultura negra”, relativa a um passado escravo que precisa ser reparado. Mais do que uma condição quilombola, o grupo passou a assumir como negra, apesar do crescente conflito por terras na região, violento inclusive, gerado por uma pesquisa do INCRA, com objetivo de titular a terra como propriedade coletiva. As diferenças têm sido evidenciadas nesse contexto, uma vez que o conflito também se constitui no campo das identidades, que se constroem e reconstroem constantemente. E neste escopo, há diferenças dos dois lados, seja pela afirmação de uma identidade negra merecedora de reparação, seja pela identidade agricultura, responsável pelo sustento da cidade, por sua vez merecedora de direitos sobre a terra. De outro modo, também, o reconhecimento abriu caminho para políticas públicas, que têm melhorado as condições de vida do grupo, marcadas pelo trabalho como boias-frias para produtores rurais da região, acirrando disputas políticas pelo

território na região.

NO TEMPO DO FOGO: histórias e memórias de trabalhadores rurais maranhenses

Viviane de Oliveira Barbosa

Resumo: A documentação oral vem sendo largamente utilizada para possibilitar estudos com temáticas contemporâneas ou aproximar-se de grupos ou movimentos sociais. A utilização desse tipo de documento tem sido muito atribuída à falta de registros sobre os desfavorecidos e, portanto, a uma tentativa de reconstrução de “uma história vista de baixo”. Assim, através de fontes orais, abordam-se experiências de trabalhadores rurais maranhenses que vivem em uma comunidade remanescente de quilombo e que enfrentaram disputas e atos de violência para se manterem na localidade. O intuito é se debruçar em memórias e depoimentos desses sujeitos que se reportam à constituição de seu povoado (Monte Alegre) e aos conflitos que no final dos anos 1970 afetaram a área, estabelecendo disputas entre os trabalhadores e um suposto proprietário das terras. As narrativas apontam para a afirmação de uma ascendência africana entre os moradores da localidade, para as estratégias de mobilização dos trabalhadores contra os antagonistas, e para o papel das mulheres na articulação dos processos decisórios da luta. As mulheres do povoado lidam com a coleta e quebra do coco babaçu e se autoidentificam como quebradeiras de coco. Algumas delas estão vinculadas ao Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), no Maranhão, organização que atua em projetos voltados ao desenvolvimento sustentável através da agricultura e do extrativismo do babaçu.

Memórias de Eudes Chagas: passado e presente de um rei maracatuzeiro no Recife dos anos 1960 e 1970.

Ivaldo Marciano de França Lima(Universidade do Estado da Bahia)

Resumo: Eudes Chagas foi o rei do Maracatu Porto Rico do Oriente, grupo que fundou em 1967 e o articulou até o fim de sua vida, em 1978. Ao longo de sua trajetória enquanto maracatuzeiro, Eudes constituiu alianças diversas, destacando-se suas estreitas amizades com Paulo Viana (que tinha no Porto Rico o principal grupo participante da Noite dos Tambores Silenciosos), Lourenço Mola (organizador da Noite dos Maracatus) e Katarina Real (antropóloga e integrante de órgãos importantes, a exemplo da Comissão Pernambucana de Folclore e Comissão do Carnaval). Seu maracatu, o Porto Rico do Oriente, obteve certo destaque no Recife, sobretudo nos anos 1970, quando conseguiu figurar nas páginas dos jornais recifenses, desbancando outros maracatuzeiros importantes, a exemplo de Luiz de França, do Leão Coroado, e Zé Gomes, do Indiano. Eudes é hoje reivindicado como principal ícone de um grupo homônimo, que se auto-intitula herdeiro e continuador de sua história, em meio a complexas redefinições de identidade e memória. Este trabalho tem como objetivo discutir a performance de Eudes Chagas, suas escolhas para que ele e seu grupo obtivessem certa legitimidade em um cenário fortemente disputado como o carnaval recifense, ao mesmo tempo em que se encaminha para entender como são construídas as memórias de maracatuzeiros no tempo presente, especialmente de Eudes Chagas, identificado como um dos que supostamente participaram da trajetória do Porto Rico, de Palmares até a comunidade do Pina.

Provaremos ao subúrbio e a toda a cidade: memórias e identidades através do GRES Império Serrano

Alessandra Tavares de Souza Pessanha Barbosa(Prefeitura de

Itaguaí)

Resumo: As escolas de samba no Rio de Janeiro se constituíram como espaços privilegiados para atuação política dos moradores das comunidades. Assim as escolas de samba, extrapolaram a sua função primeira de promoção do lazer para o carnaval em direção da visibilização das comunidades a elas ligadas. Neste sentido é que nos deparamos, no Morro da Serrinha, com a fundação da Escola de Samba Império Serrano, em uma ação que remonta as redes de relações sociais baseadas em laços familiares. A memória da história da escola vincula-se a memória das famílias locais, elementos centrais de produção e reprodução de um discurso legitimador para agremiação na região.

As transformações nas condições de vida das famílias do morro da Serrinha tiveram como ponto de partida um universo local que buscou seu espaço nas políticas públicas. Através da cultura, o carnaval, desenvolvido a partir do Império Serrano pelos moradores, atraiu o olhar mesmo que passageiro, para a região. Assim esta visibilidade coletiva se deu dentro de um processo de pertencimento que se irradiou da escola de samba como um local gerador de identidades.

Através de uma espécie de discurso vencedor, desde os motivos para a fundação de uma nova escola para a região até os carnavais vencedores a identidade local foi se estabelecendo em um movimento dialético no qual o lugar passou a ser identificado pela escola de samba e esta e seus componentes pelo lugar. Assim identificamos na rede familiar do morro a Serrinha projetos próprios de através da escola de samba transpor barreiras sociais e angariar benefícios para a região e para o grupo ligado a agremiação.

Palavras chaves: Escola de Samba, identidade, sociabilidade,

rede familiar.

007. Diálogos contemporâneos: fontes orais e visuais nas pesquisas sobre memória

**Coordenação: Ana Maria Mauad de Sousa
andrade Essus, Milton Roberto Monteiro
Ribeiro- Milton Guran, Silvana Louzada da
Silva**

10/07 - Terça-feira (Tarde - 14h as 17h)

Oralidade em performance: a entrevista em audiovisual

Rosemary Fritsch Brum(NPH/UFRGS)

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados preliminares de sub-projeto próprio de pesquisa em curso. Trata-se de problematizar algumas e importantes camadas de interpretação, tais como o “durante”, isto é, a situação de produção de uma performance narrativa na entrevista de história oral quando essa se utiliza da captação em meio audiovisual, tanto mais quando a memória e o testemunho revelam-se traumáticos. Justifica-se essa proposição em razão de experiência recente. Em 2011 o Ministério da Justiça do Brasil apoiou a realização de entrevistas com ex-militantes e familiares, inclusive de desaparecidos, atingidos pela repressão desde 1964 pela ditadura civil-militar, através de pesquisa em caráter nacional e regional e intitulada Marcas da memória: a história oral da anistia no Brasil (2011-2012). A mesma foi desenvolvida regionalmente pela UFRGS/IFCH/NPH-Núcleo de Pesquisa em História. Diante desse corpus documental aponta-se para o fato de que o dispositivo audiovisual inflete na evocação e na prática da história oral tal como a conhecemos, tanto mais quando a

captação da imagem e seu entorno (equipe, roteiro, condições técnicas) pode retrair ou expandir a provocação dessa memória, muitas vezes reprimida. De modo que ligado ao NPH, o Laboratório de História Oral e outras narrativas quer agora analisar detidamente essa performance narrativa sob o prisma de uma matriz que se afigura interdisciplinar, recorrendo aos estudos sobre testemunho, dialogicidade narrativa e corporeidade diante do dispositivo imagético.

Oxalá cresçam pitangas!: Ondjaki, um cineasta angolano fala sobre sua obra.

Paula Faccini de Bastos Cruz (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Resumo: Nesta comunicação interpretamos a palestra ministrada por Ondjaki e seguida de debate, ocorrida no dia 21 de novembro de 2011, após a apresentação do filme *Oxalá cresçam pitangas – histórias de Luanda* (2006), produzido e realizado por este cineasta e Kiluanje Liberdade. Palestra e debate foram devidamente gravados. O evento, organizado pelo Cineclube do Laboratório de Estudos Africanos, do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Afrocine/LeÁfrica/IH/UFRJ), apesar de aberto ao público, contou com a presença de alunos de graduação e pós-graduação, assim também como professores de diversas disciplinas e de diferentes instituições.

A transcrição foi feita, inicialmente, a partir do material gravado, com o rigor de não se deixar perder nada daquilo que pudesse ser compreendido nos silêncios, ênfases ou reticências, e para tanto foram usados recursos gráficos, como o negrito, itálico ou parênteses. A seguir, já transcrito, o texto foi enviado para o autor, para que este pudesse retificar aquilo que sentisse

necessidade, assim como autorizasse a sua utilização em nossa atual investigação.

Nosso objetivo inicial foi precisar o lugar de produção da obra, comparar as intenções do autor com o produto realizado, e, através da elaboração de uma nova fonte primária, alargar as dimensões de nosso objeto de estudo. Em nossa pesquisa analisamos os elementos que estão construindo e afirmando identidades em Angola, sejam eles étnicos ou ocidentais, atuais ou coloniais, através do estudo do cinema produzido neste país. O que de imediato nos pareceu evidente foram as diferenças de alcance entre a palavra dita e o suporte áudio-visual. Se uma imagem, mesmo acrescida de áudio, jamais dará conta plenamente de uma palavra, o oposto é igualmente verdadeiro. O filme é um documentário que busca mostrar a vida dos jovens na complexa cidade de Luanda, após tantos anos de guerra. Os produtores escolheram dez personagens, e através deles o público entra em contato com as diferenças e semelhanças entre eles, as suas dificuldades, e, mais do que isso, sua busca por identidade e resiliência: uma força capaz de fazer renascer e seguir adiante – oxalá! No depoimento podemos ouvir do autor a razão das suas escolhas, os conflitos e as dúvidas entre os produtores, e, mais importante, perceber até que ponto a realidade e a casualidade impuseram suas próprias regras, levando os autores a um resultado diferente do programado. Algumas vezes o depoimento, muito mais do que esclarece, enriquece e acrescenta dados ao que é visto na tela; outras, no entanto, nos conta como nem sempre o resultado final condiz com a intenção dos autores.

“Jogo de cena”(2007): Memória e testemunho

Juliana Muylaert Mager

Resumo: Nesta proposta de trabalho, pretende-se apresentar

alguns aspectos de uma pesquisa de mestrado em fase de desenvolvimento no Programa de História da Universidade Federal Fluminense, na qual estabeleceu-se como objeto as relações entre história e documentário, a partir da obra do cineasta Eduardo Coutinho, especialmente o documentário *Jogo de cena* (2007). Dessa maneira, propõe-se analisar o método do diretor nos documentários em diálogo com reflexões do campo da história, elegendo como categorias privilegiadas a memória e o testemunho.

Assim, a partir da análise do papel destas duas categorias na obra de Coutinho, pretende-se evidenciar que a constituição do método próprio do diretor teve como base uma abordagem em que o testemunho e a memória atuam como elementos centrais. Nestes documentários, o enfoque está na memória pessoal/individual das personagens, ocupando o privado e o íntimo um lugar de destaque, a partir do qual as dimensões pública e/ou coletiva da memória são evocadas.

Tendo como mote o papel da memória e do testemunho, identificam-se em *Jogo de cena* continuidades e rupturas em relação ao método de Coutinho, assim mantém-se o recorte em pequena escala, a ênfase na memória pessoal e a prevalência do testemunho como elemento narrativo. No entanto, ao misturar, de forma inédita, depoimentos de mulheres com interpretações de atrizes – conhecidas e desconhecidas, o diretor propõe novas questões, retrabalhando a relação entre particular e coletivo e redefinindo a relação entre sujeito e testemunho. O deslocamento dos elementos narrativos do documentário de Coutinho faz com que novos significados sejam estabelecidos. Desse modo, pretende-se neste trabalho apresentar alguns aspectos da relação entre memória e testemunho em *Jogo de cena*, estabelecendo como foco a relação entre memória individual e coletiva. Reunião de memórias individuais (de

mulheres), Jogo de cena traz histórias de cunho pessoal, mas através de uma semelhança marcante entre o conteúdo dos depoimentos, constrói-se uma unidade para o filme que parece recolocar a questão entre memória individual/coletiva em outras bases.

Dessa maneira, acredita-se que as questões colocadas em Jogo de cena por Coutinho possibilitem pensar os temas da memória individual/coletiva e o debate sobre uma sociologia da memória realizado por historiadores e outros estudiosos da memória.

Assim, serão mobilizadas para a reflexão inquietações de historiadores dos campos da micro-história e da história oral, em diálogo com a teoria da história.

Entre Terezinha, Joana e Tereza: as múltiplas faces de uma artista plástica pernambucana.

Elizabet Soares de Souza(Colégio e Curso Gênese)

Resumo: O presente trabalho objetiva analisar a trajetória de vida da artista plástica Tereza Costa Rêgo. Nascida Terezinha e filha de uma família da aristocracia rural pernambucana, se desfez de um casamento em pleno Golpe Civil-Militar

do artista catarinense Mozart Régis, através do conjunto de fotografias que reuniu enquanto acervo, doado a Casa de Memória/ Fundação Franklin Cascaes, em Florianópolis/SC. Pituca, como ficou mais conhecido, a partir do nome emprestado do personagem, expressou-se principalmente pela via humorística, tendo atuado no rádio, teatro, cinema e televisão, entre as décadas de 1940 a 1980. As fotografias são parte do material doado a esta instituição, revelando sua atuação enquanto rádio ator, em peças infantis, em diversas produções filmicas entre 1950 e 60, destacando-se no gênero das chanchadas, ou ainda, em programas humorísticos de televisão, inclusive como roteirista.

A comunicação ocupa-se em apresentar o material reunido pelo artista, enquanto portfólio, ao mesmo tempo apontando para as possibilidades de pesquisa abertas por documentação desta natureza. Destaca-se, enquanto viés narrativo a percepção autobiográfica marcada pela seleção do material reunido por Pituca, o que permitiu a ele apresentar e representar a percepção que tinha de si, sob diversos aspectos, ainda que a atividade profissional figure com destaque.

Corumbiara: o massacre indígena e os dilemas da imagem cinematográfica

Thiago de Abreu e Lima Florencio(PUC-Rio; CNPQ)

Resumo: Este trabalho procura compreender a construção da memória visual que se estabelece a partir do encontro entre o dispositivo da câmera cinematográfica e a corporeidade indígena no filme Corumbiara (2009). O documentário mostra a trajetória de uma equipe de indigenistas que denuncia, desde os anos 80, o massacre de índios isolados, realizado pelos fazendeiros e madeireiros de Corumbiara, Rondônia. Ao ter que provar através do registro fílmico a existência dos índios para

que a FUNAI os reconheça juridicamente, o diretor trava uma relação imagética complexa e ambígua que se reflete nos dilemas de ter que perseguir o índio, assustado e agressivo diante da presença da câmera. Procura-se atentar para o jogo que se estabelece entre a câmera, fundadora de uma memória imagética para os arquivos da burocracia jurídica do Estado, e a corporeidade indígena, tendo em vista, por um lado, o trabalho de inscrição corporal dos índios diante da presença da câmera e, por outro lado, os dilemas da representação do corpo indígena para o cinegrafista.

11/07 - Quarta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Memórias visíveis: a fotografia como provocador da memória

José Roberto Gonçalves(Universidade do Vale do Sapucaí)

Resumo: Este artigo consiste de reflexões sobre o emprego da fotografia no processo de rememoração do processo de implantação da “Vila Castelo Branco” na cidade de Campinas-SP, durante a ditadura militar 1964-1985. No processo de implantação, desta “mega vila popular”, as memórias dos primeiros moradores foram suprimidas da história oficial do município, ficando registrado apenas os atos oficiais e os debates ideológicos, travados nos editoriais dos jornais locais, sobre a conveniência ou não da criação deste conjunto habitacional popular. Devido à rejeição e estigmas lançados sobre estes moradores, houve a supressão da memória do processo de ocupação deste conjunto habitacional por parte de seus moradores. Para reconstruir a historicidade deste momento histórico social, empregou-se a fotografia como provocador da memória dos primeiros moradores, criando pontos de diálogo entre o “presente contínuo” da imagem e o

passado/memória que ela evoca.

Palavras-chave: Memória, fotografia. Ditadura Militar, Campinas-SP

ENTRE AS FOTOGRAFIAS DOS RAMKOKAMEKRÁ: MEMÓRIA SOCIAL E CURT NIMUENDAJÚ

Nilvania Mirelly Amorim de Barros(UFPE/NEPE)

Resumo: A Coleção Etnográfica Carlos Estevão, além de objetos e documentos, compõe seu acervo fotografias de mais de 40 povos indígenas. Dentro delas encontramos 60 fotos do povo Ramkokamekrá-Canela, tiradas por Curt Nimuendajú ao longo de seis visitas que fez a essa etnia Timbira entre os anos de 1928 e 1936. Desse modo, essas imagens constituem um corpus riquíssimo para um estudo sobre memória social, sendo elas um registro da vida diária desse povo antes da intervenção do Serviço de Proteção do Índio no local, e correspondem há um aspecto importante de sua organização social: o Kokrit, uma sociedade cerimonial cuja festa de Máskara não mais se celebra. Este trabalho se dedica ao estudo da memória social a partir do conjunto fotográfico do povo Ramkokamekrá, sem deixar de compreendê-lo junto aos demais objetos e documentos do acervo que remetem ao povo Canela. Aqui, utilizamos como metodologia para articular uma aproximação com a memória do ritual de máskaras, a elaboração e execução em conjunto com os índios Ramkokamekrá, de uma exposição das referentes fotografias.

Aqui serão empreendidas distintas abordagens que a teoria antropológica tem desenvolvido sobre uso da imagem fotográfica enquanto instrumento de pesquisa e promoção da memória. O que essas fotos podem revelar aos novos membros Canela? Se a fotografia representa um meio de conhecimento da cena passada e, portanto, uma possibilidade de acesso à

memória visual do homem e do seu entorno sociocultural. Como os indivíduos situam as experiências que foram vividas em diferentes momentos? Buscamos assim, aprofundar o conceito de memória e apreender as possibilidades do uso da fotografia enquanto instrumento e promoção do trabalho antropológico.

Myrian Sepúlveda dos Santos (1993, p.150) ressalva que a lembrança do passado não é o ato individual de recordar, mas o resultado de laços de solidariedade, e, como tal, só pode existir porque foi constituída em relação a todo um conjunto de noções e convenções comuns, presentes em pessoas, grupos, lugares, datas, formas de linguagem, razões e idéias, isto é, em toda a vida material e moral das sociedades das quais nós fazemos ou fizemos parte. A memória é pensada através da experiência de indivíduos que se relacionam entre si e estão localizados no tempo e no espaço, onde os atores e convenções sociais “reconstroem o passado cotidianamente”.

O intuito da pesquisa não está na alusão às práticas e políticas de salvaguarda da(s) memória(s), mas sim em utilizar a compreensão e os elementos compartilhados pela memória coletiva de um grupo ao se deparar com imagens em referência ao seu costume, como meio de apreender as possibilidades teóricas e reflexivas que a discussão sobre a memória social pode trazer para o saber antropológico.

A Revista Terra como fonte de pesquisa aos espaços de espetacularização em Florianópolis/SC (1920-21)

Carolina Corbellini Rovaris(Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC), Cecília de Sousa Reibnitz(Universidade do Estado de Santa Catarina)

Resumo: A Revista Terra, periódico de caráter cultural, editado em Florianópolis, circulou nesta cidade entre os anos de 1920 e

1921. Nesta revista destaca-se a seção “Figuras da Tela e do Palco”, que apresenta a programação de espetáculos teatrais e de exibição de cinema, acompanhada de comentários críticos, à luz dos costumes e hábitos desta cidade naquele período. Esta revista constitui-se em uma importante fonte de pesquisa acerca da memória do universo da recepção de peças culturais apresentadas no contexto urbano. A seção citada aborda as novidades na exibição de filmes estrangeiros, principalmente norte-americanos, como também a chegada de companhias teatrais envolvendo espetáculos líricos ou de revista. No material consultado, destacam-se como espaços de exibição e apresentação a sala de cinema “Ponto Chic” e o Teatro Álvaro de Carvalho.

Muitas fotografias acompanham ilustrativamente os comentários realizados, além de gravuras e outros elementos decorativos. Imagens de artistas, entre atores e atrizes, em atuação em cena e/ou individuais.

Esta breve apresentação do periódico pretende evocar a importância da Revista Terra enquanto fonte documental à pesquisa histórica sobre os espaços de memória da espetacularização na cidade de Florianópolis/SC neste período. Palavras-chave: Revista Terra, teatro, cinema, Florianópolis.

Bibliografia:

COLLAÇO, Vera Regina Martins. O Teatro da União Operária – Um palco em sintonia com a modernização brasileira. Florianópolis, 2004. Tese de doutorado em História Cultural.

REVISTA RECINE. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional do Brasil, 2009.

COLLAÇO, Vera (orientadora). SANTOLIN, Rosane Faraco (bolsista). As revistas, seu público e a modernização da cidade. In: http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume3/numero1/cenicas/rosane_vera.pdf. s/d.

GOMES, Tiago de Melo. Um Espelho no Palco: Identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

Imagens como artefatos da memória: experiências narrativas de fotógrafos amadores mineiros

Lucas Mendes Menezes

Resumo: A presente comunicação apresenta um dos percursos empreendidos pela pesquisa em desenvolvimento que tem como objetivo apreender as dimensões do desenvolvimento da prática fotográfica amadora em Belo Horizonte nos anos 1950 e 1960. Para tanto, tomamos como ponto de partida a análise de entrevistas temáticas realizadas com fotógrafos amadores aficionados da capital mineira. O que está em jogo é um olhar crítico sobre as narrativas orais construídas, buscando mapear as várias experiências em que a fotografia surge como elemento representativo ou sintético.

As entrevistas realizadas foram antecipadas pelas visitas aos fotógrafos que moldaram a elaboração do roteiro. Suas dinâmicas obedeceram a um mesmo padrão e em pouco tempo a fotografia passava a protagonizar as narrativas dos entrevistados. Todavia, essas narrativas não se restringiram à fotografia tida como ideia abstrata e não estavam focadas apenas na prática fotográfica; em muitos momentos, fotografias específicas eram citadas como representativas de uma situação, de um conceito ou mesmo de uma pessoa. Além dessas imagens surgidas de maneira espontânea nas entrevistas, outro conjunto de imagens foi introduzido na discussão por iniciativa do entrevistador.

Nesta medida, nossa análise também buscará desvelar a especificidade dessas narrativas surgidas através do contato entre produtores de imagem e fotografias. Para essas

personalidades, o processo fotográfico sempre está relacionado à geração de um produto material; a fotografia é imagem, mas também é artefato. Essa materialidade implica ainda que a prática fotográfica não está presente apenas no ato de apertar o botão, mas também é marcada por momentos distintos de contemplação, aqueles que antecedem o ato e aqueles que sucedem. Os primeiros são marcados pelas experiências e escolhas do fotógrafo e influem diretamente sobre a imagem final; os seguintes possuem temporalidades distintas: aquela da revelação, a da ampliação, a do recorte e, inclusive, outras mais distantes, capazes de revestir a imagem de novos sentidos e trazer à tona um olhar acalmado que denota certo caráter de monumento ao objeto.

A História Oral e o processamento técnico de acervos arquivísticos: propostas e novas abordagens

Marcelo Nogueira de Siqueira (Arquivo Nacional)

Resumo: O processamento técnico de um acervo arquivístico envolve uma série de atividades que visa seu tratamento e preservação, objetivando sua organização, acesso e uso. Dentre tais atividades destacam-se o arranjo e a descrição, funções essenciais para a compreensão de um conjunto documental, principalmente no que tange à origem, integridade e autenticidade, no caso do arranjo, e da representação e recuperação da informação, no caso da descrição. As teorias e práticas arquivísticas indicam meios, técnicas e normas para as realizações destas funções. Contudo, pela complexidade envolvida, tais atividades nem sempre conseguem retratar como tais arquivos foram constituídos e que informações eles contém. Cabe ao arquivista buscar elementos que o informem e subsidiem na elaboração do arranjo e da descrição de um conjunto documental fazendo com que se cumpra sua função

social: o acesso e o uso destes arquivos por parte da sociedade. A utilização da História Oral como metodologia de compreensão da estrutura funcional e da história arquivística de fundos e coleções documentais é o objeto deste presente trabalho.

ACERVO, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: A DOCUMENTAÇÃO DO NÚCLEO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DA CULTURA POPULAR-NUPPO/ UFPB.

Lydiane Batista de Vasconcelos(UPE)

Resumo: Esta pesquisa visa analisar a formação do arquivo presente no Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular- NUPPO criado em 03 de janeiro de 1980 é um órgão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários e tem sua sede no térreo da Reitoria, Campus I, da Universidade Federal da Paraíba na cidade de João Pessoa. O órgão foi criado com a finalidade de promover a integração sistemática do estudo e da pesquisa da cultura popular através de equipes multidisciplinares, constituídas por servidores docentes e alunos da universidade. O NUPPO mantém o Museu da Cultura Popular criado em 22 agosto de 1978, é o órgão técnico responsável pela conservação do acervo, acesso e divulgação, promovendo exposições temporárias, além de uma exposição permanente. Desta forma buscamos analisar a experiência metodológica presente na coleta das entrevistas e imagens realizadas durante o projeto Jornada de Contadores de Estória da Paraíba sob a coordenação do professor Altimar de Alencar Pimentel. O projeto destinado à coleta, estudo e divulgação do conto popular, reuniu 1.678 narrativas onde foram entrevistados cerca de 300 narradores nos municípios: Alhandra, Antenor Navarro, Baia da Traição, Bayeux, Cabedelo, Cajazeiras,

Mamanguape, Mari, Mataraca, Patos, Pilar, Rio Tinto, Santa Helena, Santa Rita, São Miguel de Taipu, Sapé, Teixeira, Triunfo e Uiraúna.

O VISÍVEL E O NÃO-VÍSIVEL DO PASSADO: AS IMAGENS DIGITALIZADAS E OS CONFLITOS DA MEMÓRIA EM JUAZEIRO DA BAHIA

ELSON DE ASSIS RABELO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO)

Resumo: Esta proposta pretende discutir o esforço metodológico para contornar o acervo de fotografias digitalizadas da cidade de Juazeiro da Bahia que nos foi disponibilizado e tem sido tomado por nossa investigação. Inicialmente, deparamo-nos com os sérios problemas decorrentes de uma deficiente política de memória da região, desdobrada na falta de critérios arquivísticos e de sofisticação técnica manifesta no arranjo das imagens. Para fins da nossa pesquisa sobre a visualidade fotográfica e as configurações espaciais da região do Vale do rio São Francisco, além do trabalho junto às fontes escritas, as fontes orais têm servido como recurso metodológico, não apenas para localizar a autoria e a datação aproximada das imagens, mas permitindo também abordar o circuito social das imagens no passado e problematizar a memória sobre o passado recente dessa sociedade e de suas transformações, como as intervenções no rio e o crescimento das cidades. O trato com tais imagens, ao considerar como elas se inscreveram em um regime visual diferente de seu contexto de produção, tem nos levado a discutir, ainda, as formas e os interesses através dos quais o passado é apropriado pelo presente e o olhar que lhe tem sido dirigido.

Fotografias, diários de campo e coleções etnográficas: novas articulações, apropriações e ressignificações.

Nádia Philippsen Fürbringer

Resumo: Retomo o lugar das pesquisas antropológicas acerca de coleções etnográficas na pesquisa que tenho desenvolvido para a dissertação, sob orientação do Prof. Dr. Rafael Victorino Devos. Ainda que haja uma lacuna nas pesquisas em museus e/ou com coleções, a prática de colecionismo na Antropologia permaneceu em todos esses anos. Parto minha análise das coleções do antropólogo Sílvio Coelho dos Santos, que em decorrência de sua profissão de antropólogo colecionou objetos indígenas que foram doados ao Museu Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina e compõe o acervo de Etnologia Indígena. Soma-se a esse conjunto, centenas de diapositivos e Diários de Campo que foram acumulados em décadas de pesquisa. Ocorre que essas coleções estão em processo de reapropriações, as novas articulações tem ressignificado tais objetos e o próprio sistema museal, esse movimento é por mim entendido como um processo social. Essas reapropriações partem de vários lugares: há uma demanda da construção de um acervo a partir das coleções do Professor Sílvio Coelho dos Santos; a elaboração de uma exposição de curadoria compartilhada de longa duração (curadoria que integra técnicos do Museu e indígenas); e o interesse de grupos indígenas, que são os alunos da Licenciatura Indígena da UFSC (Kaingang, Xokleng e Guarani) em conhecer essas diversas coleções. Neste momento estou acompanhando e participando da construção da galeria virtual de imagens compartilhadas decorrentes de diversas pesquisas de Sílvio Coelho dos Santos. As primeiras imagens são da primeira pesquisa de campo, feita em Benjamin Constant, Amazonas, entre os Tikuna, sob orientação de Roberto Cardoso de Oliveira em junho de 1962.

Juntamente com seus diários de campo e os trabalhos decorrentes dessa pesquisa, as informações dos diapositivos são gerados e publicados no site. De tal forma a iniciar também estratégias de contribuição através de fontes orais e de comentários no site do projeto. Neste caso com a contribuição dos Tikuna e em seguida, com as outras pesquisas de campo na galeria virtual, também contempla a participação dos Guarani, Kaingang e Xokleng na construção das informações sobre estas imagens. Espera-se, nessa pesquisa, que diversos sujeitos possam contribuir na construção das memórias que contornam tanto o próprio Silvio Coelhos dos Santos e seus interlocutores em outrora, quanto o que o seu olhar enfocou em tantas imagens e descrições de seus diários de campo. São objetos que são apropriados e estão sujeitos a uma variedade de dinâmicas e carregam uma agência que une as demandas. Esta pesquisa tem analisado de que forma questões como representação, propriedade, estética e memória são negociadas neste processo, pelos diferentes sujeitos através dos objetos que vinculam uns aos outros.

12/07 - Quinta-feira (Tarde - 14h as 17h)

EU SEMPRE DIGO: o ano só começa depois do SÃO JOÃO!

ADRIANA DA SILVA OLIVEIRA(Docente)

Resumo: Cruz das Almas – BA, cidade localizada no interior baiano, especificamente na região conhecida como Recôncavo, tem como elemento festivo mais significativo a comemoração do São João. Entretanto este hábito comemorativo apresenta peculiaridades em sua execução, por seus participantes terem elegido um artefato pirotécnico como representativo da festa, as espadas – espécie de busca-pé sem estampido no final. A

produção, comercialização e uso desse artefato, que já possui aproximadamente cem anos na cidade, possibilitaram a criação de experiências partilhadas, tanto na dinâmica de fabricação, quanto no uso, ou queima que os participantes fazem desses fogos de artifício no dia de São João.

Desta maneira criaram-se relações de proximidades e transição de conhecimentos e experiências pautados nos ensinamentos dos que já possuíam um saber sobre as antigas formas de fazer, bem como se identifica na memória dos participantes o vínculo e as identidades construídas através das relações de sociabilidade que este festejo proporciona aos sujeitos que brincam a festa e para a cidade.

A partir dessas concepções procuro identificar a partir das memórias dos participantes as identidades construídas pelos sujeitos que fazem parte da manifestação na cidade de Cruz das Almas, evidenciando as experiências e tensões vividas no festejo de São João, onde acontece o principal elemento da festa traduzido na “guerra de espadas”. Importante também salientar como se dão as implicações para o campo das relações que essa manifestação oferece para os diversos grupamentos sociais existentes a partir dos relatos que estes fazem sobre suas visões e formas de conceber a manifestação.

No leque de possibilidades que a história oral nos possibilita descortinar a memória dos variados sujeitos que compõem a festa se destaca com possibilidade de leituras da festa que demonstram as variadas facetas produzidas no processo de transmissão e realização dos festejos juninos na cidade.

Narrar Outras Memórias, Contar outras Histórias: Vozes da Comunidade no Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo

maria angélica zubaran(Universidade Luterana do Brasil)

Resumo: Este trabalho analisa as memórias sociais de moradores do entorno do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, com o objetivo de mapear suas referências culturais mais recorrentes sobre o patrimônio cultural da cidade de Porto Alegre. Busca-se potencializar a função social do Museu e ampliar a diversidade social, étnica e cultural de seu acervo. Pretende-se ainda, salientar a importância da história oral para as questões relacionadas à preservação do patrimônio cultural das cidades. Parte-se do pressuposto que as referências culturais sobre a cidade extrapolam as características físicas do patrimônio cultural e se ampliam no texto constituído pela pluralidade de imagens e de representações culturais presentes nas narrativas orais de seus cidadãos. Trata-se de uma análise cultural em que as memórias coletivas de moradores do entorno do Museu são interpretadas enquanto representações culturais, constitutivas de identidades sociais e do patrimônio cultural da cidade. Entende-se que muitos elementos da história da cidade de Porto Alegre, já materialmente destruídos, permanecem no imaginário coletivo desses indivíduos. Os conceitos de história oral, memória, patrimônio cultural e museu são fundamentais neste estudo sobre as referências culturais da cidade e serão discutidos ao longo do trabalho. A relevância dessa temática está relacionada à ênfase crescente que a questão da memória e da preservação patrimonial no Brasil tem assumido nos últimos anos, conhecida como o “boom da memória e do patrimônio” e articula-se ainda, a importância de se problematizar as representações culturais sobre as memórias e o patrimônio cultural na conjuntura da globalização cultural. Neste estudo, trata-se de investigar como a cidade e o museu se constituem nas memórias sobre o espaço urbano de Porto Alegre, não com a pretensão de compreender integralmente essa cidade texto, mas para fazer da experiência cotidiana um objeto de

permanente reflexão e debate e mantê-la viva dentro do espaço museal.

Valorização da memória étnica italiana: o caso Colônia Maciel/Pelotas-RS

Cristiano Gehrke

Resumo: A idéia deste trabalho é fazer uma análise sobre a forma como ocorreu o processo da valorização da memória dita coletiva e fazer uma análise de quais foram as motivações que levaram a comunidade moradora da Colônia Maciel, 8º distrito da cidade de Pelotas/Rio Grande do Sul, em doar seus objetos pessoais para compor o acervo do Museu Etnográfico da Colônia Maciel, bem como tentar identificar o porquê da relevância de algumas fotografias, na construção desta identidade coletiva, na medida em que são reivindicados por diferentes atores sociais.

No transcorrer do artigo, pretende-se traçar um breve histórico sobre a formação multiétnica da Serra dos Tapes e dar um enfoque especial a localidade que serve de foco de estudo, onde, baseado na singularidade étnica de tal região, foi inaugurado um museu dedicado à memória dos descendentes dos imigrantes italianos que criaram aquela colônia na década de 1880. Este histórico será baseado principalmente no acervo de 42 entrevistas que compõe o banco de História Oral do Museu Etnográfico da Colônia Maciel, criando através de um projeto de pesquisa da Universidade Federal de Pelotas, que visava a recuperar e preservar a memória da comunidade italiana pelotense.

Promesseiros de Sergipe: fontes orais e visuais do catolicismo popular no Nordeste brasileiro

Magno Francisco de Jesus Santos(Prefeitura Municipal de

Itaporanga d'Ajuda)

Resumo: Diante dos infortúnios da vida, o homem simples volta-se para o céu. Roga aos santos por suas angústias. Suplica a Deus às benesses cotidianas. Diante da graça alcançada, esse mesmo homem simples não resigna-se em ingratidão, mas sim retorna ao sagrado, reveste-se de penitência, caminha em direção ao santuário para cumprir a desobriga, pagar a sua promessa diante do olhar atento de imagens sacras. O propósito desse artigo é discutir as possibilidades de uso das fontes orais e visuais na investigação sobre a religiosidade popular católica em Sergipe, principalmente no que concerne a romaria do Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão, que todos os anos reúne cerca de duzentos mil devotos em procissões penitenciais.

Aguadeiras, Lavadeiras e Caroteiros - trabalhadores de ganho entre a memória e o esquecimento na cidade de Conquista entre 1920 e 1940.

Ednair Carvalho Rocha (Universidade do Estado da Bahia)

Resumo: A Cidade de Conquista localizada no Sudoeste da Bahia, neste período foi marcada por conflitos e tensões de problemas intrínsecos originados por questões de ordem política, que gestava um confronto direto e constante pela posse do poder municipal, mediante as práticas convencionadas pelos chefes da oligarquia local, quanto por questões de ordem externa trazidas pelas epidemias, secas, aumento abusivo dos gêneros alimentícios e, deficiência de um mercado de trabalho. Como investigar os trabalhadores de ganho na cidade? Esses trabalhadores da cidade insurgem para a história neste arcabouço de mediações no levantamento das diferenças. Percebemos a importância de investigar esta história a partir dos acervos fotográficos institucionais construídos na cidade, como

também na escrita dos jornais da época e dos memorialistas locais, para buscar compreender as construções de memórias sobre esses sujeitos que improvisaram suas práticas cotidianas e de trabalho, deixando aparecer conflitos e embates imprimindo a marca da sua trajetória em múltiplas territorialidades. Como esses sujeitos encontram-se invisibilizados pela documentação, debitamos nossas indagações nas construções narrativas direcionando o olhar sobre as imagens fotográficas reveladas no período e os desdobramentos das narrativas orais dos moradores que habitam e vivem nesse espaço da cidade. Desta forma, buscamos refletir sobre os conflitos, embates e lutas deste sujeitos que estavam excluídos das “fugas” de uma memória seletiva e lacunar.

Memória e imagem na construção da história dos artesãos ceramistas de Icoaraci/Belém/PA.

Telma Saraiva dos Santos (Professora bolsista)

Resumo: No presente estudo tratarei da história do artesanato cerâmico de Icoaraci/Belém/PA conhecido como “Cerâmica Marajoara”, iniciado por volta dos anos de 1950. O bairro do Paracuri (núcleo desta produção) já produzia desde o século XIX cerâmica utilitária, telhas e outros materiais de construção. Porém as primeiras mudanças visíveis neste artesanato iniciaram-se por volta dos anos de 1960. Segundo a fala da maioria dos entrevistados, foi ressaltado que a partir da chegada ao mercado local de produtos plásticos e de alumínio, esse tipo de cerâmica sofreu modificações, porém esse fato, para eles, não foi o único a influenciar nessas mudanças. Nas recentes entrevistas realizadas no bairro, observamos nas falas de alguns a importância de um artesão não conhecido nas histórias “oficiais” sobre o surgimento do artesanato ornamental. O qual nos apresentou um considerável arquivo de imagens de pinturas

feitos anos anteriores. Utilizamos neste trabalho a história oral como método imprescindível para pesquisa, porque ela resolve parte do problema da documentação da cultura popular ou cultura subalterna que quase sempre é indireta como escreveu Carlos Ginzburg, porém como se trata de uma pesquisa contemporânea, essas falas diretas servem de testemunhos de seu tempo, e por tanto são documentos diretos para análise e compreensão dessa cultura.

Faces do espelho: sentimentos e (res)sentimentos dos pobres urbanos de Teresina na primeira metade da década de 1970
Kllaricy Oliveira de Almeida(Instituto Dom Barreto)

Resumo: Este trabalho tem como objeto a cidade de Teresina, capital do Piauí, na primeira metade da década de 1970. Transformada em canteiro de obras, a capital piauiense torna-se, na década de 1970, o novo endereço do progresso, este simbolizado pela “febre modernizadora” aquecida por um projeto de embelezamento que imprimiu na cidade um acelerado processo de mudanças em seu perímetro urbano, cuja via de concretização foi a expulsão dos pobres residentes em favelas estabelecidas nas proximidades do centro urbano para regiões ainda não ocupadas e sem as mínimas condições estruturais necessárias a uma sobrevivência digna. Na tentativa de compreender os sentimentos e (res)sentimentos dos moradores transferidos e as representações produzidas sobre eles, tomou-se as narrativas orais dos atores sociais em destaque e o conjunto imagético dos principais periódicos de circulação no período como eixos de análise.

13/07 - Sexta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Quem são os inimigos? Imagens e memórias através dos cartazes, panfletos e jornais confiscados pela Delegacia de

Ordem Política e Social do Estado do Espírito Santo (DOPS/ES)

Pedro Ernesto Fagundes(Universidade Federal do Espírito Santo - UFES)

Resumo: O objetivo central do trabalho é analisar o conjunto documental (cartazes, panfletos e jornais) do acervo da Delegacia de Ordem Política e Social do Estado do Espírito Santo (DOPS/ES). Esse órgão do Estado foi criado para vigiar e espionar os elementos suspeitos de subversão, principalmente, durante as ditaduras brasileiras: Estado Novo (1937-1945) e Ditadura Militar (1964-1985). Para cumprir tal tarefa o DOPS/ES produziu conjuntos documentais amplos e diversificados, constituído por: pedidos de busca, atestados de conduta ideológica, inquéritos policiais, dossiês, fotografias, jornais, panfletos e cartazes. Entre essas séries encontram-se centenas de cartazes, panfletos e jornais produzidos por sindicatos, movimento estudantil, partidos políticos clandestinos e legais, propaganda eleitoral e entidades ligadas aos direitos humanos. Esse acervo permite conhecer parte da rotina desse órgão de repressão. Sendo assim, nossa meta é investigar - através dos arquivos da polícia política - a construção social dos chamados “subversivos”.

OS “CLICS” DO ESPETÁCULO: FOTOJORNALISMO NA PARAÍBA EM FESTA (1935-1945)

JOSÉ LUCIANO DE QUEIROZ AIRES(UFPE)

Resumo: Esta comunicação pretende discutir os usos da fotografia de imprensa pelo Estado, na Paraíba, no decorrer da Era Vargas. Notadamente, o fotojornalismo do periódico oficial, A União, buscando interpretar os significados intrínsecos ao processo de fabrico de um imaginário visual das interventorias de Argemiro de Figueiredo e Ruy Carneiro. Esse artigo, porém, fundamenta-se, teoricamente, em leituras de autores como

Erwim Panofsky, Phillipe Dubois, Walter Benjamin e Roland Barthes. Na historiografia brasileira, meu diálogo é com autores como Boris Kossoy, Ana Maria Mauad e Ciro Flamarion. Parto do pressuposto de que, no período em estudo, o governo paraibano deu ênfase considerável aos usos das imagens como forma de busca de legitimidade política pelas vias da espetacularização.

Fot Jornalismo – narrativas visuais e orais na experiência contemporânea

Aryanny Thays da Silva

Resumo: No panorama dos estudos sobre o fotojornalismo no Brasil contemporâneo, o simpósio orienta-se pela análise da atividade fotojornalística como elemento que produz significados para a construção da História. Para tal, o testemunho oral do fotógrafo pernambucano Alcir Lacerda sobre suas vivências como fotojornalista na Revista Manchete e uma matéria com fotografias de autoria não confirmada servem de apoio para pensar os sentidos da história pelas estratégias da imprensa ilustrada. Ambas as fontes compõe um quadro onde as narrativas visuais e orais delineiam o fotojornalismo como elemento da experiência histórica contemporânea.

A eleição de 1982 no Pará: Memórias, imagens fotográficas e narrativas históricas

Edilza Joana Oliveira Fontes(Universidade Federal do Pará)

Resumo: Em 2012, completaremos 30 anos das primeiras eleições para governadores dos estados no Brasil, após o golpe militar de 1964. Estas eleições mudaram o cenário político do país, pois a oposição ganhou em estados importantes e os novos governadores se engajaram na campanha das diretas já, ocorrido em 84.

Rememorar 1982 no Pará, buscar registrar depoimentos dos sujeitos envolvidos, analisar os registros fotográficos das eleições é um dos objetivos da comunicação. Fazer o diálogo hoje das memórias dos envolvidos e a partir dos registros fotográficos rememorar 82 é a proposta da comunicação que trabalha com fontes fotográficas e com memórias.

A democracia no Brasil no século XX, foi várias vezes interrompidas por golpes militares e durante muitos anos nosso país foi governado por governantes centralizados, e teve o estado de direito suspenso. As eleições de 1982 simbolizam a volta das eleições diretas para o governo do estado e a luta da sociedade civil organizada para volta da democracia representativa.

O ano de 1982 representava um momento de enfraquecimento do regime militar, um momento de crise do então “Milagre Brasileiro” e no Pará representa também a ruptura do então governador do estado, coronel Alacid Nunes com o coronel Jarbas Passarinho, dois militares que apoiaram o golpe de 64, e que as disputas internas no bloco hegemônico levou a uma ruptura entre eles, que possibilitou a vitória do candidato de oposição deputado federal Jader Barbalho do PMDB.

Rememorar 1982, a campanha, as coligações, os debates, os programas partidários, as propostas de projeto para Amazônia, a reorganização da Sociedade civil, o debate sobre regimes militares, é uma contribuição necessária para o conhecimento histórico sobre a História do Pará, e são instrumentos importantes para o estudo da história política de nosso país, e para o entendimento por parte de nossa juventude, do esforço feito para derrotar os regimes militares no Brasil.

Imagens com movimento: uma análise das fotografias do movimento estudantil mexicano e da noite de Tlatelolco de

1968.

Larissa Jacheta Riberti

Resumo: Há mais de quarenta anos do movimento estudantil mexicano e do Massacre de Tlatelolco de 1968, inúmeras são as fontes que podem ser consultadas por historiadores e demais pesquisadores. Dentre elas, as imagens constituem um importante acervo que auxilia na compreensão daquele ano. O objetivo dessa análise, portanto, é compreender o conjunto das imagens presentes na obra *La noche de Tlatelolco: testimonios de historia oral*, de Elena Poniatowska. A discussão torna-se necessária uma vez que as imagens fazem parte da constituição da obra e também fornecem importantes dados para compreendermos a construção da memória daquele momento. Juntamente com os testemunhos que compõem a obra, as imagens vão além da função de ilustração, por outro lado, corroboram uma visão dos acontecimentos daquele ano e explicitam o posicionamento da autora – e também dos fotógrafos – diante daquele momento. Compilados pela autora, imagens e testemunhos proporcionam uma maneira específica de interpretar e significar o passado.

“ANISTIA PARA TODOS”, “ABAIXO A REPRESSÃO”: a campanha pela Anistia de 1979 em Recife a partir do uso de pichações nos muros da cidade.

Thiago Nunes Soares (Prefeitura de Caruaru/PE)

Resumo: Durante a ditadura civil-militar, pichar foi a prática de escrever geralmente com spray, tinta e pincel, frases em paredes, muros e outros espaços da cidade. Durante esse período os discursos dessas escritas muitas vezes possuíram um forte cunho político, ao registrarem, sobretudo, a luta pelo fim da ditadura e pelo respeito aos direitos humanos, com o intuito de formar opiniões e mobilizar a população para lutar por

melhorias sociais e pelo retorno à democracia no país, cerceada desde 1964. Essa atividade realizada por diversos segmentos sociais foi bastante perigosa de ser executada, pois foi proibida por leis e vigiada e reprimida pela polícia política, com destaque para a atuação dos agentes do DOPS-PE. A partir da análise de relatos de memória, fotografias, jornais e documentos policiais, discutiremos neste trabalho a respeito da campanha pela Anistia de 1979 em Recife, tendo como fio condutor das nossas discussões a relevância do uso de pichações na cidade durante esse momento.

Palavras-chave: Pichações; Anistia; Recife.

008. Fontes orais, arquivos orais e arquivos sonoros: limites e possibilidades para a história do tempo presente

Coordenação: Viviane Trindade Borges

10/07 - Terça-feira (Tarde - 14h as 17h)

Gravando falas, tecendo fontes: problematizando o uso de entrevistas realizadas por terceiros

Viviane Trindade Borges(UDESC)

Resumo: A presente comunicação pretende problematizar o uso pelos historiadores de entrevistas realizadas por outros pesquisadores, promovendo a discussão a respeito das particularidades de tais documentos. Para isso procuro trazer alguns exemplos de experiências de pesquisa que acabaram motivando tais preocupações, apontando algumas questões de ordem metodológica que inquietam os historiadores do tempo presente. Assim, intenciona-se problematizar as falas gravadas por outros pesquisadores, ou seja, fontes orais, arquivos

orais e arquivos sonoros, pensando suas potencialidades e especificidades.

A experiência do Museu da Pessoa: a história do cotidiano em bits e bytes

Rosali Maria Nunes Henriques

Resumo: O Museu da Pessoa é um museu virtual criado na cidade de São Paulo, no Brasil, em 1991, por um grupo de historiadores e jornalistas. A ideia que deu origem ao Museu da Pessoa e a sua própria trajetória reforça a importância das histórias pessoais para a preservação da memória coletiva e social. O foco do trabalho do Museu da Pessoa é o registro, preservação e divulgação das histórias de vida das pessoas, e os seus objetivos apontam para a socialização da memória através da internet.

O Museu da Pessoa é uma experiência nova na museologia. Não só por seu caráter virtual, o que não deixa de ser uma novidade, mas pela especificidade de sua configuração. Um museu voltado para as histórias de vida das pessoas, embora não seja uma ideia completamente nova, trouxe um novo enfoque, uma vez que sua proposta é valorização das histórias das pessoas comuns e não dos famosos. A perspectiva dos relatos dos anônimos coletadas pelo Museu da Pessoa traz para o patrimônio de uma determinada sociedade uma visão mais abrangente e dinâmica.

A proposta desta apresentação é discutir a trajetória do Museu da Pessoa dentro da perspectiva da história do presente.

Bairro Serviluz: as representações dos jornais O Povo e Diário do Nordeste e a memória social dos moradores (1982-1992)

Flávio da Conceição(Colégio Moreira Menezes)

Resumo: Este trabalho objetiva proporcionar uma reflexão sobre as representações dos jornais O Povo e Diário do Nordeste acerca do bairro Serviluz e a memória social dos moradores entre os anos de 1982 e 1992. A pesquisa surgiu a partir de uma lacuna historiográfica com indícios de notícias que depreciam o bairro. A discussão é necessária porque até então se encontra estabelecido, em algumas matérias desses jornais, um bairro de “desocupados”, de “lixo”, de “pobreza”, de “prostituição” e de “promiscuidade”. As matérias, no entanto, não condiziam com a realidade local vivida pelos moradores, conforme levantamento bibliográfico e as fontes orais. Nesse período histórico, quando as matérias jornalísticas são veiculadas, os moradores da região encontravam-se organizados e elaborando “táticas” para angariar benefícios, a exemplo do ocorrido em período de eleições que possibilitou inclusive a construção de escolas comunitárias. As fontes orais são relevantes por apresentarem suas memórias sobre o bairro. Sendo assim, a pesquisa visa, com auxílio da história oral, analisar e compreender a memória social do Serviluz a partir da vivência de oito moradores e relacioná-las com as matérias publicadas sobre o bairro nos jornais O Povo e Diário do Nordeste.

Palavras chave: Memória Social, Representação, Mídia Impressa.

A Universidade Federal do Rio de Janeiro e as suas memórias

Andréa Cristina de Barros Queiroz (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Resumo: Este estudo possui íntima ligação com o trabalho desenvolvido pelo Projeto “Memória, Documentação e

Pesquisa” coordenado pela Divisão de Memória Institucional do Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBI) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Percebemos a necessidade de se estabelecer estudos que viabilizassem a preservação e a análise do conjunto de acervos documentais, arquitetônicos e as memórias dos sujeitos que contribuíram na constituição da UFRJ: docentes, servidores técnico-administrativos, discentes e a comunidade ao redor dos diferentes campi. Por isso que, desde 2010, ano em que a UFRJ comemorou os seus 90 anos, começamos a fazer o levantamento e a pesquisa de quem eram esses sujeitos e para assim, posteriormente, coletar os seus depoimentos, os quais serão organizados e disponibilizados para a consulta pública na base de dados Minerva da Universidade. Visamos, com isso, não apenas registrar, como também analisar os relatos das diferentes e fragmentadas memórias que contribuíram na produção e na circulação do paradigma da “Universidade do Brasil”.

Hassis o arquivista: problematizando a preservação de arquivos sonoros.

Karla Simone Willemann Schutz

Resumo: Vinculado ao projeto intitulado “Um acervo autobiográfico: preservação, patrimonialização e memória na Fundação Hassis”, o presente pôster tem como intuito apresentar os resultados do trabalho de conservação, digitalização e transcrição de parte do acervo pertencente à Fundação Hassis, instituição que abriga obras de arte e outros objetos como fotografias, slides, livros, recortes de jornal, fitas VHS e K7, que durante anos foram produzidos e guardados por Hiedy de Assis Correa, o Hassis, artista plástico que teve relevante papel dentro da arte catarinense. Dentro deste grande acervo, foram tomados como foco principal slides e fitas K7, o

primeiro contendo principalmente fotos de família e o segundo gravações de entrevistas que o artista cedeu à alguns jornalistas catarinenses, bem como arquivos sonoros gravados por ele próprio. O projeto visa assim contribuir para a história da arte em Santa Catarina preservando este importante acervo, principalmente de gravações em fita K7, e o disponibilizando, através de suporte digital, a futuros pesquisadores.

A organização do acervo de fontes orais pertencentes ao Centro de Documentação e Pesquisa do Hospital Colônia Sant'Ana (CEDOPE-HCS)

Bruna da Silveira Viana

Resumo: O Centro de Documentação e Pesquisa do Hospital Colônia Sant'ana (CEDOPE) foi criado ao longo do segundo semestre de 2011 com o objetivo de salvaguardar a documentação referente ao antigo Hospital Colônia Sant'Ana, hoje Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina – Ipq/SC. O Centro criado conta com um acervo de depoimentos de funcionários que trabalharam no Hospital na década de 1970, registrados por diferentes pesquisadoras da área da saúde e doados à instituição, bem como intenciona dar início à realização de entrevistas com pessoas que atuaram na instituição, pacientes e moradores da comunidade local. O objetivo deste trabalho é expor a forma como este processo de salvaguarda vem sendo realizado, bem como as possibilidades de pesquisa a partir do acervo de fontes orais do Hospital.

Os desafios de organizar acervos de fontes orais: o caso do Núcleo de Pesquisa, Documentação e Referência sobre Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo (CPDA/UFRRJ)

Juliana Ramos Luiz(CPDA/UFRRJ), Marco Antonio dos Santos

Teixeira

Resumo: O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão sobre a experiência de organização do acervo de entrevistas do Núcleo de Pesquisa, Documentação e Referência sobre Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo do Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). Em um primeiro momento, o trabalho terá um caráter mais descritivo, no qual será feita a apresentação do Núcleo, que é composto por uma diversidade tipológica de documentos e unidade temática. Será dado destaque nesta apresentação ao setor entrevistas, objeto de interesse deste trabalho. Em seguida, pretende-se expor as reflexões, impasses e desafios vivenciados pela equipe no trabalho de organização das fontes orais. O acervo de entrevistas do Núcleo é constituído por doações feitas por diferentes pesquisadores. Assim, uma das principais reflexões que se faz necessária é como lidar com este material proveniente de diferentes doações e que não foi produzido com vistas a fazer parte de um centro de documentação e/ou arquivo. Quais as implicações disto para a organização deste material? Há ainda outras perguntas que fazem parte do cotidiano do trabalho de organização deste material: quais as especificidades das fontes orais voltadas para o tema movimentos sociais e políticas públicas do campo? Como trabalhar, na catalogação ou na pesquisa, com entrevistas produzidas nos mais diversos contextos históricos, por diferentes tipos de profissionais: historiadores, sociólogos, antropólogos entre outros? Como tem sido os usos destas entrevistas pelos pesquisadores que consultam as fontes orais existentes no Núcleo?

REFLEXÕES SOBRE AS “RODAS DE CONVERSA”

COMO FONTE PARA O ESTUDOS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS URBANOS E RURAIS

Pere Petit(FHIS-UFPA)

Resumo: Esta comunicação está destinada a refletir a respeito de algumas experiências realizadas, nos últimos anos, em Belém (Pará), inseridas na perspectiva metodológica de trabalho com fontes orais, concretamente na técnica de pesquisa que denominamos “Entrevista Coletiva” ou “Rodas de Conversa”, nas quais são compartilhadas histórias de vida, histórias de luta, esperanças e frustrações. Experiência realizada por mim com membros do Movimento dos Sem Terra (MST) e por outros pesquisadores que estudam o movimento estudantil, movimentos sociais e culturais urbanos na capital do Pará no recorte do tempo histórico da História do Tempo Presente. Também serão incluídas na comunicação as nossas reflexões sobre as quatro “Rodas de Conversa” que foram realizadas no I Congresso Pan-Amazônico e VII Encontro da Região Norte de História Oral.

Gravação e preservação digital: transformações e desafios em registros de entrevistas de história oral

Marco Dreer Buarque(Funcionário)

Resumo: O Manual de História Oral do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, de autoria de Verena Alberti, teve sua primeira edição em 1990. Deste ano até hoje, muitas mudanças tecnológicas ocorreram nos modos de se gravar e de se preservar as entrevistas de História Oral. Mas certamente o impacto mais profundo que se deu ao longo desses anos foi a introdução das ferramentas digitais, que transformaram as maneiras pelas quais os documentos sonoros e audiovisuais passaram a ser gerados, preservados e difundidos. Neste ano de 2012 uma nova edição do Manual, revista e ampliada, será

lançada, incluindo todo um capítulo, de minha autoria, voltado para essas questões. A proposta deste paper, portanto, é apresentar os principais tópicos abordados nesse novo capítulo do Manual, que tem o intuito de orientar os interessados na metodologia da história oral acerca das possibilidades e desafios trazidos pelo digital, tanto no que se refere ao uso de gravadores e câmeras digitais portáteis em situações de entrevista, quanto no que tange às questões relativas à preservação digital dos documentos. O novo capítulo do Manual também incluirá os novos meios de difusão proporcionados pela chegada da Internet, os quais permitiram dinamizar substancialmente o acesso aos documentos de história oral, sobretudo por meio de vídeos e arquivos sonoros.

11/07 - Quarta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Eu Prefiro as Curvas da Memória: Uma Análise de Narrativas de Fãs-Militantes sobre o Cantor Roberto Carlos.

Edmilson Alves Maia Junior(Universidade Estadual do Ceará)

Resumo: Na pesquisa interpreto memórias concebidas por fãs que “militam” a favor da obra do cantor Roberto Carlos a partir da montagem de coleções de objetos sobre o artista. Analiso alguns colecionadores de todo o Brasil, fãs representativos em relação ao reconhecimento por parte do artista, da mídia e da própria rede de colecionadores existentes. Discutirei na comunicação algumas conversas realizadas com fãs que há décadas vêm juntando materiais (discos, fotos, cds, jornais, revistas, objetos de variados tipos..)e executaram a criação de “memórias militantes” sobre o artista através de sites, memoriais, coleções e acervos. Reflito como estes fãs realizaram leituras diferenciadas do período de 1959-2009 (os

50 anos de carreira de Roberto Carlos – com destaque para análise do período da ditadura de 1964-1985) e sobre o papel do artista nas suas histórias de vidas e como viveram representações sobre ele. Debato, a partir de suas leituras sobre esse período, como os fãs estabeleceram critérios para as Coleções e, portanto, para o uso político das memórias e a recriação\mobilização de um imaginário sobre Roberto Carlos. Meu objeto de investigação é justamente a compreensão da historicidade dessa teia de relações criada em torno do artista por esses fãs-militantes. Tento ver como, e porque, algumas dessas “memórias militantes” foram construídas e perceber como os fãs geraram (re) elaborações e ampliações de significados da obra do cantor. Debaterei mais detidamente o estudo de narrativas de fãs que montaram Acervos e Coleções sobre Roberto Carlos, os usos, as classificações e os deslocamentos de objetos acumulados, discutindo a legitimidade que os fãs visam criar perante outros colecionadores, a sociedade em geral e o próprio artista. Com a interpretação dessas narrativas de “fãs-militantes” temos as possibilidades de perceber como recriaram seu lugar de fãs e tecem falas que organizam a centralidade da figura do artista em suas vidas. Cada fã conta como se ligou ao artista suas semelhanças e idiossincrasias em relação a outros fãs. Nas conversas de horas com cada fã eles narram suas peripécias em shows, suas dificuldades e alegrias ao longo dos anos em montarem suas coleções, seus contatos com o cantor, como o conseguiram, as várias formas de reverenciar a memória de Roberto Carlos, narram pontos e fatos principais da carreira do artista se apresentando como legítimos memorialistas dos marcos de sua vida e carreira. Nas falas dos fãs temos como entendem, sentem, elaboram e vivem essa teia de memórias sobre o artista, como apresentam suas trajetórias e suas visões

sobre o papel do artista no mundo, sobre como os fãs viveram e representam as relações entre Indústria Cultural e Sociedade especificamente no período da modernização conservadora engendrada no seio da ditadura de 1964-1985 no Brasil. Os “narradores-colecionadores” são vistos, escutados, e estudados como protagonistas na reelaboração e vivências de diferentes sentidos sobre o mito Roberto Carlos.

O cuidado de si na formação do sujeito professor na análise dos relatos das práticas formativas de professores de cursos de Licenciatura

regina lucia ferreira cravo(universidade estacio de sá)

Resumo: Uma reflexão sobre o processo de formação de professores é proposta neste estudo através da discussão de algumas estratégias de formação do “sujeito professor” nas relações pedagógicas desses cursos. Para cumprimento da proposta, o estudo organiza-se de modo a explicitar o sentido do “cuidado de si” na sociedade, conforme proposto por Foucault primeiramente e Larrosa, nos anos noventa especificamente, nas práticas educativas de professores formadores. O estudo busca, através da análise de relatos orais de professores sobre suas práticas nos cursos de Licenciatura aqui revisitados, perceber indícios dessa dinâmica em tais cursos, especialmente em algumas de suas relações pedagógicas de formação mais significativas, como as práticas metodológicas e curriculares.

Histórias e memórias do Aikido no Brasil: a invenção das tradições ou a tradição das invenções?

Rodrigo Cribari Prado(Faculdades Integradas do Brasil - UniBrasil)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar e discutir os limites e possibilidades do uso da História Oral

como procedimento metodológico para a interpretação das memórias e tradições acerca da presença do Aikido no Brasil. A expressão japonesa Aikido é geralmente traduzida como o “caminho de harmonização das energias”, ou como “a arte da paz” (NATALI, 1985; STEVENS, 2007; PRANIN, 2010). Paradoxalmente no Brasil, desde sua chegada entre as décadas de 1950 e 60, a sua história reflete os conflitos entre diferentes grupos e agentes que procuram reivindicar o monopólio sobre sua tradição, invocando como critério de legitimidade e “poder simbólico” (BOURDIEU, 2007) a figura de seu Sensei (Mestre) como o “verdadeiro” precursor deste caminho marcial. A hipótese a ser futuramente verificada é a de que a introdução do Aikido no Brasil é constituída de uma ou mais “tradições inventadas” (HOBSBAWM; RANGER, 1997).

Palavras-chave: Aikido-Memória-Tradição

“Agora eu sou uma estrela”: memória e construção de identidade por Elis Regina

Andrea Maria Vizzotto Alcântara Lopes

Resumo: Em sua trajetória artística, Elis Regina buscou constantemente novos referenciais musicais, redefinindo-se política e esteticamente com a construção de uma nova “imagem de si”. A relação da artista com a indústria fonográfica, a televisão e a crítica musical foi marcada por tensões, ambiguidades e constantes transformações. A partir das reflexões apresentadas por Michel Pollak (1992), propõe-se a discussão da construção de memória e de identidade por parte da cantora Elis Regina.

O conceito de performance, desenvolvido por Paul Zumthor, tem ajudado a pensar como Elis Regina produz mudanças na sua trajetória, pois ela não perde de vista o público a que dirigirá sua obra. Acredito que também pode auxiliar a pensar

as outras formas de expressão e posicionamento da artista, como nas entrevistas aqui analisadas, pois Zumthor propõe que se pense o circuito que une emissor, texto e receptor, considerando-os de forma interativa e relacional. Assim, procuro não só apreender a construção de identidades por Elis Regina, mas também perceber as expectativas depositadas sobre ela, as críticas e cobranças a ela realizadas. Assim, tem-se um diálogo e é nessas trocas que busco entender os seus diferentes posicionamentos.

Neste artigo, proponho como fontes para a discussão duas entrevistas televisivas concedidas por Elis Regina em diferentes contextos e que permitem perceber as motivações para as identidades que estão sendo construídas. O programa MPB Especial – atualmente chamado Ensaio – apresentado pela TV Cultura em 1973, é composto por depoimentos da artista a perguntas ocultas dirigidas a ela, como se fosse uma narrativa espontânea e não orientada. Entre as falas são intercaladas interpretações ao vivo de algumas canções que de alguma forma se relacionam com os temas debatidos. A outra entrevista foi realizada no início de 1982, alguns dias antes de sua morte. Trata-se do programa “Jogo da Verdade”, da mesma emissora, e contou com a participação de Zuza Homem de Mello e Maurício Kubrusly, além de outras intervenções de pessoas não presentes no estúdio do programa.

Do ponto de vista metodológico o objetivo, ao utilizar as entrevistas televisivas, é articular não só o conteúdo da sua fala, mas também outros elementos formais referentes à inflexão, entonação e expressão dessa mesma voz falada, ao mesmo tempo em que perceber os seus gestos corporais, além da seleção das canções e da interpretação vocal – no caso do MPB Especial –, considerando que todos esses elementos são importantes para a configuração de sentidos.

Referências:

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: Estudos Históricos, vol. 5, nº 10, 1992.

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção e leitura. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

O Laboratório de História Oral da UFPel

Eduarda Borges da Silva (Universidade Federal de Pelotas)

Resumo: O Laboratório de História Oral (LHO), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), foi fundado em 2010, para ser um local de arquivamento do acervo audiovisual e escrito de entrevistas e das demais atividades que englobam a metodologia de História Oral. Este “banco de memórias” é continuamente acrescido por narrativas, novos projetos de pesquisas, pela colaboração de professores, estagiários, bolsistas e voluntários que se interessam pela metodologia referida. O arquivo está em fase de organização, motivo pelo qual ainda não foi aberto ao público, porém muitos acadêmicos já realizam pesquisas em sua documentação. O LHO, além de desenvolver atividades vinculadas ao Núcleo de Documentação Histórica (NDH), como entrevistas transcrições, guarda de acervo, serve de espaço para práticas de intervenção de alunos dos cursos de História (Bacharelado e Licenciatura) e sediou, em maio de 2011, o VI Encontro Regional Sul de História Oral: Narrativas, Fronteiras e Identidades. Em suma, o LHO afirma-se como um dos locais de produção do conhecimento histórico dentro da UFPel, pela especificidade do seu acervo e do seu “modo de fazer história”, pelo debate metodológico e histórico que proporciona, e por persistir no objetivo de organizar documentos para disponibilizá-lo ao público, em respeito a

quem produziu e produz estes materiais, ou seja, os narradores e os entrevistadores. Ao agregar arquivamento, debate e acesso, o LHO se torna não somente um arquivo de narrativas em História Oral, mas um local de reflexão desse modo tão peculiar de se construir fontes históricas.

História oral e formalidades metodológicas

Magdalena Maria de Almeida(Universidade de Pernambuco)

Resumo: Promover uma reflexão acerca da utilização exclusiva da entrevista individual como parte da chamada história oral, técnica que oferece suporte à produção historiográfica, a partir da coleta de depoimentos, é o objetivo prioritário nesta discussão. O uso de fontes orais é recurso utilizado nas ciências sociais, de modo geral baseando-se na quantificação para construção de análises qualitativas; na produção historiográfica da atualidade, por meio da chamada história oral, é particularmente voltado para a pesquisa qualitativa.

A história oral, por intermédio de entrevistas, tem por base as memórias individuais e é principalmente neste aspecto que se baseiam os pesquisadores para distingui-la das diversas estratégias de pesquisa social que se utilizam de fontes orais. Como técnica que produz fontes, a história oral carrega alguns problemas relativos à coleta de depoimentos que podem torná-los discutíveis, em termos de sua confiabilidade como fonte de pesquisa. Considere-se que “a crítica aos relatos orais deve constituir-se em instrumento de investigação das suas próprias condições de produção – o lugar social em que a pesquisa está circunscrita, como se procede com as demais fontes” (GUIMARÃES NETO, 2006, p.46).

A entrevista individual é uma forma de coleta de depoimentos, mas a fonte de pesquisa, baseada na oralidade, pode ser construída além da entrevista individual. De outro ângulo, o

depoimento individual pode constituir-se valiosa fonte, ainda que não se constitua entrevista formal. Da mesma maneira, o produto de debates, realizados sob a forma de reuniões, pode trazer à tona importantes informações para constituição de objetos de um projeto de pesquisa. Concebo uma possibilidade de interpretação de depoimentos, através da utilização de registros de reuniões, na forma de atas ou qualquer outro tipo de suporte de memória, ou da captura de falas com ou sem compromisso formal com sua doação, amparado ou não no anonimato de quem diz. A base desta discussão é a captura de discursos que o pesquisador identifique como relacionados ao seu objeto de estudo, ainda que estes discursos não integrem um conjunto sistematizado de fontes ou não faça parte de um projeto, cujo resultado passe a caracterizar um acervo colecionado que ofereça respostas a quem pesquisa.

Memória, criação e dança na terceira idade: releituras e narrativas

Tainá Soares de Albuquerque (Secretaria Municipal de Educação)

Resumo: A partir dos relatos e das observações colhidas durante a pesquisa de campo para a realização da dissertação de Mestrado “Dança, criação e memória na terceira idade: uma perspectiva Nietzscheana”, notamos que as mulheres idosas respondiam com energia e entusiasmo aos questionários, especialmente aqueles que eram registrados com a câmera de vídeo, estabelecendo na relação entre pesquisador e pesquisado, uma autovalorização de suas histórias pessoais, sempre ressaltando o ato de dançar como uma atividade igualmente prazerosa e catalisadora de transformações positivas em suas vidas sociais e afetivas. Ao analisar as gravações realizadas para a pesquisa do mestrado, notamos essa particularidade,

estabelecendo assim uma nova perspectiva, onde a fala do entrevistado untrapaça o mero registro, mostrando assim o envolvimento e o desenvolvimento da dança e de seus frequentadores idosos dentro e fora desses bailes, usando a dança como fio condutor dessa história.

Essa pesquisa propõe então realizar uma descrição etnográfica desses espaços de dança de salão, em seus mais diferentes arranjos, e de suas frequentadoras, onde propomos investigar a dança como ferramenta para as práticas sociais na terceira idade, observando as entrevistadas, que através do movimento, criam práticas de integração com o outro e consigo mesmo.

009. FUTEBOL, NARRATIVAS ORAIS e MEMÓRIA

Coordenação: Marcos Alvito Pereira de Souza, Bernardo Borges Buarque de Hollanda

10/07 - Terça-feira (Tarde - 14h as 17h)

“Em nome da Raça, do Amor e da Paixão: uma análise das experiências de torcedoras organizadas do Clube de Regatas do Flamengo”.

Luiz Arator Carvalho Vaz

Resumo: As torcidas organizadas vêm sendo há tempos fonte de inúmeros e importantes estudos que nos possibilitam conhecer facetas da juventude e da sociedade brasileira por uma importante e diferente perspectiva. No entanto, ainda existe uma lacuna em relação a trabalhos que elejam a participação feminina nesses grupos sociais como objeto de estudo. É importante assinalar, que essa invisibilidade não é um privilégio

das torcidas organizadas, alguns autores vem ressaltando a ausência de investigações sobre a participação feminina nas culturas juvenis em geral. Os poucos estudos existentes tratam em sua grande maioria de questões como sexualidade, afetividade e gravidez na adolescência, pouco se abrindo para outras temáticas. Este trabalho pretende contribuir nessa direção, considerando visões e interpretações das torcedoras pertencentes aos agrupamentos organizados do Clube de Regatas do Flamengo, tendo em vista que essas associações funcionam como significantes instâncias de socialização que merecem um estudo que privilegie a questão de gênero. Vale destacar que as informantes ocupam ou já ocuparam cargos nos conselhos, nas monitorias dos agrupamentos e nas diretorias, e o tempo de participação na torcida varia entre 5 e 23 anos. Os depoimentos colhidos tratam das experiências e das trajetórias construídas pelas torcedoras dentro e fora dos agrupamentos em um processo de elaboração da memória individual e coletiva, apoiando-se tanto nos acontecimentos vividos pela própria pessoa, quanto naqueles vivenciados pela coletividade na qual o indivíduo se sente inserido (Michael Pollak, 1992). Através da oralidade, a história e a memória surgem como fatores importantes para a criação de uma identidade específica e para o fortalecimento de um estilo de vida particular, evidenciando o significado e o sentido do futebol, da participação em uma torcida e dos espaços ocupados pelos grupos femininos.

No coração de Havelange: os artifícios da memória na tessitura do enredo biográfico 'do maior dirigente do século XX'

Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha

Resumo: No início de fevereiro, veio a lume uma espécie de

livro de memórias da vida de Jean Marie Faustin Godefrois d' Havelange, mais conhecido como João Havelange, resultando da parceria entre o Comitê Olímpico Brasileiro e a Editora Casa da Palavra, bem como do apoio financeiro da Bradesco Seguros e da GEFCO. Constituído por quase duas centenas de imagens e de um texto ligeiro e de fácil digestão (em edição bilingue português/ francês), o livro é fruto de uma entrevista longa com o dirigente de futebol do século XX, bem como de alguma documentação impressa de época retirada de momentos específicos, que servem, na totalidade do livro, para atestar e confirmar a veracidade das palavras narradas. Simultaneamente dádiva para Havelange e lugar de memória para a comunidade dirigente, o texto congratula ilusoriamente a persona do outrora presidente da FIFA celebrando, na realidade, todos os dirigentes brasileiros bem como a própria instituição do Comitê Olímpico Brasileiro, capaz, por esforços próprios e méritos individuais, de fazer com que o Brasil sediasse as Olimpíadas. Quando eu entrevistei um antigo presidente do Flamengo, ele me declarou logo após desligar o gravador que eu deveria entrevistar João Havelange, porque ele é "o maior de todos nós". Sem dúvida, defender a existência de uma comunidade dos dirigentes esportivos una é atitude ficcional, porque esta é eivada de conflitos, disputa das chances de prestígio, permeada por intrigas, para não dizer fofocas. Ainda assim, há unidade quanto à visão de mundo desse setor, centrada em torno de uma concepção de política que privilegia os atores individuais excepcionais como os agentes por excelência das transformações históricas. Daí porque é facilmente compreensível que a tessitura do enredo se estruture pelos pronomes singulares (eu/ ele) e pelas qualidades de virtude do individuo extraordinário. Sendo assim, pretendo argumentar que o reforço desta concepção de política faz com que a

memória social se imponha como dado da natureza, naturalizando e reforçando a fronteira simbólica entre os grupos sociais. Dessa forma, segue-se uma trilha aberta por Michael Pollack (inspirado em Pierre Bourdieu) para quem a memória (e a biografia) de um indivíduo pode se tornar um operador por meio do qual se manifestam as formas mais puras da dominação simbólica, em que grupos se distinguem dos demais, em que as relações sociais são convertidas em relações naturais. Daí porque o trabalho tem um objetivo bastante modesto diante de hipótese tão abrangente: trata-se da análise da simbólica do livro e do discurso de memória organizado pelo Comitê Olímpico Brasileiro, como sendo o primeiro passo para a compreensão dos mecanismos coercitivos da memória e da biografia.

A memória do trauma de 1950 no testemunho do goleiro Barbosa

ELCIO LOUREIRO CORNELSEN (Faculdade de Letras da UFMG)

Resumo: Nossa contribuição visa a uma análise discursiva de depoimentos do goleiro Moacyr Barbosa a respeito da derrota da Seleção Brasileira na final da Copa do Mundo de 1950 contra o Uruguai. Momento singular na história do futebol brasileiro, tido como “a nossa catástrofe, a nossa Hiroshima” (Nelson Rodrigues), que transformou o Maracanã no “maior velório da face da Terra” (Betty Milan) frente ao “silêncio mortal de duzentos e vinte mil brasileiros” (Mario Filho), “o mais estrepitoso silêncio da história do futebol” (Eduardo Galeano), sem dúvida, a memória discursiva que se constrói sobre a derrota da Seleção Brasileira em 1950 é perpassada pelo trauma. Como bem apontam Arthur Nestróvski e Márcio

Seligmann-Silva, “a catástrofe dificulta, ou impede a representação”, pois “a catástrofe é, por definição, um evento que provoca um trauma”. Por assim dizer, o goleiro da Seleção Brasileira naquela Copa é um autêntico testemunho do evento traumático, um superstes (Giorgio Agamben), ou seja, aquele que não é mera testemunha ocular do ocorrido – o testis –, mas aquele que atravessou uma verdadeira provação. Nesse sentido, baseados na teoria do testemunho e em conceitos e métodos da história oral, nossa intenção é avaliar em termos discursivos não só o quê, mas, sobretudo, como, décadas mais tarde, o goleiro enunciava, através da memória, sua versão sobre aquele fatídico 16 de julho de 1950 e seus desdobramentos. Para formar o corpus de análise, adotamos os seguintes materiais, pensados enquanto fontes orais de caráter jornalístico: os textos das entrevistas com o goleiro Barbosa, publicados em 2000 no Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro, de Geneton Moraes Neto e, respectivamente, no livro Barbosa. Um gol faz cinquenta anos, de Roberto Mulyaert; além dos textos indicados, os breves depoimentos audiovisuais do goleiro que compõem o curta-metragem Barbosa (1988), filme de ficção dirigido por Anna Luiza Azevedo e Jorge Furtado e baseado no conto “O dia em que o Brasil perdeu a copa” (1975), de Paulo Perdigão, publicado em sua obra Anatomia de uma derrota (1986); as entrevistas concedidas por Barbosa em 1994 (TV Cultura) e, respectivamente, em 2000 (ESPN Brasil) ao jornalista Helvídio Mattos; por fim, demais depoimentos audiovisuais do goleiro, que faleceu em 2000, integrados em programas especiais recentes sobre a Copa de 1950, pela Rede Bandeirantes e, respectivamente, pelo canais SporTV, GloboNews e ESPN Brasil. Barbosa, tido como um dos “bodes expiatórios” daquela derrota – juntamente com os jogadores Juvenal e Bigode –,

condenado pelo “frango eterno” (Nelson Rodrigues), por diversas vezes, revela em sua fala as marcas de um momento traumático – individual e coletivo –, que o acompanharia pelo resto de sua vida.

A copa do mundo de 1930 e sua história

Tatiana Zuardi Ushinohama

Resumo: A primeira Copa do Mundo de Futebol organizada pela Fédération Internationale de Football Association (FIFA), como já é sabido, realizou-se em 1930 no Uruguai. Essa iniciativa de uma competição mundial de seleções em modalidade esportiva específica, no caso o futebol, justificava-se pelo crescimento e expansão desse esporte pelo mundo e pelo início do processo de profissionalização dos atletas nos países com grande tradição nesse esporte. Apesar de o torneio ser um importante marco na história do futebol, verificamos que as informações disponíveis em livros a respeito do evento são poucas e estão baseadas, em sua maioria, nos documentos oficiais da instituição organizadora, nas descrições das situações socioeconômicas dos países no período e em alguns relatos envolvendo as partidas. A partir dessa constatação, este estudo propõe pesquisar e confrontar evidências históricas da Copa do Mundo de 1930 contidas em três tipos de fontes de informação: livros enciclopédicos, imagens cinematográficas e relatos orais, a fim de estabelecer limites e aproximações entre os fatos apresentados nas fontes, buscando uma compreensão maior da história deste evento esportivo. O material selecionado consistirá de três livros enciclopédicos (The Story of the World Cup de Brian Glanville, 1974; Todas as Copas do Mundo de Orlando Duarte, 1998; O Mundo das Copas de Lycio Vellozo Ribas, 2010), três arquivos orais (Lucien Laurent, Emílio Recoba e Francisco Varallo) e uma coletânea cinematográficas

gravadas durante o evento de 1930. A análise entre os materiais coletados consistirá na comparação de três sequências de fatos disponíveis e identificados em ambas as fontes de modo a verificar se há interligação entre elas e se é possível interpretá-los conjuntamente. Para refletir a respeito dos arquivos orais, esta pesquisa utilizará como metodologia a proposta descrita por Paul Thompson no livro *A voz do passado*. Com a pesquisa do evento esportivo nos livros, foi possível estabelecer uma orientação para o estudo sobre quais os fatos que deveriam ser analisados nas outras fontes, já que os fatos expostos vinham de documentos originais escritos nos jogos. As imagens cinematográficas permitiram compreender qual era a dinâmica do jogo do futebol em 1930, identificando a habilidade técnica dos jogadores e a tática das equipes. A evidência oral originária dos relatos dos jogadores atribuiu ao objeto de estudo outro ponto de vista, o dos sentimentos de quem vivenciou o evento, contribuindo para a formação de uma história distinta e mais rica. Assim, ao entrelaçar as fontes separadas, o estudo constatou a veracidade dos fatos selecionados nesta pesquisa, aprofundando e justificando as suas ocorrências por meio de outros aspectos que puderam ser destacados nas entrevistas e nas imagens.

Relações futebolísticas e o racismo no futebol

Sérgio Settani Giglio (Universidade Nove de Julho)

Resumo: Nesse trabalho apresentamos os resultados iniciais da pesquisa de doutorado intitulada *Representações do futebol Jogos Olímpicos e na Copa do Mundo*. Para essa pesquisa realizamos entrevistas com atletas que participaram dos Jogos Olímpicos. Nesse trabalho apresentamos a história de vida do jogador Dermival Lima, conhecido como Baiano. Sua história poderia se parecer com a de muitos outros futebolistas

brasileiros por conta das dificuldades vividas na infância. Apesar das dificuldades conseguiu se tornar um jogador de futebol e em sua passagem pelo exterior, especialmente na Argentina, defendeu o tradicional clube do Boca Juniors. Se atuar por essa equipe equivaleu para ele a condição de ídolo, ao que jamais o lateral-direito havia conseguido pelos clubes brasileiros, também representou enfrentar problemas de racismo no clube argentino. Tudo começou em uma partida distante de Buenos Aires. Pela Copa Libertadores da América a partida entre o São Paulo e o Quilmes da Argentina ficou marcada pela prisão do jogador argentino Desábato acusado por Grafite de ofensas racistas. Esse acontecimento ficou conhecido como o caso Desábato. No dia seguinte ao episódio, Baiano teve que participar de uma coletiva de imprensa para dizer se na Argentina havia preconceito racial. Portanto, a proposta desse trabalho é entender como um caso que aconteceu em uma partida no Brasil se refletiu na vida do atleta na Argentina. Para isso, recorreremos ao seu relato e aos fatos do jogo entre as equipes brasileira e argentina para reconstruímos e entendermos as repercussões do jogo para além do estádio em que aconteceu o incidente. Dessa forma, a história de Baiano permite entender como o racismo se faz presente no futebol e do modo como ele circula nas relações entre os jogadores.

11/07 - Quarta-feira (Tarde - 14h as 17h)

A Bola entre as Canetas: Trajetória e Projeto Futebolístico em Relatos Orais de Jovens Atletas

Carlus Augustus Jourand Correia (Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro)

Resumo: O presente trabalho busca compreender a trajetória

dos jovens atletas de futebol inseridos nos centros de formação no Rio de Janeiro, avaliando através de seus relatos sobre o cotidiano as motivações, aspirações, sonhos e dificuldades enfrentadas por esses jovens esportistas e seus familiares. A partir do relato desses jovens atletas podem ser compreendidos e debatidos o projeto desenvolvido por eles e seus familiares para driblar as dificuldades e percalços dentro do campo de possibilidades que lhes é dado.

Assim tais narrativas orais permitem refletir quais as condutas organizadas por esses indivíduos para atingir suas finalidades específicas dentro do esporte tomando por empréstimo os conceitos de Projeto e Campo de Possibilidades aliados à questão do habitus. Esses conceitos em conjunto possibilitam avaliar as ações, representações e estratégias empreendidas pelos atores sociais dentro do campo esportivo durante seu processo de formação nas categorias de base.

Psicologias do esporte e produção de subjetividade em categorias de base: implicações de uma especialidade múltipla e a formação específica do jogador de futebol contemporâneo

Marina de Mattos Dantas

Resumo: A proposta desta comunicação é apresentar práticas da psicologia do esporte em centros de treinamento (CTs) de categorias de base e sua relação com a formação do atleta jogador de futebol a partir de uma cartografia composta, dentre outros elementos, por narrativas de quatro profissionais dessa área, bem como por observações itinerantes do cotidiano do trabalho do psicólogo e dos jovens em formação. Recorrendo à história oral como dispositivo ético-político nesse percurso, entre os anos de 2010 e 2011, entrevistas foram realizadas com

aqueles profissionais que atuavam em alguns clubes das cidades de Belo Horizonte (América Futebol Clube, Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube) e do Rio de Janeiro (Botafogo de Futebol e Regatas). Através das narrativas buscou-se conhecer: as trajetórias de vida daqueles profissionais no futebol e suas relações com o esporte; o cotidiano do trabalho daqueles psicólogos em seus clubes; e a rotina dos atletas nos CTs. Além das narrativas, observações, estudos antropológicos e sócio-históricos sobre o futebol brasileiro, colaboraram nessa composição os pensamentos de Michel Foucault e de autores da Análise Institucional sobre formas de governo dos vivos e produção de subjetividades. Atualmente, o CT é o espaço privilegiado pelos clubes para a formação de atletas de futebol profissional. É também um dos espaços onde práticas de disciplina e de biopoder se articulam em dispositivos os quais operam uma (re)produção de subjetividades em moldes capitalísticos, presentes em grande parte das sociedades atuais nas quais o futebol de espetáculo é hegemônico. Em uma trajetória na qual práticas modeladoras e moduladoras desses corpos produzem efeitos políticos, o aspirante a jogador de futebol transforma-se gradualmente em um atleta profissional – mesmo durante o período no qual é, legalmente, considerado aprendiz. Essas práticas, cada vez mais dirigidas por especialistas de diversas áreas de conhecimento, privilegiam uma formação voltada exclusivamente para a atuação de atletas no futebol profissional. Em uma espécie de monocultura de pé-de-obra, desconsidera-se o desenvolvimento mais amplo desses indivíduos que, em sua maioria, não se consolidarão no futebol profissional. Assim, nessa formação específica, esses atletas funcionam como jogadores-peça, jogadores-produto, ou mesmo jogadores-empresa. Através da cartografia construída, observou-se diversas formas de se praticar psicologia que podem ou não

atuar como promotoras dessa instrumentalização do jogador, que implicam efeitos às vezes mais libertários e outras vezes mais adaptativos à promoção do rendimento esportivo e à constituição de atletas docilizados.

A trajetória do Jogador-Operário: narrativas orais e a memória do “futebol de fábrica”

Zuleika Stefânia Sabino Roque (SEESP- EE Prof. Joaquim Andrade Meirelles)

Resumo: A partir da relação entre esporte e fábrica, tendo como pano de fundo a constituição do parque industrial da cidade de SJ, à luz das experiências do jogador-operário foi possível trazer à tona as especificidades vividas na cidade de SJ, com a instituição da Política Nacional de Educação Física e Desportos e o Plano Nacional de Educação Física e Desportos- PNED. Entende-se por jogador-operário aqueles trabalhadores que adentraram clubes profissionais e fizeram do futebol seu trabalho, até o momento em que isso fosse possível. Por conta da idade e das condições físicas viam-se obrigados a optar por uma nova relação de trabalho. Notou-se, que, nesses casos, a “precoce aposentadoria” constituiu, para esses trabalhadores, um momento de transição e de readaptação. Deixaram de jogar em campo pelos seus clubes e passaram a jogar representando empresas em campeonatos e, ao mesmo tempo, a fazer parte da linha de produção das fábricas - já que no contexto fabril a função “jogador de futebol” inexistia oficialmente- Na prática, tratou-se da adesão a uma jornada dupla.

As narrativas de trabalhadores de fábrica, praticantes de futebol em torneios internos ou externos ao ambiente fabril, constituem a fonte principal desta pesquisa. A História Oral permitiu, não só se deparar com outras memórias sobre a cidade de SJ, no que se refere à constituição de seu parque industrial, como

também, refletir sobre a prática do futebol como extensão da categoria trabalho. As trajetórias de vida dos entrevistados apontam semelhanças, no que diz respeito a um processo de familiarização com as regras do jogo de bola, nos tempos de infância e de juventude e convergem para o mundo do trabalho, das mais variadas formas.

São muitos os sentidos atribuídos ao futebol, na fala desses trabalhadores. Em todas elas não só o jogo de futebol, mas o da vida enfatiza as vitórias e os empates. Hoje, ao narrar suas experiências os trabalhadores atribuem sentidos ao passado que dizem respeito à prática do futebol e à vida na cidade e na fábrica.

No continente europeu: experiências de vida e profissionais de futebolistas brasileiros negros no período posterior a 1990

Marcel Diego Tonini (Núcleo de Estudos em História Oral - NEHO/DIVERSITAS)

Resumo: A partir principalmente da década de 1990, questões de ordem política e econômica possibilitaram a abertura do mercado futebolístico europeu para a entrada em massa de jogadores de futebol estrangeiros, dentre os quais os brasileiros têm grande destaque. Concomitantemente, observou-se um aumento dos episódios de racismo e xenofobia sofridos por negros e estrangeiros nos estádios europeus, espaços privilegiados para a manifestação das tensões sociais oriundas de um processo histórico que é mais abrangente e que relaciona globalização, migrações internacionais e nacionalismo. Tendo esse panorama como fundo, a minha pesquisa de doutorado tem por objetivo constituir e analisar documentos orais inéditos sobre as histórias de vida de futebolistas brasileiros negros que migraram para a Europa desde o início dos anos 1990. Este

trabalho visa apresentar alguns resultados a partir do cruzamento das histórias, memórias e experiências dos meus entrevistados. Sendo assim, é sob a perspectiva da história oral que procuramos contribuir para o debate acadêmico ainda incipiente acerca do racismo e xenofobia no futebol europeu nos tempos atuais. Palavras-chave: futebolistas brasileiros negros, futebol europeu, história oral, racismo e xenofobia.

12/07 - Quinta-feira (Tarde - 14h as 17h)

PARTES DE UMA MEMÓRIA ESPORTIVA: A FORMAÇÃO DE ALGUNS CLUBES DE FUTEBOL AMADOR NA ILHA DOS MARINHEIROS-RIO GRANDE/RS

Gustavo da Silva Freitas(Universidade Federal do Rio Grande)

Resumo: O presente estudo é recorte de uma pesquisa que construiu parte das memórias do futebol amador na Ilha dos Marinheiros, bairro da cidade de Rio Grande/RS. Bastante conhecida na região pela produção de bebidas derivadas da uva e pelas festas religiosas oriundas da colonização portuguesa, o futebol na Ilha tem presença marcante, chegando a congregar, em meados do século passado, aproximadamente 11 clubes de futebol. Para este momento em específico, utilizando fontes orais aliadas a fontes imagéticas, trabalhou-se com a ideia de investigar o aparecimento da prática do futebol amador nessa região, principalmente abordando questões relativas à fundação de alguns clubes, a origem dos seus nomes e como eram organizados internamente. Nesse contexto, também estão em pauta o envolvimento da comunidade local com seu futebol, sobretudo nas décadas de 30 e 40, já que, conforme as narrativas, o ponto de partida para a prática do futebol dentro da perspectiva amadora se deu nestas décadas. Fundados na década de 30, os primeiros clubes como o S.C. Libertador, S.C. Ideal, e Nó de Aço, alimentaram na comunidade local, uma vontade de

envolvimento com as coisas do futebol, fosse para entrar em campo ou para acompanhar as partidas na torcida. Nessa esteira, pela quantidade de moradores existentes na Ilha (por volta de 7.000 pessoas), na década seguinte outros clubes foram criados, como S.C Cruzeiro do Sul e o Barulho F.C. Por fim, também coube a esse trabalho à averiguação das noções de pertencimento dos moradores com os clubes os quais fundavam, atuavam, ou que simplesmente torciam, pois ainda que muitos desses clubes tenham sido fundados sem uma sede própria, pode-se perceber que as relações existentes ocorriam para além das tardes esportivas dominicais, estendendo-se às festas e às reuniões para ver televisão ou conversar sobre o cotidiano.

Futebol, memória e museu: a coleção “Memória do Futebol” do MIS-SP.

Daniela do Amaral Alfonsi (Instituto da Arte do Futebol Brasileiro - Museu do Futebol)

Resumo: O trabalho apresenta uma leitura da coleção “Memória do Futebol”, composta depoimentos orais com jornalistas esportivos, jogadores e técnicos de futebol, gravados nos anos 1980 pelo Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS-SP).

Partindo do pressuposto que tal coleção diferencia-se das entrevistas jornalísticas, seja pelo ambiente no qual ocorre a entrevista – o auditório de um museu –, seja pelo método e duração da entrevista, propõe-se uma análise a partir de três pontos de vista, quais sejam: a) o da criação da coleção, visando recuperar os objetivos do projeto dentro do escopo de ações do referido museu; b) o do conteúdo produzido, analisando a forma das entrevistas e os personagens entrevistados e os temas privilegiados e c) dos usos de tal conteúdo dentro e fora da instituição, questionando o lugar do tratamento da memória

esportiva no conjunto de projetos museológicos do MIS-SP, em específico, e de projetos voltados à preservação da memória esportiva, de modo geral.

Um registro regional do nacional: memórias do jornalismo paranaense

Daniel Vinicius Ferreira, Luiz Carlos Ribeiro (Universidade Federal do Paraná)

Resumo: A presente comunicação analisa o depoimento de cinco jornalistas esportivos paranaenses, atuantes entre os anos 1970-1990. Temas como ditadura militar, racismo e a hegemonia Rio-São Paulo são tratados na perspectiva de problematizar o futebol e o jornalismo esportivo brasileiros. Esses registros são parte do projeto de Memória do Futebol Paranaense, coordenados pelo Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade, da UFPR.

A Torcida Geral do Grêmio (2001 – 2008) Da voz contestadora a hegemonia nas arquibancadas do Estádio Olímpico A Torcida Geral do Grêmio (2001 – 2008) Da voz contestadora a hegemonia nas arquibancadas

Francisco Carvalho dos Santos Rodrigues

Resumo: O presente trabalho faz parte da minha pesquisa de mestrado em História Contemporânea e pretende analisar as transformações ocorridas nas relações entre os torcedores do Grêmio Foot-Ball Portoalegrense. Mais precisamente a partir de 2001, ano em que surgiu um movimento completamente novo para os padrões referentes aos espectadores em estádios de futebol no Brasil: a Torcida Geral do Grêmio. Apesar de se tratar de um movimento recente, o processo de surgimento e consolidação desta que é hoje a maior torcida do clube suscita de maneira exemplar todas as contradições que envolvem a

introdução de relações capitalistas no campo esportivo, marcadamente a partir do começo dos anos 2000. Período que marca a entrada de grandes investidores, circulação de jogadores, transformação do esporte em um produto televisivo e dos torcedores em consumidores do futebol de espetáculo. Surgiu então o interesse em estudar o processo de formação de uma nova torcida que tem em sua origem a marca da contestação às transformações que afetaram de maneira determinante as relações entre clubes e torcedores. Uma nova cultura que manifesta em um amplo sistema de representações simbólicas as transformações do sistema econômico e cultural na qual estão inseridas; marcadamente pela contestação às políticas de vigilância e controle, aos padrões das torcidas uniformizadas hegemônicas nos anos 90 e à direção do clube. A cultura que hoje em dia é dita no meio futebolístico como inerente ao torcedor gremista teve uma origem e este estudo se propõe a analisar em que condições este processo se desenvolveu. Por se tratar de um movimento até então não institucional e de surgimento recente, aliadas a falta de uma estrutura hierárquica formal e uma sede, não havia fontes escritas sobre o tema. Pude contar então somente com a memória de seus frequentadores e fundadores, em registros orais através de entrevistas. Após um exaustivo levantamento etnográfico, que incluiu o convívio com torcedores em cinco estádios diferentes, duas viagens, arquibancadas e arredores do Estádio Olímpico, bares e bairros onde moram, pude fazer o registro e contar através de seus relatos uma versão para o surgimento da torcida, o processo no qual se consolidou e veio a se tornar, praticamente, uma instituição gremista.

13/07 - Sexta-feira (Tarde - 14h as 17h)

O torcedor de futebol: paixão que extrapola as quatro linhas

Daniel Figueira Alves, Juliana Martins Pereira (faculdades integradas de bauru)

Resumo: A presente pesquisa objetivou compreender o comportamento do torcedor de futebol ao longo de aproximadamente cinquenta anos, as modificações ocorridas nessa modalidade esportiva e na maneira de acompanhá-la e torcer, enfocando os torcedores do Esporte Clube Noroeste (Bauru – SP). Sabe-se que, no início do processo de introdução do futebol no Brasil, este era um esporte “elitizado”. No entanto, com o passar dos anos foi se popularizando e, atualmente, mobiliza milhares de pessoas e grande capital financeiro acerca da “paixão” dos torcedores. Podemos reconhecer, nesse ponto especificamente, relações com o conceito de campo e habitus esportivo, desenvolvidos por Bourdieu em algumas de suas obras (1983; 1990). Tais conceitos explicitam a constituição de um campo esportivo e, nesse campo, especificidades relativas a cada modalidade e seus participantes. Observa-se ainda que o futebol brasileiro é um fenômeno sociocultural, visto que sua manifestação se dá através de códigos e atos simbólicos que são formatados em estruturas significantes. Esses signos podem ser interpretados com o auxílio de uma extensa descrição etnográfica que evidencie detalhadamente a dinâmica e as particularidades desse processo na amplitude do contexto cultural brasileiro. Foram coletadas vinte entrevistas semi-estruturadas com homens que frequentam o estádio de futebol em Bauru – SP, e acompanham a equipe de futebol da cidade. Com base nos depoimentos foram definidas as seguintes categorias de análise: identificação e perfil dos entrevistados, assiduidade com a qual acompanham os jogos e principais mudanças ocorridas nas torcidas de futebol. Como principais resultados evidenciou-se

que o grupo de entrevistados considera o futebol mais que uma atividade de lazer, tendo como exemplos a ausência em compromissos familiares e profissionais para acompanhar seu time. Quando descrevem seu comportamento, muitos dêpoentes consideram-se “fanáticos” em relação à equipe pela qual torcem. Isso reflete as reações da maior parte dos torcedores brasileiros que se comporta de maneira ambígua. Quando seu time está ganhando, ele incentiva e apoia, porém, num momento de desvantagem no placar é comum ouvir vaias, protestos e xingamentos. Isso é característico no futebol brasileiro, um traço marcante desse complexo cultural. Podemos identificar o grau de identidade passional do torcedor com seu time, uma vez que sua postura nos revela comportamentos diferenciados entre sujeitos que apenas acompanham os campeonatos e aqueles que são apaixonados por seu time. Além disso, foram citadas mudanças no comportamento das torcidas, tais como: torcida mais responsável, maior organização e aspectos relacionados à violência no cotidiano dos estádios.

Torcida Trovão Azul: narrativas presentes e projetos futuros

Klecia Renata de Oliveira Batista

Resumo: Este trabalho é um recorte dos resultados de uma pesquisa de campo realizada na Torcida Trovão Azul. A pesquisa teve como objetivo compreender o funcionamento interno daquela agremiação torcedora, tendo como referencial teórico-metodológico a psicanálise. O trabalho de campo consistiu em uma inserção da pesquisadora no grupo, o que incluiu a participação da mesma nos encontros semanais dos torcedores e em jogos ocorridos na cidade de Aracaju no período em que a investigação foi efetuada. No decorrer da pesquisa, um tema evidenciado nas falas dos torcedores tornou-se o eixo das análises, a saber: a violência. É importante chamar

atenção para o fato de a proposta inicial ter como proposta escapar dessa temática, que marca a imagem das torcidas organizadas no Brasil de hoje. Contudo, a inserção na Torcida Trovão Azul fez perceber que as narrativas do grupo, no momento presente, estão aí circunscritas. Além disso, essas narrativas – como não poderia deixar de ser – estão diretamente ligadas às transformações por que passa o universo futebolístico na atualidade. Assim, os dados produzidos com essa experiência de pesquisa e as interpretações efetuadas mostram que a Torcida Trovão Azul passa – diante de exigências civilizatórias que se abatem sobre o futebol brasileiro – por um processo de (re) organização. Esse processo é correlato das exigências que se abatem sobre o futebol atual e marcam os projetos futuros da Torcida Trovão Azul. Projetos que se caracterizam, em síntese, pela capitalização da agremiação e sua transformação em torcidas-performance, como se designou na discussão final.

Futebol, emoção e sociabilidade: Torcidas Jovens e Movimentos Populares de torcedores no Rio de Janeiro.

Rosana da Câmara Teixeira (Universidade Federal Fluminense)

Resumo: Nessa apresentação pretende-se refletir sobre o surgimento dos Movimentos Populares de torcedores no Rio de Janeiro, observado, especialmente, a partir de fevereiro de 2006. Inspirados nas “barras bravas” sul-americanas, especialmente naquelas vindas da Argentina, entraram no país pelo Rio Grande do Sul, se disseminando por outros estados brasileiros. Ao revelarem discordâncias em relação ao tipo de ação das torcidas organizadas, defendem uma forma de sociabilidade torcedora distinta que parece indicar novos sentidos atribuídos à paixão pelo futebol. Criadas entre o final dos anos 60 e início da década de 70, no Rio de Janeiro, as Torcidas Jovens inauguram um novo padrão de relacionamento entre si, e com os dirigentes

dos clubes, caracterizado por relações mais autônomas e impessoais se comparadas às anteriores. A paixão pelo futebol (e pela própria torcida), definida como sentimento de fidelidade e dedicação, supõe a luta e o conflito como possibilidades. Os novos agrupamentos torcedores, definem-se como movimentos de arquibancada, sem rixas, que pretendem inaugurar um “novo conceito de torcida” cujos objetivos são, entre outros: a união da massa torcedora, sem subdivisões, o incentivo incondicional ao time, e a valorização do torcedor como “patrimônio”, cuja integridade física deve ser preservada. Esse estudo tem como objetivos discutir características desse tipo de sociabilidade, (incluindo símbolos e ritualizações), e sentidos atribuídos ao futebol, assim como, o impacto da criação de tais associações, no sistema de relações entre as torcidas, e destas, com os clubes. Considera-se como panorama o processo globalizado de mercantilização do futebol, e o consequente entendimento dos torcedores como consumidores, especialmente após a criação do Estatuto de Defesa do Torcedor em 2003.

Essas análises preliminares têm como fundamentos metodológicos, relatos orais de fundadores e lideranças dos movimentos e fontes visuais disponíveis nas páginas das torcidas na internet, a partir de uma perspectiva antropológica. É importante assinalar que a memória como fenômeno social está sujeita a flutuações e mudanças. Por isso mesmo, torna-se fundamental estar atento, na análise dos depoimentos dos torcedores, aos marcos, aos pontos invariantes e aos acontecimentos vividos pessoalmente ou por tabela, observando ainda, lugares e pessoas (Michael Pollack, 1992) que insistem em destacar no processo de elaboração da identidade individual e coletiva.

Análise de identidades botafoguenses

Isabella Trindade Menezes(Estado do Rio de Janeiro)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar alguns dos resultados obtidos em minha dissertação de mestrado em Memória Social, na Unirio. A análise foi centrada em duas torcidas do clube carioca, Botafogo Futebol e Regatas: A Fúria Jovem do Botafogo e o “movimento” Loucos pelo Botafogo. A partir da etnografia e da vivência em campo busquei levantar alguns questionamentos acerca da construção e da afirmação da identidade desses grupos, assim como os códigos que norteiam esses agrupamentos, que são ao mesmo tempo partilhados e alvo de distinção entre eles. A existência de divisões no interior do mesmo grupo, os torcedores do Botafogo, faz com que existam diferentes ideais de pertencimento, já que cada um dos grupos se relaciona com o time, com o futebol e com o ato de torcer, ora de maneira similar, ora diferenciada.

A etnografia e os discursos torcedores serão utilizados com o objetivo de analisar os rituais diferenciadores observados durante a etnografia, buscando investigar os significados atribuídos pelos torcedores em sua própria dinâmica, através da utilização e apropriação dos espaços.

Ao optar trabalhar com o discurso torcedor,, a narrativa é vista como uma representação social, resultante de uma estrutura histórico social mais ampla, não como o simples relato de lembrança do passado. As histórias contadas nas entrevistas representam uma tentativa de coerência e controle do passado e devem ser interpretadas como tal; daí a importância da contextualização da produção da entrevista e o cruzamento com outros tipos de fontes. As histórias escolhidas para serem contadas não são neutras, na medida em que possuem traços importantes e, por isso, foram elas e não outras, as selecionadas.

010. História e Memória das Ditaduras do Século XX

Coordenação: Samantha Viz Quadrat

10/07 - Terça-feira (Tarde - 14h as 17h)

Memórias de um Pretérito (Im)Perfeito: História Oral da Luta Armada no Brasil

Izabel Priscila Pimentel da Silva(Universidade Federal Fluminense)

Resumo: Ao longo das décadas de 1960 e 1970, os grupos da esquerda armada foram responsáveis pelo surgimento de um novo personagem no cenário brasileiro: o guerrilheiro urbano, que conduziria as massas rumo à revolução. No Brasil, a construção da memória das esquerdas armadas tem sido fundamentada, sobretudo, nos depoimentos de ex-militantes políticos. Estes relatos refletem as tensões e conflitos de diversos grupos sociais e estabelecem, entre si, disputas e lutas políticas e ideológicas. Partindo de um amplo conjunto de entrevistas realizadas no âmbito do projeto “Marcas da Memória: História Oral da Anistia no Brasil” (desenvolvido pela UFRJ e a Comissão de Anistia do Ministério da Justiça conjuntamente), no qual fui bolsista e responsável pela pesquisa histórica e realização das entrevistas, objetivamos, através da metodologia da história oral, compreender a construção das estratégias de ação e das representações de grupos ou indivíduos, evidenciando o processo de construção/ desconstrução de múltiplas memórias acerca da luta armada no Brasil.

Memória, exílio e literatura: uma análise sobre a trajetória

de Ferreira Gullar

Desirree dos Reis Santos (PUC-RIO)

Resumo: O presente trabalho está inserido na análise das experiências de exílio da segunda metade do século XX, onde ditaduras latino-americanas ocuparam o cenário político e promoveram a saída de milhares de vozes dissidentes. Tendo como foco a trajetória exilar de Ferreira Gullar na década de 1970, discutiremos como a condição de exilado interferiu nas criações artísticas de um intelectual brasileiro comprometido com o debate acerca dos rumos traçados para a arte nacional, sobretudo nos anos 1960, quando fez parte de grupos culturais de resistência à ditadura. Para tanto, utilizaremos o depoimento concedido por Gullar ao Projeto “Marcas da Memória: História Oral da Anistia no Brasil” (desenvolvido em parceria do Ministério da Justiça com Universidades Federais), onde a análise do testemunho terá como enfoque a situação-limite do exílio, e o “Poema Sujo” (1976), produzido pelo poeta no período em que vivia na Argentina.

Marcas da memória sobre a repressão ao movimento camponês: Pernambuco, período inicial da ditadura militar.

Pablo Francisco de Andrade Porfírio (UFRJ)

Resumo: Este trabalho discute alguns relatos de memória concedidos ao projeto Marcas da Memória, desenvolvido pelo Ministério da Justiça, através da Comissão de Anistia, em parceria com as Universidades Federais de Pernambuco, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul. Para esta discussão, selecionamos alguns relatos obtidos pela equipe da UFPE, responsável pelo trabalho de pesquisa na região Nordeste. Em sua grande maioria, as entrevistas foram realizadas com pessoas presas durante a ditadura militar (1964-1985) por sua atuação política, seja em partidos de esquerda ou diversos movimentos

sociais. Para este caso, tomamos em foco os relatos da professora Socorro Ferraz e do camponês Severino Durval, mais conhecido como Caxito. Com eles, procuramos percorrer sentimentos, imagens e cenários políticos produzidos pela oralidade sobre o momento inicial de implantação da ditadura militar. Mais especificamente, caminhamos pelas memórias sobre a repressão ao movimento camponês em Pernambuco, sede de ligas camponesas e sindicatos rurais, destacando a forte atuação de setores da sociedade civil, com anuência e colaboração, por diversas vezes, de representantes do Estado. Socorro Ferraz, na época, estudante do curso de História, era do Partido Comunista e participava das Ligas Camponesas. Caxito era um trabalhador rural que não estava oficialmente filiado a nenhum movimento de esquerda. Seus relatos constroem diferentes níveis de realidade para um mesmo período e possibilitam distintas aproximações sobre um dos períodos, talvez, mais violento da ditadura militar no Nordeste do Brasil.

Anistia e esquecimento nos relatos do projeto Marcas da Memória: História Oral da Anistia no Brasil

Carla Simone Rodeghero (UFRGS)

Resumo: O presente trabalho visa analisar as relações entre anistia e esquecimento, na forma como isso se manifestou nas falas dos entrevistados pela equipe da UFRGS para o Projeto Marcas da Memória: História Oral da Anistia no Brasil. A partir da apresentação e exploração deste material, procura discutir as tensões presentes no processo de implementação da justiça de transição no Brasil e analisar a participação de historiadores na iniciativa.

A Experiência da Clandestinidade Política: Relatos Oraís de Ex-militantes de Esquerda Durante a Ditadura Militar

(1964/1979)

Mozart Lacerda Filho(FACTHUS - Faculdade Talentos Humanos)

Resumo: Este trabalho de doutoramento objetivou compreender a experiência da clandestinidade através da memória social, em relatos orais de treze ex-militantes que foram clandestinos entre 1964 e 1979. Pretendeu-se, também, entender como foram construídas e mantidas as suas redes de sociabilidades, uma vez que delas dependiam sua sobrevivência, e mapear a tensão permanentemente vivida por eles em função de serem obrigados a se manterem numa situação limítrofe: visível/invisível. Importante ressaltar que as vozes desses atores políticos apontaram para uma multitonalidade, e, por isso, ambicionou-se buscar um sentido para a pluralidade de narrativas que brotaram desses relatos. O desafio foi recompor trajetórias individuais em uma trajetória coletiva, através da explicitação de valores de referência comuns aos discursos e a um núcleo de sentido. A clandestinidade como vivência traumática também foi investigada por esse estudo. As fontes de pesquisa são os depoimentos dos ex-militantes pertencentes a algum tipo de organização clandestina. Estes relatos foram colhidos entre os anos de 2004 a 2010. Para o tratamento metodológico das fontes, sobretudo as de cunho oral, dialogamos com Maurice Halbwachs, Verena Alberti, Elizabeth Ferreira e Marieta de Moraes Ferreira. Para as análises que partem da concepção da experiência clandestina como traumática e catastrófica, utilizamos nesse trabalho as discussões teóricas propostas por Márcio Seligmann-Silva acerca da relação história e catástrofe. Ainda nessa mesma linha, utilizamos os pontos de vista de Jeanne Marie Gagnebin. Tendo em vista que o tema da clandestinidade exigiu uma interpretação polifônica, conceitos psicanalíticos – trauma, sublimação, resistência, dentre outros

– foram discutidos. Para tanto, textos de Sigmund Freud e Melanie Klein foram analisados, assim como o trabalho da psicanalista, e ex-militante da organização de esquerda Ação Popular, Maria Auxiliadora Arantes que investigou a condição da clandestinidade numa perspectiva psicológica.

Los archivos del sufrimiento: fuentes no escritas para la construcción de la historia de las dictaduras del cono sur
Carla Peñaloza Palma(Universidad de Chile)

Resumo: Llamamos archivos del sufrimientos a aquellas fuentes que pertenecen al testimonio y registro de las víctimas de las dictaduras militares. En contraposición a lo que Hanna Arendt llamó archivos del terror, en Chile no existen archivos oficiales de la era del terrorismo de estado, por lo que la recuperación de la memoria de las violaciones a los derechos humanos e incluso los informes de verdad, se han construido a partir de los testimonios de las víctimas y sus familiares. Estos archivos adoptan diferentes modalidades, algunos escritos, pero otros menos explorados que dicen relación con la oralidad y la imagen. En Este trabajo nos proponemos abordar la oralidad y la imagen como fuentes tremendamente relevantes para los historiadores de la historia reciente y muy especialmente para la reconstrucción de la historia de las dictaduras y las luchas por derrocarlas.

Marcas da Memória – História Oral da Anistia no Brasil

FERNANDA RAQUEL ABREU SILVA, Glenda Gathe Alves(UFRJ), helena alves rossi(UFRJ), Luana Góes Rodrigues, Renato Dias Moreira Pais, Zamara Graziela Pinheiro de Oliveira

Resumo: O projeto Marcas da Memória: História Oral da Anistia no Brasil é fruto de uma parceria da Comissão de

Anistia do Ministério da Justiça com as Universidades de Pernambuco, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul e se enquadra em um dos investimentos do Estado brasileiro em progredir no processo de transição democrática de superação da ditadura militar que abalou o Brasil dos anos setenta aos oitenta. O projeto consiste na Construção de um acervo de depoimentos orais e audiovisuais de indivíduos que participaram da resistência política contra o Estado autoritário e assim recuperar a memória do período de repressão através de métodos que possibilitem uma perspectiva mais íntima da trajetória desses agentes. O método de História Oral foi, portanto, escolhido como modelo primordial de investigação historiográfica por permitir discussões acerca de experiências de grupos que por terem suas narrativas sufocadas pela repressão ditatorial não têm sua história e perspectiva documentada formalmente. Várias etapas foram cumpridas para a construção deste acervo, a começar pela seleção dos entrevistados de acordo com a temática do projeto – exigindo, portanto, algum envolvimento direto ou indireto do entrevistado com a Anistia no Brasil – posteriormente foram realizadas a pesquisa e elaboração do roteiro das entrevistas, assim como a filmagem, gravação e transcrição das mesmas, seguidas, por fim, pela análise da memória construída pelos depoentes e das trajetórias de vida dos mesmos. O Direito à Memória é um dos fundamentos da Justiça de Transição à democracia e o projeto Marcas da Memória se entrelaça com esse compromisso ao recuperar a trajetória de vida das pessoas que foram perseguidas, suas experiências de exílio, prisão, tortura e rompimento de laços e assim permitir maior clareza a respeito de fatos ocorridos durante o período, principalmente em relação ao abuso aos Direitos Humanos cometidos pelo Estado. Vários autores fundamentaram nosso quadro teórico sendo de maior destaque a

visão de Maurice Halbwachs da memória como construção social e coletiva, a ênfase que Andréas Huysen dá à articulação política entre a memória e o esquecimento e a reflexão de Michael Pollak sobre o conflito de memória e embate entre uma memória dominante e as “memórias subterrâneas” esta última fundamentando até mesmo a opção do projeto por resgatar estas versões ‘não-oficiais’ da ditadura que seriam os testemunhos dos agentes da resistência. Nos depoimentos podem ser observadas diferentes memórias que evidenciam diferenças sociais, de classe, de gênero e que apontam para um processo de disputa de memória que, por sua vez, permitem perceber os dilemas e desafios que o país está enfrentando para enquadrar seu passado como, por exemplo, a demora da aprovação da Comissão da Verdade.

A memória dos esquecidos.

cecilia rebelo de oliveira matos (SEEDUC - RJ)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise a respeito dos grupos de pessoas que combateram a ditadura militar brasileira, mas que, durante o processo de Anistia e reparação que começou em 1979 e permanece até os dias atuais, não foram tratados como ícones importantes da resistência. Os depoimentos colhidos pelo projeto Marcas da Memória - História Oral da Anistia, do qual fui bolsista, serão a principal fonte a ser examinada na pesquisa, especialmente os de operários, marinheiros e familiares de mortos e desaparecidos. Nosso objetivo é entender os subterfúgios da memória para criar, nesse caso, protagonismos e esquecimento.

Memórias da Resistência: a construção da memória a partir de documentos inéditos do DOPS/SP

Tito Flávio Bellini Nogueira de Oliveira (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)

Resumo: O presente trabalho busca apresentar ao público acadêmico o andamento do projeto Memórias da Resistência, parceiro do Memórias Reveladas, vinculado ao Arquivo Nacional.

O “Memórias da Resistência” tem em seu escopo o trabalho junto a documentos inéditos do DOPS/SP, encontrados em 2007 na cidade de Jaborandi-SP, abandonados em uma propriedade rural que foi propriedade de um antigo delegado assistente do DOPS/SP, Tácito Pinheiro Machado.

A documentação, digitalizada entre 2007 e 2009, levou à proposta de elaboração de documentário tendo por base fichas inéditas do DOPS, ligadas à Delegacia Especializada de Ordem Política, selecionadas em dois grupos: inquérito 114/69 da delegacia seccional de Ribeirão Preto, e IPM CRUSP.

Este projeto é vinculado ao Instituto Práxis de Educação e Cultura e conta com apoio do Ministério da Cultura, através do edital Prêmio Pontos de Mídia Livre, sendo a pesquisa registrada junto à pró-reitora de Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM.

11/07 - Quarta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Las formas de la violencia en la revista Cristianismo y Revolución (Argentina: 1970-1971)

Esteban Javier Campos (Universidad de Buenos Aires- CONICET-CLACSO)

Resumo: Cristianismo y Revolución fue un medio de comunicación militante, publicado en la Argentina por el ex seminarista Juan García Elorrio y su compañera Casiana Ahumada, entre 1966 y 1971. Espacio de cruce del cristianismo

liberacionista, el peronismo revolucionario y las organizaciones armadas, entre los militantes que difundían la revista se conformarían los grupos que en 1968 fundarían Montoneros. El trabajo forma parte de mi tesis doctoral “De las prácticas discursivas a las redes de comunicación. La formación de una hegemonía alternativa en la revista Cristianismo y Revolución y la preparación espiritual para la lucha armada en la Argentina”. El problema que intenta resolver esta investigación es como se organiza el discurso teológico en los últimos números de Cristianismo y Revolución (C & R, en adelante), teniendo en cuenta la evolución de los artículos de contenido doctrinal y el contexto socio-histórico específico. En trabajos anteriores hemos advertido que en las secciones de la revista que abordaban la problemática religiosa se advertía el pasaje del catolicismo renovador al cristianismo liberacionista; este desplazamiento se correspondía con una transición en las redes de sociabilidad que llevaba de las organizaciones juveniles católicas al Comando Camilo Torres. Aquí sostenemos que siguiendo la misma serie de correspondencias, existe un deslizamiento de la nueva teología conciliar -preocupada por el papel del hombre en la historia y la naturaleza del cambio revolucionario- a una teología de la violencia, que interviene directamente en el debate político. Para demostrar esta hipótesis de trabajo observaremos la columna “Teología”, analizando la relación entre violencia, fines y medios en los artículos de Jalles Costa, Olivier Maillard, Jurgen Moltmann, Rubén Dri, Hernán Benítez y José María González Ruiz. La metodología empleada combina los aportes de la Sociología y la Teoría política con la recolección de testimonios mediante las técnicas de la Historia Oral.

AS MEMÓRIAS DA COLABORAÇÃO CIVIL À

DITADURA BRASILEIRA

Eduardo dos Santos Chaves

Resumo: A história da ditadura foi e, em certa medida, continua sendo contada sob a ótica de uma memória coletiva que superdimensiona a atuação das esquerdas armadas, obscurecendo o apoio de amplos setores sociais ao golpe e mesmo à manutenção do regime. Como desdobramento desta interpretação, somos tentados a pensar que a democracia é um elemento essencial na cultura política brasileira. Conforme Daniel Aarão Reis Filho, o ano de 1979 teria sido decisivo nesta elaboração, momento de conciliação nacional, quando se construía a democracia sem revolver o passado, sem esclarecer como e por que os militares haviam sido vitoriosos em 1964 e permaneciam no poder desde então. Sendo assim, a ditadura militar no Brasil foi escrita como obra de uns poucos militares que derrubaram o governo João Goulart e instauraram um período marcado pela censura, pela perseguição política e pela tortura. A sociedade civil, por sua vez, surgiria como vítima desse algoz regime de exceção, resistindo durante todos os 21 anos a tudo o que a ela foi imposto, como se sempre estimasse pela democracia. Os esquemas explicativos que procuram ler o regime como obra única e exclusiva de alguns militares ligados a um sentimento autoritário não condizem com as novas leituras sobre o período. As fontes de pesquisa, exemplares nesse sentido, mostram o quanto é complexo analisar a ditadura civil-militar brasileira, levando em conta o maniqueísmo militares versus sociedade. E essa complexidade se torna ainda maior quando as fontes de pesquisa decorrem da oralidade. No entanto, ainda assim, muitas pesquisas partem de testemunhos oriundos das esquerdas armadas ou de outros segmentos que estiveram na resistência ao regime, deixando de lado os sujeitos que estiveram à direita do espectro político. Nesse sentido, a

proposta de trabalho a ser apresentada visa discutir a colaboração de civis durante a ditadura brasileira a partir da coleção de entrevistas intitulada “1964 - 31 de março: o movimento revolucionário e sua história”, produzida e publicada pelo Exército, entre os anos de 2003 e 2004. Pretende-se verificar, com o exame dessas narrativas, que a ditadura não foi somente apoiada e legitimada no decorrer dos seus 21 anos. Quarenta anos depois ela permanece sendo “louvada” por aqueles que estiveram ao seu lado. Longe do constrangimento e dispostos a falar positivamente do regime, a maioria dos relatos da coleção permanecem firmes em defender os princípios que eles acreditaram ser legítimos entre 1964 e 1985. Os entrevistados civis que atuaram, ou não, nos governos dos cinco generais presidentes, estiveram dispostos a reverenciar a ditadura, apontando para as estreitas relações entre a sociedade e o regime civil-militar.

Medo, memória e narrativa: o (anti)comunismo em Pernambuco nos anos 1960.

Erinaldo Vicente Cavalcanti (Instituto Santa Maria Mazzarello)

Resumo: Este artigo pretende analisar alguns relatos orais de memória acerca das experiências que contribuíram para formar o tecido social em que o medo sobre o comunismo foi encenado no estado de Pernambuco entre os anos 1958 a 1964, especificamente na cidade de Caruaru. Esta cidade foi um dos espaços de luta onde o medo sobre o comunismo foi praticado e usado de muitas maneiras, criando assim um clima favorável para a propagação de uma sensação de incerteza, insegurança, dúvida, perigo, ameaça, risco e destruição dos valores edificantes da sociedade pernambucana, à época. Além da documentação da polícia e dos periódicos, os relatos orais de memória nos permitem entrar pelos poros das experiências

sociais adentrando no universo multifacetado das relações sociais e perceber como diversos sujeitos se apropriaram e representaram as lutas políticas ligadas ao comunismo no período que antecedeu ao golpe civil militar, no espaço em tela.

A história oral como fonte de pesquisa: (re) construções históricas através da memória

Jailson Costa da Silva, Marinaide Lima de Queiroz Freitas (Universidade Federal de Alagoas)

Resumo: O presente trabalho traz reflexões acerca da importância da história oral enquanto fonte de pesquisa para a (re)construção da história do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) – 1970-1985. É um recorte das reflexões preliminares de uma dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O objetivo central, neste artigo é a apresentação de aspectos relacionados ao papel da história oral, sobretudo, da valorização e reconhecimento dos sujeitos guardiões das memórias, percebendo-os como pessoas que podem esclarecer por meio de seus relatos aquilo que o discurso oficial não mostra. Trata-se de um estudo exploratório, tendo por base o levantamento bibliográfico, fundamentado em pesquisadores como: Bosi (1994), Certeau (2011), Halbwachs (2006), Thompson (1992) dentre outros. As nossas análises parciais apontam que naquele contexto histórico, década de 1970, ignorava-se que os alunos jovens e adultos do MOBRAL apresentavam especificidades e características que necessitavam ser evidenciadas e compreendidas durante o processo de alfabetização, proporcionando a aprendizagem significativa bem como a continuidade dos estudos pós-alfabetização.

Palavras-chave: História Oral – Memórias – MOBRAL –

“A Copa do mundo é nossa!”: sociedade, futebol e ditadura no Brasil e na Argentina

Livia Goncalves Magalhaes

Resumo: Este trabalho é parte de minha pesquisa de doutorado sobre as Copas do Mundo de as sociedades brasileira e argentina no período das últimas ditaduras civil-militares vividas por estes países. Nesta comunicação, minha proposta é trabalhar com as diversas entrevistas feitas e as recolhidas em diferentes arquivos e fontes neste período sobre as diferentes memórias das Copas em cada um desses países. O Brasil foi campeão no México em 1970, e a Argentina venceu em casa a Copa de 1978. Ambas conquistas foram marcantes nas sociedades, um momento de celebração e euforia em períodos de autoritarismo. A partir dos testemunhos recolhidos (de torcedores, dirigentes, jogadores), é possível perceber não apenas as diferentes vivências e manifestações, como também os conflitos envolvendo tais sociedades no que se diz respeito ao esporte mais popular e sua relação com a própria identidade nacional, assim como com o regime e a política. Minha ideia é ver como os diversos atores viveram este momento, ultrapassando a dicotomia apoio/adesão ou a lógica da manipulação das massas nesses eventos.

Sobral e Ditadura Civil-Militar: uma análise a partir dos testemunhos orais e do jornal Correio da Semana (1964-1974)

João Batista Teófilo Silva(Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA)

Resumo: Introdução

A presente pesquisa trabalha na compreensão da Ditadura Civil-

Militar no Brasil, a partir do imaginário criado pelo jornal Correio da Semana, bem como de testemunhos orais, ampliando as possibilidades para a compreensão do contexto político sobralense dentro do recorte temporal estudado. Damos ênfase ao caráter da imprensa como instrumento rico em significados que nos permite colher indícios através das representações que essa constrói dos sujeitos e da própria noção de realidade, refletindo aspectos culturais, políticos, econômicos e sociais de determinado tempo histórico. Este estudo nos permite uma infinidade de possibilidades para conhecer o panorama da cidade de Sobral e sua memória política local, no contexto ditatorial. A análise da pesquisa obedece a uma linha dos acontecimentos, dando ênfase às principais notícias enquanto evidências empíricas para se resgatar aquilo que está sendo estudado.

Objetivo

Compreender a Ditadura Civil-Militar no Brasil e o contexto político sobralense, entre 1964 e 1974, a partir do imaginário criado pelo Correio da Semana, através da análise de discurso, bem como dos testemunhos orais de sujeitos que, direta ou indiretamente, estiveram envolvidos nos acontecimentos da vida política sobralense.

Material e Métodos

Os procedimentos metodológicos atêm-se a uma análise dos artigos e reportagens escritos pelo Correio da Semana, referentes a acontecimentos políticos no contexto ditatorial, dentro dos âmbitos nacional e local. Aliando esta análise aos testemunhos orais colhidos, nos referenciamos em uma série de estudos que contemplam a cidade de Sobral, a pesquisa com periódicos, a História Oral e o próprio regime militar, buscando equilíbrio entre este suporte teórico e a dimensão empírica contida nas reportagens e nos testemunhos orais.

Resultados e Discussão

O Correio da Semana se apresenta como um veículo essencialmente conservador, detentor de um discurso oficial legitimador do regime militar, sendo, portanto, detentor de discursos que tendem para a construção de um imaginário, por meio das representações que ele cria sobre sujeitos e realidades, criando suas próprias percepções sobre o regime militar, percepções estas que são compartilhadas ou refutadas pelos testemunhos orais colhidos.

Conclusões

Tanto o jornal como os discursos estão impregnados de história, não sendo espaços neutros, uma vez que está intrinsecamente ligado a eles todo um arcabouço de idéias, ideologias e partidarismos que os permeiam. Diante disso, buscamos fomentar uma discussão acerca dos acontecimentos que permearam a vida política sobralense entre 1964 e 1974, partindo por caminhos que nos possibilitem uma re-construção e re-significação desses discursos.

*O autor é membro do grupo de pesquisa em História Oral do Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas – LABOME, da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA.

Esquecimento, Culpabilidade e Reparação: os filmes biográficos de desaparecidos e presos políticos no Brasil

Sônia Maria de Meneses Silva (Universidade Regional do Cariri-UCA)

Resumo: O final do século XX e primeira década do XXI foram marcados pela intensificação de uma crescente política de apelo à memória fundamentada em ideias de restituição de direitos e reparação do passado. O golpe de 1964, a exemplo de outros eventos considerados traumáticos, aparece como

ocorrência deflagradora de uma série de demandas sociais bastante complexas. Acrescenta-se a isso, o fôlego alcançado com a produção de minisséries, documentários, relatos de torturados, livros, dentre outros produtos que ajudaram a trazer o tema para um debate público mais amplo. Importante destacar também o espaço que as reflexões sobre as ditaduras militares assumiram no âmbito de constituição dos governos democráticos na América Latina. O chamamento à investigação sobre o passado deu visibilidade a novos grupos políticos, o que ajudou a alçá-los à condição de lideranças importantes nesses países, tornando o passado ponto capital para as recentes democracias sul-americanas. Em vários países da América Latina, os relatos de presos e desaparecidos políticos colocaram em evidências as relações entre passado e presente realçando as disputas de memórias e os silêncios sobre o tema. Esta pesquisa pretende analisar algumas produções biográficas filmicas que destacam a vida de presos e desaparecidos no Brasil durante o regime militar de 1964. Com ela pretendemos analisar os usos do passado na construção dessas memórias.

“O legado de Caim”: contracultura, repressão e as memórias da passagem do Living Theatre por Ouro Preto (Brasil, 1971)

Leon Frederico Kaminski (Prefeitura Municipal de Ouro Preto)

Resumo: O Estado autoritário brasileiro, sob o regime militar (1964-1984), reprimiu e perseguiu não somente as esquerdas (comunistas, socialistas, trabalhistas, etc), mas também as manifestações sociais, políticas e estéticas da chamada contracultura, vista no imaginário da extrema direita como um “comunismo invisível” que visava destruir a instituição da família e a tradição cristã, o que abriria espaço para a implementação de um regime moscovita. Nesse contexto, em

1971, foram presos os integrantes do renomado grupo Living Theatre, grupo de vanguarda pioneiro do teatro off-Broadway, quando preparavam-se para participar do Festival de Inverno de Ouro Preto, Minas Gerais. A prisão da trupe, que vivia de forma comunal na cidade mineira havia três meses, provocou grande repercussão, inclusive com uma campanha internacional para a sua libertação, encerrada com sua expulsão do país. Esse fato foi um dos marcos da repressão dos militares à classe artística e teatral e, em especial, à contracultura. O objetivo deste trabalho é analisar a memória sobre a passagem do Living Theatre por Ouro Preto. As entrevistas, em vídeo, foram realizadas em conjunto com a equipe da TV UFOP e irão servir, além de fonte de pesquisa, como material para um filme documentário que está sendo produzido sobre o tema. Se, por um lado, ficaram marcadas na imprensa da época, de forma caricatural, representações libertinas da vida dos artistas e do uso de drogas, por outro, gravaram-se, juntas às pessoas que conviveram com eles, tanto recordações sobre as inovações estéticas propostas quanto lembranças do humanismo do grupo e do trabalho que realizavam com crianças de um bairro operário. O registro e o estudo destas memórias nos auxiliam a compreender melhor as tensões e os choques que as práticas cotidianas da chamada contracultura provocavam num ambiente conservador como o de Ouro Preto, em plena ditadura militar, assim como a aproximação de parte da juventude e dos artistas locais, colocando-os como ícones da rejeição à ditadura e ao conservadorismo.

**Renascer pelas palavras, reviver pelas imagens:
manifestações dos passados possíveis**

Danielle Tega (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas)

Resumo: A manifestação da memória da resistência à ditadura

civil-militar brasileira é formada por situações inquietantes quando vistas a partir dos estudos de gênero. Após a segunda metade da década de 70, a chamada abertura lenta, segura e gradual, mesmo que de forma conturbada e com a permanência da repressão e, em muitos casos, da censura, permitiu uma esfera pública na qual narrativas e relatos, até então contidos, puderam ser incorporados – o que possibilitou a múltiplos atores sociais e políticos estruturarem seus relatos do passado, expressando, ao fazê-los, seus projetos e expectativas políticas para o futuro.

Partindo do pressuposto de que os debates em torno desse passado recente são predominantemente marcados pela fala e escrita masculinas, busca-se suprir essa lacuna com o resgate de um filme dirigido, roteirizado e produzido por uma ex-militante de um grupo guerrilheiro. Trata-se de “Que bom te ver viva”, primeiro longa-metragem da cineasta Lúcia Murat, que aborda a sobrevivência à ditadura militar de oito mulheres que participaram da resistência política ao regime repressivo.

Imagens em movimento, vozes, música e fotos de arquivo são combinadas na construção de uma memória sobre esse passado e, nesse sentido, entram em debate com outras memórias.

A intenção deste artigo é fazer um estudo da maneira pela qual a memória sobre a ditadura civil-militar brasileira, especialmente a resistência política feminina, é reconstruída no filme em questão. Pautando-se por uma perspectiva que se baseia no cruzamento dos estudos de memória com o pensamento feminista, procura-se perceber o filme como manifestação da memória, verificando de que modo os paradoxos e tensões presentes articulam-se na narração da sobrevivência após um período traumático. Os estudos de gênero são pontos de apoio para observar de que forma as convenções de feminilidade são (re)construídas. Diante disso,

observa-se a ênfase dada pelo filme às questões subjetivas que ficaram silenciadas nos anos de militância, caracterizadas principalmente nas discussões sobre violência e sexualidade, procurando trabalhar o modo pelo qual o filme tece essas questões ao mesmo tempo em que realiza uma elaboração da experiência.

12/07 - Quinta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Ação Libertadora Nacional (ALN): memória e conflitos

Edson Teixeira da Silva Júnior (Polo Universitario de Rio das Ostras - PURO/UFF)

Resumo: A análise da memória dos militantes que atuaram na resistência à ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985), com destaque para os que ingressaram na Ação Libertadora Nacional (ALN), a partir da coleta de depoimentos e a correlação com documentos produzidos pela organização, evidenciam conflitos políticos que merecem ser recuperados para o devido esclarecimento de acontecimentos do passado recente e para problematizar o caráter político que fundamentava sua tática e estratégia de resistir à ditadura. Ressalvando, que ao priorizar a ALN como objeto de estudo, não há desprezo das demais organizações que atuaram no enfrentamento ao regime ditatorial.

Os ausentes da Noite dos Lápis: memória e testemunho dos sobreviventes da repressão na Argentina pós-ditatorial.

Marcos Oliveira Amorim Tolentino

Resumo: O episódio conhecido como La noche de los lápices tornou-se publicamente conhecido com a publicação de um livro e a exibição de um filme homônimos no ano de 1986. O

argumento de ambas as produções é de que em setembro de 1976, durante os primeiros meses da mais recente ditadura civil-militar argentina, sete adolescentes da cidade de La Plata foram sequestrados, torturados e desaparecidos como consequência da luta pelo boleto estudantil secundário, no ano anterior. Apesar de serem produções independentes uma da outra, elas tem como eixo o testemunho dado por Pablo Díaz, considerado então o único sobrevivente dos episódios. O objetivo desta apresentação é problematizar tal relato agregando a ele a trajetória de outros três jovens envolvidos: Emilce Moler, Gustavo Calotti e Patricia Miranda. Tidos inicialmente como os ausentes, eles compartilharam com os jovens da noite dos lápis a experiência do cativo e do período de desaparecimento. Porém, por não terem participado das duas iniciativas que consagraram Pablo Díaz como porta-voz privilegiado da rememoração dos episódios, é esquecido principalmente o fato de que compartilham com ele o reaparecimento e a condição de sobreviventes. Mais do que problematizar uma memória emblemática, nossa proposta é pensar o que significa para eles ter sobrevivido à experiência do centro clandestino de detenção, de que maneira assumiram ou não o dever da memória tornando públicas suas experiências, e quais os limites encontrados para o seu testemunho, pois as suas versões agregam novos elementos a uma versão socialmente compartilhada e aceita, sobretudo acerca da militância política dos estudantes desaparecidos. Além disso, a trajetória pessoal de cada um deles permite-nos apontar eixos iniciais para a análise da figura do sobrevivente na Argentina pós-ditatorial, indagando o que ocorreu com esses indivíduos ao se tornarem ex-detenidos desaparecidos, durante a própria ditadura e nos anos posteriores da democracia, além de qual a importância dos seus testemunhos para a produção do conhecimento histórico.

Para tanto, utilizaremos principalmente as entrevistas de Emilce Moler e de Gustavo Calotti produzidos pelo Arquivo Oral do Memoria Abierta.

Memórias de uma militância: Movimento Estudantil na Bahia na década de 1970

Maurício Quadros da Mota

Resumo: O trabalho versa sobre o estudo do Movimento Estudantil na Bahia de 1968 a 1979, período que corresponde a promulgação do Ato Institucional N°-5 (AI5) e o ressurgimento da União Nacional dos Estudantes (UNE) em Salvador com a realização do seu 31° Congresso Nacional. Esse período representa um dos momentos mais duros no que tange a perseguição política e de repressão às organizações sociais, dentre elas o Movimento Estudantil. Nosso objetivo é discutir e problematizar através dos relatos orais de ex-militantes o papel do Movimento Estudantil baiano no contexto de reorganização política, percebendo suas redes de articulações, experiências e estratégias políticas nas lutas pela redemocratização política no Brasil.

Foi preciso agir: mulheres na dianteira da resistência a ditadura no Cone Sul (1954-1989)

Tamy Amorim da Silva

Resumo: O presente trabalho é fruto da pesquisa "Brasil, Paraguai e Bolívia um estudo comparativo sobre a atuação das mulheres nas Organizações de Familiares de Desaparecidos e Detidos", iniciada em 2010, como parte integrante do projeto "O gênero da resistência na luta contra as ditaduras militares no Cone Sul 1964-1989", coordenada pela prof^a. Dra. Cristina Scheibe Wolff. Nosso objetivo é estabelecer comparações entre os movimentos de familiares ocorridos no Brasil, Paraguai e

Bolívia, para entender como as mulheres se organizavam e agiam perante um Estado de exceção, como foi o caso das ditaduras civil-militares instauradas por todo Cone Sul, entre os anos de 1964 à 1989. Visto que as mulheres pouco participavam da cena política ou pública nesses países, foi nesse cenário, em meio a violações dos Direitos Humanos organizados sistematicamente pelo Estado, que as mulheres passaram à dianteira na luta contra a ditadura, buscando respostas pelas detenções e desapareções de amigos e parentes. Usavam estrategicamente papéis de gênero como: “mães, donas de casa, protetoras do lar”, para se protegerem da repressão, e também para alcançar seus objetivos de denunciar a violência estatal, e conseguir melhores condições carcerárias para os presos políticos. Nesta pesquisa focamos o estudo em três mulheres que lideraram os movimentos de familiares desaparecidos e detidos, e são referências da luta pelos Direitos Humanos, são elas: Therezinha Godoy Zerbini, Carmen Lara Castro e Loyola Guzman. Para este trabalho utilizamos entrevistas orais, artigos, teses, dissertações, livros de memória relativos ao tema, como também informes sobre os crimes cometidos durante a ditadura. Empregamos a metodologia da História Oral como base de nossas interpretações, entendendo que cada relato nos traz mais um olhar para entender o passado, e mais uma maneira de entender nossa história. As entrevistas foram realizadas por pesquisadores do Laboratório de Estudos de Gênero e História nos três países pesquisados, e é através desses relatos que objetivamos compreender como as mulheres agiam em um momento em que a ditadura paralisava qualquer tentativa de resistência.

Palavras chave: História Oral, Gênero, Ditaduras civil-militar, Direitos Humanos, Mulheres.

A reconstrução do mundo de familiares de desaparecidos políticos do Araguaia

Deusa Maria de Sousa (Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República)

Resumo: O presente trabalho discute, a partir de fontes orais e outras fontes, algumas transformações pessoais ocorridas nas vidas de familiares de militantes envolvidos no conflito denominado Guerrilha do Araguaia a partir da ruptura dos laços familiares e na busca pelo paradeiro de seus parentes. O Brasil esteve sob intenso regime ditatorial militar, mais especificamente em fins dos anos 1960, quando o PCdoB (Partido Comunista do Brasil) decidiu enviar para a região do Araguaia (entre os atuais estados do Pará, Tocantins e Maranhão) alguns de seus militantes com o objetivo de implementar uma guerrilha com inspiração no modelo maoísta. Para aquela região foram enviadas cerca de 60 pessoas, principalmente jovens que, na maioria dos casos, corriam risco de morte e/ou sofrer fortes represálias se continuassem a viver nos grandes centros devido à repressão política. Respalado pelos critérios de coesão política, risco à vida e habilidade profissional do militante, o Partido fez o processo de escolha. Posteriormente à escolha houve o processo de separação dos militantes de suas famílias. Separação esta parcialmente amenizada pelo Partido que trouxe, durante algum tempo, notícias dos militantes através de bilhetes e cartas. Depois, no momento em que os comunistas foram descobertos e atacados pelas forças oficiais, houve um imenso silenciamento que coincidiu com mortes e prisões das direções do Partido nas principais metrópoles do país, deixando dezenas de famílias sem notícias de seus familiares e em saber o que lhes teria ocorrido. Com o advento da Anistia, em 1979, muitos familiares se encontraram e se organizaram com o intuito de buscarem

informações acerca do paradeiro de seus parentes. E é neste contexto que esta pesquisa se insere para trabalhar os objetivos ora propostos.

Juventude militante em Teresina no pós-1964: entre a utopia e a repressão

Lucélia Nárjera de Araújo (Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Piauí- SEDUC)

Resumo: Considerando a história oral enquanto abordagem metodológica que permite o registro de representações da memória e que consiste, conforme nos ensina Verena Alberti (2010), na realização de entrevistas com indivíduos que participaram, ou testemunharam acontecimentos do passado, possibilitando o conhecimento dos modos de vida de atores de uma geração; faremos uso dessa fonte para analisar relatos orais de memórias de determinados sujeitos que compunham uma parcela da juventude teresinense que vivenciaram as transformações na política e nos costumes nas décadas de sessenta, e que sofreram os rigores da repressão imposta pela ditadura civil-militar a partir de 1964. Abordaremos a memória na perspectiva de Nora (1981), que a vê carregada por grupos vivos e, em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. Buscando perceber quais memórias prevaleceram nas narrativas desses atores que vivenciaram a década de sessenta como militantes e, ao mesmo tempo, sujeitos receptores de uma revolução cultural: se uma “memória saudosista” - permeada por lembranças de um período caracterizado pela crença juvenil em mudanças e transformações sociais no mundo, marcado por manifestações protagonizadas pelos jovens nas ruas que clamavam por liberdade. Ou se estes conservam uma “memória ressentida”, causada por suas experiências traumáticas vivenciadas enquanto

militantes engajados na luta contra a ditadura e originada pelas perseguições políticas impostas pela conjuntura histórica de repressão, instituída no Brasil a partir de 1964. Analisando o ressentimento de acordo com a concepção de David Konstan (2004), que o compreende como um sentimento duradouro, persistente, e que na perspectiva de Pierre Ansart (2004) resulta de um sentimento associado à lembrança de uma humilhação, experienciado pelo amor-próprio ferido e se dissimula atrás do rancor.

Tempos de resistir: repressão, cotidiano e luta de presos políticos na Penit. Barreto Campelo, na Ilha de Itamaracá - PE (1973-1979)

Joana Santos Rolemberg Côrtes

Resumo: O Brasil ainda está distante de concluir o processo de elaboração e reflexão crítica sobre o passado da ditadura civil-militar, ocorrida entre 1964 e 1985. A reprovação da proposta de revisão da Lei de Anistia, pelo Supremo Tribunal Federal brasileiro, em abril de 2010, o debate em torno da implementação da Comissão da Verdade, criada pelo Governo Federal em novembro de 2011, a legislação impeditiva ao acesso aos documentos sigilosos nos arquivos militares, a não responsabilização dos crimes de torturas e assassinatos políticos e os conflitos do direito à memória e à verdade são só alguns dos pontos tanto atuais quanto nevrálgicos desse processo histórico sobre o passado recente – e PRESENTE - de autoritarismo político e violação dos direitos humanos no país. Por um lado, muitos fatos e experiências permanecem desconhecidos. Por outro, estudos historiográficos significativos que analisam experiências, traumas sociais e individuais e dimensões diversas da memória social provocada pela ditadura civil-militar no Brasil têm sido publicados nos últimos anos.

Entre os estudos produzidos nas universidades brasileiras, ainda há poucos voltados para a experiência de presos políticos nos cárceres do país, especialmente os de fora do eixo Rio-São Paulo, como é o caso dos da região Nordeste. Através do uso da História Oral, este texto apresenta uma análise dos primeiros resultados de entrevistas com ex-presos políticos e que se dedica a compreender as diferentes experiências de repressão e resistência socializadas no cotidiano da prisão política na Penitenciária Barreto Campelo, entre 1973 a 1979, no estado de Pernambuco.

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa que procura refletir de que maneira se dá a relação de seis ex-presos políticos com a memória presente de um passado coletivo da ditadura brasileira. Procuo compreender, através das narrativas orais, os mecanismos de repressão do Estado na prisão e as estratégias de sobrevivência e de aprendizado, de reorganização de identidades e de resistência desses sujeitos políticos dentro do cárcere contra a ditadura no Brasil.

Quando recordar é um dever: narrativas de filhos da resistência da ditadura civil-militar brasileira

Mariluci Cardoso de Vargas

Resumo: As crianças e adolescentes brasileiras que tiveram seus passados marcados pelas conseqüentes ações repressivas da ditadura de segurança nacional são protagonistas importantes de uma parte da sociedade atual que reivindica uma Comissão da Verdade que englobe a questão jurídica no seu projeto. Ainda que o Estado brasileiro tenha reconhecido sua responsabilidade sobre o desaparecimento de militantes políticos são inúmeros os questionamentos acerca dos casos de violência, sequestro e ocultação de cadáver que não foram revelados. Acredita-se que algumas dessas lacunas permanecem por estarem vinculadas a

própria interpretação da Lei de Anistia de 1979 que permite o perdão, o esquecimento e a impunidade de militares que cometeram crimes contra a humanidade. A geração que vivenciou perseguições, torturas físicas e psicológicas, sequestros e o desaparecimento de entes queridos é marcada por sentimentos de insegurança, medo e repúdio à violência estatal. O regime de exceção limitou não apenas a liberdade como também um futuro familiar dessas vítimas diretas ou indiretas que foram privadas da convivência com seus pais que estiveram em oposição ao autoritarismo. As reconstruções das memórias desses filhos da resistência são o objeto de análise desse trabalho que busca verificar as construções identitárias dessa geração que por muitos anos esteve silenciada.

“A gente também fazia manifesto de rua né, a gente fazia protesto”: culturas políticas e memórias da resistência à ditadura civil-militar em Sobral-CE (1964-1975)

José Valdenir Rabelo Filho (Universidade Federal Fluminense)

Resumo: A pesquisa aqui proposta busca contemplar um tema recorrente na historiografia que trata da história política recente do Brasil Republicano: as memórias de resistências à ditadura militar de 1964 articuladas por movimentos juvenis revolucionários, seus referenciais e orientações políticas, assim como, seus projetos de “modernidades alternativas” que irrompem os limites fronteiriços dos grandes centros urbanos e chegam às médias cidades. Nesta medida, a partir do trato de periódicos, Relatórios e Inquéritos Policiais Militares da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS/Ceará), bem como a partir de relatos orais de memória, nos lançamos a refletir sobre as experiências de resistências à ditadura militar praticadas no Ceará, tomando como referencial a cidade de Sobral, média cidade localizada na Região Noroeste do Estado

do Ceará, e sempre dada a ver por uma historiografia oficial como o lugar da ordem, da disciplina, da moralidade, dos bons costumes, espacialidade que oferece à sua área de influência uma imagem exemplar, ainda que os documentos com os quais operamos nos indiquem imagens contrárias de cidade, pois apontam para culturas políticas que se confrontam e inventariam idéias e práticas paradoxais, complexas, dúbias. Deste modo, com o objetivo de contribuirmos para uma revisão historiográfica sobre as experiências de resistências à ditadura civil-militar no Ceará, levantamos algumas primeiras questões, a partir das quais problematizaremos o “discurso oficial”: Quais sujeitos e grupos atuaram nos movimentos de resistências à ditadura civil-militar em Sobral, e quais ações ditas “subversivas” foram praticadas? Quais apoiaram a “revolução de 1964”, e como articulavam as suas defesas? Como se posicionaram padres, e mesmo a Igreja Católica enquanto instituição atuante naquela cidade, com a proposta de “revolução” propagada pelos militares golpistas de 1964? Em termos metodológicos, a pesquisa proposta se beneficiará amplamente das contribuições recentes do que se convencionou chamar de nova história política, que inscreve e evoca as culturas políticas que “(...) assim elaborada e difundida, à escala das gerações, não é de forma alguma um fenômeno imóvel. É um corpo vivo que continua a evoluir, que se alimenta, se enriquece com múltiplas contribuições (...)” (BERSTEIN, 1998, p. 357), sendo reflexo de experiências sociais forjadas por diversos sujeitos e grupos, que definem as armas e campos de batalha onde as memórias se enfrentam, que tramam diálogos entre o lembrar e o esquecer.

13/07 - Sexta-feira (Tarde - 14h as 17h)

DITADURA CIVIL-MILITAR NO BRASIL: A MEMÓRIA

DOS DESEMBARGADORES DO TRT-RJ

CLAUDIANE TORRES DA SILVA

Resumo: UMA REFLEXÃO ACERCA DOS DEPOIMENTOS DOS DESEMBARGADORES DO TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO DO RIO DE JANEIRO SOBRE A ATUAÇÃO DA JUSTIÇA DO TRABALHO E SEUS PRINCIPAIS PROBLEMAS DURANTE O PERÍODO DA DITADURA CIVIL-MILITAR NO BRASIL.

Anistia e Justiça: um diálogo possível?

Débora Strieder Kreuz

Resumo: Durante 21 anos o Brasil viveu uma Ditadura Militar. Quando esta não mais se sustentava, seja pela crise econômica, seja pelas pressões interna e externa, resolveu-se pela abertura “lenta, gradual e segura”, tendo em vista que os militares desejavam manter o controle para um suposto retorno ao regime democrático. Aos poucos as liberdades antes suprimidas foram sendo recuperadas. A promulgação da Lei da Anistia-Lei nº6.683/79- foi um marco importante nesse processo, quando puderam voltar do exílio muitos dos antes perseguidos políticos. Contudo, a referida lei possui pontos extremamente controversos, pois, na percepção militar e de alguns setores conservadores da comunidade jurídica e social, instituiu-se a anistia para os militares que comandavam práticas, como a tortura, que desrespeitavam os direitos fundamentais. Em nenhum momento a lei prevê tal anistia, ou seja, esta derivou de uma interpretação acerca dos denominados crimes conexos, proposição melhor aprofundada no decorrer do trabalho. A presente proposta de trabalho tem como objetivo analisar o quanto a mencionada lei e a suposta “reconciliação” que muitos pregam que ela trouxe, são entraves para a efetiva concretização dos direitos da sociedade à preservação da memória e a busca

da verdade dos fatos ocorridos no período. Deve-se ressaltar, inclusive, que o Brasil, recentemente, foi condenado pela Corte Interamericana de Direitos Humanos a esclarecer os fatos da época em tela, bem como efetuar políticas para elucidá-los. As iniciativas para cumprir o determinado na sentença estão sendo realizadas de forma tímida e pouco se tem falado na justiça, que deveria nortear as ações. Para a execução do trabalho, estão sendo realizadas leituras nas áreas da História e do Direito acerca da problemática proposta, bem como planejamento para a realização de futuras entrevistas com militantes que atuam na busca da preservação da memória e na busca da verdade. O trabalho ainda é inicial, por isso são poucas as conclusões. Apesar disso, alguns aspectos podem ser citados, tais como aquele presente na sentença da já aludida Corte, referindo-se ao fato de que a Lei da Anistia não pode ser utilizada como argumento para a não investigação dos fatos, tendo em vista que ela contraria normas de Direito Internacional. Também a ser destacado é a possibilidade que a denominada “Justiça de Transição” só produza efeitos a partir da concretização dos seus quatro pilares, a saber, verdade, justiça, reparação e preservação da memória do período. Sabe-se que existem iniciativas para a preservação da memória e reparação dos danos, mas a busca da Justiça está colocada, inicialmente, em segundo plano. Acredita-se que, somente no momento em que todos os pilares forem concretizados estar-se-á num regime plenamente democrático.

“Nossas vítimas tem que ser heróis”: a memória militar sobre o uso da violência durante a ditadura brasileira - uma leitura do Projeto Orvil

Isabel Cristina Leite(UNIRIO), Priscila Carlos Brandão(Universidade Federal de Minas Gerais)

Resumo: Pensado ainda no começo do ano de 1984 como uma

forma de se contrapor ao destaque que ganhavam as memórias de militantes de esquerda sobre a ditadura militar brasileira, o projeto ORVIL não pode ser compreendido separadamente do seu processo de extensiva divulgação, iniciado em 2007, e que tem continuidade por meio dos sites do projeto TERNUMA e do Jornal Inconfidência. Também não pode ser considerado, sem que seja realizada uma análise sobre seu principal mentor e executor: N2 ou F.Dumont, conforme pseudônimos adotado pelo autor em entrevistas (N2) e nos sites do projeto TERNUMA e do Grupo Inconfidência (F.Dumont).

Considerar parte da trajetória deste ex-analista de informações do Centro de Informações do Exército (CIE) é fundamental para a compreensão da batalha que vem sendo empreendida por alguns militares, no sentido de impor sua versão dos fatos sobre a aplicação da violência durante a recente ditadura. Optamos por privilegiar o depoimento como fio construtor de nosso trabalho, pois entendemos que existe a constituição de uma narrativa plausível sobre o desencadeamento do projeto, endossada por documentação, e por uma política identificável de N2, de manter o debate aceso, por meio de suas publicações no site do TERNUMA. Estamos conscientes do processo de construção de memória envolvido, que estamos apresentando uma versão da história, que será confrontada com outra, divulgada pelo jornalista Lucas Figueiredo, trazidas a público em uma série de reportagens sobre o Orvil em 2007, e que posteriormente ensejaram a publicação do livro: Olho por olho. Os livros secretos da ditadura, em 2009.

A administração da justiça através de fontes orais (1965 - 1988).

Lucia Grinberg(UNIRIO)

Resumo: Nas últimas décadas, a história política aproximou-se sobremaneira da história cultural, passou a compreender dimensões antes estranhas ao seu campo, como as festas populares e a literatura que, com certeza, também são meios de expressão política das sociedades. A renovação historiográfica no sentido de ampliação de problemáticas e de objetos de pesquisa, no entanto, não implica necessariamente na desvalorização de temas clássicos da história política, como o Estado. Na presente comunicação pretendo analisar possibilidades de investigar instituições como o poder Judiciário a partir de contribuições de novas abordagens, como o uso de fontes orais. Neste caso, retorno à leitura de entrevistas realizadas com servidores da Justiça Federal da Guanabara e do antigo estado do Rio de Janeiro que trabalharam entre 1965 e 1988. Entre os entrevistados, há tanto magistrados como funcionários administrativos, como os antigos diretores de secretaria, através dos depoimentos é possível conhecer diferentes lógicas presentes na administração da Justiça, sendo especialmente interessante a relação dos servidores com o Judiciário como mundo do trabalho.

Narrativas en conflicto en la reconstrucción del pasado reciente. El caso de Chubut en la Patagonia Argentina.

Susana Mariel Debattista(UNPSJB)

Resumo: En los últimos años, la literatura setentista ha cubierto un amplio espectro editorial con historias de índole académicas e historias militantes (Devoto: 2004). Es sabido que los setenta fueron años de antagonismos irresueltos, de luchas por las ideas, de violencia política intensa e irracional. Este proceso no fue vivido con la misma intensidad en todo el ámbito nacional, y por lo tanto, no afectó a todas las provincias argentinas por igual (Debattista: 2010). Nos interesa indagar cómo fueron

vividos estos años en la provincia del Chubut teniendo en cuenta que es una idea muy extendida, en el ámbito de la historia regional, pensar la región y la ciudad de Trelew en particular, como escenarios de convivencia armónica, como sociedades en las que no existían los conflictos. En contrapartida a esta afirmación en estas páginas intentaremos mostrar que Trelew fue un espacio político en el que se produjeron luchas por las ideas.

Las políticas de la memoria, en tanto políticas de gestión del pasado, actúan consciente o inconscientemente en los procesos de revisión del pasado colectivo (Debattista: 2005). En este sentido, es posible afirmar que éstas políticas juegan un rol central porque abren caminos para interrogarse sobre las representaciones acerca del pasado reciente y de los mecanismos utilizados para su reconstrucción en contextos socio históricos definidos.

Como intentaremos mostrar, la elaboración de una memoria compartida acerca de los actores políticos que intervinieron en la década del setenta en el espacio regional denota tensiones producidas por las luchas en torno al sentido del pasado. En un caso concreto como la figura del diputado nacional Dr. Mario Abel Amaya, por ejemplo, la tensión se visualiza en la recuperación de esa figura por parte de los militantes de izquierda, que intentan configurarlo como un luchador social y popular, a la par que nos encontramos con la reciente urgencia del partido político radical (UCR) por reinstalarlo como parte central del canon del partido.

Para dar cuenta de este proceso se trabajará con conceptos que nos permitan problematizar la reconstrucción de esta figura a través de nociones como memoria política y representación de pasados recientes en conflicto (Mudrovic: 2009).

Para la reconstrucción de las memorias políticas en torno a

Amaya en esta comunicación recurriremos, mayoritariamente, al uso de fuentes orales, además del trabajo con el acervo documental referido al período estudiado. Tanto el relevamiento oral como el documental nos permitirán entrecruzar versiones tensionadas de su quehacer político (su propia experiencia) con la reconstrucción producida por los diferentes sectores ya mencionados.

Ego Sum Pinochet e a retórica da legitimação do poder autoritário no Chile

Cláudio Pereira Elmir(Universidade do Vale do Rio dos Sinos)

Resumo: A presente comunicação se insere em uma investigação mais ampla a qual tem o objetivo de analisar o discurso militar produzido pelo exército chileno no período compreendido entre os Governos de Salvador Allende e Augusto Pinochet. Neste trabalho, em particular, pretende-se examinar a experiência de Pinochet na forma como ele a constrói em uma longa entrevista concedida pelo general-presidente a duas jornalistas um ano antes de sua saída do governo. Trata-se do livro Ego Sum Pinochet (1989), de Raquel Correa e Elizabeth Subercaseaux. Ao examinar o livro-depoimento, tem-se em vista verificar de que maneira se dá o alinhamento do discurso do general-presidente chileno com o “ethos militar”, ao mesmo tempo em que se averigua de que forma tal alinhamento busca justificar as ações governamentais da ditadura militar chilena.

¡Sorteando el vuelo del cóndor! ¿Cómo vivieron los chilenos que huyeron en 1973 hacia el NE de Chubut?

Mónica Gatica(Universidad Nacional de la Patagonia San Juan Bosco)

Resumo: A la fecha estamos abocados a la investigación del

proceso de exilio o migración forzada al que fueron empujados los trabajadores chilenos que debieron abandonar compulsivamente su país después de producido el golpe de estado contra el presidente Salvador Allende, el 11 de Septiembre de 1973, y se radicaron en el NE de Chubut. Buscando conjugar la no uniformidad de la experiencia humana con la pretensión de generalidad y explicación de la ciencia social, hemos optado por trabajar con historia oral. Esta opción teórica puede entenderse tal vez como respuesta frente a la incertidumbre actual, reflejando la tarea de profesionales motivados mayoritariamente por razones sociales y políticas, que procuramos estimular a mujeres y hombres, para que puedan hablar, tratando de garantizarles condiciones para ser escuchados, y persiguiendo que consideren, revisen, y se empoderen, a partir de la reflexión, sobre sus vivencias. Bien sabemos que la narración no sólo da cuentas de algo que ha sucedido, sino que se constituye en sí misma como un evento, en tanto tiene efectos sobre los comportamientos colectivos e individuales.

Nos abocaremos en este trabajo a revisar la experiencia de trabajadores que se insertaron laboral y socialmente en nuestras comunidades, sorteando “el vuelo del cóndor” que se cobró muy tempranamente sus primeras víctimas en el sur de Chubut, en 1973.

Do banimento à luta pela anistia: história e memória da Associação dos Anistiados Políticos Militares da Aeronáutica –GEUAr (1994-2002).

Esther Itaborahy Costa(Universidade Federal de Juiz de Fora)

Resumo: Este resumo diz sobre minha pesquisa de mestrado iniciada em 2012 em decorrência do aprofundamento das discussões iniciadas na minha monografia sobre a memória de

ex-militares do GEUAr. O estudo se pautará na Associação dos Anistiados Políticos Militares da Aeronáutica (GEUAr), em que a sigla é uma homenagem ao Grêmio Esportivo Unidos do Ar, fundado em 1948 em Lagoa Santa (MG). O GEUAr é uma associação sem fins lucrativos de auxílio a ex-militares da Aeronáutica e demais Instituições que supostamente sofreram represálias ao serem acusados de participação em ações revoltosas nos anos 1960. Em função disso, esses ex-militares foram desligados da corporação – a partir de 1964 com a edição da Portaria 1104 pelo Ministério da Aeronáutica - e desde 1994, quando da fundação do GEUAr como associação política, buscam a Anistia Política. A memória e as atuações desses atores sociais, mediadas pelo GEUAr, bem como os dramas desses homens por reconhecimento social, pelo valor de ‘servir e proteger’, quando integrados à Instituição, ocupam lugar privilegiado nesta comunicação.

Memórias da Caserna: Cotidiano e Experiência dos Praças da Aeronáutica em Belém no Regime Civil-Militar (1964-1985)

Carlos Eduardo dos Santos e Santos (Centro Educacional Batista do Benguí)

Resumo: Neste trabalho analiso como militares da baixa hierarquia da Aeronáutica (praças) rememoram seu cotidiano da caserna e das missões desenvolvidas na região da Primeira Zona Aérea, sediada em Belém, atual Primeiro Comando Aéreo Regional (I COMAR) no período de 1964-1985. Nos estudos que tratam do Regime Civil-Militar brasileiro há um grande foco na atuação dos distintos grupos contrários às intervenções político-sociais organizadas principalmente pelo Exército, Marinha e Aeronáutica. Atualmente, os militares voltam ao cenário acadêmico na tentativa de compreender as acepções que

esse segmento tem de sua participação na sociedade é nesse período específico e como se deu a inserção dos indivíduos membros dessas instituições no bojo do Regime. Dentre as Forças Armadas, a Aeronáutica ganhou nosso interesse, à medida que no cenário amazônico, ela tornou-se um importante meio para garantir a segurança interna do país, principalmente numa região tão vasta e de difíceis acessos às outras Forças Armadas. Utilizamos para esta percepção, predominantemente entrevistas orais sistematizadas aos praças da Aeronáutica e a documentação contida no I COMAR.

Palavras-Chaves: Aeronáutica. Memórias. Regime Civil-Militar.

011. História Oral e Narrativas em Saúde

Coordenação: Grupo de Estudos em História Oral e Saúde-GEHOS/CeHFi/UNIFESP

10/07 - Terça-feira (Tarde - 14h as 17h)

Memória médico-social: A História Oral como fonte de pesquisa da trajetória do Hospital Beneficência Portuguesa de Porto Alegre

Éverton Reis Quevedo (Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM))

Resumo: Abrigando o Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul, o prédio histórico do Hospital Beneficência Portuguesa, segundo do gênero em Porto Alegre, tem-se tornado mais do que nunca um espaço de memória.

Médicos, funcionários e principalmente pessoas da comunidade, ao cruzarem a porta principal, passam por um processo de rememoração. É notória a ligação de muitos de seus visitantes com o Hospital, que foi por anos, referência em saúde no Estado. Nesse sentido o trabalho a ser apresentado busca

recuperar as experiências de vida dessas pessoas que têm suas trajetórias ligadas a instituição, revelando assim aspectos médicos e sociais de diferentes períodos.

Patrimônio Material e Imaterial da Hanseníase: Colônia de Antonio Diogo/Município de Redenção/Ceará.

Gisafran Nazareno Mota Jucá (Universidade Estadual do Ceará)

Resumo: O uso da “história oral”, como opção metodológica, no estudo da hanseníase, abre perspectivas novas, transdisciplinares, de melhor compreensão de um processo histórico deveras abrangente, que associa práticas cotidianas locais, regionais, nacionais e internacionais. Nessa perspectiva, um estudo de campo, em uma “Ex-Colônia de Leprosos”, no Interior do Estado do Ceará, permite-nos ampliar não apenas as informações coletadas sobre essa doença e seu impacto social, mas penetrar no âmago da temática, ou seja, coletar os informes reveladores da história do espaço social estudado, percebendo a expressão e a manifestação das sensibilidades dos agentes envolvidos no processo histórico vivenciado, coletada através da aplicação dos conceitos básicos de história cultural. A proposta de realização das entrevistas programadas, já em andamento, subentende a coleta de depoimentos, dividindo os entrevistados nas seguintes categorias: 1. Direção da Instituição pesquisada; 2. Os hansenianos idosos que ainda residem na “Colônia”; 3. Os filhos e parentes desses hansenianos, tendo como suporte teórico os conceitos de “memória e história”, “memória individual e memória social” e “pós-memória.”

“As narrativas do cotidiano e a vivência da hanseníase em Governador Valadares na década de 1980”

Flávia Rodrigues Pereira (UNIVALE, CREDENPES (SMS-

GV))

Resumo: A hanseníase é muito estudada do ponto de vista da doença. Vários são os levantamentos sobre seu percurso biológico, no entanto, há que se descortinar outros elementos envolvidos no processo dessa doença milenar, que já foi chamada de lepra, e que mesmo com a mudança de seu nome, traz à memória individual e coletiva as experiências do mundo vivido, do cotidiano e das relações de poder. Através de um estudo de caso de uma família valadarense, com diagnósticos de hanseníase na década de 1980 (década marcada por mudanças na condução e nas práticas do cuidado aos pacientes), percebeu-se a tensão cotidiana, o estigma, suas implicações no contexto familiar, os sentidos e significados contraditórios assumidos pelo paciente em relação à “doença”. Ressaltamos que, para além do contexto biológico da hanseníase, há uma outra dimensão a ser considerada e caracterizada por seus sujeitos e suas perspectivas diante do diagnóstico recebido. Nesse estudo, a história oral foi um importante instrumento que permitiu não só acessar a experiência desses sujeitos únicos, mas propõe uma reflexão sobre os cuidados e práticas atuais realizados por profissionais da saúde em relação à hanseníase.

O Hospital Psiquiátrico experimentado: narrativas de internos e a problematização da assistência psiquiátrica no Brasil

FRANCIELE ARAUJO (SEED-PR)

Resumo: A História Oral se constitui como uma ferramenta importante de pesquisa, pois permite ao historiador compreender elementos referentes à histórias de vida e percepções de mundo. Neste sentido, esta comunicação tem como objetivo apresentar algumas considerações sobre as experiências vivenciadas por dois sujeitos durante o

internamento em um hospital psiquiátrico – o Hospital Filadélfia, localizado na cidade de Marechal Cândido Rondon/Paraná. Diante das definições médico-psiquiátricas, estes sujeitos estavam classificados: um como alcoolista e o outro enquanto psicótico. As entrevistas foram realizadas no interior da instituição psiquiátrica durante o período de internamento dos mesmos. As percepções e sentidos sobre o tratamento e espaço do hospital psiquiátrico emergem nas narrativas dos depoentes, possibilitando lançar outros olhares para as experiências que se constituem nestes lugares. Assim, as análises destes depoimentos permitem levantar questionamentos acerca da assistência psiquiátrica e da atual legislação em saúde mental, bem como, estabelecer uma reflexão crítica sobre saúde e doença.

A velha casa rosa - memórias da Maternidade de Laranjeiras

Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro(Universidade Federal Fluminense)

Resumo: A Maternidade de Laranjeiras, ou Maternidade do Rio de Janeiro, assim foi fundada em janeiro de 1904 como parte do processo civilizatório republicano de forjar o povo brasileiro em direitos e deveres cidadãos. Nos seus 108 anos, já passaram por seus corredores e salas, médicos, técnicos e outros funcionários que fundiram às paredes da velha casa rosa, também as suas memórias. As histórias que ali se desenrolaram, entre gestações e nascimentos de novos brasileiros, se enredam pelos caminhos da ciência da saúde no Brasil. Entre projetos políticos governamentais, o ensino, a criatividade e o interesse pela descoberta. As memórias construídas pelos que trabalham na hoje Maternidade-Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro, refletem essa sua existência centenária e, através das

construções das memórias desses trabalhadores, as relações se constroem entre as lutas cotidianas, o conhecimento acadêmico e os enfrentamentos nas políticas públicas de saúde da mulher, enquanto gênero e como cidadã, desde o final do século XIX. Depoimentos de médicos e funcionários da História/Memória da ME da UFRJ, que alcançam na existência física a década de 1950, recuperam os caminhos dos homens embrenhados na ciência desde o seu nascedouro no Brasil, médicos e técnicos que construíram e inovaram em muito a história da saúde no país.

A acupuntura no Sistema Único de Saúde no Município de São Paulo: História e Memória

Sabrina Pereira Rocha

Resumo: A Acupuntura visa à terapia das doenças e desarmonias pela aplicação de estímulos em locais anatômicos definidos. O presente estudo objetiva explorar as diversas fases que a acupuntura atravessou até sua aceitação no meio médico e inserção no Sistema Único de Saúde no Município de São Paulo, tomando como base as experiências de vida dos profissionais praticantes desta técnica. Analisará, através das narrativas, como ocorre a mediação entre a visão da Medicina Chinesa e da Medicina Ocidental no espaço público, bem como o posicionamento dos diferentes praticantes de acupuntura quanto à necessidade da regulamentação desta prática no Brasil. Utilizaremos a História Oral de Vida como método, pois tal abordagem metodológica demonstra ser a mais adequada frente aos objetivos do projeto, não apenas devido à escassez de documentos escritos relacionados a este processo histórico, como também por responder melhor à intenção de acessarmos a dimensão das experiências humanas envolvidas nesta trajetória de lutas e desafios. A História Oral nos possibilita a construção

de uma história mais humanizada, que concorde com os objetivos mais amplos deste projeto que se insere na linha de pesquisa de Humanidades e Humanização em Saúde. A História Oral segue um rigoroso conjunto de procedimentos para a constituição das narrativas, que garantem a ética e a validade das mesmas como documentos a serem analisados. As Etapas que compõem esse conjunto de procedimentos são: gravação das entrevistas; confecção do documento escrito: transcrição, textualização e transcrição; conferência e validação do documento escrito; análise; devolução do produto. Os resultados esperados consistem em instalar e ampliar novas linhas de pesquisa na área, preparação de artigos científicos para submissão a periódicos e congressos nessa linha, e, principalmente, a geração de informações e reflexões visando o enriquecimento dos marcos históricos da inserção da acupuntura no Município de São Paulo.

Palavras-chave: Acupuntura, Sistema Único de Saúde, Narração.

Memórias pelo direito à saúde: mulheres e favelas do Rio de Janeiro

Roberta Mercadante (Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro)

Resumo: Esta comunicação trata das memórias de mulheres moradoras de favelas da região da Leopoldina, no Rio de Janeiro, em seus percursos pela promoção e garantia do direito à saúde. E pretende discutir seus processos de luta, de resistência e também suas acomodações e consentimentos - considerando os nexos entre suas experiências cotidianas, participações em movimentos sociais, as estratégias e campos

de atuação eleitos, e a formatação de políticas e serviços de saúde na cidade –, desde os anos de 1980, de atuação como lideranças comunitárias, até hoje como agentes comunitárias de saúde. Esperamos também debater, nessa apresentação, a relação entre suas experiências de militância e os consequentes saberes produzidos, e o cotidiano de trabalho em equipe de saúde da família.

Fruto de pesquisa de Tese, ainda em andamento, tem-se buscado conhecer as trajetórias e atuação dessas mulheres, e investigar suas participações em movimentos sociais e instâncias de deliberação de políticas públicas – a partir de metodologia etnográfica e da história oral de vida.

Com avanços e retrocessos, os moradores e moradoras de favela têm construído uma história de organização, militância e conquista de direitos. Porém, muitas dessas lutas e conquistas são ignoradas pelos profissionais de saúde, que atuam nestas localidades, através da Estratégia de Saúde da Família. E são poucos os estudos que relacionam a participação do movimento de favelas e a implantação e implementação dos serviços de saúde da família na cidade do Rio de Janeiro. Ademais, são raras as pesquisas sobre as participações das mulheres no movimento de favelas e várias delas não ultrapassam a mera descrição dos “lugares de mulheres” (Perrot, 2001). Embora muitas de suas respostas ao problema da favela ocorram no âmbito privado - na estruturação dos cuidados familiares e de vizinhança - temos recolhido o político dessas práticas, revelando sua dimensão pública. E identificado a multiplicidade de formas de exercício e expressão de poderes e contra-poderes. Temos também verificado as relações entre o movimento feminista e a implantação das primeiras iniciativas de atenção primária à saúde em favelas do Rio de Janeiro, na década de 1980, e suas influências para a criação de associações/grupos de

mulheres, nestes locais. E as possibilidades de humanização dos serviços de saúde ao trazer à tona como um dever de memória as experiências dessas mulheres; sem, no entanto, deixar de problematizar os “usos do passado”.

Desvelando os determinantes sociais e políticos que envolveram o direcionamento da Política Nacional de Saúde Mental no Brasil.

marcia vieira(Universidade São Francisco - campus Bragança Paulista)

Resumo: A assistência psiquiátrica no Brasil sofreu modificações significativas a partir da década de 80. Visando superar o modelo manicomial (biomédico e excludente), esta passou a ser direcionada para substituição progressiva deste modelo por uma rede de serviços extra hospitalares. Nas décadas de 1980-1990, em algumas cidades brasileiras surgem modelos de atenção em Saúde Mental considerados inovadores, tendo se destacado as experiências de São Paulo e Santos, por terem influenciado a atual Política Nacional de Saúde Mental. A aprovação da Lei Federal 10.216 (abril, 2001), que trata da proteção e dos direitos de pessoas portadoras de transtornos mentais, veio a redirecionar o modelo assistencial em Saúde Mental no país, e este apresenta claro marco referencial da experiência de Santos na caracterização oficial de seus dispositivos e serviços. O objetivo deste estudo é conhecer e analisar as determinações sociais e políticas, que envolveram o direcionamento da Política Nacional de Saúde Mental no Brasil. Como a temática do estudo envolve o esclarecimento de situações polêmicas e conflitantes, acreditamos que História oral temática se mostra o caminho mais profícuo como metodologia e técnica, pois as narrativas dos colaboradores

estarão estabelecendo diálogo com os documentos a ela relacionados. A escolha dos colaboradores, a comunidade destino, foi intencional e estratégica, visto que interessa ao estudo quem vivenciou intensamente o assunto pesquisado, ou seja, aquelas pessoas (profissionais da área da saúde) que participaram da gestão pública municipal nos municípios de Santos e São Paulo, entre os anos de 1989 a 1982. Escolhemos quatro

colaboradores de cada cidade que tiveram participação efetiva na elaboração e desenvolvimento dos projetos a serem implantados para a área de Saúde Mental no período selecionado, e estes nos indicaram outros colaboradores que participaram de suas redes. Para a realização das entrevistas, foi elaborado um roteiro semi estruturado com questões norteadoras, que possibilitassem aos colaboradores a narrativa de sua versão sobre a implementação dos modelos inovadores de saúde mental nos municípios em que estavam atuando. Interessa-nos também saber a opinião de cada colaborador sobre as razões da escolha de um dos modelos de atenção em saúde mental, o de Santos, como norteador da Política Nacional de Saúde Mental. Visando atender aos objetivos do estudo, estaremos realizando a História oral híbrida, pois pretendemos confrontar as diferentes opiniões e versões dos colaboradores entre si, e com a documentação oficial produzida no período estudado. Trata-se de uma tese de doutorado a ser defendida em 2013, que se encontra na construção dos dados.

11/07 - Quarta-feira (Tarde - 14h as 17h)

**Depoimentos sobre a História do Câncer no Brasil –
Trajetória de uma pesquisa.**

Paula Arantes Botelho Briglia Habib(Casa de Oswaldo Cruz (COC)/Fiocruz)

Resumo: O objetivo desta comunicação é apresentar o trabalho de pesquisa que vem sendo desenvolvido por um grupo de profissionais sobre a história do câncer no Brasil, enfatizando o acervo de depoimentos que está em processo de criação. Esta pesquisa tem sido desenvolvida no âmbito do Projeto “História do Câncer – atores, cenários e políticas públicas” (www.historiadocancer.coc.fiocruz.br), parceria entre a Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz) e o Instituto Nacional de Câncer José de Alencar Gomes da Silva (INCA). Compreendemos que estudar tal história no país é também perceber sua relação com o desenvolvimento da medicina e da saúde pública, em um contexto social, cultural, econômico e político amplo.

A pesquisa tem privilegiado aspectos diferenciados desta trajetória como as campanhas de esclarecimento à população, a formação profissional e diferentes tipos de câncer, como de colo de útero e de mama, por exemplo. Além da pesquisa com fontes documentais (imagens, manuscritos ou arquivos pessoais), nosso objetivo é construir um acervo de depoimentos orais, gravados em áudio e vídeo, com gestores públicos e oncologistas que abordem os aspectos sociais e clínicos do câncer de diferentes tipologias. Os depoentes foram escolhidos em virtude de sua atuação no campo e divididos nos seguintes grupos: câncer de colo de útero, câncer de mama, citotécnicos e tabagismo.

Ao analisar a conjuntura na qual se desenvolveram as ações para detecção precoce do câncer do colo do útero desde o final da década de 1930, é possível perceber que, se por um lado, tais ações pautaram-se numa perspectiva de migração de idéias e tecnologias médicas para além das fronteiras nacionais, por outro, relacionam-se também a uma posição dos médicos nos

círculos políticos e acadêmicos. Essas características somadas ao aumento do conhecimento científico sobre o câncer resultaram em um caminho para o reconhecimento da doença como problema de saúde pública.

Nesse sentido, no que tange aos objetivos mais específicos para o estudo da História do controle do câncer de colo de útero no Brasil, pretendemos, com os depoimentos orais, ampliar a reconstrução histórica sobre o processo de implantação de políticas para o controle do câncer no Brasil. Nossa intenção é apresentar ao público o trabalho que tem sido desenvolvido no âmbito da história oral, bem como exemplificar com algumas das entrevistas já realizadas.

A HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE UM DIRETOR DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: DESVENDANDO A VIDA E A OBRA DO MEDICO FRANCISCO POMPEO DO AMARAL

Maria Lucia Mendes de Carvalho(Centro Paula Souza)

Resumo: Este trabalho apresenta a trajetória profissional de um diretor da primeira Escola Profissional Masculina, na capital, em São Paulo, criada em 1911. Este professor foi aluno da primeira turma do curso técnico em eletrotécnica , em 1940, e diretor por diversas gestões, até aposentar-se na década de 80. Essa trajetória foi identificada a partir de história oral de vida empregada como metodologia na pesquisa que busca desvendar a vida e a obra do médico Francisco Pompêo do Amaral, médico chefe da Superintendência do Ensino Profissional, 1939 a 1961, quando se aposentou, mas continuou exercendo as suas atividades como médico endocrinologista e escrevendo livros no campo da alimentação e nutrição. A busca por desvendar a vida e obra deste médico é parte de uma pesquisa de doutorado,

que envolve a descoberta de um documento no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos, no Brás, em São Paulo, de uma Aula Inaugural, referindo-se ao primeiro curso no campo da alimentação e nutrição no Brasil, em 17 de maio de 1939, ministrada por este médico, naquela escola, na época, sede da Superintendência do Ensino Profissional no Estado de São Paulo. A pesquisa para desvendar a questão referente à primazia do primeiro curso no campo da alimentação e nutrição, no Brasil, e no ensino profissional, tem demonstrado a importância do método quando se utiliza da história oral para conhecer as trajetórias profissional e pessoal de docentes que fizeram parte da comunidade escolar.

Palavras-chave: Educação Profissional. História da Educação. Biografia.

A EXPERIÊNCIA DO ADOECER E MORRER EM CUIDADOS PALIATIVOS UMA COMPREENSÃO A PARTIR DAS HISTÓRIAS DE VIDA.

nadia vitorino vieira(UNIFESP/UNINOVE)

Resumo:

Esse estudo tem como objetivo refletir a experiência do adoecer e morrer na perspectiva dos cuidados paliativos, partindo da metodologia e do ponto de vista da história oral aplicada a esse contexto, a partir das experiências em Ensino, Pesquisa e Assistência em que estão envolvidos os profissionais do Grupo de História Oral em Saúde, (GEHOS) da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP. Para tanto serão apresentados os relatos de duas mulheres em fase final de vida e como os acontecimentos podem adquirir sentido a partir da experiência narrativa. A metodologia da história oral oferece ao paciente a possibilidade da narrativa de sua vivência do adoecer e ao

profissional uma maior compreensão de suas práticas em saúde. A história oral se situa dentro dos métodos qualitativos de investigação, e reflete a concretude, as circunstâncias e o contexto social e cultural no qual ocorrem as experiências do adoecer e as situações da prática institucional; permite mobilizar sentidos e afetos, através da construção empática entre colaboradoras e entrevistadoras através de suas vivências; e facilita uma melhor compreensão das manifestações humanas diante da morte. Através das narrativas, as colaboradoras vivenciaram o impacto de se ver diante da possibilidade do morrer, assim como suscitaram nos profissionais reflexões éticas acerca das tomadas de decisões em relação aos cuidados. Falaram sobre seus conflitos passados, recentes e presentes. Suas histórias apresentaram-se como possibilidades efetivas de expressão de seus desejos, o que parece amenizar as angústias, os medos, fomentar a confiança, fortalecer a esperança e facilitar as despedidas.

Saber da Enfermidade: usos das plantas medicinais

Carla Cristina Barbosa(Universidade Estadual de Montes Claros)

Resumo: O que se propõe neste estudo é mostrar as principais enfermidades relatadas pelos curandeiros nas feiras do Norte de Minas Gerais, bem como a indicação das plantas e o modo de preparo. A história oral com os curandeiros mostrou o conhecimento das ervas, raízes, a enfermidade e o remédio. O levantamento das plantas medicinais foi obtido através das entrevistas realizadas nas feiras e conta de aproximadamente 187 espécies de plantas. As pessoas vão até as barracas dos curandeiros e descrevem o que sentem e, a partir dessa descrição, eles indicam a erva e explicam o preparo do medicamento sugerido; chá, banho, inalação entre outros. Deste

modo, a oralidade representa o registro desse saber transmitido de geração em geração. Homens e mulheres detentores de um conhecimento oral tradicional, familiar e rural.

História Oral e Narrativas em Saúde: possibilidades terapêuticas e educacionais

Grupo de Estudos em História Oral e Saúde-GEHOS/CeHFi/
UNIFESP(UNIR-RO/UNIFESP)

Resumo: Este trabalho pretende apresentar a história oral como uma metodologia capaz de articular aspectos do conhecimento constituído a partir de narrativas, histórias de vida e testemunhos orais com os problemas, temas e questões que envolvem as pesquisas na área da saúde. Para isso propomos uma abordagem em duas vertentes:

- a) uma análise dos usos de narrativas orais em pesquisas realizadas na área da saúde afim de verificarmos as possibilidades e novas abordagens de problemas específicos dessas disciplinas;
- b) Investigar a eficácia dessa metodologia a partir dos projetos de pesquisa desenvolvidos pelos pesquisadores que integram o Grupo de Estudos em História Oral e Saúde ligado ao Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde da EPM/UNIFESP, que estejam vinculados a Programas de Pós Graduação ou que sejam financiados por agências de fomento oficiais, como CNPq, CAPES, FAPESP.

Com trabalho buscaremos compreender de que maneira e em que medida a história oral, entendida como metodologia qualitativa, pode contribuir com a inovação e o processo de humanização tanto na pesquisa quanto no ensino das disciplinas da área da saúde. Além disso avaliar sua eficácia como

instrumento de memória e história institucionais e de profissionais da saúde.

012. História Oral e Trabalho

Coordenação: Marco Aurelio Santana, Elina Gonçalves da Fonte Pessanha

10/07 - Terça-feira (Tarde - 14h as 17h)

Trabalho e conflito na disputa pela cidade

Patricia Rodrigues da Silva(universidade Federal do Amazonas)

Resumo: A comunicação apresentará uma reflexão sobre as articulações sociais, as questões, os conflitos e os impasses colocados por um projeto de intervenção urbana na cidade de Manaus na segunda metade dos anos 1980 e a forma como os trabalhadores que ocupam/ocupavam essa espacialidade lidaram com os enfiamentos postos pela implementação deste projeto. Conhecido como “projeto Manaus Moderna”, o “Programa de melhorias físicas do município de Manaus-AM”, tinha como finalidade adequar a cidade para a nova realidade que se impunha naquele momento em função da efetivação da Zona Franca de Manaus. Esse projeto, que trazia, como o próprio nome diz, a ideia de modernizar a cidade, se apresentou como uma proposta do poder público estadual de adequação da cidade de Manaus às exigências do modelo de capitalismo que se impunha na região.

Procurou-se acompanhar a ambiciosa intervenção visando à Zona Franca e várias outras regiões da cidade. O Projeto “Manaus Moderna” se concretizou tendo como características centrais a reordenação da área portuária da cidade e uma feira

atacadista de hortigranjeiros. Entretanto sua projeção principal era a construção de uma avenida que ligaria o porto ao distrito industrial facilitando o escoamento de mercadorias, denominada “beira rio”, a avenida é atualmente conhecida como Manaus Moderna, assim como a feira que denominada Jorge Teixeira, é popularmente conhecida como feira “Manaus Moderna”. O estudo buscou evidenciar e refletir sobre o processo de implantação do projeto, as divergências entre os grupos políticos, os trabalhadores que ocupam/ocupavam o espaço e os caminhos de sua implementação.

Ao buscar uma compreensão sobre os sentidos do Projeto “Manaus Moderna”, foi fundamental abrir uma reflexão mais ampla, uma vez que esse projeto só se tornou possível dentro de uma conjuntura local, nacional e internacional. Em primeiro lugar, portanto, importa perceber que foi concatenado à instalação da Zona Franca de Manaus (ZFM, ZOFRAN) que um projeto da envergadura do “Manaus Moderna” se tornou possível e, mais do que isso, “necessário” para a cidade de Manaus. Ou seja, é a partir de uma compreensão acerca dos contextos histórico, político e econômico que instituíram uma Zona Franca na cidade de Manaus que se pode compreender a emergência do “Manaus Moderna” e seus sentidos históricos.

A CONSTRUÇÃO DA FERROVIA CAMPINA GRANDE – PATOS NA PARAÍBA: O COTIDIANO DOS CASSACÓS **JOSINALDO GOMES DA SILVA (ESTADO DA PARAÍBA)**

Resumo: A presente comunicação oral tem como principal propósito, discorrer sobre o cotidiano dos trabalhadores da construção do trecho ferroviário entre as cidades de Patos e Campina Grande - na Paraíba, na década de 1950. Nessa perspectiva, os relatos orais de memória colhidos de pessoas que trabalharam na obra em questão, denominados de

“cassacos” nos possibilitaram recuperar indícios ligados ao cotidiano desses trabalhadores braçais, que com a força do seu trabalho contribuíram profundamente para a execução das obras de modernização do país. Foram eles os principais responsáveis pelo trabalho de cavar a terra, transportá-la em animais para os aterros, aplicar fogo dinamite para abertura dos “cortes” nas serras. Enfim, colaboraram na modernização do país, mas geralmente são esquecidos pela historiografia oficial.

Palavras-chaves: construções ferroviárias – trabalho - cotidiano

ENTRE O LABOR E O NARRAR: de construtores da cidade e contadores de histórias em Teresina, na década de 1970.

Débora Silva Viana

Resumo: O artigo analisa as diversas experiências pelas quais passaram os trabalhadores da construção civil em Teresina na década de 1970, desde os fatores que o motivaram a migrar para a capital até a sua inserção no mundo do trabalho. Ao narramos as vivências destes homens que no campo eram agricultores e na cidade passam a ser operários fazemos isso, apoiados em seus relatos e memórias. As fontes empregadas foram as hemerográficas, pesquisa realizada no Arquivo Público do Estado do Piauí Casa Anísio Brito e na sede do jornal O Dia, e as orais. Estas construídas por meio da Metodologia da História Oral. No campo teórico subsidiam este estudo as análises de Thompson, Halbwachs, Francisco Alcides do Nascimento e outros.

Palavras-chave: Trabalho. Experiência. Oralidade.

Modernização e práticas nas oficinas dos jornais escritos em Teresina na década de 1970.

Albert Aurélio Lima

Resumo: As ações modernizadoras que atingiram o estado do Piauí durante a década de 1970, podem ser localizadas no desejo da sociedade teresinense em viver representações da modernidade e modernização. A imprensa de um modo geral viveu o processo, incentivada por uma política nacional de desenvolvimento dos meios de comunicação social, como a TV, o rádio e os jornais escritos. Contudo, nos jornais escritos percebemos que neste período tiveram mudanças no cotidiano e nas práticas das oficinas de jornais. Pois neste momento os jornais estavam passando por um processo de modernização com a instalação de novos maquinários, como por exemplo, os “off-sets” e as novas clichérias, que representavam uma necessidade que os jornais tinham para se adaptarem aos “novos tempos”. Os releases e birôs correspondem a novas práticas consolidadas nesse período pelos jornalistas. Tais práticas influenciaram diretamente nas atividades desenvolvidas nas redações e oficinas de jornais em Teresina. Todavia, estabelecer um diálogo com o discurso dos jornalistas que compunham o período, permitido que estes pudessem relatar o seu cotidiano e as suas representações deste momento constitui um dos objetivos essenciais desta pesquisa. Para tanto é necessário que possamos voltar os nossos olhares para as fontes orais. Contudo, embebecidos neste turbilhão moderno a “grande imprensa escrita” piauiense abraçou estes projetos modernizantes, visando uma maior humanização e um maior desenvolvimento econômico e social do Piauí e de sua capital. Desta forma ela atuou na formação da opinião pública, afirmando uma imagem positiva tanto do governador como do prefeito, que eram homens “técnicos”, sendo ambos os engenheiros. Administradores e proprietários dos diários pactuaram para a construção de uma imagem positiva do Piauí e

no processo de modernização das oficinas dos jornais.

Trabalhadores para a Amazônia: Memória viva dos Soldados da Batalha da Borracha

Max de Souza Pinheiro(UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Resumo: Pretende-se apresentar os primeiros resultados de uma pesquisa que busca coletar narrativas várias dos antigos soldados da borracha que ainda hoje vivem na microregião do Alto Solimões - uma das microrregiões do estado brasileiro do Amazonas pertencente à Mesorregião do Sudoeste Amazonense -, com o intuito de preservar suas memórias dos diversos anos vividos no interior da selva amazônica a serviço da pátria, identificar os mecanismos utilizados pelo governo brasileiro e estadunidense para atrair esses mais de 60.000 trabalhadores do nordeste brasileiro para a região amazônica, determinar as possíveis causas dos mais de 30.000 desaparecidos nos seringais e o impacto sofrido pelos sobreviventes, bem como, verificar quais eram suas relações com a selva e com a população local - índios e não-índios. Sobretudo, interessa registrar as práticas culturais resultantes desse encontro de povos e as contribuições dadas pelos trabalhadores nordestinos para a construção de uma identidade regional própria.

Questões da luta pela reforma agrária no Triângulo Mineiro

Leandra Domingues Silvério(Universidade Federal do Triângulo Mineiro)

Resumo: Discutir questões da luta pela reforma agrária no Triângulo Mineiro por meio de narrativas de assentados(as) no município de Uberlândia, os quais no ato de narrar, interpretar atribuem significados as experiências vividas e compartilhadas. O trabalho é resultado da pesquisa de doutorado em que o

procedimento teórico e metodológico primou pelo uso da fonte oral, observando a relação entre história e memória, cidade e campo. o objetivo da comunicação é refletir sobre as questões urgentes e centrais interpretadas pelos depoentes problematizando questões entre história oral e trabalho.

11/07 - Quarta-feira (Tarde - 14h as 17h)

O Modelo Nacional Desenvolvimentista e sua relação com a Educação Profissional e Tecnológica.

Carlos Cezar Silva Hermenegildo(Instituto Federal de Educação/SC)

Resumo: Resumo:

A educação formal brasileira e o ensino público profissionalizante carregam intrinsecamente interesses políticos, sociais e principalmente privados, nas disciplinas que permeiam seus cursos; as tensões entre Trabalho e Educação, a lacuna entre o Professor Especialista e o Educador, a visão unilateral que garanta a formação tecnológica inseridas num contexto de preocupações humanas e sociais, distancia os professores de uma educação com perspectiva de desenvolvimento humanista e incluyente.

A Nação brasileira sofreu um processo de constituição extremamente diferenciado das várias nações do então chamado Novo Continente, experimentando caminhos tortuosos, raramente servindo a si mesma, mas atendendo sim os interesses alheios “Efetivamente, o Brasil não nasceu como etnia e se estruturou como nação em consequência da soma dos desígnios de seus criadores. Surgiu ao contrário, como uma espécie de subproduto indesejado e surpreendentemente de um impedimento colonial, cujo propósito era produzir açúcar ouro

ou café e, sobretudo gerar lucros exportáveis.” (Ribeiro, 1985, 19).

“Hay de endurecer sem perder la ternura”- estratégias e tensões na construção de um ethos executivo

Silvana Rodrigues de Andrade(Fundação Getúlio Vargas/CPDOC)

Resumo: Apesar de ainda ser pequeno o grupo de trabalhadoras que conseguiu romper o “teto de vidro” e ascender a cargos executivos, a participação de mulheres em cargos de chefia, nos últimos anos, vem crescendo significativamente no Brasil. Como é um fenômeno relativamente recente, no campo acadêmico de ciências sociais tal reflexo ainda não é expressivo, considerando-se que são poucos os estudos sobre essas mulheres. A ausência de uma maior produção sobre o tema dificulta uma compreensão mais ampla sobre as peculiaridades presentes na trajetória dessas trabalhadoras. Dessa forma, a metodologia de história oral apresenta-se como um importante instrumento para refletir a respeito das principais características da construção das múltiplas identidades desse grupo. A partir da análise da história de vida de 10 executivas que atuam no mercado de trabalho brasileiro em cargos de diretoria e de gerência em empresas privadas de grande porte, refutando as perspectivas reificadas pela “vitimização” e “heroicização” – riscos frequentes no tratamento de estudos de grupos considerados “minoritários” e com dificuldades de inserção na esfera pública – este trabalho tem como principal objetivo investigar as características existentes na construção de um “ethos” e de uma “visão de mundo” de mulheres que assumem uma posição executiva no mercado de trabalho brasileiro. A proposta de uma reflexão que abarca as histórias de vida e

trajetórias dessas mulheres trabalhadoras parte da premissa de uma perspectiva thompsiniana, na qual a dimensão simbólica presente na construção de uma identidade coletiva de um grupo deverá ser contemplada nos estudos. Neste caso, privilegiamos a incorporação do cotidiano e das estratégias estabelecidas por essas mulheres que assumiram posições de prestígio no campo do trabalho. Será no constante “fazer-se” que esses agentes elaboram uma construção dinâmica e ativa do que chamamos de “executivas”.

O tempo das relíquias: o caso dos relojoeiros na cidade de Pelotas

Lóren Nunes da Rocha

Resumo: Desde o ano de 2009 está em desenvolvimento o projeto de pesquisa intitulado “À beira da extinção: memórias dos trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer”, o espaço de trabalho é a metade sul do Estado do Rio Grande do Sul e a fronteira com o Uruguai e, a metodologia utilizada é a que convencionamos chamar de História Oral Temática, portanto, realizamos entrevistas com profissionais que exercem e/ou exerceram ofícios em vias de desaparecer, logo essas narrativas passam a compor o Laboratório de História Oral do Núcleo de Documentação Histórica (UFPel).

Para esta proposta de apresentação trazemos a narrativa de um dos entrevistados pelo projeto, o senhor Miltom Barcellos, relojoeiro de 74 anos que exerce este ofício há aproximadamente 40 anos na cidade de Pelotas. Em seu relato conta como começou a exercer a profissão. Segundo ele, as relações entre o empregado e o trabalho eram diferentes, primeiro se passava pela situação de aprendiz, a qual não era remunerada. O grande ganho era o aprendizado de um ofício.

Na categoria de aprendiz geralmente eram iniciadas as crianças, mas isto não foi o que ocorreu com o senhor Milton. Este se empenhou no ofício já adulto, pois trabalhava durante o dia como motorista de caminhão e à noite se dirigia até a casa de um senhor relojoeiro para ajudá-lo.

Seus principais clientes são pessoas de mais idade que, segundo ele, gostam de conservar seus relógios antigos. Em sua fala destaca que a mocidade não usa mais relógio e atribui este fato ao uso do celular. Ele faz um contraponto entre relógios de marcas reconhecidas e relógios dos camelôs. Diz que os primeiros são muito caros e é perigoso andar com eles na rua, pois pode facilitar um assalto e, os segundos são muito baratos, não valendo a pena consertar. Antigamente, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990, o uso do relógio de pulso era um hábito comum e seu trabalho estava mais vinculado a este tipo de relógio. Atualmente ele se dedica a cuidar de relíquias, que desempenham um papel estético em decorações. Destaca que as peças de relógios são muito pequenas e delicadas, portanto, este é um ofício que exige paciência, algo cada vez mais difícil no mundo contemporâneo.

Por intermédio das entrevistas pode-se pensar que esses trabalhadores foram sendo excluídos do mercado de trabalho em função das inovações tecnológicas, da introdução no mercado de produtos de baixo preço e altamente descartáveis, além de mudanças de hábito de consumo.

Tanto relojoeiros quanto relógios movidos a corda são coisas do passado. Os dois são relíquias e um ainda sustenta o outro enquanto o tempo da relíquia humana não se completar de todo.

Narrativas sobre a história do Sindicato dos Engenheiros no Estado do Maranhão (1996-2011)

SERGIO MARTINS PEREIRA(UFMA)

Resumo: Este trabalho analisa narrativas sobre a trajetória do Sindicato dos Engenheiros no Estado do Maranhão (SENGE-MA). A ênfase será dada a entrevistas e discursos produzidos pelo conjunto de militantes que protagonizaram a chamada “refundação” do sindicato a partir de meados da década de 1990.

Fundado nos anos 1980, no contexto dos movimentos pela redemocratização do país, o SENGE-MA desenvolveu uma trajetória ligada a outros segmentos, como o movimento estudantil e o campo político-partidário da chamada esquerda. Como parte daquele momento, ex-militantes estudantis, ao seguirem suas carreiras profissionais, vislumbraram nos partidos políticos e nos sindicatos que se reorganizavam a possibilidade de dar sequência ao seu engajamento. No início dos anos 1990, entretanto, o sindicato experimentou sua extinção, como parte da própria estratégia de luta política defendida pelos setores que lhe davam sustentação, como a Central Única dos Trabalhadores (CUT). Em meados da mesma década, o SENGE-MA seria reativado por um grupo de militantes que se colocava a necessidade de “reconstrução” da entidade “sob novas bases”.

Aquele que atualmente visita o SENGE-MA depara-se com um quadro fixado na parede da pequena sala onde funciona a entidade. Nele veem-se as fotos dos três primeiros presidentes da chamada “segunda fase”: Antônio Augusto Ribeiro de Araújo (1996-1999), Nelson José Bello Cavalcanti (1999-2002) e Sebastião Djalma Gomes (2003-2005). Soma-se a estes, a Engenheira Civil Maria Odinéa Ribeiro, presidente do SENGE-MA por dois mandatos (2006-2008 e 2009-2011). Esses quatro presidentes representam o grupo de militantes responsáveis pelo que os próprios denominam de “refundação” do SENGE-MA,

em 1996. Neste mesmo espaço físico, não há qualquer referência à criação do sindicato, ocorrida em 1983, ou a seus outros presidentes. De modo semelhante, essa memória particular é reproduzida e retransmitida em narrativas, discursos e eventos públicos promovidos pelos atuais diretores do sindicato.

No aspecto metodológico, discursos sobre a trajetória do SENGE-MA, “oficiais” ou “dissonantes”, apreendidos em entrevistas e comunicações orais ou escritas podem ser analisados sob as orientações dos autores ligados à História Oral e aos estudos da Memória. Entendemos que as representações sobre a história devem ser colocadas em relação com o seu contexto de produção.

Como parte de um projeto de pesquisa mais amplo, que nos últimos anos dedicou-se ao estudo da trajetória político-sindical do SENGE-MA, a análise destas narrativas elucidada não só a concorrência entre padrões de ação sindical, mas também indica elementos presentes na trajetória do sindicato que favoreceram ou limitaram um ou outro discurso ou perspectiva político-sindical.

FAZER-SE DOCENTE NA UERJ: DEMOCRATIZAÇÃO E ASSOCIATIVISMO

Carlos Eduardo Martins da Silva (UNIRIO/Pós -Graduação)

Resumo: Nesse trabalho, pretendemos problematizar a experiência constitutiva dos docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro enquanto categoria sócio-histórica, colaborando para a compreensão da construção da identidade dessa categoria social nos quadros da universidade entre as décadas de 1970 e 1980. Pretendemos investigar a relação entre o processo de construção da entidade representativa dos docentes com a própria constituição identitária da categoria

docente da UERJ, no período final da década de 1970, fim da ditadura militar e início da década de 1980, período de redemocratização da sociedade do século XX. Portanto, entre o período das primeiras reuniões clandestinas (1977) até a consolidação da Asduerj como entidade representativa (1985). Entrelaçamos as fundamentais contribuições do historiador inglês E. P. Thompson, as reflexões de Hobsbawm e F. Dosse e o trabalho sobre a origem e gênese da UERJ realizado por Deise Mancebo (1996), bem como com os depoimentos dos entrevistados/pesquisados. Buscamos pontuar em nosso trabalho um movimento permanente entre empiria e teoria na produção do conhecimento histórico.

O testemunho oral é o núcleo da investigação, a ligação com a história dos movimentos sociais, e a subversão da relação entre sujeito e objeto, pois, o entrevistado/ pesquisado é sujeito, protagonista do processo histórico investigado. Trabalhamos com um conceito de história que promova uma ruptura com a dimensão linear e cronológica e caminhamos no sentido do tempo do agora, um tempo múltiplo, em que o olhar para o passado constitua uma oportunidade de experiência do historiador com esse passado, possibilitando o conhecimento do presente e construções de projetos futuros.

Fazer-se docente, desejosos por construir uma universidade, marcada pela autonomia, democracia e associação entre ensino, pesquisa e extensão, e não mais, “simples professores-horistas”, contrapondo-se ao projeto da velha UERJ que valorizava, basicamente, o ensino, com uma estrutura de poder centralizada e nesse processo de se constituírem docentes, na experiência e na ação coletiva, um processo ativo que se deve tanto à ação humana como aos seus condicionamentos sociais, constroem-se e reconstroem-se em movimento e nesse movimento é consolidada a Asduerj, uma entidade que possibilitaria instituir

uma universidade de fato

A memória dos sujeitos históricos nos levará à intensidade dessa dimensão essencialmente coletiva de constituição do movimento docente e suas análises nos levarão a descobrir caminhos para a compreensão da trajetória da própria UERJ enquanto instituição social e histórica.

Escola Técnica Estadual Visconde de Mauá: Uma Escola Proletária nos Anos de Chumbo

ISABELLA PAULA GAZE(FAETEC)

Resumo: Este trabalho é fruto de pesquisa desenvolvida pelo Centro de Memória da FAETEC – CEMEF, responsável pela preservação de fontes e arquivos escolares e pela pesquisa sobre a história e memória das instituições escolares da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Rio de Janeiro. Pretende apresentar os resultados parciais da pesquisa sobre a Escola Técnica Estadual Visconde de Mauá durante o período da ditadura civil-militar. A escola foi criada na Vila Proletária de Marechal Hermes em 1914 e inaugurada em 24 de outubro de 1916. Localizada nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro, passou, ao longo de sua história, por várias mudanças provocadas por reformas elaboradas no ensino profissionalizante, no entanto, preservou seu perfil de “Escola do Trabalho” (CIAVATTA, 1993). A pesquisa busca compreender como o Estado Militar administrava uma escola profissional que formava jovens para o trabalho na indústria. As mudanças na educação no pós-64 foram analisadas a partir do clima de euforia econômica e intensa repressão política da época. O recorte temporal estabelecido compreende o período de 1967 a 1976, tendo como parâmetro o Plano Decenal de Desenvolvimento Econômico e Social de 1967-1976. O período em questão contempla o

“Milagre Econômico” e os “Anos de Chumbo” e também abrange os últimos anos do Estado da Guanabara. As principais fontes do trabalho são entrevistas realizadas com ex-alunos e ex-professores da escola nesta época, além da consulta às fontes documentais dos arquivos da escola e do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Apoiamo-nos nas contribuições teórico-metodológicas do historiador inglês Edward Palmer Thompson (1924-1993), procurando explorar as possibilidades de seu uso nas pesquisas em história da educação. Desta forma, através das entrevistas, investigamos as evidências das contribuições da escola no “fazer-se” dos alunos egressos após a inserção no mundo do trabalho.

HISTÓRIA & MILITÂNCIA: HISTÓRIA ORAL DO MOVIMENTO DOCENTE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (1979-2012)

Antônio Fernando de Araújo Sá (Universidade Federal de Sergipe)

Resumo: Esse trabalho tem por objetivo reconstruir a trajetória do movimento docente nas universidades públicas federais brasileiras no processo de transição à democracia no Brasil, por meio de entrevistas com dirigentes sindicais da Seção Sindical da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Sergipe (ADUFS-SSIND). A polifonia da memória do movimento docente trouxe à tona a complexidade das experiências dos trabalhadores nas três últimas décadas, revelada no entrecruzamento das dimensões acadêmicas e sindicais na constituição e desenvolvimento do Sindicato Nacional dos Docentes do Ensino Superior (ANDES-SN). Do ponto de vista metodológico, não buscamos utilizar as fontes orais como instrumentos para preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas, mas perceber os usos políticos do

passado pelos entrevistados no campo das lutas sociais.

As entrevistas com dirigentes locais do Sindicato Nacional são reveladoras dos confrontos da memória em torno dos “anos de ouro” do novo sindicalismo na década de 1980 e da crise do sindicalismo com a hegemonia neoliberal dos anos 1990 e seus desdobramentos no início desse século.

Como construção política, a preservação da memória sindical docente revela-se importante no atual contexto das tentativas de desregulamentação das relações trabalhistas e da mercantilização da educação, resgatando as formas de resistência e luta para a conquista de direitos sociais e sindicais. Ao mesmo tempo, traz à baila a necessária inclusão do tema da “cidadania” dos distintos sujeitos sociais no sentido do direito à narração, ou seja, à memória e ao esquecimento.

12/07 - Quinta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Isso ficou na História... O concurso Operário Padrão na fala dos trabalhadores

Daniela de Campos (Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre)

Resumo: Esta comunicação pretende discorrer sobre o Concurso Operário Padrão, na concepção de alguns de seus vencedores regionais (do estado do Rio Grande do Sul), no período compreendido entre 1970 e 1985. A competição, realizada pelo SESI e pelo jornal O Globo, elegia anualmente operários modelo, segundo critérios estabelecidos pela classe patronal. Para a escolha do trabalhador regional e nacional elaboravam-se currículos contendo a vida profissional e familiar dos operários concorrentes, material que se constituiu como importante fonte para esta pesquisa. Entretanto, as entrevistas

com os trabalhadores que participaram da Campanha foram fundamentais para a compreensão da dinâmica do concurso e de que forma a participação no mesmo afetou suas vidas.

Memória e trabalho: trabalhadores extrativistas do baixo Amazonas nos anos 50

MARIA ARIADINA CIDADE ALMEIDA (Secretaria de Educação do Estado do Amazonas - SEDUC)

Resumo: O extrativismo na Amazônia é uma prática nascida do escambo que sustentou a economia amazônica desde a época colonial. Na historiografia regional a associação entre extrativismo e borracha é quase automática, devido à importância da economia do látex para esta região, porém, outros produtos foram explorados, conservando inclusive características econômicas semelhantes às aquelas do período áureo da borracha. Este trabalho evidencia as práticas e experiências sociais de trabalhadores extrativistas do município de Parintins, cujas memórias nos permitiram lançar mão dos sujeitos envolvidos no processo produtivo do incenso de pau-rosa (linalol), das lutas cotidianas, e das relações decorrentes dessa atividade de coleta.

Narrativas de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer

Lorena Almeida Gill (UFPel)

Resumo: O Núcleo de Documentação Histórica (NDH) da Universidade Federal de Pelotas, desenvolve, faz alguns anos, projeto de pesquisa intitulado “À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer”. A proposta tem sido a de construir narrativas, no sul do Rio Grande do Sul, inclusive na região de fronteira, com trabalhadores cujas funções tendem a desaparecer ou se

extinguir, por uma transformação substancial no mundo do trabalho, que vem se dando paulatinamente, embora em processo contínuo, através das mudanças nas leis e políticas trabalhistas, mas, sobretudo, provenientes da revolução tecnológica. Os trabalhadores que exerceram estes ofícios, em sua maioria, manuais, têm um rico manancial de vivências e trajetórias ligadas a estas práticas. Grande parte desses trabalhadores já se encontra retirada do mercado, pelos motivos do esgotamento de suas forças, com o declínio natural da idade e também pelo avassalador efeito das novas tecnologias, que tornaram alguns dos ofícios até então, completamente ultrapassados. Através da metodologia de História Oral temática, resguardam-se experiências ligadas a estes ofícios, assim como a recepção das leis trabalhistas e previdenciárias, particularmente a partir da década de 1940. Todo o acervo da Justiça do Trabalho de Pelotas, entre os anos de 1941 e 1995, encontra-se sob a guarda do NDH. Até o momento foram entrevistados alfaiates, chapeleiras, sapateiros, afiadores de facas, relojoeiros e também benzedores, tanto homens quanto mulheres, que exerceram suas ações, sobretudo de cura, a partir do que se pode classificar como dom, tradição e religião. Em cidades como Pelotas, Jaguarão, Piratini, São Lourenço do Sul, Santana do Livramento e Bagé foram encontrados os narradores.

Compreendendo o valor da palavra dada: A importância da História Oral na constituição dos trabalhadores como sujeitos históricos da “Fiação e Tecelagem Arenópolis”

Pollyana Cardoso Dantas (Universidade Federal de Campina Grande)

Resumo: A História Oral conta com métodos e técnicas específicas, cuja utilização implica na constituição de fontes e arquivos orais que desempenham um papel significativo na produção de pesquisas e na constituição de estudos históricos. Nessa perspectiva, nosso interesse se volta para a memória coletiva de um grupo de ex-operários(as) da “Fiação e Tecelagem Areópolis”, primeira e única fábrica têxtil da cidade de Areia-PB, com o objetivo de compreender como estes sujeitos históricos formularam a sua vivência, trabalho e cotidiano em meados do século XX, transitando da experiência vivida ao discurso que é produzido sobre essa experiência. Portanto, utilizaremos como fonte os relatos orais de memória, baseando nossa pesquisa na vertente historiográfica da História Social em conexão com a História Cultural, apropriando-nos teoricamente das discussões em torno da memória elaboradas por Pierre Nora (1981), Maurice Halbwachs (1990) e Ecléa Bosi (1999). Entendendo que trabalhar com fontes orais requer todo um treino por parte do pesquisador-historiador que participa de forma efetiva na elaboração desta fonte ao direcionar e conduzir o depoente de acordo com seus interesses, formulando a partir do ato de rememoração uma narrativa escrita, pautada em cortes e interpretações efetuadas na fala do outro, que refletem o quanto esse processo de reelaboração da narrativa é marcado pela subjetividade.

Palavras-chave: História Oral. Memória. Operário.

Memórias de uma experiência histórica: militantes gráficos e o golpe civil-militar de 1964

cristiane muniz thiago(UFMA)

Resumo: Este texto discutirá as disputas em torno da memória

de um grupo de trabalhadores sobre um dos episódios mais marcantes da história recente do país, o golpe civil-militar de 1964. Nossa proposta é analisar as trajetórias dos militantes do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas do Município do Rio de Janeiro (STIGRJ), doravante Sindicato dos Gráficos, e as construções feitas por esses personagens sobre os acontecimentos que culminaram no golpe de 1964. A construção e reconstrução da memória desse período e sua relação com as questões políticas mais proeminentes do grupo serão debatidas neste texto. Diante de uma iminente crise político-institucional, deflagrada com o golpe de 1964, os elementos que sustentam a construção identitária da categoria são acionados e negociados. Essa memória, que é parte de uma experiência histórica do grupo, é também reconstruída no presente para legitimar ou questionar o papel dos atores sociais que ainda ocupam espaços de destaque na categoria.

Nossa análise terá como objeto as entrevistas com os velhos militantes que assumiram posições de liderança entre os trabalhadores gráficos nos anos 1960 e 1970. As entrevistas seguiram um roteiro que privilegiou a construção da trajetória político-sindical desse grupo. Alguns desses militantes foram considerados como exemplos a serem seguidos entre os gráficos. Outros, no entanto, têm uma trajetória marcada por ambiguidades e indefinições políticas, estando longe de atingirem um consenso na própria categoria.

O estudo reúne a análise de um momento específico da história do país, marcado pela censura e a repressão, e a história de um grupo de militantes que, assim como tantos outros grupos de trabalhadores organizados, experimentou os limites impostos pela ditadura civil-militar (1964-1985). Nosso objetivo é trazer os indivíduos para o centro da construção e da análise dessa história e, a partir dessas memórias, compreender como esses

atores sociais construíram sua militância, destacando as influências políticas e sociais que marcaram seus posicionamentos na esfera pública. Pressupomos que a singularidade dos percursos e das memórias desses trabalhadores atuará como mediação para explicarmos questões mais gerais sobre os sindicalistas gráficos da cidade do Rio de Janeiro e o papel dos trabalhadores no cenário político nos anos 1960 e 1970.

“Vaqueiros e Mestres em alto mar. Uma análise dos processos de trabalho dos pescadores de curral da praia de Bitupitá – Ce”

Antonia Gabriela Pereira de Araújo

Resumo: O presente estudo pretende compreender e analisar a dinâmica dos processos e relações de trabalho de pescadores de currais residentes no litoral extremo oeste do Ceará, uma vez que a referida área, nos últimos oito anos, vêm sendo alvo de intensos processos de turistificação. Levando em consideração que as políticas públicas de incentivo ao turismo na região Nordeste do país se direcionam aos interesses mercadológicos economicistas (Xavier e Resende, 2008) bem como a operadoras estrangeiras e ao turismo imobiliário (Rodrigues, 2009; Bernal, 2008) - o que deixa cada vez mais distante a implementação de projetos turísticos capazes de conciliar a preservação ambiental e a conservação dos modos de vida de populações locais com os interesses desenvolvimentistas - torna-se de suma importância uma reflexão antropológica sobre os impactos sócio-culturais dessas políticas para as pequenas populações locais. Me valendo do método etnográfico de investigação, ferramenta primordial da pesquisa, desenvolvi atividades de coleta de dados etnográficos e exploratórios na praia de Bitupitá, localizada no litoral extremo oeste do Ceará,

bem como a aplicação de 120 questionários semi-estruturados, para que a partir do conhecimento aprofundado da dinâmica sócio-cultural local fosse possível compreender os impactos advindos da intensificação do turismo no modo de vida dos pescadores de currais da referida praia. O estudo mostra que os aspectos tanto ambientais quanto sócio-culturais locais ficam à mercê dos interesses do mercado – grandes norteadores das políticas públicas de incentivo ao turismo-, o que significa aniquilação dos modos de vida tradicionais de populações locais que não são alienadas pela dependência econômica observada no mundo pós-moderno (Xavier e Resende, 2008). Uma vez que há a expectativa de implantação de projetos turísticos na referida praia, o que para a maioria dos moradores é sinônimo de emprego e geração de renda, as relações de trabalho, bem como as relações de sociabilidade acabam por serem afetadas, já que os filhos dos pescadores vêm demonstrando um maior desinteresse pela atividade pesqueira, modo de produção local, na esperança de que a atividade turística lhe ofertará opções de emprego. A intenção desse estudo é enfatizar e apresentar os efeitos dessas mudanças sobre os pequenos povoados, como Bitupitá, que entram em cena com interesses e relações desiguais de poder.

13/07 - Sexta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Escravos do Carvão: Memórias e identidades de trabalhadores em Açailândia-MA no tempo presente

FAGNO DA SILVA SOARES(IFMA)

Resumo: A pesquisa realiza uma reflexão acerca da escravização contemporânea numa perspectiva micro-histórica, utilizando da metodologia da história oral, no sentido de perscrutar a partir das entrevistas, as memórias e identidades

dos trabalhadores do carvoejamento resgatados e fugitivos, que foram submetidos à escravidão contemporânea em Açailândia-Ma, região fronteira da Pré-Amazônia Maranhense, no período de 1996-2006. Neste contexto, tomaremos como basilares teóricos os estudos de Ricardo Rezende [1999], para pensar trabalho escravo contemporâneo atravessado por uma tríplice articulação cotejante dos conceitos filigranados entre história, memória e identidade de Le Goff [1982], Pollak [1992], Nora [1998] e Halbwachs [2006] para discutir a relação entre história e memória. Para pensar o conceito de identidade utilizaremos Stuart Hall [2006] e Tomaz Tadeu [2009]. Propondo assim, forjar um instrumental teórico de reflexão e aprofundamento a estudos futuros.

Tecendo Memórias: Experiências de Trabalhadores da Fábrica de Tecidos Sobral

Telma Bessa Sales(Universidade Federal do Ceará)

Resumo:

Este artigo analisa experiências e memórias de trabalhadores da indústria têxtil no Ceará, especificamente, na fábrica de tecidos Sobral. A partir das narrativas e interpretações do vivido, apresenta uma abordagem que vê o trabalhador em suas ações e reações, resistências e aceitações e não apenas como espectador ou vítima dos acontecimentos. É um estudo que busca as experiências dos trabalhadores em seu próprio fazer-se histórico, expressando suas subjetividades e visões de mundo e utiliza a metodologia da história oral.

Lembranças de migrantes: o trabalho familiar no cotidiano rural.

Priscila Santos da Glória(Governo da Bahia)

Resumo: Distintas experiências migratórias perpassam a

história de Itabuna, cidade localizada no sul da Bahia. Trabalhadores rurais que migraram para esta cidade, advindos da zona rural do próprio município e de cidades circunvizinhas, rememoram suas vivências no campo, onde nasceram e/ou construíram grande parte das suas histórias. As lembranças destes trabalhadores estão carregadas de temporalidades: o “tempo da roça”, o “tempo da migração e o “tempo da cidade”, que no decorrer das narrativas se enlaçam e se sobrepõem, pelo “ir e vim” do fio condutor do presente. Esta comunicação se atém ao “tempo da roça”, interpretando as lembranças do trabalho familiar pretendo discutir as divisões do trabalho no cotidiano rural e as diferentes performances das mulheres neste contexto. A pesquisa tem como cerne a metodologia da história oral para auxiliar na reconstituição das memórias destes trabalhadores que migraram e reelaboraram suas expectativas de vida, nos bairros periféricos Pedro Jerônimo e Maria Pinheiro. A comunicação busca compreender: Como a família rural organizava-se no trabalho nas roças? Havia diferenças entre o trabalho masculino e feminino?

Trabalho Análogo à Escravidão, Narrativas Oraís: reflexões sobre condições de trabalho e adoecimento de trabalhadores rurais migrantes.

cristiana costa da rocha(Universidade Estadual do Piauí)

Resumo: Partindo de narrativas orais pretendo refletir sobre as vivências, condições de trabalho bem como o adoecimento, de trabalhadores rurais que migram de Barras, Piauí, que migram repetidas vezes para outras regiões do País e são submetidos a formas de trabalho análogo à escravidão. As péssimas condições de trabalho se apresentam nos corpos destes trabalhadores por meio dos sentimentos de medo, doenças físicas e nervosas. A interpretação das vivências do grupo em

questão deve levar em consideração que ao narrar, o sujeito se inventa, transforma idéias e imagens, construindo diferentes passados, atendendo às necessidades do presente. Nesse sentido, o trabalho com a metodologia da história oral não é acabado, sendo a fonte oral viva e incompleta porque é adaptada a reinterpretações atuais.

Trabalho e independência no Agreste Pernambucano: sem patrão e sem salário.

Alana Moraes de Souza

Resumo: O Agreste de Pernambuco é cenário hoje de uma das economias mais dinâmicas do Brasil. Baseado na produção de roupas e confecções em geral, o “Polo de confecções do Agreste” é considerado hoje o segundo maior produtor de confecções do Brasil, só perdendo para São Paulo. A economia da sulanca que vem se constituindo no agreste pernambucano desde 1950, a partir de retalhos provenientes do descarte das grandes indústrias têxteis de São Paulo, é caracterizada por sustentar-se principalmente em torno de pequenas unidades produtivas domésticas e familiares. Em 2003, foi realizado um estudo pela Universidade Federal de Pernambuco, a fim de revelar as dimensões do Polo. Estimativas revelam que hoje já existam 120 mil trabalhadores envolvidos, 800 milhões de peças por ano o que movimenta anualmente mais de 3,5 bilhões e reais. Santa Cruz do Capibaribe é a cidade que apresenta o maior crescimento econômico de Pernambuco, superando a média nacional, crescimento este sustentado desde a década de 1970 à índices vertiginosos. (IBGE, 2000). A “feira da sulanca” é o espaço privilegiado para a venda das roupas produzidas cujo principal público comprador são “sacoleiros” de toda a região Norte e Nordeste.

Propomos nesse trabalho uma investigação acerca da trajetória

dos trabalhadores que hoje compõe a configuração produtiva do Polo de Confeções do Agreste nos atentando para dois tipos de trajetórias mais comuns: os migrantes das regiões rurais e os “migrantes retornados”, aqueles que voltam da experiência de migração para o “sul” do país ou da região metropolitana de Recife para sua região de origem. Ambos são atraídos pela expectativa de ascensão e mobilidade social oferecida pela disseminação das possibilidades de abertura do “negócio próprio” na região a partir da unidade de produção doméstica e familiar.

Nosso esforço neste exercício é, sobretudo, compreender os sentidos da busca pelo que eles chamam de “trabalho por conta própria”, a partir da percepção da dimensão central ocupada por esta noção na descrição dos benefícios e vantagens de sua situação atual na economia da “sulanca”. Para isso precisaremos acionar a história oral e a construção da memória referente à experiência anterior no mundo do trabalho para estes dois grupos: seja no universo da pequena produção rural cuja centralidade é a luta contra o assalariamento, seja na experiência em fábricas do “sul”, na qual a “falta de liberdade” é enfatizada para marcar o desconforto com um patrão.

013-016. Memória e Cultura Visual

**Coordenação: Andréa Casa Nova Maia,
Áurea da Paz Pinheiro**

10/07 - Terça-feira (Tarde - 14h as 17h)

**Catadores de Lixo e Narrativas de Vida em Santo André/SP.
Foi no intercâmbio do ato de escutar e dizer que configurou
a enunciação de uma narrativa imbricada na surpresa dos**

gestos, do silêncio e das múltiplas palavras pronunciadas pelos catadores.

José Amilton de Souza(Centro Universitário Fundação Santo André)

Resumo: Catadores de Lixo: Narrativas de vida, Políticas Públicas e Meio Ambiente

Fontes orais e narrativas de vida

Os depoimentos orais fazem parte de uma opção e ação política-cultural, pois a maioria dos sujeitos pesquisados são os catadores(as) que não possuem o conhecimento formal da escrita. Mas isso não significa desconsiderar a escrita como documento, pois ambos, depoimentos orais e escrita, fazem parte de um instrumental que torna visíveis as ações sociais experimentadas por distintos sujeitos e são complementares na construção da narrativa histórica. A fonte oral e a escrita têm suas formas de representação próprias. Como exemplo, pode-se citar o fato de que os catadores(as), em sua maioria, não têm a oportunidade de conhecer os sistemas formais de linguagem e dos códigos da escrita, como instrumento de autorrepresentação. A escrita na sociedade brasileira ainda envolve práticas sociais distintas e situadas. Por isso, a escolha das fontes orais é uma decisão, no campo da ação política engajada, como um exercício de fazer história do presente, sem deixar de acreditar que as fontes orais sejam capazes de revelar processos e significações tanto quanto as fontes visuais e escritas, dentro da cultura material e imaterial. A escolha das fontes orais como fonte-documento constitui um privilégio e desafio colocado desde o início da construção deste trabalho sobre história por meio de narrativas de vida. Isso não significa dizer que tomamos os depoimentos orais como a única fonte. No entanto,

busca-se não absolutizar uma fonte como a possibilidade de fazer história, mas, sim, estabelecer um cruzamento entre as fontes para que ajude a melhor compreender esses silêncios. Quando se iniciou o levantamento, a catalogação e a tematização da documentação, percebeu-se lacunas e silêncios deixados pelas fontes escritas. Todavia, entende-se que o papel das narrativas orais não é preencher lacunas deixadas pelas fontes escritas e iconográficas e, tampouco, compensar a ausência de documentação, mas trata-se de compreender como outro gênero de documento, como uma fonte viva, uma narrativa de vida, uma narrativa de práticas e histórias de vida, (re)elaborada entre entrevistado e entrevistador. No esforço de buscar compreender outras dimensões do tempo vivido e praticado pelos catadores(as), os depoimentos orais se colocam como fonte-documento que garante a igualdade e a visibilidade das práticas e das experiências ocultadas e negadas na dinâmica da vida. Ou seja, faz emergir um mundo escondido, silenciado atrás das palavras dos catadores.

Na estrada com Zé Limiera: a tradição oral do sertão nordestino, o cinema documental e a (re)construção do sujeito.

JOSÉ LUÍS DE OLIVEIRA E SILVA (Instituto Federal do Piauí)

Resumo: A problemática maior que envolve o presente artigo diz respeito às possibilidades de construção e identificação dos sujeitos através da narrativa cinematográfica, em especial a da cinematografia documental. Para tanto, tomo como mote o documentário Na estrada com Zé Limeira (2011) do cineasta piauiense Douglas Machado. O filme faz uma rica investigação acerca das narrativas orais que povoam o imaginário e a cultura

sertaneja e que, ao mesmo tempo em que parecem traduzir, são responsáveis pela construção de uma das personagens mais conhecidas do cancioneiro local: o repentista Zé Limeira. No limiar entre o registro factual e a construção imaginária da narrativa, o documentário se apresenta como um excelente exercício para problematizar a cultura popular e o próprio caráter inventivo que envolve a tradição oral.

Terror da Macaúba: História e memória da construção lendária do “Negão da Macaúba”. Teresina-PI [1970-1990]
José Ribeiro do Nascimento Neto (SEMEC Prefeitura Municipal de Teresina)

Resumo: A comunicação propõe discutir o criativo mundo da construção de uma lenda urbana na cidade de Teresina-PI em meados dos anos 1970 á 1990. O objeto em estudo conhecido no imaginário popular teresinense, como: Negão da Macaúba. Praticante de estupros e roubos fez o terror nos bairros de Teresina e principalmente naquele que lhe deu o nome. Esse personagem despertou medo e fantasia dos teresinenses que ao relatarem seus feitos descreviam incríveis histórias de fugas policiais ou sobre a forma como atacava e escondia-se. O trabalho volta-se para a discussão lendária do personagem dessa maneira a metodologia da História Oral é empregada na forma de “entre-vistas” temáticas e de vida, que se revelam instrumentos primordiais para a composição dos “fios e os rastros” dessa lenda urbana teresinense, a pesquisa se apóia também nas fontes hemerográficas do período. Os jornais O Estado e O Dia evidenciam um cotidiano de violência incomum, que demonstra um panorama propicio ao surgimento do Negão da Macaúba influenciando os modos de vida da população.

“Memórias da ditadura militar na Bahia: homens e mulheres que ousaram lutar”

SANDRA REGINA BARBOSA DA SILVA SOUZA(UNEB)

Resumo: Foi minha intenção compreender ao longo da pesquisa como aconteceu a resistência à ditadura militar em Salvador/Bahia, através da memória dos ex-militantes. A formação, estrutura e funcionamento das organizações de esquerda armadas urbanas, que atuaram em Salvador: a Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares (VAR-Palmares), o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) e o Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8), foram os principais objetos de pesquisa. Conclui através das memórias em confronto com jornais, IPMs e processos militares que a Bahia não teria sido apenas uma “área de recuo”, e que a resistência ocorreu de forma isolada, sem inserção na sociedade, fato que também aconteceu com as organizações de esquerda armada em outros estados da federação. É bom que se lembre uma luta de vanguarda, que terminou em trágica derrota.

HISTÓRIA ORAL, FILME DOCUMENTÁRIO E ETNOGRAFIA ESCRITA

Rita de Cássia Moura Carvalho(Educar artes e ofícios)

Resumo: Apresentamos os resultados de investigações sobre linguagens fílmicas, fotográficas, orais, etnográficas com a pretensão de decifrar composições de palavras, imagens e sons. Consideramos essas linguagens expressões de discursos histórico, artístico e cultural, marcados por elementos éticos, de ficção e realidade; palavras e imagens, memórias em construção, recursos, informes do passado e do presente. O centro da discussão é o filme documentário e a escrita etnográfica. Destacamos a investigação e criação da narrativa fílmica e da etnografia escrita, narrativas imersas em um jogo

dinâmico e complexo que implica técnica, realidade, ficção e liberdade poética. A intenção é levar a cabo uma escritura etnográfica, baseada na composição de imagens, sons e palavras, que nos permita descrever e avaliar as experiências do trabalho de campo e realização de documentários, apresentar, de forma elaborada conceitos e metodologias de investigação etnográfica e oral, que resultaram no documentários etnográficos “Passos de Oeiras” [2008], “Congo: ritmo e devoção” [2009] e “As Escravas da Mãe de Deus” [2010].

TECNOLOGIA DO POSSÍVEL, MEMÓRIA COLETIVA E COMUNIDADE DE EXPERIÊNCIA: A CONSTRUÇÃO DE UM VÍDEO DOCUMENTÁRIO COLABORATIVO A PARTIR DE NARRATIVAS DE JOVENS MORADORES DA VILA DA BARCA EM BELÉM DO PARÁ

Deylane Corrêa Pantoja Baía

Resumo: Considero a Vila da Barca, doravante denominada Vila - pois assim os sujeitos que lá residem e circulam a ela se referem - um dos espaços populares da cidade de Belém que vem ao longo dos anos carregando uma imagem fortemente estereotipada de “lugar violento”, o que, em grande medida, destoa da visão que os próprios moradores têm do lugar. Ademais, observando aspectos antes diluídos nos discursos externos aos moradores, percebi que entre alguns jovens, as experiências lá vivenciadas se configuram como muito mais complexas e enriquecedoras do que aquelas veiculadas nos mais diversos meios comunicativos. Minhas inquietações borbulharam quando percebi que a exibição do vídeo clipe da música “Devorados”, da banda paraense Madame Saatan, causava ora desconforto, ora satisfação em alguns de meus interlocutores. A gravação teve o lugar como locação e contou com a “participação” de meninos que hoje, mais velhos, fazem

parte do meu universo de pesquisa. O enredo desenhou-se em torno de um furto de uma lâmpada que fora realizado pelos protagonistas, com o objetivo de produzir cerol para encerar linhas de pipas. Enquanto a música avança, outros episódios cotidianos são mostrados, crianças brincando em estacas de madeira em meio à lama da maré, a polícia circulando pelas pontes e abordando os moradores, entre outros. Assim, me perguntei: Por que “devorados”? Será que é isso que os jovens pensam de si mesmos quando se veem nessas imagens? Suponho que seus sentimentos pudessem estar relacionados com um misto de significados que oscilam entre a “participação” em um trabalho que lhes trouxesse alguma notoriedade e o “desagrado” ao perceberem que a Vila era mostrada como um lugar onde somente precárias condições materiais de vida definiriam o futuro dos protagonistas e coadjuvantes da “história” do videoclipe. A partir disso, iniciei dentro de minha pesquisa de mestrado em antropologia a construção de um documentário colaborativo, baseado na tecnologia do possível, que dialoga com as noções de memória coletiva (Halbwachs, 2004) e comunidade de experiência (Beaud & Pialoux, 2006). Meu intuito é que a pesquisa, por meio desta ferramenta, seja também para meus interlocutores uma possibilidade de reflexão acerca de suas próprias trajetórias, assim como de produção de imagens sobre seu cotidiano que possam, em certa medida, desconstruir as representações vigentes sobre a vida na Vila da Barca tão presentes no imaginário social dos mais variados setores da cidade. O objetivo desta comunicação consiste no compartilhamento de dados relativos ao processo criativo de construção do vídeo documentário, bem como na disposição em discutir coletivamente as possibilidades e limites do uso deste tipo de ferramenta na produção do conhecimento sobre (e com)

as comunidades populares.

Paisagem urbanas, narrativas e sentimentos: histórias de migrantes nordestinos em São Paulo

José Eudes Alves Belo(UFPE - Secretaria de Educação de Pernambuco)

Resumo: Narrativas orais, fotografias, cartas, recortes de jornais são vestígios que transformamos em fontes para compreender os diversos laços sócio-culturais que perfazem a vida e cotidiano de migrantes nordestinos na cidade São Paulo. Utilizando linha de pensamento da História Cultural e da História social da cultura como base teórica entrelaçam-se as narrativas orais e a outras fontes, escritas, fotográficas, que ajudam traçam perfis estéticos da paisagem de uma cidade, considerada símbolo de modernidade e multiplicidade e desta forma compreender como migrantes de outra parte do país vivem, (re)criam modos de convivência na metrópole em movimento. Neste trabalho, valoriza-se aspectos artísticos, para apreender processos de (re)criação de “espaços de saudade” na cidade. Portanto, busca-se interação entre a cidade e as memórias que a constitui, entre paulistas e migrantes nordestinos. Assim, os sujeitos e o corpo da urbe mesclam-se, e ao mesmo tempo apresentam estratégias de resistências nas diversas maneiras de apropriação dos espaços. Deste modo, aspira-se constituir-se um diálogo sócio-cultural que representa o encontro de duas partes do país em suas distâncias e aproximações, a partir (re)sentimentos compartilhados.

11/07 - Quarta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Fisionomia e cotidiano de Belém na oralidade da geração de

1930: decadência ou nova modernidade?

Alexandre Martins de Lima(Universidade da Amazônia)

Resumo: Até as primeiras duas décadas do século XX Belém vivia sob os auspícios da economia gomífera. Contudo, a perda da hegemonia na produção da hévea para os seringais do oriente imputou à região Amazônica um profundo rearranjo econômico e social. Este câmbio conjuntural trouxe consigo a impressão de perda da riqueza e do fausto da Belle Époque, de retrocesso, inculcando no imaginário da população belenense uma espécie de “ideologia da decadência”. Mas o declínio da produção gomífera cedeu espaço para outros extrativos – como a castanha – e para uma economia urbana alavancada por indústrias que se estabeleciam no bairro do Reduto, além do comércio de bens e serviços. Surge então uma nova “modernidade”, compelida por outras forças motrizes que instauraram uma nova conjuntura socioeconômica e urbana em Belém, mantendo porém muito da fisionomia e dos ícones urbanos que consubstanciavam territórios estabelecidos por grupos hegemônicos, contrastando fortemente com os territórios “periféricos” das populações pobres. Isto posto, o presente trabalho busca resgatar e interpretar a fisionomia, o cotidiano, bem como a construção e legitimação das territorialidades em Belem a partir dos relatos orais da geração de 1930, relatos estes que se contrapõem à suposta decadência da capital paraense.

Copacabana arranha os céus: a sua verticalização e a sua abertura para o mundo (1928-1950)

Gianne Maria Montedônio Chagastelles(UNESA)

Resumo: Este estudo aponta para a transformação da paisagem urbana do bairro Copacabana entre 1928 e 1950, em que a construção da história é realizada a partir das lembranças dos usuários dos arranha-céus. Investigo o processo de

verticalização do bairro, pesquisando a cultura, o cotidiano e os diferentes modos de uso pelos seus habitantes. Ao resgatar os discursos sobre o arranha-céu e as novas formas de sociabilidade, possibilita-se a construção de representações e significações que o espaço da cidade contém. Acredito, ainda, que mediante seleção e interpretação dessas representações sobre a verticalização da paisagem de Copacabana, seja possível mapear possibilidades de reconhecer a cidade em seus múltiplos e dinâmicos significados históricos. Esta pesquisa procurou investigar as práticas, complexas, múltiplas, diferenciadas de apropriação dos arranha-céus cariocas, identificando e selecionando os indícios que expressassem de forma significativa a sua imagem, de modo a perceber os signos/símbolos culturais do espaço urbano que se configuraram em Copacabana e na sua historicidade. Assim, tornou-se fundamental investigar este processo através das representações dos discursos dos usuários que deram conta das transformações da cidade na época estudada, discutindo as novas formas de moradia, sociabilidade e controle do espaço decorrentes da instauração dessa arquitetura vertical.

Palavras-chave: Copacabana; Memória; Verticalização.

um encontro, varios olhares

Marluce Lima de Moraes

Resumo: Realizar uma pesquisa que se vale de testemunhos, requer do pesquisador cautela tanto na escolha do(s) entrevistado(s) quanto no tratamento das entrevistas. Esse cuidado informa a perspectiva metodológica e teórica do pesquisador frente a realização e análise das entre/vistas. A proposta do ensaio está em pensar o percurso de uma entrevista: o encontro, a realização e a análise. Exercício que propõe pensar como os gestos e elementos da fala informam as

expectativas do entrevistado e do entrevistador, na tentativa de incorporar ao tratamento da fonte elementos para além das informações contidas na fala, pensando a entrevista como um campo de diálogo, uma experiência entre/vistas, entre/olhares.

O papel do cinema na construção da(s) identidade(s): A representação de Ousmane Sembène do Senegal da década de 60

Rita de Kasia Andrade Amaral

Resumo: Esta pesquisa tem como objeto a produção cinematográfica de Ousmane Sembène durante as décadas de 60 até final de 80, revelando os conflitos presentes no interior da sociedade senegalesa, como por exemplo a segregação de certas camadas sociais, a perda da “alma negra” frente o contato com o ocidental, entre outros. Tais questões refletem o processo de construção da(s) identidade(s) no pós-independência senegalesa. Para entendê-las melhor se faz necessário um diálogo com as políticas presidenciais de apoio com a Europa de Leopold Senghor, e seu discurso do Movimento da Negritude, pois cria o pano de fundo dessa defesa da valorização e preservação das raízes culturais africanas presentes em seus filmes. Busco discutir essa questão a partir da concepção da cultura como um processo que constrói o modo de vida de uma sociedade, seus sistemas de produção de significados, sentidos e consciência, principalmente a capacidade de representação dada as imagens, como afirma Turner (1997). Com isso analiso o cinema como um produto cultural e uma prática social, que revela os sistemas e prioridades culturais, de onde se insere, devido ao seu poder enquanto linguagem. Essa carga sociocultural das imagens em movimento revelam escolhas, tendências e omissões, conscientes ou não, que desvendam e abrem espaço para os

pesquisadores sociais refletirem sobre as tensões internas da sociedade em questão, como por exemplo no caso do Sembène, as tensões advindas das clivagens sociais, das relações externas, das posições políticas e escolhas culturais, entre outros, ressalta Boughedir (2007) . Com isso busco pensar a construção da identidade senegalesa através da compreensão do cinema pelo viés da relação entre cultura e linguagem, onde se dá a efetivação dos sistemas de valores e sua externalização em posições e escolhas sociopolíticas, como por exemplo, a escolha Sembène pelo idioma Wolof em oposição ao francês oficial para caracterizar sua visão sobre a valorização das origens. Percebo então que a discussão do papel da mídia e das produções audiovisuais, em uma sociedade repleta de tais imagens, é um caminho interessante nas análises sociais contemporâneas, onde os meios de comunicação teriam se tornado um dos eixos da organização dos processos sociais, sejam políticos, econômicos ou culturais, assumindo um papel cada vez mais importante na mediação das relações humanas e suas memórias.

Escrita Etnográfica e Trabalho de Campo: O Reavivamento da História Tembé pela Formação dos Professores Índios

Wilson Max Costa Teixeira(Universidade Federal do Pará)

Resumo: Este trabalho é constituído a partir dos registros coletados em pesquisa de campo ocorrido em 2012 entre os indígenas da etnia Tembé, localizados na aldeia Sede no município de Capitão Poço. Discorremos sobre o reavivamento da história Tembé a partir do processo de formação dos professores índios pela Escola Itinerante de Formação de Professores Índios do Pará coordenada pela SEDUC/PA. O desvendamento da história Tembé a partir destes relatos ganhou grande relevância principalmente pelo fato de o grupo e o trabalho de suas lideranças convergirem não apenas para sua

afirmação identitária, mas, sobretudo, para a transmissão desta memória em processo para a juventude. A educação como princípio realizador da memória social é acionada como tarefa dos professores índios e como reivindicação por sua identidade étnica frente ao próprio grupo étnico: a questão da língua, ou de sua perda, as lutas travadas por equipamentos públicos e territorialidade são reavivadas para a constituição de sua história, mas também pela necessidade prática de trazer para o âmbito da escola, através do material didático, a história Tembê para a formação de suas gerações futuras.

Os Devotos do Bom Jesus dos Passos e suas narrativas de devoção em Oeiras - Piauí

Ariane dos Santos Lima

Resumo: A procissão do Bom Jesus dos Passos acontece sempre na sexta -feira anterior a sexta-feira da Paixão. Ocorre na cidade histórica de Oeiras – Piauí desde o século XVIII. Propomos analisar a ideia de devoção formulada a partir dos relatos orais e atitudes dos devotos no universo dos ritos religiosos experienciados pela celebração. A ideia é refletir o ato de narrar construído por eles e nesse sentido forjar o conceito de devoção apresentado pelos próprios devotos. Tomamos enquanto aporte a metodologia da História Oral e a Etnografia , métodos que articulados permitem identificar os detalhes da tradição oral formulada no espaço religioso e na devoção ao Bom Jesus dos Passos.

Memórias e imagens: transformações na Cidade Perfume (1930-1940)

NATALIA AZEVEDO CRIVELLO(Colégio Leopoldo)

Resumo: Temos como objetivo relacionar as representações fotográficas (entre as décadas de 1930 e 1940) das

transformações urbanas ocorridas no município fluminense citicultor de Nova Iguaçu com relatos orais de moradores. Nossa intenção é perceber como as frações de classe dominantes no município objetivavam se alicerçar sobre um discurso do Mito da Idade de Ouro em torno da lavoura citricultora no momento em que esta cede lugar à urbe, na tentativa de perpetuar seus espaços de poder.

IMAGEM DO PATRIMÔNIO E SABERES AMBIENTAIS ENTRE CRIANÇAS MORADORAS DO ENTORNO DO PEUT

Breno Augusto Garcia Sales

Resumo: Este trabalho é um exercício do olhar antropológico sobre os recursos fotográficos e os testemunhos orais de jovens estudantes moradores de duas regiões (distintas) circunvizinhas ao Parque Estadual do Utinga, unidade de conservação situada na região metropolitana de Belém. A comunicação procura compreender o que está subjacente às imagens capturadas pelos estudantes durante oficinas de fotografia artesanal (estilo Pinhole), realizadas nas respectivas escolas. O ensaio fotográfico teve como tema orientador quais os lugares mais importantes que existem próximos da minha casa? Segundo essa diretriz, os estudantes registraram os seus quintais, a parte interna e externa de suas casas, espécie vegetais, animais e situações inusitadas que ocorreram somente no momento em que as imagens foram capturadas. Após terem o filme revelado e receberem o “índex”, os estudantes pediam cópias de três fotos que eles escolhiam como sendo significativas. Posteriormente, eles esclareciam o porquê de terem escolhido aqueles cenários específicos para fotografar, além de partilharem detalhes “técnicos” da captura de imagens na fotografia artesanal, tais como o tempo de exposição e as

condições de luz no momento da captação das imagens. Cabe ressaltar que as duas escolas localizam-se em regiões com níveis de aparelhamento urbano distintos, o que influencia sensivelmente na produção dos resultados. A primeira versão da análise do material anuncia que estabelecer o diálogo entre as imagens e as falas dos pequenos estudantes possibilita o acesso à percursos, memórias e saberes que remontam os trajetos de sujeitos que mesmo na tenra idade, demonstram vínculos, intimidades e cuidados com os ambientes e paisagens nos quais foram socializados, provocando também o debate acerca da validade e legitimidade dos seus depoimentos quando se tratam de questões sobre patrimônio e memória.

12/07 - Quinta-feira (Tarde - 14h as 17h)

**NOSSO POVO, NOSSA GENTE: RIQUEZAS DO
PATRIMÔNIO IMATERIAL DE UBAÍRA
ANA LÍVIA DE JESUS BASTOS(SINDIVALE)**

Resumo: Tendo em vista que em Ubaíra não há livros ou catálogos que apresentem a história das pessoas que marcaram e continuam presentes no cenário cultural, social e político do município é que a proposta de construção e publicação deste primeiro catálogo foi lançada. Esta publicação possibilitará principalmente, as crianças e jovens, conhecerem, valorizarem e protegerem a narrativa de vida das pessoas ubairenses ou naturalizadas que atuaram no cangaço ao lado de Lampião, vivenciaram e sofreram os golpes da ditadura militar, foram trabalhadores rurais ou da estrada de Ferro Nazaré, conheceram a época em que Ubaíra era chamada de Areia e aqui, com muito trabalho, cultura e criatividade plantaram e colheram os frutos que continuam alimentando as mais diversas gerações. Assim, proponho apresentar a história de algumas

personalidades do município de Ubaíra/Bahia/Brasil que formam a essência cultural a qual intitulamos: NOSSO POVO, NOSSA GENTE: RIQUEZAS DO PATRIMÔNIO IMATERIAL DE UBAÍRA.

Edifício Joelma: desafios da oralidade

ROBERTO MARIN VIESTEL(INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL MG)

Resumo: O presente trabalho analisa as possibilidades da história oral na investigação de uma das tragédias mais dramáticas da história de São Paulo, o incêndio do Edifício Joelma, no dia 01 de fevereiro de 1974. O episódio marca a cidade e, ao mesmo tempo, é um fato que expõe a fragilidade do poder público em cumprir as obrigações do seu papel. Por outro lado, mostra a solidariedade popular e todo o empenho de bravos soldados do corpo de bombeiros, da polícia militar e, até, da temida rondas ostensivas Tobias de Aguiar (antiga ROTA) no salvamento das vítimas do incêndio, nivelando a repressão militar do período com atos de dignidade e honra. Pois bem, a história oral nos permite olhar para os agentes sociais como seres humanos de carne e osso, que participam e fazem a história, em um momento de fragilidade de grande comoção e apelo. Nosso artigo origina-se a partir do depoimento de meu pai, o senhor José Roberto Viestel, que, à época do incêndio, era gerente do estacionamento do Edifício Joelma, onde os carros ocupavam os nove primeiros andares, felizmente não pegando fogo e evitando tragédia maior graças à sua atuação e de bravos manobristas. A história oral, neste sentido, nos ajuda a recuperar o quebra-cabeça dos fatos, além da importância de outras fontes.

O nome e o espaço em transformação: o bairro enquanto

espaço vivido e apropriado

Luciana Verônica da Silva(Congregação Redentorista)

Resumo: No Brasil, ao longo do século XX, a cidade apresenta-se, segundo a teoria marxista, como local de contradições e conflitos provocados, sobretudo, pela complexificação das relações de produção e pelo crescimento urbano, seguidos da segregação sócio-espacial. A partir da análise de um caso específico, este trabalho propõe analisar as configurações e paisagens da cidade moderna, a partir da utilização do bairro, enquanto categoria de análise histórica. Procura-se enxergar o bairro enquanto local de sociabilidades, espaço vivido e sentido, individualizado pelas imagens mentais e referenciais simbólicos e materiais, que o identifica para seus moradores, deixando de ser somente uma divisão política exterior. Sob esta ótica, o bairro torna-se o espaço da vida, em oposição ao espaço do trabalho, comportando momentos de lazer, interação e solidariedades.

Caminhos que se cruzam: A religiosidade Umbandista e seu Projeto Social na Tenda Espírita Umbandista de Santa Bárbara em Teresina – Piauí (1995-2010).

Ariany Maria Farias de Souza(Secretaria Municipal de Educação)

Resumo: Nesta investigação, nos propomos a narrar, numa perspectiva histórico-antropológica, a constituição da Tenda Espírita Umbandista de Santa Bárbara em Teresina-PI, no bairro Santa Maria da Codipi, e as suas práticas religiosas e sociais entre os anos de 1995 e 2010. Analisaremos como a religiosidade umbandista atua na construção de laços de caridade com a comunidade atendida, por meio de suas práticas sociais. Partindo da metodologia da história oral e do método etnográfico identificaremos os elementos rituais e simbólicos

presentes na Tenda, utilizando ainda fontes documentais bibliográficas e fontes audiovisuais.

Fontes Orais: possibilidade de pesquisa sobre as vivências nos espaços urbanos de Campo Grande, MS.

LENITA MARIA RODRIGUES CALADO(Anhanguera - UNIDERP)

Resumo: Campo Grande possui processos históricos recentes, sendo que sua formação urbana teve início no final do século XIX. A divisão territorial do Estado de Mato Grosso foi em 1977, criando assim o Estado de Mato Grosso do Sul e elevando Campo Grande a capital. A pesquisa, sobre as transformações que a cidade passou desde sua nomeação como capital até os dias atuais, enfocando alguns espaços de sociabilidades, como a Praça Ary Coelho e a Orla Morena, somente é possível a partir de fontes orais, não só pela escassez de fontes documentais, mas também pela presença indispensável das sensibilidades e vivências nas falas dos moradores. Espaços que representam a formação do imaginário citadino e a busca identitária dos habitantes se apresentam nas transformações que passam ao longo do tempo. A arquitetura, os projetos de revitalização, os esforços despendidos na preservação dos patrimônios, são referência para os sentimentos formados no cotidiano da população que se relaciona com os lugares da cidade de Campo Grande, ora como espaços de trabalho, ora como opções de lazer. A Praça Ary Coelho e a Orla Morena são parte do que se propõe visualmente para a cidade que se transforma em capital, dando sentido as relações que se estabelecem nos espaços públicos e além deles.

014. História, Natureza, Cultura e Oralidade
Coordenação: Marcos Fábio Freire

Montysuma, Temis Gomes Parente

10/07 - Terça-feira (Tarde - 14h as 17h)

Desenvolvimento Sustentável e a memória da geopolítica do conhecimento na Amazônia

JOÃO JOSÉ VERAS DE SOUZA

Resumo: O presente trabalho busca compreender, a partir das reflexões teóricas do Programa Modernidade/Colonialidade latinoamericano, a razão pela qual, na perspectiva da história ambiental, a geopolítica do conhecimento ocorre na Amazônia brasileira, especialmente no campo das políticas públicas de desenvolvimento sustentável, considerados os esquemas interpretativos da Amazônia postos. A discussão que nos lançamos considera a categoria memória dos conhecimentos ambientais em um contexto epistêmico onde se tem como natural a existência de espaços de onde emana a produção de saberes, sistemas de conhecimentos, tidos como válidos para todos; do mesmo modo, naturalizaram a ideia da existência de espaços tidos como receptores destes sistemas de conhecimentos – atuando tais espaços, inclusive, como objetos de estudos. Nesse sentido, o conhecimento científico tem-se apresentado, na “história da humanidade”, como marco que funda a missão civilizadora do norte (produtor) frente ao sul (receptor), este último onde estão localizados, no plano do logocentrismo ocidental, produtores de cosmovisões baseadas em opiniões, crenças e magias.

Singularidades no universo das águas: o Pantanal não é apenas o que cabe na tela da TV

Ilsyane do Rocio Kmitta(PPGH/UFGD)

Resumo: No âmbito da História Cultural e Ambiental, as estratégias de vida ao longo do tempo, são consideradas na medida em que se avalie como o homem e sociedade elaboram e organizam formas de se relacionar com o mundo natural e, das relações entre homem e natureza como parte de um processo de transformações bem como, do uso e da produção de recursos para manutenção desse processo. Quando a proposta é apresentar elementos que compõem o universo cultural pantaneiro, observa-se que a água é um dos elementos que integram a construção de uma visão de mundo. É nos relatos das experiências vividas que encontramos o fio condutor que permite adentrarmos nesse universo cultural povoado de reminiscências que fornecem elementos significativos para nossa historiografia.

DO OURO AO PÓ. Cafeicultura e erosão no norte do Paraná.

TATI LOURENCO DA COSTA(UDESC e Instituto Câmara Clara)

Resumo: O trabalho apresenta um levantamento das fotografias de Armínio Kaiser sobre a erosão na região norte do Paraná. Provocada pelo desgaste do solo no cultivo do café, durante as décadas de 1950 a 1970. A derrubada da mata nativa para dar espaço à expansão desta lavoura repetiu naquela região um processo que já havia sido identificado no estado de São Paulo. A análise das imagens é combinada com as narrativas do fotógrafo, registradas em 5 entrevistas conduzidas pela equipe do projeto Revelações da História, de salvaguarda e difusão de acervos fotográficos, onde foram higienizados, organizados, catalogados e digitalizados mais de mil negativos de Armínio Kaiser sobre a cafeicultura no norte do Paraná. Cabe situar que o fotógrafo era engenheiro agrônomo do

Instituto Brasileiro do Café. Originalmente alocado em São Paulo, Kaiser foi transferido para a região de Paranavaí, justamente para atuar na orientação de alternativas para as técnicas de plantio, com o intuito de conter o problema da erosão. No entanto, como indicam suas narrativas, seu trabalho foi “uma gota no oceano” e as ações ali realizadas infelizmente não foram suficientes para solucionar o problema. Os testemunhos do solo são visíveis até hoje.

Diante das fontes são perceptíveis tensões entre interesse de lucro X degradação do meio ambiente. Para discutir tal problemática recorre-se ao aporte teórico da história ambiental, assim como aos estudos da história da cafeicultura. As imagens e narrativas expressam, ainda, dados sobre os modos de vida daquela região, onde a mata atlântica havia sido recém derrubada e era precariamente embrionário o estabelecimento de um núcleo populacional.

Permeia o texto a discussão metodológica sobre o processo de trabalho com fotografias associadas à história oral, com referência às interfaces desta área com a história visual e história do tempo presente. Por fim, discute-se as potencialidades representadas pela pesquisa com fontes visuais/fotográficas quando se tem a oportunidade de entrevistar o autor das imagens e consultar a íntegra de seu acervo, por esta especificidade, emergem alguns debates que envolvem o trabalho com a memória e patrimônio cultural.

A Atividade Artesanal do Capim Dourado na Região do Jalapão-To: Uma Nova Perspectiva Para o Empoderamento das Mulheres

Aline Tavares de Sousa

Resumo: O presente estudo tem como objetivo analisar se a atividade artesanal com o capim dourado na região do Jalapão-

TO, tem contribuído para o processo de empoderamento das mulheres envolvida na atividade. A atividade artesanal com o capim dourado que iniciou na comunidade Mumbuca no município de Mateiros, tem se expandido por diversos municípios da região do Jalapão e a partir do incentivo governamental foram criadas várias associações de artesãos. As associações foram criadas com o objetivo de manejar o capim dourado, além de organizar e estimular a comercialização do artesanato. A partir da divulgação do artesanato e da possibilidade concreta de obtenção de renda proveniente de sua venda, a prática artesanal passou a interessar as mulheres, homens e crianças que até então não tinham nenhum vínculo com a atividade. Para esta pesquisa utilizamos a história oral, por entender que as narrativas das artesãs e dos artesãos nos possibilita conhecer a realidade dessas pessoas envolvidas na atividade com o capim dourado e posteriormente identificar se as mesmas vêm passando por um processo de empoderamento a partir do início da produção do artesanato de capim dourado. A perspectiva do empoderamento traz consigo a noção de mudança nas relações sociais nas quais as pessoas estão inseridas, para Zorzi (2008) esta noção torna-se, instrumental para se pensar os processos de mobilização e ação, objetivando a afirmação de direitos e a tentativa de superar as desigualdades existentes entre mulheres e homens, bem como suas implicações em diferentes esferas como a econômica, a pessoal, a social e a política.

Região dos Amarais: um estudo sobre adensamento populacional e seus impactos na saúde e no meio ambiente

Adriana Do Amaral, Olga Rodrigues de Moraes Von Simson

Resumo: Campinas (SP), nos últimos cinquenta anos, teve sua população quase quintuplicada; em 1960 eram 219.303

habitantes e em 2011 eram 1.088.611 habitantes, sendo que em 2010, Campinas era o terceiro município mais populoso de São Paulo (ficando atrás somente de Guarulhos e da capital) e o 14º de todo o país¹.

As migrações para o município se caracterizam como fenômenos marcados pela busca de melhores condições de vida, sobretudo de saúde e educação. A população migrante mais pobre ocupou áreas de baixo valor imobiliário, tais como várzeas e encostas, dando origem às favelas.

A região dos Amarais na década de 1960 era limítrofe entre zona rural e urbana do município. Os lotes eram baratos atraindo migrantes, entretanto, a infraestrutura urbana precária mobilizou a comunidade para reivindicar, junto ao poder público, por moradia, asfalto, energia elétrica, transporte público, escola, creche, centro de saúde. Atualmente, a região dos Amarais é composta por seis bairros com população estimada em 50.000 habitantes.

O último bairro, Vila Esperança, foi construído entre os anos de 1996 – 2008 reforçando contornos históricos sobre migração, adensamento populacional e qualidade de vida. O bairro é um conjunto habitacional (COHAB) idealizado para remover moradores de áreas de risco do entorno, sobretudo das margens do córrego da Lagoa. Outrora, a área do bairro, foi parte da fazenda Santa Genebra sendo ocupada por lavouras de algodão (até meados de 1980) e de cana-de-açúcar (1990).

Vários moradores da região dos Amarais relatam que trabalharam no cultivo e colheita nas lavouras de algodão, destacando tanto a beleza de ver “o morro branquinho”, quanto o sofrimento pelo uso de pesticidas que impactavam água, solo, ar e saúde humana. As lavouras eram pulverizadas por aviões que sobrevoavam e despejavam pesticidas, em locais sinalizados por trabalhadores que, em pé, funcionavam como

pontos de referência. Os impactos pós-pulverização eram visíveis seja através dos peixes mortos nos córregos do entorno, ou com a morte de passarinhos e, até mesmo, com intoxicação de trabalhadores, correndo risco de morte, por manipularem os agrotóxicos.

A cotonicultura, cultura do algodão, está inserida dentre as dez mais importantes culturas agrícolas do Brasil. O algodoeiro por possuir glândulas produtoras de secreção líquido-resinosa açucarada é um grande atrativo para os insetos. O bicudo-do-algodoeiro, *Anthonomus grandis*, é considerado “a mais séria praga”, devido aos danos provocados na produção e por sua dificuldade de controle. Para combater os insetos são utilizados vários agrotóxicos, podendo assim impactar meio ambiente e saúde ao contaminar solo, água, ar e seres humanos.

¹Fundação IBGE. Censos Demográficos de 1940 a 1991. IBGE. Censo Populacional 2010.

Gênero, memória e patrimônio alimentar.

Janine Gomes da Silva(UFSC)

Resumo: Localizado no contexto dos estudos de gênero e memória, a presente comunicação apresenta algumas discussões sobre o cotidiano e a culinária de algumas estradas que compõe a região rural da cidade de Joinville, situada no nordeste do estado de Santa Catarina (Brasil). Frente às novas preocupações com a preservação do patrimônio cultural, bem como, da relação entre turismo e políticas culturais, nos cabe perguntar como diferentes moradoras/es vem (re)construindo significados sobre a cidade, espaço por excelência privilegiado para inscrever, cotidianamente, outras narrativas sobre patrimônio e “maneiras de fazer”, especialmente na região rural da cidade. Destaca-se que a cidade foi colonizada, a partir de 1851, principalmente por imigrantes alemães, todavia, na

contemporaneidade recebe (i)migrantes de várias regiões apresentando uma diversidade cultural, mas, mesmo assim, muitas vezes se pauta na valorização da culinária “típica dos imigrantes alemães”, como elemento significativo da “identidade” da cidade. Assim, procuramos problematizar a partir da metodologia da História Oral, especialmente a partir de memórias femininas, aspectos do patrimônio cultural da cidade de Joinville, contribuindo com diferentes reflexões sobre o patrimônio cultural e histórias da região rural.

Cultura e Ambientalidades: Vivências cidadinas em meio ao setor madeireiro

Maicon Mariano(Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC)

Resumo: O município de Cascavel, localizado no Oeste do Estado do Paraná, emancipado em 1952, teve em suas primeiras décadas como principal fonte de recursos a extração madeireira. Logo, esse modelo extrativista entrou em decadência concomitantemente com a “limpeza” da área para a mecanização do campo, crescendo, consideravelmente, o êxodo-rural concorrendo para a concentração urbana. Nesse sentido, memorialistas produziram interpretações para a história local, que reservam as décadas de 1960 e 1970 à passagem da “era da madeira” para o “ciclo da soja”, narrativas lineares que, por vezes, simplificam um amplo processo de mudanças econômicas, sociais e culturais que envolvera diretamente grande parte da população da cidade. Portanto, esse estudo busca por meio das experiências socioculturais de homens e mulheres que vivenciaram esse processo, abordando através de suas memórias, os sentidos e significados que permitem apreender o movimento acerca das ambientalidades: dos espaços de trabalho nas serrarias ao modo como os sujeitos

experimentaram as transformações em curso relacionadas à retirada das serrarias para outros Estados e a formação de um mercado agroexportador. E assim, com as contribuições teóricas e metodológicas da história oral, perceber as manifestações e reivindicações em um espaço permeado pelas múltiplas relações entre natureza e cultura.

11/07 - Quarta-feira (Tarde - 14h as 17h)

História Oral: Migração dos Sentidos na Amazônia
Zairo Carlos da Silva Pinheiro(Universidade Federal de Rondônia)

Resumo: A região amazônica é fruto da colonização européia e de imaginários produzidos dentro da movimentação e contatos entre seus moradores “tradicionais”. Porém, o capitalismo “impõe” uma forma de visão de mundo, legitimada pelo cientificismo de tradição aristotélica, que encontrou terreno fértil nas academias por meio das diversas áreas do conhecimento pensadas de forma objetiva, em função do estabelecimento de leis e sínteses narrativas globalizantes. Essa maneira de produção do conhecimento vem sendo questionada pelos Annales e a Nova História, desde 1930. A História Oral é pensada como resultante das novas abordagens históricas, que elegem as micros análises em detrimento das macros análises cientificistas.

Assim, no arcabouço da produção do conhecimento histórico, a História Oral, cria possibilidades metodológicas de pesquisa, compreensão e interpretação de culturas que foram negligenciadas pela História Oficial.

A História Oral implode os objetos e métodos da História e recria novas formas de percepção do mundo e do ser humano. Elementos fundantes e fundadores de desvios, imaginários,

resistências, sentidos, sonhos e poiésis.

Nos espaços amazônicos, em meio a diversidade cultural e étnica, o contato mais presente com os elementares, a experiência do devaneio e do imaginário é uma constante no ethos das populações e comunidades que vivem na e da floresta. Nesta ceara a História Oral é fonte criadora de espacialidades, memórias e histórias.

Palavras-chave: História Oral, Imaginário, Amazônia.

“Porque não fala este índio?”: Reflexões sobre a prática da História Oral em comunidades indígenas

Sandor Fernando Bringmann(UFSC)

Resumo: O presente texto busca analisar a atual conjuntura das pesquisas históricas entre as populações indígenas brasileiras, enfocando os desafios de se trabalhar com a metodologia da História Oral junto a estas comunidades. Partindo de nossa experiência com o grupo Kaingang do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, ressalvamos alguns obstáculos que tornam esta metodologia complexa em alguns momentos e extremamente instigante em outros, quando se tem a possibilidade de dar voz a grupos tradicionalmente “esquecidos” pela pesquisa histórica.

Religião e Território: Interfaces de uma problemática ambiental no sul de Santa Catarina

elton laurindo da costa(UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)

Resumo: O principal objetivo deste trabalho é apresentar algumas especificidades envolvendo as ações da Pastoral da Ecologia da Igreja Católica no sul de Santa Catarina, no período de 1980 a 2000, através da problemática Territorial e Religiosa em diálogo com a História Oral. A situação degradante, do meio ambiente no sul de Santa Catarina, devido à exploração

desenfreada do carvão mineral em seu território suscitou inúmeros embates dentro da sociedade. Este artigo, empregando relatos orais de pessoas que viveram em meio a esse território, busca refletir o impacto desses conflitos em sua vida cotidiana. Assim a dinâmica que envolve esses indivíduos é marcada pelas discussões sobre território e religião, que nesse caso se encontram demasiadamente imbricadas.

A sombra da memória: árvores e política na metrópole da Amazônia

Wesley Oliveira Kettle

Resumo: Belém do Pará também é conhecida como a capital da Amazônia, logo, tem em sua paisagem altas e exuberantes árvores, como a Samaúma. Apesar disso tem sofre graves transformações no que se refere ao meio ambiente. Acreditamos que o trabalho histórico deve estar atento para essas alterações ao longo do tempo, pois afetam diretamente o cotidiano das sociedades. Esta comunicação pretende apresentar como alguns moradores da capital paraense relatam sobre essas mudanças da paisagem de Belém destacando as árvores e os jardins da cidade, e como a urbanização foi transformando esse ambiente. Também apresentaremos os testemunhos sobre a atuação do poder público nos assuntos do meio ambiente. Nosso objetivo é perceber como essas narrativas que partem desse encontro entre natureza e cultura permitem ao historiador conhecer o passado e perceber as transformações da paisagens e o pensamento dos indivíduos no curso da história. Também pretendemos analisar as críticas presentes nos depoimentos recolhidos, com o propósito de pensarmos também a percepção ecológica das sociedades, tendo sempre como parâmetro o passado.

Conflitos socioambientais no litoral paranaense: a relação

homem e natureza no bioma Mata Atlântica.

Luiz Rogério Oliveira da Silva(UFPR, Setor Litoral)

Resumo: Com base nas observações de uma pesquisa em andamento, pretende-se refletir sobre a utilização das fontes orais e visuais como ferramentas para o registro das transformações no modo de vida das populações residentes na Área de Preservação Ambiental de Guaraqueçaba/PR. Interessa aqui contextualizar a intensificação dos conflitos na região da unidade de conservação ambiental, destacando: o desaparecimento das históricas vilas e comunidades de Guaraqueçaba, a deterioração da reprodução social das populações locais e a extinção dos seus traços culturais característicos. Nesta direção, interessa ainda perceber como o trabalho com o tema da memória contribui para evidenciar um modo de vida baseado em um conjunto de técnicas, artes e signos bastante peculiar, inviabilizado cotidianamente na atualidade por uma determinada aplicação da legislação ambiental.

O Furacão Catarina: A transformação na percepção ambiental em Santa Catarina-Brasil

Alfredo Ricardo Silva Lopes(Estudante), Marcos Aurélio Espíndola(UFSC)

Resumo: Nos últimos anos no Estado de Santa Catarina - Brasil tem se intensificado a ocorrência de desastres ambientais. Dentre enchentes, estiagens, deslizamentos de terra, o Furacão Catarina (2004) marcou a memória coletiva pela sua singularidade, foi o único furacão da história do Atlântico Sul. A particularidade desse evento transformou a percepção dos indivíduos sobre o ambiente onde estão inseridos. Essa alteração é analisada neste trabalho sob o viés da História Ambiental a fim de evidenciar as relações entre os seres

humanos e o meio. Cabe destacar que a História Ambiental procura fazer da História uma disciplina mais inclusiva, ao considerar que a experiência humana no planeta se desenvolveu condicionada às possibilidades e restrições em cada distinto ambiente. As fontes utilizadas no presente trabalho são: depoimentos das pessoas atingidas pelo evento; relatórios da Defesa Civil do Governo de Santa Catarina; notícias vinculadas em periódicos de circulação nacional, estadual e regional. O presente trabalho é fruto de um estudo interdisciplinar entre História e Geografia e discute a importância da análise da percepção ambiental, pois é através das redes de significados e valores criados pela espécie humana que a mesma interage com o ambiente onde está inserida. Observa-se, ainda, que as políticas públicas também sofreram uma mudança de rumo após este singular acontecimento, uma vez que as instituições tiveram que se adaptar às novas realidades socioambientais. Desta forma, a excepcionalidade do Furacão Catarina, enquanto um fenômeno que nunca foi cogitado para a região, somada às diversas intempéries climáticas mudou a forma com que os indivíduos localizados no extremo Sul do Estado de Santa Catarina perceberam seu ambiente. Este trabalho faz parte ao projeto de pesquisa Desastres Ambientais e Políticas Públicas em Santa Catarina, século XIX, XX e XIX.

Filhos e herdeiros da Santa: Um remanescente de quilombo que não luta pela posse da terra.

Marcos Aurélio dos Santos Vertelo (Programa de Educação Tutorial)

Resumo: Este Trabalho é oriundo de uma inquietação no grupo PET Conexões Cultura/UFES. Ele se debruça sobre os motivos que levaram os remanescentes de quilombo de Araçatiba, Viana (ES), a não buscarem o reconhecimento oficial como

Comunidade Quilombola. Durante os primeiros contatos com essa comunidade, algumas hipóteses foram surgindo como: os problemas oriundos da desocupação das fazendas ao redor e o não interesse em provocar possíveis conflitos com estes fazendeiros. Mas, os resultados das pesquisas iniciais apontam para uma outra realidade, por meio da oralidade, os moradores procuram manter uma aproximação cristalizada entre eles e as Terras onde moram. Araçatiba foi uma das maiores fazendas jesuíticas do litoral brasileiro, sendo fundada no século XVIII pelo padre Serafim Leite. No fim do século XIX, já pertencente ao Coronel Sebastião Vieira Machado, parte dessa propriedade foi doada pelos seus descendentes para os escravos libertos que ali viviam. Esta doação foi feita em nome da Santa, Nossa Senhora da Ajuda, padroeira deste povo, legitimando o direito dos mesmos ao usufruto da terra. Utilizaremos como referência deste trabalho uma entrevista feita com dona Emiliana Coutinho da Silva, moradora mais antiga da comunidade, a quem é atribuído o papel de receptora e transmissora desta identidade coletiva. Problematizaremos, por meio dos estudos da oralidade, como a comunidade construiu e constrói sua identidade, a partir da repetição dos ritos tradicionais. Utilizaremos o conceito de autoridade tradicional de Max Weber, para retratar como Dona Emiliana representa a afirmação dessa identidade. Em sua entrevista, Dona Emiliana chega a dizer que não precisa lutar pela posse da terra, pois já são donos por meio da herança que receberam da Santa.

Morar, pescar e cuidar: Histórias de pescadores da RESEX Caeté-Taperaçú, Bragança-Pará, por meio de fundamentos teórico-metodológicos da História e da Antropologia.
ROBSON DE SOUSA FEITOSA(IFPA-CAMPUS DE BRAGANÇA)

Resumo: O objetivo neste artigo é apresentar parte do trabalho de pesquisa que venho realizando sobre a relação entre os saberes de pescadores artesanais e a escola formal na comunidade Castelo, RESEX Marinha Caeté-Taperaçú-Bragança/PA. Para isso procuro investigar como se processam as práticas de trabalho e cultura dos sujeitos da pesquisa, que se mostram através da forma como usam, sobrevivem e mantem os recursos do meio ambiente mais próximo, que é o objetivo de criação das Unidades de Conservação. Assim, pretendo dialogar com histórias de vida de pescadores, lançando mão de conhecimentos de caráter etnográfico e da história local como fundamentos teórico-metodológicos do trabalho de pesquisa. O mesmo se amparou teoricamente em Levi (1992), Dosse (2004), Thompson (2002), Malinowski (1978), Geertz (2011), Delgado (2006) e Alberti (2005). Para entrecruzar as vozes dos autores optei por marcar o texto com narrativas que descrevem fatos da história específica, que por sua vez são reflexo da forma lidam com a natureza. Nesse interim, descrevo a mudança dos pescadores, da Praia do Picanço, que pela ação da maré foi destruída, para o local atual da Vila Castelo, onde tiveram que se organizar para lutar pela posse da terra. Analisando, por conseguinte, os processos de identificação construídos, a partir da percepção dos pescadores sobre a perda do local de morada e trabalho, inicialmente, e a ameaça de serem despojados já na segunda localidade. Procurei também, pela descrição do trabalho de campo listar algumas contribuições da etnografia, apontadas nos itinerários seguidos na minha formação de pesquisador, nesse processo singular de conhecer o outro e a mim mesmo.

12/07 - Quinta-feira (Tarde - 14h as 17h)

O (des)empoderamento das mulheres líderes de movimentos sociais dos reassentamentos rurais em Porto Nacional –TO
Temis Gomes Parente(Universidade Federal do Tocantins)

Resumo: Esta apresentação se propõe a analisar o processo de (des)empoderamento das mulheres líderes de movimentos sociais dos reassentamentos rurais criados com o enchimento do reservatório que se formou com a construção da Usina Luís Eduardo Magalhães, no rio Tocantins, no município de Porto Nacional (TO, Brasil). Neste trabalho, estamos considerando fatores inibidores do empoderamento – portanto, o desempoderamento – as responsabilidades domésticas, a opressão, a dependência econômica, a falta de apoios, falta de capacitação e de maior participação (Zapata, 2003, p. 225-249). A nossa análise se fundamentará na identificação dos fatores inibidores do empoderamento identificados nas falas de mulheres dos reassentamentos Córrego Prata e Pinheirópolis Rural (TO). É a partir das suas narrativas que tentamos entender mais de perto a vida dessas mulheres, descobrindo as estratégias que fazem com que elas permaneçam, e mesmo fortaleçam, os lugares de gênero que ocupam.

Nos Varadouros da Memória: algumas questões no uso da história oral com seringueiros

Tissiano da Silveira(UFSC)

Resumo: Este artigo problematiza a utilização da metodologia da história oral em pesquisas com seringueiros, analisando alguns conceitos que estão de certa forma cristalizados nos discursos recorrentes da categoria nas décadas de 1970 e 1980, encontrados em textos que são referências no assunto e em grande parte de trabalhos acadêmicos produzidos sobre estas populações,. Utilizando entrevistas publicadas em um periódico regional que circulou no período e em depoimentos do projeto

“Memória da Floresta” do acervo da Biblioteca da Floresta no Acre.

Mulheres da floresta do vale do Guaporé (Brasil) e do Mayombe (Angola) e suas interações com o meio ambiente.

Tereza Almeida Cruz(Universidade Federal do Acre)

Resumo: Este trabalho objetiva discutir como as mulheres da floresta do vale do Guaporé, na Amazônia brasileira, e do Mayombe, na Província de Cabinda, Angola, se relacionam com o meio ambiente constituindo modos de vidas específicos e formas de poder a partir de seus conhecimentos tradicionais, no período de 1980 a 2010. Esta temática foi trabalhada em uma perspectiva comparativa e de conexões entre contextos nestes ambientes de florestas tropicais nos dois lados do oceano Atlântico, procurando perceber as similitudes, diferenças, permanências e mudanças nas práticas socioculturais destes povos, considerando que a população negra que habita o vale do Guaporé rondoniense provavelmente seja proveniente de Angola e outros lugares da África Central. Procura-se discutir as relações de gênero presentes nas práticas culturais de mulheres e homens na utilização dos recursos naturais que convivem tão intensamente com a floresta tropical. O trabalho de campo foi realizado nas comunidades quilombolas do vale do Guaporé, Amazônia, e nas aldeias do Mayombe, Angola, ocasião em que participou-se de suas práticas cotidianas e realizou-se várias entrevistas com mulheres e homens, pois trabalha-se privilegiando as fontes orais, construindo um texto dialógico com as falas e interpretações das pessoas entrevistadas, a interpretação da autora e falas de vários autores que trabalham esta temática. O traço comum mais marcante nos modos de vida da população negra do Guaporé e do Mayombe é o desenvolvimento do agroextrativismo, principalmente da

agricultura de subsistência, sendo que no Guaporé as mulheres são consideradas como “ajudantes” dos homens e no Mayombe elas são as principais responsáveis pelo desenvolvimento desta atividade agrícola e pela alimentação da família. No vale do Guaporé ainda permanecem algumas práticas sociais como a construção de casas tradicionais de pau-a-pique, tecnologia trazida da África, e o uso cotidiano do pilão para o preparo de vários tipos de alimentos. Por outro lado, no Mayombe este tipo de casa já é praticamente inexistente, mas o uso do pilão ainda faz parte dos costumes. Tanto no Mayombe como no Guaporé, de acordo com as análises feitas neste estudo, as mulheres neste ambiente de floresta tropical constituíram formas de resistência e luta diária, convivendo com a natureza de forma sustentável e dela extraíndo parte dos recursos necessários para a sobrevivência e tornando-se poderosas na utilização destes meios tanto para a alimentação, como para a saúde e para a comercialização, contribuindo para a construção de um desenvolvimento sustentável e humano.

“Fizeram até uma igrejinha”: ex-moradores da floresta recontando o Parque Nacional Iguaçu.

Rudy Nick Vencatto(UNIPAR / SEED-PR)

Resumo: Para quem visitar o Parque Nacional do Iguaçu - PNI, localizado no extremo Oeste do Paraná, vai adentrar num espaço tomado pelas matas e reivindicado pela administração do parque e órgãos de proteção ambiental, enquanto Unidade de Conservação em seu estado natural de preservação. Os elementos da flora e fauna aparecem enquanto beleza cênica, cabendo aos visitantes apenas contemplá-los. Entretanto, o PNI remete outros sentidos e valores para aqueles que se relacionaram com ele não apenas como espectadores, mas que viveram em seu interior durante as décadas de 1960 e 1970.

Para estes sujeitos, o espaço natural fazia parte da vida humana e estava imbricado nos modos de viver de algumas pessoas. Desta forma, esta comunicação tem como proposta repensar, a partir da história oral, os usos e viveres constituídos no processo relacional entre homem e natureza, assim como, debater sobre a dicotomia construída entre cultura e meio ambiente.

Paisagem e memória: a transformação dos Campos de Altitude no Rio Grande do Sul, século XX

Esther Mayara Zamboni Rossi, Eunice Sueli

Nodari(Universidade Federal de Santa Catarina), Samira

Peruchi Moretto

Resumo: A região dos Campos de Altitude no Rio Grande do Sul, durante o século XX, sofreu um processo de transformação da paisagem em função da ocupação da região, principalmente por migrantes. A relação dos seres humanos com o mundo natural foi pouco documentada, no entanto, as práticas cotidianas e empíricas que envolviam tais relações, ainda estão presentes na memória dos moradores locais. O objetivo desse trabalho é analisar através da visão de ex- madeireiros (atuais agricultores), como ocorreu o processo de desmatamento e alteração da paisagem, que resultou no esgotamento da floresta nativa na região. A metodologia da História Oral, aliada a História Ambiental, legitima a importância da memória do indivíduo como instrumento de análise da relação dos seres humanos com o meio natural. A partir das entrevistas que fizemos com os moradores locais, pudemos constatar como a floresta nativa que ocupava grande parte da região, foi utilizada como fonte de renda pelos madeireiros. Como no passado não havia grandes incentivos a preservação, hoje os remanescentes são avaliados como irrisórios e a floresta ameaçada. A “exuberante” floresta que ocupava a região, atualmente se

encontra nas falas e na memória dos moradores da região.

Oralidade, memória e história uma teia de saberes em defesa da comunidade tradicional de Fecho de Pasto Mucambo, Antônio Gonçalves (BA)

Izabel Dantas de Menezes(Universidade do Estado da Bahia)

Resumo: A discussão acerca da educação é recorrente em várias áreas das ciências. No entanto, a maior parte das publicações volta-se, exclusivamente, à análise das possibilidades de educação nos espaços formais. São discussões, que contribuem significativamente para a construção de práticas instituídas e instituintes no cotidiano escolar, contudo, ainda há necessidade de compreender a temática como um fenômeno polissêmico de diferentes contextos históricos e culturais, ciclos da vida, tempo, bem como compreendê-la a partir da complexa relação com os movimentos sociais, especialmente aqueles voltados para a luta do direito a terra de uso comum. Nestes termos, o presente trabalho intenciona apresentar alguns resultados preliminares da pesquisa desenvolvida junto ao Programa de pós-graduação em Educação da Faced/UFBA, cujo objetivo geral é o de compreender os saberes acionados no processo de luta da Comunidade Tradicional de Fecho de Pasto – Mucambo (BA), em defesa da terra ocupada de forma coletiva e que a partir da década de 1980 sofre uma série de ameaças de expropriação. Iniciei retomando a história de ocupação das suas terras e o processo de formação do grupo anterior ao conflito identificando os topos privilegiados de transmissão de saberes. Em seguida tentei compreender os sentidos da terra comum e da luta e organização do grupo para a sua defesa. Por último analisei os saberes acionados e a sua relação com a luta pela terra. Dar conta desses objetivos não foi uma empreitada fácil, a

falta de fontes escritas com pistas sobre a origem e a formação da estrutura fundiária da comunidade se transformou num grande desafio teórico-metodológico. Essa dificuldade foi superada pelo investimento nas narrativas e depoimentos orais dos sujeitos que na plenitude da relação com natureza e a cultura, puderam trazer informações regadas por uma profunda relação e conhecimento do seu lugar. Uma profundidade guardada na memória dos mais velhos, tecida e atualizada no presente pelos fios complexos do dizer sobre o tempo antigo.

Palavras-chave: Educação, saberes, História Oral, Comunidade Tradicional de Fecho de Pasto.

Populações tradicionais de Roraima: os relatos orais de ribeirinhos do Baixo Rio Branco

Maria das Graças Santos Dias Magalhães(Universidade Federal de Roraima)

Resumo: O presente trabalho apresenta as entrevistas orais realizadas com ribeirinhos dessa região realizada pelo Projeto Sociedade, Economia e Natureza: os ribeirinhos do Baixo Rio Branco – Roraima, discutindo as experiências vivenciadas por estes sujeitos sociais, numa perspectiva histórica, econômica e ambiental. Neste sentido, destaca-se as peculiaridade do modo de vida e de como este condiciona e esta condicionado pelo meio ambiente, ou seja, as várzeas de Roraima. Enfocamos aspectos relacionados à pesca, ao extrativismo vegetal e à agricultura de subsistência, atividades estas desenvolvidas simultaneamente pelos ribeirinhos.

015. Histórias e historicidades das lutas

pelo direito à cidade: Favelas, Conjuntos, Ocupações, Loteamentos, Periferias Coordenação: Mariana Cavalcanti, Tania Maria Fernandes

10/07 - Terça-feira (Tarde - 14h as 17h)

Jardim Catarina: memória e movimentos cotidianos numa periferia Fluminense.

Marcos Thimoteo Dominguez(Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/Fiocruz)

Resumo: O trabalho é resultante de uma pesquisa realizada em uma “periferia da periferia”, no bairro de Jardim Catarina, loteamento urbano do município de São Gonçalo- Rio de Janeiro, território de elevada vulnerabilidade social e ambiental, e palco de inúmeras formas de injustiça social. Propõe-se a refletir sobre os procedimentos e resultados da pesquisa, onde através de procedimentos da história oral e da memória dos sujeitos que ali experimentam seu cotidiano, mediado por relações desiguais de poder, foi possível ter acesso aos diferentes projetos e modos de estar no bairro, e na cidade. O estudo realizado não conheceu apenas um Jardim Catarina, mas diversos “Catarinas”, territórios urbanos em transição, complexos, marginais heterogêneos, de temporalidades distintas, espaços de conflito e solidariedade, que se comunicam na periferia fluminense através de movimentos cotidianos de sobrevivência, criados e criados historicamente.

Do mutirão à memória: lutas pelo direito à cidade nas narrativas de moradores do Aglomerado Santa Lúcia - Belo Horizonte/MG

Resumo: Em 1992, um casarão do século XIX, localizado na favela do Aglomerado Santa Lúcia, foi tombado pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município de Belo Horizonte, a pedido dos moradores. Eles solicitavam também, a adaptação do bem tombado, a fim de que fosse utilizado como centro cultural. O episódio, iniciativa inédita à época, insere-se em um ambiente de forte atuação política, em prol da ampliação de melhorias na qualidade de vida no Aglomerado, por meio de reivindicações que passavam a abranger, juntamente com as demandas por urbanização e instalação de equipamentos de saúde e educação, o reconhecimento efetivo do poder público, quanto aos direitos culturais dos moradores de favela. O matiz cultural destas reivindicações estava assentado na percepção de que havia uma predominância de representações negativas do lugar que o estigmatizavam sob os signos da violência e da miséria. Além disso, alguns moradores passavam a notar a ausência de referências às favelas, nas narrativas oficiais sobre a história da cidade. No entendimento de algumas lideranças, as representações negativas e o silenciamento sobre a história do Aglomerado estavam associados à discriminação racial e socioeconômica que caracterizam o tratamento dispensado aos favelados, no âmbito das relações sociais. A proposta desta comunicação é discutir a mobilização de parte destas lideranças em torno da busca por projetar outras representações da favela, por meio de ações culturais diversas. Enfatizaremos, dentre estas ações, aquelas que se referem à memória do Aglomerado Santa Lúcia. Em função disto, elegemos o período entre 1992 – que marca o tombamento do “Casarão da Barragem” – e 2007, quando foi finalizado o “Projeto Memória: para além do horizonte planejado”, desenvolvido por meio de parceria entre

grupos culturais locais e o Programa Conexões de Saberes na UFMG. Interessa-nos, em diálogo com a perspectiva de representações sociais de Pierre Bourdieu, discutir as concepções e usos da noção de memória que se enunciam nas narrativas orais e demais ações dos moradores, em seu esforço por projetar a problematização da história do lugar, a partir da memória. São utilizadas entrevistas realizadas com moradores, entre 2007 e 2010 e registros de documentação administrativa produzida pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. A análise sugere que os discursos sobre a memória, neste caso, participam de um jogo de poder, a partir da instituição de representações que podem contribuir para a manutenção, destituição e/ou reorganização de determinada ordem social.

Cidade e indivíduos nas paisagens paulistanas

Raimundo Nonato Gomes dos Santos(UFRR)

Resumo: Tendo por objetivo refletir sobre a participação das pessoas comuns na produção de memórias da Cidade de São Paulo, o presente texto toma como fonte de análise “Paisagens paulistanas: transformações do espaço público”, trabalho de Antonio Augusto Arantes, publicado no ano de 2000. Dessa forma, está voltado para a construção de identidades com a finalidade de observar como as “pessoas comuns” emergem e se posicionam nos contextos apresentados pela obra.

Apoiado em perspectiva teórica de autores como Stuart Hall, para quem conceitos como identidade e diferença são concebidos em relações sociais, cuja definições discursivas e linguísticas estão sujeitas a vetores de força e a relações de poder, o que significa dizer que elas não são simplesmente definidas, mas impostas, que não convivem harmoniosamente, mas em um campo hierarquizado, onde são disputadas.

A hipótese que norteia este trabalho é de que as pesquisas e

textos sobre as práticas políticas, ao buscarem de forma implícita ou explícita seu sentido em realidades mais amplas como nacionalidade e cidade, perdem de foco o jogo de interesses que movimentam os indivíduos e grupos sociais. Isto implica dizer que, refletir sobre conjunturas políticas sem levar em conta os interesses de cada grupo social envolvido no contexto em observação, em si, já constitui um processo de exclusão, salvo em casos específicos.

Jornalismo e senso comum: o lugar da favela na cidade maravilhosa

Carla Baiense Felix(Colégio Cruzeiro JPA)

Resumo: A partir dos anos 1990, a favela passou a representar no noticiário da grande imprensa o lugar do risco contemporâneo, a partir do qual as narrativas do medo são reiteradas no imaginário social. Neste trabalho, nos propomos a investigar os mecanismos pelos quais o noticiário constrói esta representação e de que maneira dialoga com o senso comum.

Sobre a prática do “Museu de Favela”: primeiras considerações

Aline dos Santos Portilho(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Resumo: Esta proposta tem como objetivo abordar o papel da oralidade na constituição da experiência museológica proposta pelo Museu de Favela, localizado no complexo de favelas do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo (MUF). O MUF é um museu de território e faz parte do Programa Pontos de Memória, posto em prática desde 2009 pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), em parceria com o Programa Mais Cultura e Cultura Viva, do MinC; com o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci/Ministério da Justiça) e com a Organização

dos Estados Ibero-americanos (OEI). O programa surgiu para atender a um quadro maior de populações e territórios, definidos pelos operadores destas políticas, em textos oficiais, como “os diferentes grupos sociais do Brasil que não tiveram a oportunidade de narrar e expor suas próprias histórias, memórias e patrimônios nos museus”.

O material empírico que viabiliza esta proposta se constituiu de duas experiências distintas. A primeira foi uma visita guiada pelo território do museu realizada no dia 14 de maio de 2011, durante as atividades da 9ª Semana Nacional de Museus. Nesta ocasião, acompanhado por agentes do museu e por uma guia de turismo, um grupo de visitantes foi apresentado ao trecho correspondente à favela do Cantagalo no território do museu. A segunda ocasião foi uma incidental passagem pelo mesmo território no dia 7 de março de 2012. O contraste entre as duas experiências levou à reflexão sobre o que de fato definiria a experiência do museu. Esta se revelou não constituído apenas pelas casas-tela que delimitam o caminho, mas, especialmente, pelas narrativas estabelecidas pelos agentes, que possibilitava aos participantes tomar parte daquela experiência. Sem a mediação dos agentes, os mesmos lugares percorridos na primeira visita já não se mostravam da mesma maneira; se configurava apenas como o conjunto de ruas que daria acesso à saída da favela.

Essa proposta se localiza entre os objetivos maiores da pesquisa de doutoramento que desenvolvo no Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (CPDOC/ FGV), que busca compreender a interação entre Estado e Sociedade Civil na execução de políticas públicas que têm como enunciado principal o “resgate” e a popularização da memória de favelas no Rio de Janeiro, reconhecendo estes espaços como parte da história e da memória nacionais.

Partimos do suposto de que os processos de constituição destes espaços museais são, também, situações de disputa pela escrita da história, especificamente aquela instituída pelos museus de história.

Mudanças na periferia de Florianópolis (1990 – 2010): histórias de vida entre o local e a cidade.

Francisco Canella (Universidade do Estado de Santa Catarina)

Resumo: Florianópolis tem passado por substantivas mudanças nas últimas décadas. Em 1991, contava com 255.390 mil habitantes; no Censo de 2000, a população era de 342.395 habitantes; em 2010, a cidade chegou a 421.240 mil habitantes. Enquanto grandes capitais brasileiras há tempos enfrentam os desafios do crescimento acelerado e da inserção na economia global, Florianópolis, cidade de porte médio, até meados dos anos 1990 não se deparava com os mesmos problemas. Esta realidade justificou o esforço de setores da cidade em produzir a invisibilidade da pobreza e dos conflitos urbanos. Com isso, foi ocultado da história da cidade todo um conjunto de experiências de atores sociais, os quais não possuem qualquer visibilidade na imagem tornada hegemônica pela mídia local e pelos órgãos oficiais. O objetivo do trabalho é analisar transformações recentes no espaço urbano da Florianópolis, em particular em seus espaços de pobreza, por meio de histórias de vida de lideranças de uma localidade da periferia da cidade. As lideranças têm em comum em suas trajetórias a participação no Movimento dos Sem-Teto, entre 1989 e 1992, e a convivência como vizinhos na mesma localidade nas duas últimas décadas. Os relatos orais que constituem as fontes da pesquisa evidenciam mudanças em diversas dimensões da dinâmica de Florianópolis: no lugar simbólico das localidades de periferia (o que se expressa nas mudanças própria forma de nomeação dos

espaços habitados pelos pobres da cidade e no idioma de ação das lideranças); na dinâmica das sociabilidades (uma transição de uma situação marcada por laços fortes para outra marcada pela fragilidade dos laços e a condição de vulnerabilidade) e nas estratégias de inserção na esfera pública da cidade (no esvaziamento de muitos espaços de participação política e na entrada em cena de novos atores políticos).

Ocupação, mutirão e participação institucional: formas de acionar o direito à cidade no movimentos de moradia de São Paulo

Stella Zagatto Paterniani(Unicamp)

Resumo: Esta comunicação pretende apresentar os primeiros resultados de uma pesquisa ainda em andamento. A partir de um survey aplicado no 11º Encontro Estadual de Moradia Popular, de idas a campo para acompanhar as assembléias de movimentos de moradia de São Paulo, e de pesquisa bibliográfica e em arquivo, identificamos três formas de atuação a partir das quais o movimento de moradia aciona o direito à cidade: as ocupações de imóveis ociosos, os mutirões construídos de maneira autogestionária e a participação em Conselhos e Conferências com o intuito de impactar a política pública de habitação. Consideramos o movimento de moradia enquanto rede, composta por atores e instituições que, de maneira contingente, fazem uso de combinações dessas formas de ação. Apresentaremos em mais profundidade três referências de cada forma: a ocupação Mauá, o último processo eleitoral para o Conselho Municipal de Habitação e o mutirão autogestionário do Jardim Celeste a partir, principalmente, de relatos dos envolvidos nesses processos.

11/07 - Quarta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Uma ruína, duas memórias: trabalho e moradia na antiga fábrica da CCPL (Mariana Cavalcanti e Paulo Fontes)

Mariana Cavalcanti(CPDOC/FGV)

Resumo: Este artigo tem como objetivo debater as intrincadas relações entre memória e patrimônio industrial, a partir da análise dos depoimentos de Lauro Oliveira Rios e Cândida Maria Privado, cujas trajetórias de vida e trabalho estão ligadas às edificações da fábrica de leite da Cooperativa Central dos Produtores de Leite (CCPL), na zona Norte do Rio de Janeiro. Fechada no final da década de 90, a antiga fábrica foi ocupada por centenas de famílias em 2001, que passaram a dividir o espaço do terreno com os antigos transportadores da fábrica. Em Janeiro de 2012, os galpões da ocupação foram implodidos para dar lugar a um condomínio popular. A análise das narrativas das lideranças de cada um desses espaços aponta para uma multiplicidade de sentidos atribuídos à ruína da antiga fábrica, que dependem do modo como cada sujeito constrói e narra a historicidade do espaço urbano que produziu a ruína.

Decifrando os deslocamentos: uma reflexão sobre a história oral e o trabalho da memória no estudo de experiências do morar em territórios de pobreza urbana em transformação Marize Bastos da Cunha(Servidor Público)

Resumo: O trabalho se propõe a fazer uma reflexão a respeito do uso da história oral em pesquisas que buscam uma maior compreensão da forma através da qual agentes sociais que vivem e trabalham em territórios em transformação, como as favelas atingidas por grandes programas de urbanização e de novas políticas de segurança, vem experimentando tais mudanças. Concebe-se que a história oral, em particular o

trabalho com a memória coletiva dos moradores, contribui para decifrar os modos e experiências de vida que marcam estas localidades. A reflexão tem como ponto de partida três eixos interpretativos na compreensão de tais territórios, considerando a experiência de seus agentes: transformação, desenraizamento e provisoriedade.

Memórias da Remoção: o incêndio da Praia do Pinto e a ‘culpa’ do Governo

Mario Sergio Ignácio Brum(SEE-RJ, SME-Rio)

Resumo: O objetivo deste é abordar as memórias de removidos sobre o incêndio na favela da Praia do Pinto, uma das maiores e mais tradicionais favelas do Rio de Janeiro, localizada no Leblon, bairro nobre carioca, até ser extinta na madrugada do Dia das Mães (onze de maio) de 1969, e seus moradores serem transferidos para distantes conjuntos habitacionais na periferia da cidade.

O presente artigo surgiu em pesquisa sobre removidos no Conjunto Habitacional da Cidade Alta, localizado em Cordovil, subúrbio da cidade, quando muitos moradores apresentaram em seus depoimentos narrativas positivas sobre o processo de remoção, embora o incêndio figurasse, para maioria deles, como tendo sido criminoso e executado sob ordens dos governantes da época.

Deste modo, expressava-se nos depoimentos uma oposição entre o grau de escolha de ser ou não removido, no que o incêndio proposital surge como meio do Estado expulsá-los da favela; e o balanço, ‘positivo’ em sua maior parte, que fazem de suas trajetórias de quarenta anos de vida (refeita) no conjunto. A partir de pesquisa documental, vimos que as causas do incêndio nunca foram esclarecidas, e os depoimentos orais dos moradores sobre o evento são recheadas de aspectos que

elaboraram uma memória coletiva em que a Praia do Pinto figura como um permanente alvo da ira do Estado e de parte da sociedade (os vizinhos dos bairros ao redor) que culminou com a remoção forçada pela destruição da favela pelo fogo. Neste sentido, surgem relatos da presença na favela, nos dias imediatamente anteriores ao incêndio, de autoridades ligadas às políticas remocionistas que já não ocupavam cargos na época; bem como da demora e da não-ajuda, pelo contrário até, dos bombeiros em combater o fogo.

O incêndio da Praia do Pinto, cuja remoção foi apresentada como sinal do impeto remocionista das autoridades estaduais e federais do período, funcionou, paralelamente, como aviso para as outras favelas da cidade, particularmente as da orla da Lagoa, do grau de tolerância que haveria, a partir de então, com os reticentes à remoção, marcando, de maneira traumática, as relações que a cidade do Rio estabelecia com a parte de sua população que habitava as favelas.

Memórias e organização sócio espacial em uma favela da cidade do Rio de Janeiro.

Juliana Blasi Cunha

Resumo: A pesquisa de doutorado em curso aborda, de uma maneira geral, o atual processo de implementação do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) em uma favela da Zona Sul do Rio de Janeiro e os conflitos dele decorrentes. “Moradores” e “poder público” possuem diferentes percepções sobre esse território e a fim de melhor compreender a concepção dos primeiros, a pesquisa fez um recuo histórico buscando através de memórias e narrativas descrever a forma como esses moradores se organizaram e se distribuíram ao longo desse território. Moradores não concebem tal território como um todo integrado e uniforme tal com o PAC o concebe. Assim, através

das memórias e narrativas de alguns desses moradores, o presente trabalho busca descrever e analisar as rivalidades e também alianças que fizeram parte de suas práticas sociais cotidianas e se refletiam na forma como se dividiram e se organizaram por esse território ao longo de sua ocupação.

COMUNIDADE SOBRE PALAFITAS: PERCEPÇÕES EM ESPAÇOS FLUTUANTES

celia cavalcanti braga (instituto federal de pernambuco)

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre a casa como espaço simbólico de relações sociais e analisar a percepção de seu habitante em relação a esse lugar. Por meio da observação de campo – realizando entrevistas, com base na metodologia da história oral, com moradores de uma Comunidade localizada no Bairro do Recife – a Comunidade dos Coelhoos –, buscou-se conhecer e entender o cotidiano desses moradores em suas residências e como se organizam, visando conquistar seus anseios como futuros moradores de conjuntos habitacionais.

Limites e possibilidades na trama das ocupações

Adriana Fernandes

Resumo: A partir da narrativa etnográfica, proponho aqui uma breve exposição a respeito das ocupações na região portuária carioca tentando pensá-las no processo urbano atual da cidade. O local tem sido arena da disputa patrimonial entre o movimento negro (a idéia da região como uma “pequena África”), a gentrificação/ “modernização” via estado (a região como centro empresarial e local de turismo para classes abastadas) e, a igreja católica (manutenção de imóveis ociosos, em estado de manutenção precário, sem encargos fiscais, para especulação). As ocupações de caráter não-representativo que

se propõem a funcionar como “coletivos” compõem uma linha de força importante nessa trama, sempre em busca de aliados e agenciamentos capazes de garantir algum tipo de barganha: seja a permanência no prédio; seja conseguir outra moradia; seja ainda, para obter um aluguel social ou um valor financeiro indenizatório através do governo, em troca do esvaziamento do imóvel invadido. Os que ocuparam um imóvel ou terreno encontram-se em situação bastante vulnerável já que forças usurpatórias diversas - do tráfico, agentes municipais, agentes policiais e militantes de movimentos sociais - podem tentar se inserir na “invasão”, de modo geral, objetivando o enfraquecimento do “coletivo”. Por outro lado, os mesmos ocupantes possuem certo grau de autonomia tendo em vista a proximidade com equipamentos urbanos na área central e as situações de precariedade e mobilidade que envolvem cotidianamente a empreitada. Até que ponto as ocupações são parte do maquinário estatal, até que ponto elas constituem um espaço político barulhento nas lutas da cidade?

A centralidade da UTF na reconstrução da memória dos movimentos associativos de moradores nas Favelas cariocas
Mauro Amoroso(SME/SEE), Rafael Soares Gonçalves(Puc-Rio)

Resumo: A formação da União dos Trabalhadores Favelados (UTF) é uma referência na historiografia das favelas cariocas como movimento pioneiro e mobilizador dos favelados em escala municipal. Apesar da importância exercida por essa agremiação, é notório e conhecido que a mobilização favelada em torno da sua reivindicação pelo direito à cidade se confunde com a própria história desses espaços, sendo possível mapear ações mobilizatórias desde o final do século XIX, assim como a existência de instituições pró-melhoramentos de favelas já na

década de 1920. Existe, ainda, no final da década de 1950 uma explosão de associações de moradores. A organização dessas associações foi um espaço de conflito político com a presença de inúmeros atores, tais como a Cruzada São Sebastião, a Fundação Leão XIII e a Coordenadoria de Serviços Sociais. O objetivo central da presente contribuição é debater a centralidade adquirida pela UTF a partir de relatos orais de moradores de favelas e lideranças políticas, assim como de fontes documentais de arquivos públicos e privados e da imprensa escrita. Analisaremos o contexto do movimento favelado anterior à formação da UTF; em seguida, os aspectos pioneiros, conforme a visão dos que participaram dessa organização, da UTF no contexto histórico da década de 1950, e, enfim, a retomada do movimento associativo favelado no período de redemocratização já no final dos anos 1970, que voltou seus olhares para a UTF no processo de reconstrução da memória desse movimento associativo.

Intervenções no espaço urbano de Mangueiras: acesso à habitação cidadã ou perpetuação da vulnerabilidade social?

Tania Maria Fernandes (Casa de Oswaldo Cruz)

Resumo: Aqui se propõe tecer algumas considerações e reflexões acerca do “morar” em Mangueiras, centrando o olhar no processo de remanejamento ocasionado pelas intervenções do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC Favelas), ainda em andamento. As intervenções urbanísticas empreendidas pelo PAC criaram, até então, duas novas localidades em Mangueiras – os condomínios Embratel e Desup – sem alterar, no entanto o padrão de legalidade dos moradores/ proprietários. Um complexo e questionável processo de seleção das famílias contempladas sugere um, também complexo jogo de interesses que marca as comunidades

populares, neste momento. Nossa preocupação ao analisar este processo é lançar um olhar sobre as Novas Unidades Habitacionais construídas e estruturadas em apartamentos questionando se, de fato, se constituem como intervenções que promovem o acesso cidadão à moradia, como é proposto, ou se apenas realocaram as famílias, mantendo o status quo de vulnerabilidade social.

017. Memória, religião e movimento político-social no Brasil: narrativas, práticas e discursos (1960 – 1990)

Coordenação: Mauro Passos, Francino Oliveira Silva

10/07 - Terça-feira (Tarde - 14h as 17h)

Arquivos e Narrativas: o acervo de Dom Adriano Hypólito e as memórias do enfrentamento ao regime civil-militar

João Marcus Figueiredo Assis(UNIRIO), Rosale de Mattos Souza(Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Resumo: Visamos apresentar nossa pesquisa sobre a constituição de memórias a partir do acervo pessoal do bispo já falecido, Dom Adriano Mandarino Hypólito, dirigente da Diocese de Nova Iguaçu na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Essa região, denominada Baixada Fluminense foi historicamente palco de casos de abandono do poder público, de abusos de poder, de pobreza e de violência. O bispo citado acima é uma referência no posicionamento católico de cunho sócio-político e de apoio a reivindicações populares e à organização social, em especial no período do regime ditatorial civil-militar no Brasil. Seu acervo pessoal inspira

narrativas e construções de memórias diversas, encontrando-se ainda no centro de disputas por memórias que sedimentam o perfil identitário da Diocese e de seus trabalhos. Verificamos a centralidade de tal acervo pela análise das intenções de sua constituição e de seus usos propostos em inúmeras narrativas de agentes religiosos e sócio-políticos.

Ação e reação na fé cristã católica: o papel de Leonardo Boff no desenvolvimento das Comunidades Eclesiais de Base e da Teologia da Libertação

PEDRO GUIMARÃES PIMENTEL(UERJ)

Resumo: A fé como práxis humana não está isenta do embate ideológico que permeia a sociedade na produção de sua identidade e na sua operacionalização. Assim sendo, uma instituição religiosa é campo de disputa, de conflitos de interesses que envolvem diversos atores sociais em busca de reconhecimento e legitimação. Amparado por esta concepção, o presente trabalho visa discutir o papel emblemático do teólogo Leonardo Boff no desenvolvimento das Comunidades Eclesiais de Base e na constituição da Teologia da Libertação. O Concílio Vaticano II, realizado na década de 1960, bem como a II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, ocorrido em Medellín (Colômbia) em 1968, abriram uma série de transformações na relação que os representantes da Igreja Católica mantinham com o dever cristão no mundo, propiciando, certamente, a emergência de um pensamento novo e libertário que culminaria nas posições teóricas e evangélicas adotadas pela Teologia da Libertação.

No Brasil, cabe destacar o surgimento das CEB's num contexto de ditadura militar, repressão dos movimentos sociais e combate ideológico ao socialismo e ao comunismo. Os teólogos da libertação, bem como os fiéis organizados nas bases terão papel

fundamental na conscientização da opressão histórica, dominação e exploração econômica sofrida pelas camadas mais pobres da população brasileira. Nosso interesse, no entanto, é investigar um período posterior, porém crucial, que marca especialmente a mudança de postura do Vaticano em relação à Igreja Latino-Americana e a “opção preferencial pelos pobres”. A ascensão de João Paulo II ao papado foi acompanhada de medidas burocráticas e ideológicas que poriam freio ao avanço das CEB’s e à formatação progressista da Teologia da Libertação. É, portanto, de 1981, quando da realização do IV Encontro Intereclesial no Brasil (sob o lema “Igreja, povo oprimido que se organiza para a libertação”), até 1985, momento da condenação de Boff ao “silêncio obsequioso” (expedida pela Congregação para a Doutrina da Fé, órgão do Vaticano) que se estende nosso trabalho. Objetivamos, ainda, compreender a maneira pela qual o teólogo se põe face ao que chama de “eclesiogênese”, ou o surgimento de uma igreja que nasce da base, do povo, bem como sua relação com a hierarquia católica. Nossa documentação fundamental se encontra no livro “A Igreja que se Fez Povo” e nas cartas trocadas com o Cardeal Ratzinger, apresentadas na edição de 1994 (Ed. Ática) da obra “Igreja, Carisma e Poder”.

(In)tolerância religiosa e política no Brasil – caminhos cruzados (1964-1985)

Mauro Passos(PUC Minas)

Resumo: Esta comunicação faz um estudo sobre as posições do catolicismo e de outras religiões no período da ditadura militar no Brasil, seu movimento e suas diversas formas de atuação e confronto, em nível nacional. Aborda o significado da unidade entre as religiões e na união pela volta da democracia e em prol dos direitos humanos. O envolvimento nessas questões

contribuiu para renovar a prática religiosa e ampliar a relação dialogal entre as diversas religiões. Estarei privilegiando a atuação de militantes religiosos. Esses interlocutores acompanharam e atuaram em suas igrejas após o golpe militar de 31 de março de 1964. No seu conjunto, foi um período complexo, caracterizado pelo cultivo e frustração de diferentes utopias. Era preciso vencer a perplexidade, superar o medo e plantar as sementes de uma revolução ou, então, mobilizar forças para diversas reformas sociais. Período rico de elaboração política e religiosa, de acertos e erros. Os retalhos que restam na memória abrigam crises, insurgências, heroísmos de uma realidade em movimento. A pesquisa faz uso de fontes documentais e, ainda, de depoimentos orais de atores religiosos que viveram nesta época e lutaram pela causa da vida.

A casa de Umbanda “O Além dos Orixás”, Contagem/MG – uma análise referencial

Bruno Rodrigo Dutra (Colégio Padre Eustáquio)

Resumo: Esta comunicação divulga os resultados da pesquisa realizada na casa de Umbanda “Além dos Orixás”, em Contagem / MG. Seu objetivo foi analisar as implicações da cultura atual na identidade e no contexto religioso de seus membros. Que papel esta expressão religiosa desempenha junto aos seus membros numa sociedade urbana? Pensar a identidade religiosa afro-brasileira é algo complexo e que merece atenção. Não podemos considerar esse tema sem associá-lo à constituição e as bases marcadamente africanas, e estigmatizadas pela sociedade, dessas religiões. Não precisamos repetir as dificuldades que os afrodescendentes encontraram – e ainda encontram –, para se posicionarem e firmarem-se na sociedade. Por que diversas classes sociais buscam esta casa? Foram estudados também os elementos rituais e simbólicos

desta tradição religiosa. A metodologia da história oral e a observação participante permitiram a constituição da história deste grupo religioso.

Ação Católica Rural na zona da mata de Pernambuco: objetivos, práticas e dificuldades

Pedro Henrique Pacheco da Silva(Prefeitura Municipal de Caruaru)

Resumo: O presente trabalho é parte integrante de nossa dissertação, a ser defendida este ano na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Aqui contextualizaremos o surgimento da Ação Católica Rural (ACR), em Pernambuco, bem como seus objetivos, práticas de trabalho e dificuldades enfrentadas em um período de exceção. Este movimento criado, em 1965, a partir da Arquidiocese de Olinda e Recife (AOR) é fruto de uma tradição das lutas camponesas no nordeste brasileiro, como também da preocupação incessante de parte da Igreja com os problemas sociais.

Para consecução de tal trabalho, percorreremos um caminho amplo, que contempla em sua essência acontecimentos internos e externos a instituição religiosa. Nossas fontes orbitam, primordialmente, na atmosfera dos periódicos: Grito no Nordeste, produzido pela ACR; Boletim Arquidiocesano, publicação da AOR; e, fontes orais. Sendo estas últimas oriundas das memórias de alguns dos mais destacados militantes do movimento.

A Igreja em Ação: A Inserção do Clérigo Progressista nos Movimentos Sociais de Belém (Décadas de 1970 e 1980)

Deyse Silva dos Santos(Secretaria de Estado de Educação (SEDUC))

Resumo: O período ao qual se propõe esta comunicação foi

marcado pela atuação de religiosos da Igreja Católica em vários movimentos reivindicatórios da sociedade. A atuação desses setores progressistas da Igreja, em particular, dos adeptos da Teologia da Libertação se deram de várias maneiras: trabalho de luta contra o latifúndio a partir de sua atuação junto aos Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STRs); a atuação na Comissão Pastoral da Terra; trabalho junto a militantes de esquerda; criação de instituições voltadas à sociedade com orientações religiosas, como o IPAR (Instituto de Pastoral Regional) criado em 1973 pelos bispos da Regional Norte II em Belém; nos movimentos de bairros e nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que objetivam o melhoramento das condições de vida em questões mais específicas da cidade ou transformações sociais oriundas dos questionamentos às condições sociais existentes no Brasil. Instiga-nos perceber como se deu essa inserção de padres, agentes pastorais, jovens, coordenadores das CEBs na sociedade e a participação ativa destes nas distintas demandas locais. A Igreja Católica com seus setores progressistas, grande parte ligada a Teologia da Libertação, aproxima-se desses grupos, desenvolvendo uma ação evangelizadora ligada a uma nova forma de ação e inserção na dinâmica social brasileira e belenense dos anos 1970-1980. Posto isso, percebemos que as ações desses clérigos e leigos em Belém foram inúmeras e diversas, que não se restringiam ao trabalho pastoral, mas estiveram em constante diálogo com a sociedade. Posto isso, utilizamos de depoimentos dos indivíduos participantes, a partir da história oral, para a análise de suas impressões acerca de sua participação nos movimentos sociais.

Palavras-Chaves: Igreja Católica. Movimentos Sociais. Regime Militar.

11/07 - Quarta-feira (Tarde - 14h as 17h)

O MEB E A ORGANIZAÇÃO DOS SINDICATOS RURAIS DE AMARGOSA NAS DÉCADAS DE 1980

Sara Oliveira Farias(UNEB)

Resumo: O projeto discute o Movimento de Educação Básica (MEB) na Diocese de Amargosa nas décadas de 1980 e sua atuação na organização dos Sindicatos, sobretudo dos sindicatos rurais na localidade. Discutir a atuação no MEB na região é fundamental, pois esta foi a única Diocese na Bahia que abrigou o MEB que consistia entre outros aspectos organizar um sistema de educação de base por meio de escolas radiofônicas visando a alfabetização, levando em consideração os problemas da coletividade, e promovendo a busca de soluções para essas necessidades e esses problemas. Nessa perspectiva, é fundamental a utilização da metodologia da história oral que norteará as discussões teóricas e metodológicas da pesquisa, centralizando sobretudo a articulação movimento religioso\ movimento político . De outro lado, a perspectiva da análise do discurso irá compor o quadro teórico da pesquisa, analisando e refletindo sobre as memórias daqueles que participaram da organização do MEB, como por exemplo o bispo e padres da Diocese, bem como trabalhadores que fundaram os sindicatos rurais na região.

Movimento de Evangelização Rural: experiências dos que saíram da Igreja e foram aos trabalhadores.

Mariana Affonso Penna(Escola Estadual Professor Augusto Meschick)

Resumo: Este trabalho apresenta a proposta de desenvolver uma reflexão inicial acerca da experiência de ativistas que hoje

compõem o Movimento das Comunidades Populares naquela que é por eles considerada a primeira etapa do movimento que atualmente compõem. Desta maneira, compreende os primeiros passos da pesquisa de doutoramento a qual estou atualmente desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense.

As origens do movimento social que hoje se autodenomina Movimento das Comunidades Populares remontam ao final da década de 1960. As referências de alguns de seus integrantes, no entanto, apontam para três décadas antes disso, quando se difundiram pelo Brasil os grupos da Ação Católica – JAC, JEC, JIC, JOC, JUC – como política de inserção social da Igreja Católica no Brasil.

É à JAC que remontam as origens do movimento social que, a partir de 12 de agosto de 2011, passou a se chamar Movimento das Comunidades Populares. A JAC, no entanto, não é compreendida por eles como uma “fase” do movimento, mas tão somente como a precursora de sua primeira etapa: o Movimento de Evangelização Rural. Sua formação se deu em 1969, no contexto do regime militar brasileiro. Mantendo-se como um movimento de cunho fortemente religioso, seus ativistas, porém desejavam atuar com autonomia frente à Igreja, e ainda, a partir da organização de um seminário, chegaram à conclusão de que era necessário constituir um movimento que não apenas apontasse para reformas e melhorias, mas que tivesse uma proposta mais claramente anticapitalista.

O objetivo deste trabalho é, - como parte preliminar da pesquisa intitulada “Em busca da comunidade perdida”: Histórias e Memórias do Movimento das Comunidades Populares” e tendo como referência o arsenal teórico da História Oral como metodologia para análise histórica-, refletir sobre a experiência dos ativistas que participaram do Movimento de Evangelização

Rural, assumindo para tal a importância de suas memórias e interpretações dos acontecimentos, apresentadas nas entrevistas de ativistas que viveram o período, assim como no livro de memórias “Em busca de novos caminhos: Experiências vividas nos anos de chumbo” (2010), em jornais e produções variadas desses sujeitos.

Igreja Católica e Sindicato dos Trabalhadores Rurais: A presença da Teologia da Libertação em um Moju/Pa - uma cidade da Amazônia na década de 1980

Elias Diniz Sacramento(UFPA)

Resumo: Os anos de 1980 foram de grandes transformações no cenário brasileiro por conta das mudanças que ocorreram dentro da Igreja Católica. Essas transformações datam de discussões que religiosos e leigos desenvolveram nas décadas de 1960 e 1970, praticamente em toda a América Latina. Golpes Militares fizeram com que a Democracia de muitos países latinos fosse cerceada, levando a tensões e aumentando consideravelmente a pobreza e a miséria nesses espaços. Frente a esses fatos, uma parte da Igreja Católica chamada Progressista tomou a decisão em ‘defender’ os pobres e marginalizados da parte do continente. Em Moju, um município paraense, distante aproximadamente 100 km da capital, no final dos anos de 1970, fez com diversos projetos agroindustriais começaram a ser implantados. Projetos de agropecuária, de produção de côco, de dendê, de borracha. O campo ficou tenso, uma vez que muitas famílias foram ameaçadas de despejos. É nesse contexto que um padre recém-chegado da Itália e um homem simples migrante da própria região se encontram nos fins desta década. Em 1980, o homem simples, chamado Virgílio e o padre, Sérgio Tonetto, o primeiro sindicalizado e o segundo, vigário de Moju,

começaram a difundir os ideais da Teologia da Libertação nas chamadas Comunidades Eclesiais de Base, onde misturavam religião com discursos de politização dos sujeitos dessas comunidades. Essa 'parceria' deu resultados, elevando a categoria de presidente do STR de Moju, Virgílio. Sua luta sempre em defesa dos trabalhadores rurais deu resultados, milhares de famílias permaneceram em suas terras. A igreja tomou uma feição, de estar próxima das CEBs. No entanto, sofreu grandes ataques de políticos e de grupos conservadores. Em fins de 1987, o padre Sérgio teve que sair de Moju temendo por sua vida. A mesma sorte não teve o sindicalista Virgílio, assassinado no dia 05 de abril desse mesmo ano.

Combates e pertencimentos que compõem práticas do profano e do sagrado

Maria do Socorro de Sousa Araújo(UNEMAT/FAPEMAT)

Resumo: Em sentido geral, este texto trata da ocupação recente da Amazônia brasileira, ressaltando especialmente a luta de camponeses pela posse da terra ao enfrentar grandes empresas agropecuárias numa região denominada de Araguaia. O Conflito do 03 de Março (1972), episódio ocorrido no norte de Mato Grosso, se refere a um tiroteio de camponeses que feriu à bala funcionários da fazenda Codeara, ocasionando fugas, perseguições e processos judiciais que envolveu, entre outros atores, o missionário católico francês François J. Jentel. Esse fato, contado e recontado, construiu uma memória celebrativa que se comemora anualmente como a história que funda a cidade de Santa Terezinha. Mergulhando em fontes orais, destacamos os relatos de três pessoas por apresentarem percepções diferenciadas dos acontecimentos. Uma delas faz uma narrativa desprovida de paixões, tratando o conflito como

ocorrência própria da ocupação da Amazônia, na década de 1970. O outro relato reveste o evento de aura simbólica, sobretudo, pelo fato do mérito dos resultados ser conferido à uma condição sacrificial e quase divina do padre Jentel. O terceiro relato, tomado como o mais peculiar, na medida em que o depoente, um participante direto do tiroteio, não faz parte da construção de uma memória “positiva” dos acontecimentos por ser considerado um traidor do movimento, na percepção dos que constituem o corpus memorialístico das celebrações do Três de Março. As disputas também possibilitam situar tempos e sujeitos que se constroem e se reconstroem durante os “anos de chumbo” da política brasileira.

Memória e Religião: a aplicação do documento de Medellín na Diocese de Montes Claros durante o episcopado de Dom José Alves Trindade (1956-1988)

Francisco Oliveira Silva (Universidade Estadual de Montes Claros)

Resumo: O Documento de Medellín (1968) ofereceu os meios necessários para a concretização dos ensinamentos do Concílio Vaticano II na América Latina. Neste contexto tornou-se necessária a inserção da diocese de Montes Claros nas novas exigências para a Igreja no continente latino-americano. Este estudo, ainda incipiente, pretende resgatar a memória do povo norte-mineiro referente às realizações da Igreja Católica durante o episcopado de Dom José Alves Trindade. Fazendo uso dos suportes metodológicos utilizados por autores que orientam a prática de pesquisa oral serão analisadas algumas narrativas que favorecem uma compreensão da participação do bispo diocesano nas lutas contra as injustiças sociais presentes no sertão mineiro.

Foi um rio que passou em minha vida: devoção, crença e o Rio São Francisco

José Sérgio Aleluia dos Reis(Secretaria Estadual de Educação)

Resumo: O rio São Francisco tem uma história articulada com os habitantes de suas margens. Mais do que águas, ele guarda uma tradição cultural e religiosa. O rio geográfico tem uma memória carregada de devoções, utopias e esperanças. Na memória dos moradores estão gravadas histórias e lembranças carregadas de sentimentos religiosos – promessas, dádivas e rezas.). Há milhares de anos este rio continua lavando e levando a água e a vida. Cumprem assim um papel ambiental, social, econômico, cultural, estético. As pessoas veem as águas, enxergam o rio. E suas múltiplas significações. A presente comunicação mergulha no imaginário popular e tenta responder a uma pergunta básica – o que o rio São Francisco representa para as populações ribeirinhas? Isso é feito com a busca da percepção popular dos significados e da importância dos rios no imaginário religioso. Vários depoimentos e histórias mostram a marca da religião na história deste rio, desde o nome até outros significados e representações.

12/07 - Quinta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Repressão e resistência : Os reflexos da militância cristã na construção da memória política capixaba durante os anos de chumbo.

Erilaine Ribeiro da Silva(Prefeitura Municipal de Colatina)

Resumo: O presente trabalho tem como proposta analisar a importância da militância cristã capixaba na construção da memória política e social no Estado do Espírito Santo.

Neste propósito, o texto também se propõe a apresentar os reflexos que o novo jeito de fazer Igreja repercutiu na práxis

religiosa e política de muitos dos militantes que se abriam aos primeiros encontros eclesiais de base mesmo sob o olhar dos oficiais da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS/ES). Ao fazer um estudo sobre a militância de muitos cristãos e de algumas pastorais durante este período, veremos o surgimento e fortalecimento de movimentos sociais e instituições que se dispuseram a discutir o social político e a deixaram suas marcas na memória e História do Estado do Espírito Santo.

Integralismo e tradicionalismo no Norte e Noroeste fluminense - a Cruz como baluarte

Sandro Figuerêdo Silva (Universidade Federal Fluminense)

Resumo: A construção de memórias do conservadorismo no Norte e Noroeste fluminense vem impregnada de elementos de uma corrente do catolicismo que, negando as mudanças implementadas pelo Concílio Vaticano II, defende a permanência dos ritos e costumes católicos tradicionais. Essas referências que estão no presente, refletem movimentos que tiveram grande repercussão nesta região do estado do Rio de Janeiro, através da Ação Integralista Brasileira, na década de 1930 e da Sociedade Tradição Família e Propriedade, a TFP, que ainda conta com simpatizantes e que, juntamente com outros fies católicos resistem à “popularização” dos ritos e defendem o culto ministrado em latim, seguindo as determinações da Igreja do início do século XX. Através da metodologia da História Oral espera-se contribuir para a ampliação do conhecimento acerca da construção das memórias destes movimentos entre os elementos da sociedade local que ainda os percebem como referências de sua identidade.

Os jovens e a revolução utópica – religião, história e diálogo

(1970-1980)

Luiz Carlos Itaborahy(Colégio Arnaldo)

Resumo: Nas décadas de 1960 – 1970 a presença da juventude na sociedade era sentida e refletida. O sentido da vida e a história pessoal da juventude marcavam presença na política, na religião e nos movimentos sociais. O embate político e econômico que caracterizou a América Latina neste período conduziu a população, em especial a mais pobre, a buscar formas de se libertar das injustiças sociais e da exclusão política. Parte da Igreja integra este movimento, amparada pela abertura religiosa promovida pelo Concílio Vaticano II e, posteriormente, pelas conferências episcopais latino-americanas de Medellín (1968) e Puebla (1979), consagrando a opção preferencial pelo pobre e pelos jovens. As escolas católicas procuraram se adequar às orientações do grupo militante, criando alternativas de proximidade com os jovens das camadas populares. Ao mesmo tempo, uma juventude popular engajada surge como resposta à realidade, assumindo posição político-religiosa que marcou este período. Vários depoimentos mostram o caminho destes jovens – suas utopias, desejos e lutas.

“Somos gente nova vivendo a união e sonhando um mundo novo”: história do governo militar na memória de moradores da zona rural do município de São Francisco (MG) – 1960 – 1980

MAGDA RITA RIBEIRO DE ALMEIDA DUARTE

Resumo: A repressão do regime militar às várias manifestações políticas e sociais é notória nas décadas de 60 a 80 no Brasil. Ao coibir os movimentos, os setores dirigentes do regime buscavam sua consolidação, bem como sua legitimação. Embora essas manifestações tenham ocorrido tanto nos centros

urbanos quanto no meio rural, houve uma parcela da população do interior que parece não ter percebido o cercear de sua liberdade pela ditadura. Assim, o objetivo deste trabalho é compreender o período de luta pela democracia no Brasil a partir dessas minorias que, embora distantes das informações do regime repressor, compunham um fértil terreno para a fecundação de ideias de mudanças sociais trazidas pelos movimentos religiosos como a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Para tanto, usaremos da metodologia da História Oral aliada ao sentido de memória defendida por Halbwachs em que há uma relação de dependência da memória individual à memória coletiva. Serão realizadas entrevistas com pessoas da zona rural do município de São Francisco (MG) com faixa etária entre 50 e 80 anos, com menor grau de instrução ou analfabetas. O grau de alfabetização será um critério porque serão observadas quais eram as representações do governo militar entre as minorias pouco escolarizadas.

Sacerdote e Militante: Religião e Política na Trajetória de Paulo Tonucci (1965-1994)

Gisele Oliveira de Lima

Resumo: Paulo Tonucci foi um padre italiano que chegou no Brasil no final de 1965 e foi desempenhar o seu trabalho sacerdotal num bairro periférico da cidade de Salvador, chamado Fazenda Grande do Retiro. Nos primeiros anos de sacerdócio no Brasil, Pe. Paulo começou a se relacionar com o Centro de Ação Social – CEAS, coordenado pelos jesuítas, que mantinha relações estreitas com organizações de esquerdas que faziam oposição e resistiam ao regime militar; se destaca também a forte influência sacerdotal e política do abade do Mosteiro de São Bento de Salvador, Dom Timóteo Amoroso

Anastácio. A supressão da democracia e dos direitos políticos e civis aumentaram os conflitos internos já existentes na Igreja, o que se faz fortemente presente no desenvolver do sacerdócio que Pe. Paulo, a exemplo da criação de grupos religiosos e políticos – Grupo Moisés, Grupo de Evangelização da Periferia, Comissão de Justiça e Paz de Salvador, que passaram a atuar na periferia de Salvador, junto às associações civis e políticas. A atuação política e religiosa de Paulo Tonucci não se transcorre apenas na organização de grupos religiosos e políticos, o seu trabalho sacerdotal na paróquia foi marcado por visitas constantes aos moradores do bairro, criação e confecção de revistas em quadrinhos retratando de assuntos religiosos, paroquiais e políticos e no auxílio às construções da associação de moradores e Escola Pública para ministrar cursos profissionalizantes. O objetivo deste trabalho é analisar o papel desempenhado pelo sacerdote na relação entre os setores populares e as organizações de esquerda e de que forma isso incidiu no processo organizativo das associações de moradores e grupos religiosos, assim como a biografia pode auxiliar no processo de análise das relações sociais no âmbito micro.

Os Batuques na Cidade e os “Lugares de Borogodó”.

Amargosa (1940-1960)

Lorena Michelle Silva dos Santos

Resumo: Este artigo é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, que tem por objetivo verificar as formas de resistência dos adeptos a religiosidade afro-brasileira na cidade de Amargosa com relação à pressão social exercida pela Igreja Católica e outros setores, entre as décadas de 1940-1960, já que no período em estudo, a cidade vivenciava a inserção do bispado em seu território, como também, um contexto de transformações sociais e culturais. Com base nos depoimentos

orais, podemos observar que parte da sociedade tinha visões e imagens preconceituosas sobre as práticas religiosas afro-brasileira, desenvolvidas principalmente pela população pobre e negra da cidade, como também, dos lugares em que essas práticas eram desenvolvidas. Assim, ao estarem inseridos em um ambiente adverso aos seus costumes, valores e saberes culturais e religiosos herdados dos seus antepassados, os sujeitos utilizavam das “brechas” ou de estratégias para não perderem de vista seus valores culturais e salvaguardar sua religiosidade, sendo assim, afirmação e consolidação da religiosidade afro-brasileiro em Amargosa, era desenvolvido a partir dos espaços forjados tanto dentro da cidade como na zona rural, esses ambientes denominados como “lugares de borogodó” por possuírem grande expressividade da cultura e religiosidade negra, nesses espaços, os sujeitos desenvolviam a sociabilidade entre os seus pares que compartilhavam das mesmas experiências, como também firmavam os elementos simbólicos da cultura afro-brasileira, seja através do som dos batuques que soava em dias de festa ou pelo cheiro do azeite de dendê que permeava o cotidiano de alguns lugares da cidade, mantendo viva a cultura e a religiosidade afro-brasileira e proporcionando diferenciados traços no contexto religioso da cidade de Amargosa.

Zuleika Araújo, leiga: Um testemunho da renovação das práticas eclesiais do catolicismo em Minas Gerais no Pós-Vaticano II.

FÁBIO VIEIRA DE SOUZA

Resumo: Os cinquenta anos do início do Concílio Vaticano II (1962-1965) confere uma maior relevância às pesquisas historiográficas cujo foco é a recepção e os desdobramentos das ideias-chave deste evento no ambiente católico. Segundo o

historiador Beozzo (2003), em um acontecimento eclesial da grandeza de um concílio como este, três aspectos devem ser levados em consideração: o evento em si, os documentos nele aprovados e a sua recepção. E para ele, este último tem importância singular, pois revela quais dimensões foram capazes de passar para o cotidiano da Igreja. Neste sentido, a partir do depoimento de Zuleika Araújo - leiga, ex-coordenadora do MEB no Norte de Minas Gerais, membro da comissão organizadora da 1ª Assembleia Diocesana de Pastoral de Montes Claros (1966), primeira funcionária do Regional da CNBB em Belo Horizonte e participante da reunião de fundação do Partido dos Trabalhadores na capital mineira - mostraremos como o Concílio Vaticano II buscou promover um processo de aggiornamento, ou seja, uma atualização renovadora capaz de dar à Igreja uma nova configuração que respondesse melhor aos anseios e esperanças dos homens e mulheres de seu tempo, abrindo espaço para uma aproximação entre fé e práxis política.

018. Os trânsitos contemporâneos e os relatos orais: desafios teóricos e metodológicos

Coordenação: Méri Frotscher, Gláucia de Oliveira Assis

10/07 - Terça-feira (Tarde - 14h as 17h)

As histórias de vida e a investigação sobre processos de mobilidade social entre migrantes transnacionais: o caso da migração boliviana

Renata Barreto Preturlan (Secretaria de Políticas para as Mulheres - PR)

Resumo: As migrações transnacionais vêm se intensificando nas últimas décadas e têm levado a profundas transformações nas sociedades envolvidas. Por se tratar de um fenômeno que se desenvolve a partir de lógicas e dinâmicas de difícil tratamento pelos órgãos oficiais do Estado, a obtenção de dados que possibilitem a mensuração do fenômeno e a análise de suas implicações constitui em importante desafio aos pesquisadores na área. Nesse sentido, a adoção de metodologias da história oral (com a análise e interpretação de histórias de vida, colhidas em entrevistas com migrantes) vem se consolidando como estratégia de investigação.

Contudo, deve-se ressaltar que o uso da metodologia das histórias de vida, assim como qualquer outra técnica de pesquisa, deve ser feito como decorrência lógica das características do objeto da investigação. Do mesmo modo, cada técnica de pesquisa implica em delimitar janelas específicas de inteligibilidade sobre o social, que iluminam certos aspectos do real à custa de obscurecer outros.

A pesquisa de mestrado em curso vem demonstrando as possibilidades e os limites de utilização das histórias de vida para investigar processos de migração transnacional. Venho pesquisando os processos de mobilidade social envolvidos na migração transnacional de bolivianos na cidade de São Paulo, identificando as estratégias individuais e coletivas de busca de ascensão e reconhecimento social (identificados em termos de classe social e status), associando-as aos eventos de mobilidade espacial.

A realização de entrevistas semi-estruturadas com foco na reconstrução da trajetória de vida por migrantes bolivianos têm permitido desvelar uma série de aspectos relevantes do processo

migratório, vinculados à subjetividade e agência dos migrantes, imperceptíveis nos agregados de dados demográficos. As motivações dos movimentos migratórios e a mobilização dos diferentes capitais (econômico, social, cultural e simbólico) pelos migrantes se evidenciam nas narrativas truncadas de suas experiências.

Contudo, a tentativa de atribuir sentido, lógica e coerência à trajetória, inerente a qualquer relato biográfico, pode conferir vieses significativos na análise e interpretação do material empírico recolhido. Especialmente numa investigação dedicada à questão da mobilidade social, a tendência a privilegiar os “relatos vitoriosos” pode ser bastante problemática.

O presente trabalho explorará este e outros desafios metodológicos decorrentes da abordagem das histórias de vida na investigação de processos migratórios contemporâneos.

O JAPÃO DOS IMIGRANTES BRASILEIROS

Aureo de Jesus Sato (Colégio Sesi Ponta Grossa - Sistema FIEP)

Resumo: O processo de desterritorialização que se iniciou em meados da década de 80 do século XX levou um expressivo contingente de descendentes de japoneses a fazer o caminho inverso de seus ancestrais, dinamizando o constante fluxo do “ir e vir”. O nipo-brasileiro (dekassegui), ao contatar o novo “modus vivendi”, reconfigurou a identidade cultural, adquiriu novos costumes, hábitos e outras atividades peculiares do nativo nipônico. Neste sentido, o trabalho pretende discutir os relatos orais dos brasileiros retornados, especificamente de sujeitos que atualmente vivem na cidade de Ponta Grossa, Estado do Paraná. Por meio de entrevistas orais, pretendemos instigar às lembranças e memórias das experiências passadas, e, para tal fim, a pesquisa busca compreender os propositais silêncios da memória, ou conforme Michael Pollak (1989) aborda acerca

dos “não dito”. Nesta etapa, a questão norteadora da problemática pautará em compreender o Japão dos imigrantes brasileiros, isto é, que Japão o emigrante encontrou? Estes fragmentos de depoimentos orais sobre o processo migratório, evidentemente não tem a pretensão de explicar todo movimento histórico, mas sim, compreender um pouco melhor esses deslocamentos sociais. E para finalizar, torna-se pertinente a análise de Edgar Morin (1990), cuja proposta pode ser bastante produtiva ao desafio teórico-metodológico, por meio do intercâmbio à transdisciplinaridade. Segundo esse autor, a reflexão focada no Pensamento Complexo diz que “O todo é ao mesmo tempo maior e menor que a soma das partes”, ou seja, o todo equilibra-se nas estruturas particulares. Deste modo, a História Oral torna-se uma importante “chave” para interpretar e desvendar as subjetividades dos sujeitos que vivenciaram o processo.

A Diáspora Boliviana para o Brasil: mediações culturais e a família transnacional nos deslocamentos populacionais contemporâneos

VANESSA GENEROSO PAES (Núcleo de Estudos em História Oral - NEHO/DIVERSITAS)

Resumo: Esta pesquisa objetiva analisar as narrativas dos emigrantes bolivianos residentes no Brasil por meio de suas histórias de vidas. A proposta é perceber como são construídas as mediações culturais entre os imigrantes bolivianos e a sociedade brasileira perante as memórias de uma família e sua rede de parentesco que residem na cidade de São Paulo, para com isso, perceber como se dá o processo de negociação das identidades dos bolivianos com a sociedade brasileira. O que se busca, deste modo, é construir compreensões acerca dos processos de subjetivação e de como se realizam as relações

sociais a partir das experiências de vida resultantes da mobilidade de latino americanos, especificamente, deste grupo para o Brasil. Essa comunicação é fruto de uma pesquisa de mestrado que realizou vinte e sete entrevistas com emigrantes bolivianos no Brasil e na Bolívia mediante os procedimentos da história oral de vida e da história oral temática. Pretende-se, neste texto, averiguar como é construída a pluralidade dos discursos que os sujeitos constroem para si frente à diversidade das redes sociais e de parentesco existentes na sociedade, para com isso, garantir a pertença e a variedade dos discursos e de posicionamentos destes sujeitos. Este movimento reflexivo dará suporte para pensarmos na historicidade dos movimentos migratórios contemporâneos.

Imigrantes haitianos em Manaus: a perspectiva do outro representada nos jornais

Kátia Cilene do Couto (Universidade Federal do Amazonas)

Resumo: A entrada de imigrantes haitianos em Manaus, decorrente das condições precárias que passa o país após o grande terremoto que devastou a capital, tem se apresentado como um novo fluxo migratório. Participantes de uma tradição de migrações os haitianos em outros períodos destinavam-se a outras ilhas do Caribe, Estados Unidos e Canadá. O Brasil se apresentou como uma nova rota migratória, a princípio, pela presença deste no Haiti não só como agente da ONU no projeto de reconstrução do país, mas também pela atuação das Ongs e da igreja. Manaus tem sido um ponto importante na recepção desses imigrantes. Neste trabalho iremos apresentar uma reflexão sobre a perspectiva veiculada nos jornais sobre a presença dos haitianos na cidade.

Deslocamentos e permanências nas experiências migratórias

de gaúchos migrados para Roraima.

Carla Monteiro de Souza(Universidade Federal de Roraima)

Resumo: Este trabalho aborda a experiência migratória de gaúchos descendentes de italianos que migraram para Roraima no início da década de 1980. Nas entrevistas trabalhadas evidencia-se o papel que a ancestralidade imigrante desempenha no processo de inserção social em Roraima, no sentido da (re) construção das identidades e da (re)territorialização, ainda que os entrevistados pertençam a quarta geração de italianos migrados para o Rio Grande do Sul no final do século XIX. Problematizando a questão como base a noção de identidade apresentada por S. Hall, de memória e narrativa de P. Ricoeur e de etnicidade de F. Barth, observa-se que esta ancestralidade ainda que longínqua está presente no cotidiano e, principalmente, no processo de contar-se e ver-se no mundo, sendo reivindicada pelos entrevistados como elemento constituinte da identidade regional sulina e de um certo tipo de migrante. A descendência italiana, portanto, se projeta para o presente, por meio da narratização de certas características consideradas “herdadas” e de certas experiências dos “nonos”, se apresentando nas entrevistas como um importante elemento condicionante das estratégias de inserção e como mediadora no relacionamento do migrante gaúcho com a sociedade roraimense.

11/07 - Quarta-feira (Tarde - 14h as 17h)

A experiência da conversão. Os relatos dos imigrantes brasileiros no candomblé europeu.

Joana Darc do Valle Bahia(UERJ)

Resumo: Esta pesquisa analisa a presença da umbanda e do

candomblé levados pelos brasileiros que emigraram por volta do último decênio do século XX para Berlim, Alemanha. Na Alemanha, 216.285 são provenientes da América Latina, sendo que 32.445 são brasileiros, com predominância de população do sexo feminino. Desta população cerca de 8.000 brasileiros vivem em Berlim. Este número, porém, ilustra apenas meia-verdade, pois não se levam em consideração os brasileiros registrados sob alguma outra cidadania, em geral européia, obviamente nem os brasileiros em situação irregular. Os dados publicados tampouco consideram o número de crianças binacionais, que muitas vezes só são registradas sob a cidadania alemã. O Governo e a Sociedade brasileiros estimam que viva pelo menos 91.087 brasileiros na Alemanha, considerado o quarto país da Europa em número de brasileiros, precedido do Reino Unido, Portugal e Espanha.

Abordamos a importância do terreiro de candomblé Ilê Obá Silekê localizado na cidade de Berlim. Buscamos compreender de que modo a construção do terreiro é importante para a produção de símbolos relacionados à cultura brasileira e de que modo estes são percebidos na sociedade local. Nosso artigo se baseia em trabalho de campo já iniciado há dois anos, entrevistas e pesquisa em sites relacionados ao tema buscando compreender qual a importância dos símbolos brasileiros acionados para recriar suas identidades num novo contexto social, isto é o modo como acionam determinados sinais diacríticos do campo religioso para revive a sua identidade no contexto urbano de um novo país.

Pensamos a importância dos relatos e vivências da conversão no sentido de melhor entender o processo de migração e sua complexidade. Neste trabalho consideramos os modos como os iniciados veem suas identidades e as reconfiguram na experiência religiosa. Neste sentido, as fronteiras entre religião

e etnicidade são reavaliadas no movimento de ir e vir destes migrantes.

Vozes refugiadas: o relato da memória traumática entre refugiados palestinos no Brasil

Daniele Regina Abilas Prates(Universidade Federal Fluminense - NEOM)

Resumo: A memória traumática precisa ser pensada por meio das conexões entre o corpo e a linguagem. É através das finas teias que compõem o sofrimento e a perda, o deslocamento e reassentamento, a lembrança e a tentativa de esquecimento, o desejo de falar e o medo de se expor, que podemos buscar alcançar o relato da memória traumática. Contar o vivido não é uma ação experienciada da mesma maneira pelos diferentes interlocutores, ela pode apresentar diferentes problemáticas de acordo com o que se está a contar, o que faz muitas vezes da memória, incontável. Os refugiados palestinos se vêm divididos entre o desejo de silenciar e esquecer o que vivenciaram nos países de onde foram expulsos e a necessidade de se expressar, de fazer com que outros entendam o que passaram. E é precisamente nessa arena que a memória traumática é perturbada, ou melhor, desafiada. Isso porque ao mesmo tempo que dar voz pode ser pensado como um processo de abertura e identificação, é também um processo dolorido, de reviver o acontecido.

Durante minha pesquisa etnográfica junto ao grupo de refugiados palestinos reassentados em Mogi da Cruzes – SP, questões relacionadas à memória se fizeram presente desde o primeiro contato. Em um momento em que os indivíduos buscavam dar início a uma nova vida, em um país totalmente estranho em termos de língua e costumes, falar do que viveram

era sempre constrangido com uma forte carga emocional ou com uma tentativa de apagamento. Entre o esquecer e tentar viver uma nova vida e o relatar e fazer com que se entendesse o que eles vivenciaram no passado, estava a dificuldade de lidar com a memória traumática. Embora houvessem vivenciado situações similares, e por longos anos dividissem a mesma realidade no campo de refugiados onde ficaram até que, em 2007, fossem reassentados no Brasil, cada um dos refugiados optava por uma dinâmica diferente. Nesse processo, pude perceber que, nas palavras de Portelli (2006: 108), “os narradores são apoiados pelas estruturas mediadoras da linguagem, da narrativa, do ambiente social, da religião e da política”, e por isso, “devem ser entendidas criticamente” – mais do que isso, precisam ser entendidas de acordo com a natureza da qual foram produzidas. Este artigo pretende discutir essas estruturas mediadoras e a relação entre a memória e a construção de novos seres sociais.

Narrativas acerca da história da experiência da IPCC em Cascavel, a partir da memória como fonte histórica (1952 – 1966).

Alexandre Ribeiro da Silva(IPCC)

Resumo: Confesso que tal reflexão é ainda um grande desafio para mim. Digo isto devido às possibilidades da pesquisa a partir do vivido. E, quando menciono o vivido, estou pensando a história enquanto vida que pulsa de maneira dinâmica. A partir do texto de Pierre Bourdieu A ilusão biográfica, do livro Usos e abusos da história oral, de Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira, me proponho a pesquisar a construção de narrativas, tendo como metodologia a História Oral. Reconhecendo que lido com o vivido, com a vida, ou melhor, com a história de vida de diversos indivíduos - “Uma vez que a vida é uma

história... Uma história concebida por meio de acontecimentos de uma existência individual, na qual temos memória, experiência e relato” (AMADO, 2006: 183).

Então, estou pensando o vivido como apresenta Verena Alberti em Ouvir e contar – lidamos com a problemática de não ser possível reproduzir o vivido passo a passo, como ele foi, assim, uma vez que a História Oral enquanto estudo dos depoimentos de vida, revela descontinuidades, isto é, “selecionamos acontecimentos, conjunturas e modos de viver, para conhecer e explicar o que se passou” (ALBERTI, 2004:14).

Por outro lado, a reflexão sobre História Oral me cativa e desafia no sentido de que ao pesquisar o vivido, e ao fazer isso me deparo com outra questão, o processo da comunicação a partir do qual se dá o desenvolvimento da linguagem. Sendo aqui, neste ponto, meu maior desafio, o compreender as questões simbólicas presentes na construção ou desconstrução, na continuidade ou descontinuidade da linguagem e memória, enquanto expressão da experiência e da narração do vivido.

Os sujeitos alvo de minha pesquisa, “os presbiterianos” membros da IPCC (Igreja Presbiteriana Central de Cascavel), são a voz do testemunho, porém, não posso deixar de considerar que não existe testemunho sem experiência, como não pode haver experiência refletida sem a sua narração. Logo, um dos desafios é compreender o mundo daqueles que testemunham, ou seja, uma análise criteriosa entre história e memória, na qual tenho considerado a relação História, Tempo e Memória, um verdadeiro exercício de perceber sentimentos, visões, interpretações, seleções partir da indagação, confirmação ou refutação. Portanto, tenho por objetivo considerar como fonte para a produção do conhecimento histórico à memória do vivido que é narrado por meio de depoimentos acerca da história da IPCC.

É importante também pontuar que na oralidade temos: experiência, narrativa e memória. A experiência enquanto ênfase de reformulação e reelaboração do vivido. A narrativa é a processualidade da experiência, que muitas vezes manifesta-se de modo seletiva. Já a memória, é o processamento temporal da experiência. Temporalmente marcada, construída e constituída no tempo. Marcada pela dinamicidade e conflitividade.

Uma caixa de “guardados” no sertão mato-grossense: o trânsito da senhora Hermam da Alemanha para o Brasil no período entre guerras, século XX

Danilo Leite Moreira (Escola Estadual Braz Sinigaglia)

Resumo: A comunicação tem como objetivo apresentar, por meio de fontes orais, a história de uma família migrante de alemães que veio para o Brasil no período denominado entre guerras (1918-1939). Desde que a família saiu da Alemanha até a sua chegada ao então Sul de Mato Grosso deparou-se com inúmeras dificuldades, a começar pela viagem, realizada em um porão de navio, na condição de refugiados. Dona Maria Hermam, após chegar ao Brasil, viveu com seus pais, boa parte da infância no interior do Estado de São Paulo. Depois de anos, casou-se com João Fermam e o casal veio para o atual município de Batayporã morando no Bairro da Festa. Para o desenvolvimento do trabalho em questão, a metodologia da História oral foi fundamental, ao se considerar, o contexto histórico em que a família veio para o Brasil. Além disso, a metodologia propiciou que a narrativa apresentasse acontecimentos marcantes, embalada por um romance que atravessou gerações. Hoje a senhora Hermam é viúva, tem 99 anos, muitas lembranças e uma caixa cheia de guardados trazidos da Alemanha.

Migração, língua e identidade: Considerações metodológicas sobre histórias de vida de migrantes bilíngues

Méri Frotscher(UNIOESTE)

Resumo: A comunicação discute os significados do uso de determinada(s) língua(s) e de mudanças de língua em situações de entrevista com “alemães” no Brasil que remigraram para a Alemanha nazista no contexto da Campanha de Nacionalização brasileira e foram repatriados após a II Guerra Mundial. São levadas em consideração as condições de produção destes ricos relatos orais, assim como questões sobre sua interpretação e tradução. A autora propõe uma análise transcultural dos relatos, considerando que estes migrantes viveram entre diferentes culturas e línguas. A comunicação artigo reflete, ainda, sobre a influência de múltiplas migrações entre países e experiências de guerra na construção de identidades híbridas através da língua(gem).

12/07 - Quinta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Memórias compartilhadas e Comunidades Imaginadas: os Italianos al estero e suas relações com a emigração contemporânea para a Itália.

maria catarina c zanini(professor), Miríam de Oliveira Santos(UFRRJ)

Resumo: Compreendemos que a noção de italianos al estero inclui tanto os emigrados atuais como os descendentes dos imigrantes mais antigos, pois é assim que a mesma é tratada, tanto por órgãos estatais italianos como por entidades da sociedade civil italiana e brasileira. Trata-se de uma categoria inclusiva de alusão ao pertencimento italiano, uma vez que a cidadania italiana é regida pelo jus sanguinis, ou seja, pela ancestralidade comprovada. Assim, podem se autodeclarar nesta

situação tanto os emigrados recentes como os descendentes dos emigrados italianos de tempos passados e que já desfrutem, inclusive, de outras cidadanias por nascimento. A idéia de identidade e de manutenção da cultura da pátria-mãe, mesmo no caso de imigrantes de mais de um século, permeia a noção de italianos al estero.

Os meios de comunicação e as novas tecnologias informacionais (TIC's) têm possibilitado e facilitado a vivência e o crescimento dos vínculos de pertencimentos de uma comunidade imaginada de italianos no mundo. Há inúmeros sites, blogs, programas de rádio e televisão que se colocam nesta pretensão. Há, no site da RAI Internacional, também, um chamamento para que os emigrados contem suas historia de vida al estero. Por meio destes programas, os indivíduos contam suas experiências de vida no exterior, suas reivindicações, o que gostariam que fosse alterado em legislações, entre outras demandas mais subjetivas. Uma das questões recorrentes presentes nos depoimentos de emigrados recentes é acerca do trabalho como forma de ascensão e integração do italiano no exterior e da legalização das profissões nos países hospedeiros. Há, também, associações da sociedade civil que se organizam por meio do chamamento, seja da italianidade genérica, por meio dos italiani nel mondo, seja das italianidades regionalizadas (venetos, lombardos, mantovanos, trentinos, vicentinos, friulanos, etc.) e que visam promover e manter os vínculos de origem. Estas entidades têm desempenhado um importante papel na escuta de demandas e de reivindicações, seja de descendentes de italianos, seja de italianos que migraram contemporaneamente.

Atualmente, muitos descendentes de imigrantes italianos estão voltando para a Itália em busca de emprego e melhores condições de vida, no entanto, apesar de possuírem cidadania

italiana, frequentemente acabam sendo tratados como “estrangeiros”. Desejamos nesse trabalho analisar as memórias e narrativas dos descendentes de imigrantes italianos e dos emigrantes brasileiros na Itália assinalando os pontos de convergência e divergência dos seus relatos, sob o pano de fundo da comunidade imaginada de italianos al estero.

Migrações contemporâneas: experiência de migrantes ítalo-brasileiros em terras de origem

Vania Beatriz Merlotti Herédia(Universidade de Caxias do Sul)

Resumo: Os estudos sobre a imigração italiana no Sul do País cresceram de forma considerável, o que revela a importância que se deu nestas quatro últimas décadas ao fenômeno. O crescimento de pesquisas nessa temática ocorreu independentemente do questionamento e da reflexão sobre a qualidade desses estudos. Um dos fatores que promoveu esse aumento foi o crescimento da pós-graduação no país já que muitas universidades desenvolveram áreas de concentração e linhas de pesquisa sobre a temática. O avanço representa o reconhecimento do tema como campo de pesquisa para o historiador. Por outro lado, o crescimento também ocorreu devido a um trabalho de resgate de histórias de comunidades, e de famílias, no que concerne às questões de identidade, a partir dos anos 70 quando o conceito de colono, de migrante foi recuperado, dando um novo significado ao mesmo e criando necessidade de recuperar elementos da história, da cultura, das comunidades como parte do resgate identitário dos que colonizaram partes da região sul. A proposta desse trabalho é discutir as experiências vivenciadas por imigrantes brasileiros de origem italiana que buscaram o país de origem novas oportunidades de vida. O estudo apresenta as dificuldades metodológicas encontradas na pesquisa e as tensões vivenciadas

pelos migrantes.

Enfim a cidadania italiana, Arrivederci “Mérica, Mérica”: os migrantes brasileiros de Urussanga (SC) na Itália no século XXI

Julia Massucheti Tomasi (Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC))

Resumo: Na última década do século XX e principalmente na primeira do XXI, a cidade de Urussanga, intitulada capital italiana de Santa Catarina, tem vivenciado um deslocamento de habitantes para países europeus, como a Itália, tornando-se uma cidade de emigração. Inversamente, no final do século XIX, a cidade recebeu grande quantidade de imigrantes, que desembarcaram a “Questa Mérica”, vindos de diversas regiões da Itália, principalmente de Vêneto, Treviso, Veneza, Údine, Beluno, Mântua, Pádua, Cremona, Bérгона e Trento, sendo considerado o principal centro da colonização italiana do sul do estado catarinense. Assim, contemporaneamente, diversos moradores da cidade vêm a emigração como um projeto de conseguir melhor emprego e conseqüentemente maior salário, isto é, um meio de ascensão social. Muitos desses urussanguenses, por serem descendentes dos imigrantes italianos chegados no Brasil no final do século XIX, têm o direito a dupla cidadania, o que lhes dá livre entrada na Itália e nos demais países da União Européia. E grande quantidade desses ítalo-brasileiros sai de Urussanga com um emprego garantido na Itália, através do contrato de trabalho temporário tramitado por agenciadores. Estes urussanguenses permanecem parte do ano trabalhando na Europa, principalmente de fevereiro a outubro, e muitos deles retornam nos meses de novembro para o Brasil. Com isso, este artigo intitulado “Enfim a cidadania italiana, Arrivederci “Mérica, Mérica”:
os migrantes

brasileiros de Urussanga (SC) na Itália no século XXI” procura verificar o cotidiano dos urussanguenses na tão “sonhada” Itália, a partir de entrevistas realizadas com tais migrantes, tanto homens quanto mulheres.

Os pequenos pontos de partida: das colônias de imigração do sul do Brasil rumo a Itália no século XXI

Gláucia de Oliveira Assis(UDESC)

Resumo: Este projeto pretende analisar os pequenos pontos de partida de emigrantes brasileiros que emigram a partir de antigas regiões de colonização italiana, cujos descendentes nesse início de século XXI “retornam” para a terra de seus nonos e nonas. Esta comunicação busca compreender nesse movimento de partida dos descendentes de italianos da região de Urussanga, no sul do estado de Santa Catarina, que migram rumo a Itália e Alemanha as dinâmicas de integração, ressemantização da imagem da terra dos ancestrais e conflito entre rural e urbano desses homens e mulheres que – na contemporaneidade – “tentam a vida” no estrangeiro. A pesquisa tem sido realizada reconstruindo as trajetórias migratórias de mulheres e homens a partir de relatos orais desses migrantes que partem das antigas zonas de colonização italiana, particularmente dos núcleos rurais, procurando compreender os impactos nas relações familiares e de gênero, e como se articulam as identificações do passado no presente quando através da dupla cidadania esses e a partir dos locais de origem acompanhar o cotidiano desse imigrantes nos locais de destino na Itália. Nesse ponto, a história oral traz uma contribuição significativa aos estudos de migração contemporânea, pois os relatos dos migrantes (re)constroem uma memória dos processos migratórios contemporâneos, ou dos fragmentos desses processos o que coloca em questão as

identificações étnicas, as relações de gênero, classe com impactos na vida cotidiana da cidade. Assim, enquanto na cidade a memória da imigração é sempre narrada/acionada recorrendo aos imigrantes no passado, os migrantes contemporâneos vem re-significando, através de seus relatos e experiência a ideia de “retorno” a terra natal.

13/07 - Sexta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Rearticulação de relações familiares em trajetórias de vida de mulheres valadarenses no fluxo e/imigratório rumo aos Estados Unidos

Elton Francisco(UDESC)

Resumo: Resumo: O presente trabalho apresenta narrativas das trajetórias de vida de mulheres da cidade de Governador Valadares (MG) envolvidas no fluxo de e/imigração que conecta esta cidade aos Estados Unidos e tenta demonstrar que essas mulheres, migrantes retornadas e não-migrantes, são hábeis na articulação das redes sociais que sustentam este fluxo e como a experiência da migração permitiu a algumas delas redefinirem suas relações familiares. Trata, portanto, de rearticulações nas relações familiares em contextos migratórios a partir da perspectiva das mulheres. As narrativas orais metodologicamente tratadas a partir da perspectiva da História Oral são provenientes da realização de trabalho de campo naquela cidade em maio de 2007 e novembro de 2010. O trabalho tenta dar visibilidade à importância das redes familiares, à rearticulação dos papéis sociais ocupados pelos membros da família e ao fato de que a história da migração é também a história daqueles que permaneceram na origem. Assim, o trabalho contribui com a relativização de teorias sociais que explicam os fatores motivadores dos fluxos

migratórios contemporâneos apenas em função dos aspectos econômicos e que pouco visibilizam os aspectos subjetivos da aventura da migração, bem como, faz circular narrativas de mulheres envolvidas em um fluxo de emigração percebido como eminentemente masculino, demonstrando assim também, a relevância e a capacidade relativizadora do aporte teórico-metodológico da História Oral para estudos dos movimentos migratórios temporalmente localizados no Tempo Presente. Palavras-chave: E/Imigração, Redes Sociais, Relações Familiares, História Oral.

Para além de malandros e caloteiros: deslocamentos e travessias de doutorandos brasileiros em intercâmbio internacional

Luana da Silveira(UERJ)

Resumo:

Este trabalho, parte integrante da pesquisa de doutorado em Psicologia Social, problematiza a política de subjetivação dominante de formação do trabalhador imaterial produzida pelo capitalismo cognitivo. Para tal, será abordada, a partir de Foucault, Negri, Hardt, Lazzaratto, entre outros, a formação do estudante de pós-graduação stricto sensu participante de programas de intercâmbio internacional, entendendo que este é um trabalhador cognitivo que sofre a extração de sua força de trabalho segundo os mesmos padrões sofridos pelos demais trabalhadores, regulado pela universidade que têm sido atravessada por uma lógica administrativa estranguladora do fluxo do pensamento inventivo, repleta de imperativos de normatizações, padrões de eficiência e modelos bem-sucedidos. Como analisadores, será abordado o aumento de programas de intercâmbio internacional, que se tornam mais uma griffe em

busca do status de excelência, que em muitos casos, trata-se de uma espécie de exílio assistido, contornado por afiliações institucionais que, de certo modo, produzem um pertencimento durante o processo de desterritorialização; e o processo de êxodo de cérebros, caracterizado pela migração de trabalhadores qualificados que não encontram, em suas cidades ou países, oportunidades para canalizar sua qualificação, contribuindo para a materialização de espaços e redes transnacionais de produção e acumulação. Estes processos são analisadores de uma política que, ao mesmo tempo em que incita o processo de circulação, delimita e esquadrinha esta circulação, cujas análises sociais pairam sobre a construção da identidade do intercambista como privilegiado, turista, malandro ou caloteiro. Seguindo as pistas de Pollack (1992), este estudo apresenta 4 casos, articulando memória e identidade social, entendendo que esta é constituída por aquela, favorecendo o sentimento de pertencimento e reterritorialização.

Refugiados ciganos no Canadá: narrativas e construção identitária na diáspora

Mirian Alves de Souza(Universidade Federal Fluminense)

Resumo: Refugiados ciganos no Canadá: narrativas e construção identitária na diáspora

A concessão de refúgio a pessoas oriundas de países do Leste Europeu, como Hungria, República Checa e Eslováquia, tornou-se relativamente impertinente para o governo canadense com o fim do comunismo e conseqüente democratização desses Estados. Apesar disso, ciganos do Leste Europeu que chegam ao Canadá reclamam por refúgio baseados no argumento de que são perseguidos por grupos nacionalistas e paramilitares, como

skinheads. A recusa em aceitar esses pedidos nos últimos anos pelo Estado canadense tem gerado apelações à Suprema Corte e um debate sobre o reconhecimento dos ciganos como alvo de discriminação e perseguição étnica, ainda que em países democráticos e membros da União Europeia.

Considerando esse contexto, pretendo apresentar uma análise sobre as narrativas de vitimização e acusação que fazem parte do processo de construção e negociação de identidades ciganas no Canadá. Contrapondo-se a essas narrativas mais polarizadas, exploro os relatos orais dos ciganos que não participam da produção de discursos públicos e que é codificada no contexto da 'intimidade cultural'. Considerando que o processo de refúgio pode ser entendido como uma arena transnacional na qual diferentes níveis de agência, poder e identidade são negociados e performatizados, respondo quais são as implicações dessas narrativas para o pedido de refúgio?

Deve-se destacar que o debate em torno dos pedidos de refúgio, que envolvem os ciganos e seus países de origem são componentes fundamentais para compreender a configuração e negociação de suas identidades no contexto diaspórico. Por isso, serão analisados três questões: primeiro, a relação dos ciganos que pedem refúgio ou são refugiados e cidadãos no Canadá com os seus respectivos Estados-nacionais; segundo, a relação entre o Estado canadense e os países de emigração dos ciganos e União Europeia. Por fim, o conceito de diáspora cigana evocada no discurso político de associações de refúgio, como o Roma Community Center (RCC), onde fiz trabalho de campo.

Esta proposta de trabalho é baseado na pesquisa de meu doutorado (2007-2011). Pretendo oferecer, assim, uma análise de relatos orais, entre os quais os que foram registrados nas audiências de refúgio do Immigration and Refugee Board

(IRB). As narrativas apresentadas nas audiências e as que fizeram parte, de maneira geral, do trabalho de campo informam o texto que será apresentado.

Depois do Nevoeiro: a trajetória de imigrantes da cidade de Goiânia para Portugal e as relações familiares.

Gisele Meriz(UDESC)

Resumo: Segundo Simmel, podemos considerar a migração uma aventura, onde apostamos tudo no destino, no momento de vida suspenso, apostamos naquilo que é impreciso, atravessamos a ponte e a deixamos (quebrada) para trás e adentramos no nevoeiro sem sabermos o que nos espera a frente. Na contemporaneidade as relações e redes sociais estabelecidas no processo migratório apresentam aos migrantes outras aventuras diferentes da que Simmel se referia no século XIX. A globalização traz para o migrante do século XXI novas preocupações como deportações, empregabilidade, condições de se inserir na sociedade de destino, as novas redes de contato social, as tensões familiares e assim por diante. Neste processo de aventurar-se, ganham espaço na contemporaneidade, as mulheres, as crianças, e pessoas que apresentam cronologicamente uma idade mais avançada. Neste sentido, o campo social que envolve o migrante toma uma nova configuração, seja na sociedade de origem como na sociedade de destino. Este artigo apresenta parte da trajetória de migrante brasileiros da cidade de Goiânia para Portugal e o contexto migratório que envolve as pessoas que decidem partir, em especial a história de mulheres migrantes e as relações familiares que elas teceram durante este processo migratório (relacionamentos afetivos com portugueses, a espera da família que fica e a maternidade transnacional). A pesquisa foi realizada por meio de leituras, e observação participante na cidade de

Goiânia e entrevistas semi-estruturadas por meio da técnica bola de neve (onde um entrevistado indica outro).

019. PASSADOS ESCOLARES EM LEMBRANÇAS DE PROFESSORAS

Coordenação: Charles Moreira Cunha, Inês Assunção de Castro Teixeira

10/07 - Terça-feira (Tarde - 14h as 17h)

Menória de Professores Ribeirinhos

Mara Rita Duarte de Oliveira(UFPA)

Resumo: A presente pesquisa tem como tema central memória e prática docente: uma análise Freiriana, nela propõe-se o estudo das práticas cotidianas das professoras da escola São João Batista, com o intuito de discutir-se a constituição dessa prática docente e suas relações com a cultura local, confrontando-as com as categorias diálogo, autonomia e práxis. A instituição lócus de pesquisa encontra-se localizada na Ilha Campompema, situada na zona ribeirinha do município de Abaetetuba-Pa.

Memórias de um Pelotão de Saúde

Lúcio Reis Filho

Resumo: Este trabalho apresenta uma reflexão sobre as relações entre higiene e educação, através da análise de uma organização escolar específica. Desde a República Velha, quando o movimento sanitário estava em sintonia com as correntes nacionalistas brasileiras, a difusão dos ideais higienistas nas escolas tinha como objetivo um projeto educativo abrangente,

através da instilação de hábitos e comportamentos que formassem homens para a sociedade, aperfeiçoando-os a partir de rígida disciplina. Na Segunda República, o projeto ideológico de nacionalidade estava em reconstrução, e em decorrência desse movimento surgiram os grupos escolares, instituições que permitiriam romper com o passado imperial. Fundado no início do século XX, o Grupo Escolar Dr. João Bráulio Júnior, da cidade de Lambari, ao sul de Minas Gerais, é um exemplo representativo. Nesse sentido, temos como objeto de estudo o Pelotão de Saúde Oswaldo Cruz, que funcionava na instituição em meados daquele século. O presente texto foi construído a partir de entrevistas com antigas professoras que participaram desse momento histórico. Seus relatos constituem importante memória do passado escolar.

MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO PELA VOZ DE MESTRES AMAZÔNICOS

venize nazaré ramos rodrigues(Universidade do Estado do Pará)

Resumo: Pesquisa realizada com professores que atuaram em diversos níveis de ensino nos meados do XX na cidade de Belém, Estado do Pará. Contribui para compreender os desafios de fazer-se professor e pessoa através de vivências e experiências docentes que compreende desde a escolha da profissão, o fazer pedagógico e as escolhas pessoais na cultura da escola, da sala de aula e da vida, com ênfase no contexto sócio-cultural em que viviam e atuavam, nas práticas docentes a partir da compreensão das escolhas ético/estético/políticas, nas informações, experiências e conhecimentos que permeiam a vida profissional, bem como nos movimentos educacionais para além do instituído. A metodologia da História Oral orientou a investigação e possibilitou mediar as lembranças de 07(sete) narradores a partir dos objetivos da pesquisa, onde além de

perceber o cotidiano dos professores e os desafios coletivos enfrentados naqueles tempos na cidade, permite visibilizar os laços de sociabilidade que se construíram nestas relações, fazendo ponte entre a história individual e a história coletiva. Palavras Chave: Docência, Memórias de Professor, História Oral.

O que revelam as trajetórias de professoras de educação infantil? História oral: as histórias de vidas como processos de formação

Talita Dias Miranda e Silva(Universidade de São Paulo-Faculdade de Educação)

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo compreender as trajetórias de formação de sete professoras de educação infantil. Busca-se, nas memórias dos relatos orais de vida, compreender os processos de formação dessas profissionais que atuam na educação infantil. Para tanto, utiliza-se a História Oral de Vida (Meihy) e a abordagem biográfica para desvelar a história de formação e de profissão de docentes de educação infantil em exercício, trazendo à luz os significados, as escolhas, os desafios enfrentados nas trajetórias de formação e profissão das educadoras em seus processos de construção de identidade docente. O estudo visa colaborar com as discussões relativas às temáticas de histórias de vida e formação professores tendo em conta as teses defendidas por autores como Nóvoa, Pineau, Josso, Day, Tardif, Catani e Souza, compreendendo os percursos de experiências, explicitam e revelam os processos formativos do desenvolvimento pessoal e profissional. Com o resultado, espera-se contribuir para evidenciar os significados das trajetórias de formação de profissionais da educação infantil, uma vez que o uso da abordagem biográfica constitui

componente essencial para revelar nos itinerários as experiências de aprendizagens, dispositivos, rituais, habitus formadores da identidade. O estudo também busca colaborar com as discussões relativas às temáticas de histórias de vida, história oral e delinear as questões acerca da formação de professores no âmbito da educação infantil, compreendendo os percursos de experiências, explicitam e revelam os processos formativos do desenvolvimento pessoal e profissional.

Aplicando a História Oral para conhecer a formação dos professores de Matemática de Itaipulândia (PR)

Jean Sebastian Toillier

Resumo: Este trabalho visa apresentar como a metodologia de História Oral está sendo aplicada para podermos constituir uma versão referente à formação de professores de Matemática da região de Itaipulândia, município localizado na região Oeste do Paraná e à beira do Lago do Itaipu e que faz parte do projeto de mapeamento da formação de professores do Grupo de História Oral e Educação Matemática – GHOEM. Buscamos explicitar como é realizada cada etapa do trabalho que está em construção, mostrando todos os passos que entendemos como necessários para o uso dessa metodologia, desde a elaboração do roteiro até a análise das evidências que aparecem ao longo das entrevistas. Também fazemos uma alusão ao filme “Narradores de Javé”, de Eliane Caffé, que nos mostra uma história semelhante em relação à região de pesquisa e traz considerações interessantes sobre o papel do entrevistador.

MEMÓRIAS DAS PRÁTICAS DE ENSINO DE MATEMÁTICA DE UMA ESCOLA AGRÍCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL

Edna Sakon Banin(EMA ENGº RUBENS FOOT

GUIMARÃES)

Resumo: Este artigo apresenta uma investigação das diferentes práticas de ensino de Matemática exercidas na Escola Municipal Agrícola Eng^o Rubens Foot Guimarães, situada na cidade Rio Claro, São Paulo, revelando períodos significativos de sua existência, que foram obtidos e organizados por meio das entrevistas dos sujeitos que compartilharam as lembranças do que vivenciaram nesta escola desde a sua constituição, em 1986, até 2006. De acordo com a metodologia da História Oral, a pesquisa retrata uma versão histórica desta escola, que evidencia, também, os diferentes processos de subjetivação nela ocorridos. Esta escola, inicialmente, foi idealizada como um “Projeto” de apoio aos meninos de rua, num convênio com a FUNABEM. A Fundação financiava a manutenção do projeto e tinha como objetivo retirar menores carentes da rua, ocupando-os com atividades agropecuárias, em período inverso ao escolar. Entretanto, devido a mudanças políticas e ao término deste convênio com a entidade, suas instalações foram utilizadas para o desenvolvimento de uma escola de Ensino Fundamental II, seriada, com núcleo comum, mas que oferecia também disciplinas técnico-agrícolas. Desde então, esteve aberta à comunidade em geral ou para aqueles que tivessem interesse por seu ensino diferenciado. Constituiu-se assim, uma nova comunidade escolar que sofre até hoje com mudanças que comprometem sua identidade inicial, provocadas a cada nova gestão escolar e Administrativa. Demonstramos uma síntese da retrospectiva histórica desta escola, observando os reflexos produzidos por seu passado, rememorando e recompondo a história da EMA e dos diversos regimes de verdade que sustentaram as distintas práticas sociais ao longo da sua existência.

Palavras-chave: Escola agrícola, Ensino Fundamental II, prática

11/07 - Quarta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Professores formadores e suas memórias: o formar professor, o ser professor

Thiago Rodrigues Nascimento(Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Resumo: Nos últimos anos a História Oral, enquanto metodologia de pesquisa tem sido amplamente utilizada nos trabalhos sobre a História da Educação brasileira. A utilização de entrevistas orais possibilita ouvir os sujeitos envolvidos no processo educacional, tornando possíveis novas análises. O lugar do aluno, do professor, na sala de aula, na escola, suas atitudes, pensamentos ganha relevo. Estes têm lembranças de suas atividades escolares e das formas como ensinam, respectivamente, que refletem suas experiências e escolhas. Neste trabalho, analisamos as memórias de professores formadores, ou seja, sujeitos responsáveis por formar novos docentes. A partir de entrevistas narrativas individuais com professores universitários aposentados, buscamos compreender o que tais lembranças representam para eles no presente e como reconstruem, com as ideias e imagens de hoje, as experiências do passado.

Palavras-Chave: Professor; Memórias; História da Educação.

Supervisão de Ensino nos anos de 1970: História e Consciência

ANAMARIA DURSKI SILVA BURKO(UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE - UNICENTRO)

Resumo: A vontade de atribuir significado a um pedaço da

história da qual a entrevistada foi coadjuvante como Supervisora de Ensino nos idos de 1970 e início dos anos 1980, foi o que basicamente orientou a preparação deste trabalho. Tal experiência remeteu a autora a iniciá-lo pela formulação de questionamentos quanto à possibilidade de uma cotidianidade refletida, passando em seguida para uma rápida e parcial consideração sobre o contexto histórico no qual se inserem acontecimentos e protagonistas, que implícita e explicitamente influenciaram, concorreram, determinaram o desenrolar da história em sua continuidade. É nos anos 1970 que se busca focalizar o movimento do fazer político/pedagógico dos Supervisores de Ensino, engajados na tarefa de implantação da Reforma preconizada pela Lei 5692/1971, em escolas de 1º grau do município de Guarapuava e nos municípios de expansão da Reforma, a ele jurisdicionados. A execução deste trabalho foi fundamentada pelos ensinamentos da História Oral. Ele representou a reconstituição da memória de uma etapa que passou. Não se trata de um simples relato sobre coisas interessantes ou não, que ocorreram no passado. Isto não teria valor científico, se não levasse a refletir sobre questões acerca da compreensão do homem como ser mergulhado na história. Imerso na história o homem tem uma forma de entendimento sobre ela. Quando dela se distancia, a visão de conjunto melhor se afigura. Nesse sentido cabe a pergunta: então o homem vive alheio ao seu próprio cotidiano e para compreendê-lo precisará sempre de tempo e distância suficientes e adequados à emergência dos efeitos?

RELEMBRANDO OS TEMPOS DE NAGIB COELHO MATNI NA ESEFPA: entre a história vivida e a história contada

Carmen Lilia da Cunha Faro(Universidade do Estado do Pará),

Elis Priscila Aguiar da Silva

Resumo: Está pesquisa vem contar a vida de Nagib Coelho Matni, como entusiasta da Educação Física no estado do Pará. A escolha por pesquisar sobre a figura deste professor, se deu pelas inúmeras citações ao seu nome durante pesquisas realizadas sobre a Educação Física paraense, o que gerou uma inquietação por investigar a importância do mesmo para os avanços ocorridos no que remete a Educação Física no Pará. O objetivo do trabalho é contar a história de Nagib Coelho Matni dentro do contexto da Escola Superior de Educação Física do Estado do Pará- ESEFPA, sua influência e contribuições como idealizador e professor da mesma. Tendo em vista essa perspectiva histórica foi utilizada fontes documentais e iconografias existentes no Curso de Educação Física UEPA, no arquivo pessoal da família Matni, além de entrevistas com um total de quatro (04) fontes orais, sendo que dessas, duas (02) fontes orais são familiares que trabalharam com Nagib Coelho Matni e duas (02) que trabalharam com o mesmo, mas não fazem parte da família. Para realização e análise das entrevistas utilizamos a metodologia da história oral, com abordagem na história oral temática.

Silêncio(s), Voz(es) e História(s) Oral(is): formação de professores de matemática em Mossoró/RN

Marcelo Bezerra de Moraes(Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”)

Resumo: Propomos apresentar, neste trabalho, alguns silêncios e vozes que surgem nas pesquisas desenvolvidas com o uso da História Oral como metodologia de pesquisa, no campo do conhecimento da Educação Matemática. Tomamos como ponto de partida para a discussão deste, o projeto de pesquisa (de mestrado) que estamos desenvolvendo e o grupo de onde

falamos: o GHOEM. Tal projeto tem como objetivo construir uma versão histórica sobre a formação de professores de Matemática na cidade de Mossoró/Rio Grande do Norte, antes de 1974, ano que marca a criação do mais antigo curso da região. Discutimos algumas das concepções que tomamos como base para o desenvolvimento de tal pesquisa, como: nosso fazer historiográfico com a História Oral; o processo de produção dos dados; a ética na pesquisa; análise das entrevistas; entre outros aspectos.

Práticas autobiográficas e memórias escolares: estratégias de autoformação e de pesquisa

Andréa Ferreira Delgado(Universidade Federal de Santa Catarina)

Resumo: O trabalho com a memória - biográfica e autobiográfica - constitui um instrumento na criação de estratégias de autoformação que desenvolvo com acadêmicos do curso de História. Ao operar com a categoria “saberes docentes”, compreendo que as investigações sobre a formação inicial e continuada de professores, ou ainda acerca das práticas docentes, não podem estar dissociadas das reflexões sobre as experiências dos sujeitos. Compreendo, portanto, a formação do professor como um processo que se insere numa dimensão temporal e biográfica, abrangendo desde as vivências nas instituições escolares e nos cursos de habilitação profissional até as experiências que compõem a trajetória docente. Nesse trabalho, analiso dois conjuntos multifacetados de fontes produzidos ao agenciar memórias, histórias de vida, biografias e autobiografias nas disciplinas que ministro a fim de investigar as relações entre as práticas de autoconstrução do sujeito que narra a si mesmo no tempo e o ofício do professor. O primeiro conjunto é constituído por narrativas autobiográficas

construídas pelos acadêmicos por meio da proposição de uma série de práticas de “escrita de si”, na acepção de Michel Foucault, e também com a produção de diários de aula durante o estágio docente. O segundo conjunto de fontes são entrevistas com professores e professoras da educação básica realizadas pelos acadêmicos, operando com um roteiro construído coletivamente a partir da categoria “saberes docentes” e que permite relacionar os percursos profissionais dos docentes com sua trajetória (auto)biográficas. Essas entrevistas possibilitam uma experiência compartilhada de formação, visto que tanto o professor que narra sua trajetória quanto o aluno que ouve estão construindo representações de si, de seus projetos biográficos e de sua identidade profissional. As narrativas tecidas para contar a própria vida, quer sejam dos professores(as) em formação ou dos docentes, demonstram o quanto a passagem pela escola é constitutiva da biografia das pessoas. As histórias de vida delineiam a escola como espaço da memória e possibilitam incorporar as experiências de aluno(a)s e professore(a)s como fonte para produção de conhecimentos sobre múltiplos aspectos da instituição escolar e da profissão docente. Objetiva-se, portanto, analisar as estratégias narrativas construídas pelos professores em formação e pelos docentes para amalgamar experiências escolares com as representações sobre seu ofício, que começam a ser construídas muito antes do ingresso nos cursos de licenciatura, de forma recorrente são decisivas na escolha profissional e marcam profundamente o exercício e as percepções acerca da prática docente. Portanto, compartilho com um conjunto significativo de autores a ideia que o método biográfico constitui tanto um instrumento de formação quanto um instrumento de investigação.

O velho e o moço: o relato do professor Rubim Santos Leão

de Aquino

Raphael Oliveira da Silva(Jornal Metro)

Resumo: Conhecido como o maior vendedor de livros de história, Rubim Santos Leão de Aquino muda sua identificação de acordo com o tempo e a pessoa. Para o pai na infância era o peteebista, atualmente se denomina comunista-cristão. Na ditadura era considerado revolucionário e uma ameaça.

Essa entrevista, que resultou neste trabalho, é o início na elaboração de um perfil desse profissional que lecionou história na época da ditadura civil-militar (1964-1985), é considerado o decano dos cursinhos pré-vestibulares, escritor de livros didáticos e criticado por sua visão marxista.

VIGILÂNCIA E DISCIPLINARIZAÇÃO ÀS MARGENS DA GUERRILHA: HISTÓRIA E MEMÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO ANTIGO NORTE DE GOIÁS

Norma Lucia da Silva(Universidade Federal do Tocantins)

Resumo: Este trabalho apresenta o processo de formação dos professores no norte do Tocantins (antigo norte de Goiás) durante o período da ditadura militar. A região até então esquecida pelos governos estadual e federal passou a receber investimentos para a formação de professores a partir do advento da Guerrilha do Araguaia. Por meio de documentos de instituições escolares e de depoimentos orais constatou-se que esses investimentos se davam apenas para a formação de nível secundário em cursos intensivos ou modulares implantados de forma emergencial e precária buscando-se, assim, representar preocupação do Estado com a região marcada por altos índices de analfabetismo e extrema pobreza.

História Oral: investigações de práticas escolares

Raimundo Nonato Araújo da Rocha(UFRN)

Resumo: O objetivo do trabalho é analisar práticas de pesquisas desenvolvidas na disciplina História Oral, ministrada para alunos de graduação de História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil). Na disciplina os alunos estudam aspectos conceituais e metodológicos da História Oral, têm acesso a teses e dissertações sobre o campo e produzem um trabalho de investigação. Nossa meta é apresentar os procedimentos usados e os resultados advindos desses trabalhos investigativos. Para delimitar nossa exposição optamos por privilegiar três dos trabalhos apresentados: um sobre a construção da identidade negra a partir da filiação de pessoas ao movimento negro, emergente no Brasil a partir dos anos 1980; um segundo trabalho sobre a criação, pelo folclorista Câmara Cascudo, na década de 1950, do Grupo de Dança Araruna e, finalmente, um terceiro trabalho sobre a criação da Liga Norte-Rio-Grandense contra o Câncer na década de 1960. Nesses três trabalhos os conceitos de uchronia e mito-biografias se fizeram presentes. A partir dos trabalhos novos conteúdos e objetos do ensino de História foram criados. Concretamente os autores das pesquisas puderam exercitar investigações no campo da História Oral, sistematizar dados ainda não apresentados pela historiografia, vislumbrar a oralidade como possibilidade de trabalho com alunos da escola básica.

020. Questões Migratórias

**Coordenação: Alice Beatriz da Silva Gordo
Lang, Ligia Pereira**

11/07 - Quarta-feira (Tarde - 14h as 17h)

A configuração do território de Santa Teresa/ES: imigração e identidade italiana

SIMONE ZAMPROGNO SCALZER(UNIVALE)

Resumo: Fugindo de um período de guerras, alguns grupos de imigrantes italianos partem para a América do Sul, especialmente para o Brasil, em busca de paz e de terras férteis para cultivar. Mesmo distante de sua terra natal conseguiram reproduzir nas serras de Santa Teresa/ES, em um território com natureza muito diferente da que conheciam, parte de sua cultura e tradições. Logo não podemos dizer que foi possível construir uma identidade legitimamente italiana, mas a mesma foi moldada pelos valores e tradições de um povo que se reinventou, adaptando-se e construindo um novo território. Hoje os descendentes desse povo guardam no seu jeito de ser, na alimentação, nos valores morais e religiosos, no sotaque e no dialeto que alguns ainda utilizam, os traços culturais herdados. No entanto, reafirmam em suas narrativas o reconhecimento aos valores repassados pelos pais. Por meio da oralidade expressam a coragem de trabalhar por uma vida melhor e o amor pela terra, ensinamentos que, orgulhosamente, transmitem a seus filhos. Neste contexto, os estudos a cerca da construção da identidade da população de Santa Teresa partem primeiramente da coleta de testemunhos dos integrantes deste grupo. A contribuição da história oral, enquanto técnica e método de pesquisa, se revela em dois âmbitos: primeiro, por dar voz às práticas cotidianas que caracterizam um determinado modo de viver típico a esse grupo; segundo, de forma intrinsecamente atrelada ao primeiro, porque neste movimento de revelação, se vê expresso uma identidade que molda e é moldada pelo processo de formação territorial de Santa Teresa. Alguns pesquisadores como Sandra Gasparini e Luiz Busato, também dedicaram parte de seus

estudos, sobre a História de Santa Teresa, à coleta de testemunhos. Seguindo nesta linha de estudos, as narrativas coletadas terão importante contribuição para traçar as relações entre a imigração, a construção de uma identidade própria em correlação direta à configuração de um novo território em Santa Teresa/ES.

Histórias de gênero, biografias migrantes: uma questão de narrativa

Antonio Canovi(Università di Modena e Reggio Emilia), Syrléa Marques Pereira(Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ/bolsa FAPERJ)

Resumo:

Sempre existiu uma emigração das mulheres, ao lado daquela dos homens. Muito embora, até recentemente, a historiografia sobre o tema tenha descrito o fenômeno migratório como uma experiência eminentemente masculina, conferindo “invisibilidade” às mulheres.

Considerando que a história oral permite finalmente recuperar o vivido e as experiências das mulheres migrantes, restituíndolhes a subjetividade, como protagonistas ativas da história no sentido pleno do termo; no presente artigo são elas as narradoras por excelência, visto que considerar a palavra das mulheres migrantes é o modo de narrar as suas histórias, em uma perspectiva de gênero, mas é também a maneira de utilizar o “tratamento” de gênero com o propósito de renovar a historiografia das migrações.

Nosso principal interesse é “ver” as mulheres que um dia deixaram para trás a própria casa e afetos; é conhecer alguns de seus sonhos e perspectivas antes da partida, ainda na localidade natal; como também segui-las durante a viagem e observá-las vivendo em novas terras. Para tanto, ao longo do artigo

analisaremos algumas biografias de mulheres migrantes italianas que se dirigiram para a França, a Bélgica, o Brasil e a Argentina, observando especialmente o entrelaçamento do privado com o público que está presente e determina suas narrativas, mas, principalmente, por considerarmos que suas narrativas são modelos representativo de histórias de outras mulheres.

Imigrantes uruguaios no Brasil, entre o exílio político e o económico: usos do passado na construção dos novos discursos de nação.

Ana María Sosa González(UFPel)

Resumo: As migrações contemporâneas se apresentam com significativas diferenças com respeito as que aconteceram no século XIX e no início do século XX. Esses novos movimentos migratórios, internos, regionais e internacionais, correspondem a um fenômeno que deve ser estudado em função de sua diversidade e complexidade onde a revolução nas comunicações, as múltiplas pertenças e identificações, as memórias e usos do passado dos grupos humanos em questão, constituem um verdadeiro desafio para os Estados Nacionais. A presente comunicação refere à mudança nos discursos nacionais, discursos estes que transcendem fronteiras e configuram novas nações já não delimitadas geográfica ou territorialmente, sendo hoje uma problemática ainda longe de ser resolvida.

Nas pesquisas realizadas com os imigrantes uruguaios no Brasil –através das suas próprias narrativas- é possível distinguir duas oleadas migratórias que se auto- representam sob duas categorias de exílio (político e econômico) para assim se justificar e identificar com os novos discursos de nação do país de origem.

A descolonização de Angola: migração e adaptação de portugueses e brancos angolanos no Rio de Janeiro

Isabel de Souza Lima Junqueira Barreto(MultiRio)

Resumo: Este trabalho visa refletir sobre o processo de adaptação de migrantes que chegaram ao Rio de Janeiro em consequência do de descolonização de Angola. Devido ao medo que tomou conta da população durante o período de transição para a independência, entre os anos de 1974 e 1975, a minoria branca sofre um êxodo. Há aqueles que migraram com recursos próprios diretamente para o Brasil, há quem tenha vivido antes de aqui chegar um período em Portugal, na África do Sul, ou até mesmo em ambos os países. Quando chegaram aqui encontraram facilidades para o processo de acolhimento e adaptação. São esses: parentes que já viviam no Rio de Janeiro, facilidades oferecidas pelo governo brasileiro para tirar documentos de permanência e conseguir trabalho, assistência de instituições da comunidade portuguesa. Apesar disso, a adaptação, segundo alguns relatos foi difícil. O modo de ser do habitante da cidade do Rio de Janeiro, sendo apontado como uma das razões de dificuldades iniciais, superadas com o tempo. Em contraponto a isso, há outros que realçam o acolhimento recebido e a ajuda dada por pessoas desconhecidas que contactaram ao chegar. Há quem aponte a solidão sentida após a passagem da fase de encontrar moradia e trabalho, estando longe da família e amigos de quem não tinham notícias a respeito do paradeiro. No primeiro momento houve um estranhamento com o novo contexto. Para dar uma melhor compreensão da chegada desses imigrantes, faremos referências à guerra colonial, à questão racial em Angola e ao processo de descolonização.

Fragmentos de memórias familiares dos imigrantes alemães que chegaram a Juiz de Fora, Minas Gerais, em 1858.

Patricia Lage de Almeida (Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora)

Resumo: O presente artigo pretende analisar a trajetória dos imigrantes alemães que chegaram à cidade de Juiz de Fora, situada no sudeste na Zona da Mata mineira, em meados do século XIX, para trabalharem na Colônia Agrícola D. Pedro II e, posteriormente, na construção da Estrada União e Indústria. Interessa-nos saber quais foram as estratégias de auxílio mútuo e de manutenção das tradições comunitárias criadas por esses imigrantes no momento de sua chegada à cidade. Para tal, serão utilizadas as memórias familiares do descendente de alemães Roberto Dilly.

Palavras-chave: Memória, História Oral, Juiz de Fora, imigração alemã, trajetória.

memória da campanha de nacionalização nas regiões de imigração alemã

Bibiana Werle (Colégio Nossa Senhora da Glória)

Resumo: O período que vai de 1937 a 1945 marcou significativamente o modo de vida de grupos étnicos no Brasil. Conhecido como Estado Novo, este momento político nacional visou, através do então Presidente da República, Getúlio Vargas, construir uma identidade nacional brasileira. Em contraposição a um período político anterior, a República Velha, que se caracterizava pelo liberalismo oligárquico e pela acentuada autonomia dos estados federais, o regime varguista pretendia unificar as partes da nação através de um governo centralizado e agente da modernização do país. A idéia de forjar uma nação

una e indivisível passava pela questão da identidade nacional, que veio a se traduzir na Campanha de Nacionalização durante o Estado Novo e implicou uma forte repressão a representações regionais e étnicas no país. Focalizando uma das colônias criadas para o recebimento de imigrantes alemães no século XIX, a apresentação analisa os impactos e as memórias da Nacionalização na cidade de Estrela – RS. O estudo acerca da imposição de uma identidade nacional sobre uma identidade étnica teuto-brasileira é analisado através de fontes como jornal, documentos oficiais e relatos orais. No sentido de analisar a memória existente na atualidade acerca deste processo, serão demonstradas onze entrevistas com descendentes de alemães que vivenciaram situações condizentes com a repressão estadonovista, através da metodologia da história oral.

Memórias da imigração no Paraná: o caso de William Michaud

CAIUBI MARTINS DYSARZ

Resumo: O presente trabalho visa contrapor a memória de uma cidade no Paraná, Guaraqueçaba, a respeito de um morador seu, o suíço William Michaud, com as investigações da pesquisa histórica. Entendendo que a memória prender-se-ia na fidelidade de um passado que muitas vezes é deliberadamente distorcido, ao passo que a história teria como papel instigar a memória através da produção de evidências, pretendemos confrontar a memória que os habitantes da região têm a respeito de Michaud com as informações obtidas em nossos estudos. Da mesma forma, pretendemos resgatar as impressões de William Michaud com relação a sua experiência em ter emigrado, através das cartas que enviara as suas irmãs na Suíça.

12/07 - Quinta-feira (Tarde - 14h as 17h)

A PROBLEMÁTICA DOS SUJEITOS: O MOVIMENTO MIGRATÓRIO PROVINIENTE DO PARANÁ E SÃO PAULO PARA IVINHEMA MT (1960/1970)

nelson de lima junior(setas)

Resumo: Esta comunicação possui como interesse aprofundar as análises nos estudos que fazem a discussão sobre as experiências de inserções sociais de migrantes Paulistas e Paranaenses no município de Ivinhema - antigo Sul de Mato Grosso entre os anos de 1960 á 1970. As motivações para migrar ligam-se a uma multiplicidade de situações de natureza subjetiva e/ou social. Pode-se apontar como traço comum além da busca pela terra – propriedade - a formação de redes de contato, informações e a predominância da migração familiar. Em Ivinhema o processo não foi diferente, as terras da região foram adquiridas por Reynaldo Massi, com intuito de implantar uma Colônia Agrícola e um novo núcleo urbano. Com a chegada das primeiras levas de trabalhadores em 1961 inicia-se a derrubada da mata virgem e a formação das glebas. Muitas pessoas chegaram naquela região, almejando melhores condições econômicas e sociais, e inseridos no processo “civilizatório” foram aos poucos construindo sua história e em consequência formando um caractere identitário próprio. Para tanto, pretendo adotar como metodologia a História Oral, com o objetivo de perceber nas narrativas das pessoas os “fios condutores” para analisar os motivos que influenciaram na sua permanência neste local.

Palavras-chave: Identidade, migração e inserção social.

De Norte a Sul: os nordestinos na frente pioneira do Norte Novo de Maringá (1950-1970)

LETÍCIA FERNANDES(Prefeitura Municipal de Sarandi)

Resumo: A abertura da frente cafeeira no Norte do Paraná nas primeiras décadas do século XX inaugurou um dos mais importantes movimentos de migração interna no Brasil. Atraídos pelas possibilidades de compras de terras férteis e de frentes de trabalho, migrantes de diferentes regiões do país e também estrangeiros, passaram a desbravar essas terras e a moldar o Paraná de hoje, recriando nesse espaço, suas experiências de vida e laços de sociabilidade. No conjunto da (re) ocupação do Norte do Paraná, destaca-se a microrregião Norte Novo de Maringá, como um dos mais expressivos exemplos de migração interna já ocorrida no Brasil, dado o seu acelerado crescimento nas décadas de 1950 e 1960. A microrregião que trabalharemos começou a ser desbravado na segunda metade da década de 30, completando-se esse processo na década 50 pela “Companhia de Terras Norte do Paraná” CNTP/CMNP. Dentre a diversidade destes migrantes vindos de outras regiões do país, destaca-se a presença de paulistas, mineiros e nordestinos, correspondendo este terceiro grupo a aproximadamente 12% da composição dos migrantes procedentes de outros estados, tanto para o Norte do Paraná, como para a microrregião Norte Novo de Maringá. Apesar de se constituir no terceiro maior grupo dentre os brasileiros de outras regiões da federação que se dirigiram ao Norte do Estado, a historiografia que trata da região não considerou aspectos sociais e/ou culturais das populações nordestinas que aqui se estabeleceram e os registros de sua presença se circunscrevem apenas a dados numéricos. Dessa forma, pretendemos analisar elementos importantes da sociabilidade e da vida cotidiana dos migrantes nordestinos na microrregião considerada no período entre 1950 e 1970, momento de ascensão e queda do movimento migratório no Norte do Estado. Deste modo, analisaremos o processo ocorrido no Norte paranaense a partir

de um levantamento histórico-social tendo em vista dois aspectos em particular: a participação dos seres humanos, sujeitos e sujeitas do devir histórico, e o jogo de interações entre o campo político, econômico e social, escalas necessárias para discorrer sobre tal processo sem cair em uma crônica narrativa simplificadora e excludente. Dessa forma, consideramos uma gama mais ampla de fontes, como livros de memorialistas, documentário e história oral. Pois, concebemos essas fontes históricas como possuidoras de efeito “democratizador y socializador” (DOESWIJK, 2001:124) em função da possibilidade de se resgatar o mundo das experiências e estruturas de sentimentos de categorias silenciadas como mulheres, operários, dentre outros, saindo do campo numérico, estatístico para adentrar nas experiências pessoais de cada um.

Mudanças e Permanências na Migração Sertão – Cidade na região Noroeste do Estado do Ceará.

Maria Antonia Veiga Adrião (Universidade Estadual Vale do Acaraú)

Resumo:

M^a ANTONIA V. ADRIÃO (Doutoranda UFC, Profa da Estadual Vale do Acaraú) COAUTOR: PROF. DR. FREDERICO DE CASTRO NEVES

A zona norte do Estado do Ceará compõe-se de dezenas de municípios que circunvizinham a cidade de Sobral. Para esta cidade emigram centenas de pessoas todos os anos principalmente idosos que buscam refúgio próximo a hospitais, bancos, comércio, considerando as condições adversas que ainda imperam nas zonas agrárias, locus de concentração de terra e renda, marca dessa região colonizada a partir da pecuária e do curso dos rios. Chama atenção o fato de Sobral (188.233

habitantes IBGE 2010), a principal cidade da região, com uma elite vaidosa de seus casarões tombados e sua descendência portuguesa, ter se tornado chamariz de populações despossuídas mais jovens, que buscam essa cidade como alguns buscaram Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Fortaleza. Percebe-se uma mobilidade social que se fortaleceu desde a década de 60 a exemplo do que ocorreu em todo o Brasil, quando sua população urbana começou a crescer desordenadamente e no contraponto, a população rural declinava. Sobral tornou-se polo urbano sem tanto a oferecer a não ser talvez, a possibilidade de reconstrução da vida sertaneja como se esta pudesse ser apenas transferida e esses trabalhadores pudessem construir cada um seu pequeno sertão dentro de casa, na rua, no trabalho. O propósito dessa pesquisa é conhecer essa migração, suas motivações pessoais e infraestruturais, e as mudanças e permanências que esse movimento vem sofrendo ao longo das décadas, mas também, tenho o objetivo de estudar a vida construída na cidade, por que esses homens e mulheres mesmo depois de décadas morando em Sobral, ainda se colocam como sertanejos? No primeiro momento a fonte oral está me trazendo a memória dessas experiências de migrantes, assim como o entendimento sobre a cidade e sua urbanidade excludente. Autores como Amado, Ferreira, Bosi, Khouri, Portelli, assim como Neves, Albuquerque Jr., Barbosa, Menezes, Lucena, Certeau, Thompson, estão me dando suporte nesse primeiro momento. Quanto aos resultados iniciais o que chama atenção é perceber que seca e falta de emprego são motivações recorrentes. Quanto à escolha por Sobral são diversas, desde já ter parentes morando e não ficar difícil o contato com os que ficaram, a esperança de empregos fora da lavoura, e uma vez indagados sobre os empregos, na realidade, os ofícios com salários garantidos e carteiras assinadas não foram fáceis, a

população mais velha trabalhava como ainda trabalha na prestação de serviços, pedreiro, carpinteiro, servente de obras, jardineiro, babá, cozinheira, e alguns conseguiam complementar a renda pescando e plantando seus roçados.

Entre Histórias e Memórias: considerações da migração de paraibanos em Irecê - BA.

Marilva Batista Cavalcante(Escola Estadual João Durval Carneiro -BA)

Resumo: O trabalho intitulado "Entre Histórias e Memórias: considerações da migração de paraibanos em Irecê - BA", procura pensar as experiências de deslocamento, trabalho, cotidiano e reorganização de migrantes paraibanos em Irecê, nas décadas de 1960 e 1970 a partir da problematização da história oral e dos artifícios da memória. São histórias compostas em diálogos com migrantes que atribuem novos sentidos e significados ao processo migratório, adequação e reapropriação do espaço com o qual passam a interagir.

Memórias vividas, insurgidas e reinventadas: a Colônia do Pulador em Anastácio-MS.

ANDREA SILVA DOMINGUES(UNIVERSIDADE DO VALE SO SAPUCAI)

Resumo: Esta pesquisa propôs refletir sobre as experiências sociais e culturais dos habitantes da Colônia do Pulador, cidade de Anastácio no Estado de Mato Grosso do Sul. Analisando modos de vida de homens e mulheres, oriundos de diferentes regiões de Pernambuco, buscando compreender as relações destes personagens históricos com a natureza e o trabalho, seus valores e relações sociais dentro da Colônia, seus sonhos e receios, na tentativa de evidenciar as singularidades de sua cultura material e sensível. Para tanto, elegemos como fonte de

estudo documentos escritos, e, principalmente, relatos orais e histórias de vida, obtidos através da arte de falar, que contém complexidade, beleza e ludicidade. Desta maneira foi possível fazer insurgir lembranças de diferentes épocas e lugares o ato de visitar e revisitar a memória de nossos narradores ajudou na insurgência de lembranças permeadas de lutas, conquistas e perseveranças, através dos quais o ato de mudar representa uma atitude muito séria para eles, pois significava partir em busca de um imaginário constituído da suposta terra fértil e melhores condições de vida. São imagens do passado que retratam as aventuras empreendidas nas longas viagens, feitas através de navio ou de caminhão, os quais adquiriam aspectos de residências ambulantes, uma extensão da moradia: provisória, porém longa, pois a viagem durava dias. Nesse perscrutar, próprio do exercício de historiadora de reunir fatos, ainda que dispersos, contraditórios e/ou insuficientes, analisamos experiências e práticas culturais de homens e mulheres, através do processo de deslocamento e das memórias construídas, procurando mostrá-los como uma categoria de trabalhadores que têm suas especificidades e fazem parte da história do Brasil. Adotamos uma estratégica metodológica onde nos possibilitou cruzar diferentes caminhos, atalhos e técnicas, aliando o ir e vir da memória, mediante a história oral, com os documentos escritos como, por exemplo, processos civis e dados estatísticos para estudar experiências sociais e culturais de nordestinos e nordestinas que partiam em busca de um sonho imaginado, de uma melhor condição de vida, para se ter condições de um melhor plantio rumo ao Centro-Oeste do país.

Migração, História e Memórias: a polifonia dos migrantes nordestinos em Roraima (1980 a 1991)

Francisco Marcos Mendes Nogueira(Universidade Federal de

Roraima-UFRR)

Resumo: Roraima localiza-se no extremo Norte do País, faz fronteira com a República Cooperativista da Guiana, a República Bolivariana da Venezuela e com os estados do Amazonas e do Pará. O contexto histórico, político e espacial de Roraima situam-se dentro das implicações do processo migratório para o extremo Norte. No período de 1980 a 1991 ocorreu um boom populacional por meio das migrações, em especial a de nordestinos. Este fato é associado a dois fatores – o garimpo e a indução para as áreas de colonização. Mister salientar que até o início dos anos de 1980, o Território Federal de Roraima, contava com uma população de um pouco mais de 79 mil habitantes, ao passo que no início da década de 1990, já na condição de Estado, Roraima, já contava com uma população superior a 217 mil habitantes. Outrossim, o incremento populacional proporcionou uma “nova” configuração espacial e política dentro do contexto migratório. Deste modo, o presente trabalho visa refletir e compreender quais foram os desejos e as motivações que influenciaram na hora de migrar, através da polifonia dos migrantes nordestinos, oriundos do Maranhão, do Ceará e do Piauí, para tanto, tomamos como aporte teórico-metodológico a História Oral, visto que ela possibilita a constituição de fontes e documentos.

SER “GAÚCHO” NO RIO DE JANEIRO: IDENTIDADE E MEMÓRIA

DAIANE FLORES PALUDO(FFP/UERJ)

Resumo: Vivemos num país marcado por intensos deslocamentos migratórios, num “Brasil migrante” produzido nos âmbitos culturais, econômicos, políticos e sociais por sujeitos em mobilidade. Os migrantes produzem o espaço e sobre ele constroem territorialidades no e pelo movimento,

apropriando-se de territórios e símbolos eles (re)constroem em cada fragmento espacial suas identidades, reformulando-as na identificação e na alteridade.

Historicamente marcados por seu caráter territorializador e por cultivar o tradicionalismo, grupos sulistas se deslocaram pelo Brasil e através da (re)produção de elementos culturais originários buscaram reconstruir suas identidades nos territórios de imigração. Na tentativa de compreender como esse grupo “refaz sua casa” no movimento, estudamos um circuito migratório secundário que não se inclui nas estimativas do padrão migratório brasileiro, mas num fluxo inter-regional particular através da migração de sulistas para o Rio de Janeiro para o trabalho num ramo específico: churrascarias. Assim, além de justificado pela mobilidade do trabalho, esse movimento migratório traz consigo o caráter cultural, pois o território do trabalho comercializa um signo da cultura regional sulista, o churrasco. Nesse contexto, os sulistas, genericamente denominados de “gaúchos”, se apropriam do território do trabalho através do discurso do domínio de um signo cultural, o que gera conflitos quando outro ator social entra nesse espaço, como verifica-se pelo contato com nordestinos e cariocas. Objetivando compreender como a identidade gaúcha é construída e posteriormente (re)produzida e afirmada fora de sua sociedade de origem, fundamentamos nossa pesquisa em entrevistas com imigrantes da Região Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio grande do Sul) com faixa etária distintas, assim como o tempo de permanência no Estado do Rio de Janeiro. Além de sulistas, foram realizadas entrevistas com nordestinos que convivem e trabalham nos mesmos espaços, a fim de compreender como a representação de “ser gaúcho” é dada na alteridade.

Compreendendo que os relatos orais fazem uso da memória

enquanto elemento de resistência, através das entrevistas pesquisamos as origens do processo migratório desses sujeitos, sua adaptação na sociedade de imigração, a relação estabelecida com “o Outro”: cariocas e nordestinos, a produção e (re) produção de sua(s) Identidade(s) através de costumes e símbolos e a relação/vínculo com a sociedade de origem atualmente.

Fruto de uma construção histórica regional, a identidade “gaúcha” é reconhecida nacionalmente frente a outras identidades, sendo (re)produzida em outros territórios através do culto das tradições, dos discursos, representações e signos.

021. Relações de gênero, memória e história oral: contribuições, perspectivas e dificuldades

Coordenação: Joana Maria Pedro, Roselane Neckel

10/07 - Terça-feira (Tarde - 14h as 17h)

Jogos de gênero e memórias militantes: mulheres na luta contra o regime militar brasileiro no Ceará (1964-1985).

Raquel Caminha Rocha (Prestadora de serviço)

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo investigar e analisar como, em um regime de exceção que foi o período da ditadura civil-militar no Brasil, as identidades de gênero foram alteradas ou reforçadas e, portanto, mobilizadas no que se refere à atuação feminina no processo de resistência ao regime militar no Ceará. A opção pela referida temática decorre da observação de que as mulheres vivenciaram experiências diversas posto que a sua militância esteve relacionada não apenas à contestação do

regime político da época e, assim, firmaram sua presença no espaço político e colocaram em xeque valores e hierarquias estabelecidas no código social vigente. Ao abraçarem uma causa coletiva, como a oposição a ditadura militar implantada no Brasil, romperam com o que era esperado de uma mulher, adotando outras identificações até então a elas negadas. Assim, para além de sua militância de luta e resistência, percebemos que no bojo desse processo, essas mulheres quebraram e (re) elaboraram normas, tabus e toda uma gama de valores que a sociedade impunha e que afetava de forma incisiva a vida delas. Enfocaremos as experiências desses agentes no período, através da análise de entrevistas feitas com os participantes dos movimentos de oposição no Ceará, responsáveis pela produção de uma determinada memória sobre o período. Também utilizaremos a documentação empregada nos processos de reparação movidos por pessoas que se sentiram lesadas pela ditadura, que compreendem desde cartas para seus familiares às documentações oficiais que tratam de sua perseguição. Atentaremos para o modo como estas fontes foram constituídas, marcada por conflitos e tensões de poder, onde as relações de gênero se mostram vivas e atuantes. Durante o período ditatorial no Brasil desenvolveu-se uma intensa luta contra o chamado “inimigo interno”. Com a chegada dos militares ao poder em 1964 e baseado na Doutrina de Segurança Nacional, este combate possibilitou a construção de um campo de valores, costumes, crenças, normas, expectativas, tradições, idéias, ideais e sensibilidades aos quais os cidadãos deveriam corresponder para não serem enquadrados como subversivos. A perspectiva das relações de gênero é relevante para este estudo, pois trata-se de um período em que as idéias do movimento feminista se tornavam mais divulgadas em todo o mundo ocidental e levavam à mudanças sociais importantes, mesmo estando o país mergulhado em um governo autoritário. Se num primeiro momento era raro o aparecimento de mulheres na cena pública oficial, nos movimentos de esquerda elas estavam

presentes como apoiadoras e guerrilheiras, junto com os homens.

Quando as canetas falam mais que os sussurros: entrelaços do gênero e da memória na ditadura militar paraguaia, um diálogo com a escrita do literato Guido Rodriguez Alcalá (1966 – 2002).

LORENA ZOMER

Resumo: Esta comunicação resume as primeiras impressões de uma pesquisa em que a obra literária do jornalista paraguaio Guido Rodriguez Alcalá é vista como fonte para compreender a construção das relações de gênero paraguaias vividas pelo autor. Este, nascido no Paraguai, foi atuante em manifestações contra as atrocidades cometidas pelo presidente Alfredo Stroessner, além disso, foi preso e exilado. Porém, mesmo quando o autor estava ausente de seu país não deixou de conviver com compatriotas, dialogar e escrever sobre os acontecimentos de seu país. Desse modo, a ditadura militar paraguaia (1954-1989) e o seu período de redemocratização são analisadas de acordo com a escrita de Alcalá, articulando uma relação entre a representação, o gênero, a literatura e a memória. Alcalá, em seus livros (*Curuzu Cadete: Cuentos de Ayer e de Ho'y* (1990) e *Cuentos Decentes* (1987)), retrata uma sociedade em que homens e mulheres são subjugados/as pela ditadura militar do país em questão, ao mesmo tempo, que as mulheres são “retratadas” como mais indefesas em relação aos homens, e quando elas demonstram reações acabam vítimas de “seduções” de generais e soldados do regime ditatorial, ou até mesmo presas e mortas. O gênero é visto como um componente cultural e histórico, constituindo subjetividades no contexto paraguaio e de acordo com a apropriação de cada um e do poder relacional entre os próprios gêneros. Desse modo busco analisar como Alcalá constrói as relações de gênero na escrita e em entrevista, além de observar o cotidiano descrito de mulheres e homens que foram vítimas de um governo autoritário e cruel. Vale

ressaltar também que recordar sobre uma ditadura não é uma tarefa simples, portanto, considero a memória inscrita na literatura – no caso dessa pesquisa, a de Alcalá - como um meio de analisar a ditadura sob o seu olhar, de onde fala (ou falou) o autor. Ao mesmo tempo posso investigar como a memória, o gênero e a história oral podem ser entrelaçados, a fim de compreender parte de um tempo histórico e discutir sobre metodologias de trabalho. 🍷

Palavras chaves: Memória, Literatura, Ditadura.

GÊNERO E CONFLITOS RURAIS: a (re)construção do passado a partir da memória

ALDINA DA SILVA MELO

Resumo: Partindo da análise de como diferentes sujeitos se apropriam da memória coletiva/individual e (re) constroem distintas experiências do passado, muitas vezes experiências “dolorosas,” pretende-se abordar as memórias acerca dos conflitos que incidiram no atual município de São José dos Basílios (MA) entre os anos 1970 a 1990, tendo como foco o processo das lutas pela terra e pelo livre acesso aos babaçuais, fonte de sobrevivência de inúmeras famílias rurais maranhenses, a memória a respeito da constituição da Associação de Quebradeiras de Coco Babaçu de São José dos Basílios (AQCBSJB), e as memórias sobre as principais formas de violência que se fizeram e ainda se fazem presentes no cotidiano de mulheres trabalhadoras rurais. A prática da extração da amêndoa do babaçu é um saber repassado de mãe para filha e na região estudada, bem como em outras regiões do Estado é um trabalho considerado “feminino,” embora haja fontes que comprovem que há homens que também quebram coco. A análise foi empreendida com base principalmente nas memórias de trabalhadores e trabalhadoras rurais do município, já que até o presente momento são escassos os dados historiográficos sobre a temática, sobretudo no tocante às

questões de gênero, sendo relevante o uso da História Oral e do trabalho de campo. Além do trabalho com as memórias, tem-se dialogado com autores (as) como Pollak (1989), Halbwachs (2006), Barbosa (2006), Andrade (2007), Dias (2011), Butler (1998), dentre outros que trazem reflexões pertinentes ao que se pretende analisar.

(Re) significando memórias e gênero: desafios teóricos e práticos da história oral

Gabriela Miranda Marques(Universidade Federal de Santa Catarina)

Resumo: Este trabalho, busca discutir questões metodológicas e práticas da história oral ligadas a pesquisas realizadas no campo dos estudos de gênero. Objetiva-se perceber algumas particularidades das pesquisas no campo, e como, elas podem apresentar desafios metodológicos à aplicação da história oral. Neste sentido busca-se pensar: como o corpo da pesquisadora influência na memória, os limites da aplicação do método etnográfico em locais pouco habituais de pesquisa, e principalmente, refletir acerca da proximidade da pesquisadora e das entrevistadas, sendo esta, física, temporal e/ou sentimental. Nos últimos anos, vêm crescendo a influência da etnografia nos estudos com história oral, esta, deixa ainda mais evidente o encontro de subjetividades que implica dada metodologia. A academia cobra o rigor acadêmico e o distanciamento do objeto, que por muitas vezes se torna inviável na prática histórica. Pôr entender que estas questões se tornam mais evidentes em estudos com a categoria gênero, este trabalho reflete especificamente acerca de estudos deste campo.

Lembranças do pai: uma história da paternidade nas memórias dos que lutaram contra a ditadura civil militar brasileira

Vanderlei Machado(Colégio de Aplicação - UFRGS)

Resumo: No presente estudo, buscar-se-á reconhecer as

diferentes estratégias de gênero que pais de presos/as e desaparecidos/as políticos empregaram para apoiar e denunciar os crimes cometidos pelos órgãos de repressão contra seus filhos e filhas, a partir de 1964. A história da participação das mães na denúncia das violações aos direitos humanos nas prisões políticas, das mortes e dos desaparecimentos de ativistas de esquerda passou a ganhar alguma publicidade a partir da década de 1980 com a publicação de livros de memórias, trabalhos acadêmicos e, recentemente, obras cinematográficas. Neste momento, proponho buscar em entrevistas de história oral e em livros de memórias escritos por mães de presos e desaparecidos políticos e por ex militantes de esquerda, as marcas da participação paterna a favor de filhos e filhas perseguidos pela ditadura. A partir desses indícios, buscarei compreender as expectativas, os limites, as possibilidades e legitimidades da atuação paterna nos casos de prisão, tortura, morte e desaparecimento de opositores da ditadura civil militar brasileira.

A voz rara das mulheres indígenas: direitos, políticas públicas no Brasil, Bolívia e Paraguai (1960-2008)

Heloísa Nunes dos Santos

Resumo: O presente trabalho pretende realizar um estudo comparado, entre as distintas realidades em que vivem e se constituem as mulheres indígenas do Brasil, Bolívia e Paraguai. Investigamos como ocorrem os processos de protagonismo feminino, de “lidezargo” como no caso boliviano, dessas mulheres dentro das organizações indígenas já existentes, e majoritariamente dominados por homens. A busca dessas mulheres por espaço as leva, em alguns casos, a organizarem-se de forma independente em associações, organizações e movimento de mulheres indígenas, ou também formarem departamentos dentro do movimento indígena, que abrem espaços para suas demandas. Confederación Nacional de

Mujeres Indígenas de Bolivia (CNAMIB) é uma das organizações estudadas, já que o movimento indígena boliviano tem se caracterizado pela forte presença de lideranças femininas, que desempenham importante papel no cenário político atual. Utilizamos a metodologia da história oral para conhecer trajetórias e experiências dessas mulheres. Observamos, nas narrativas, a maneira, como se deu o processo de participação política, suas estratégias para reivindicações perante o Estado e principalmente o protagonismo das novas organizações e espaços de mulheres. A questão de gênero e a identidade étnica são assuntos importantes. Contêm, neste estudo, também, reflexões e relatos sobre gênero nas suas interfaces com a memória, o poder e a participação política.

Palavras-chave: Mulheres indígenas, políticas públicas, identidade étnica e gênero

Jogos de gênero: a fragilidade feminina como estratégia de luta contra a Ditadura Militar em Osasco

Marta Gouveia de Oliveira Rovai (Universidade de São Paulo)

Resumo: O trabalho apresentado é parte da tese de Doutorado sobre a memória de homens e mulheres acerca de uma greve ocorrida em 1968, em Osasco. Os relatos femininos revelam a luta de irmãs, esposas e amigas pela defesa dos operários presos pelo regime militar, abrindo mão de uma performance de gênero. A fragilidade atribuída socialmente às mulheres é valorizada nas narrativas como artimanhas delas para enfrentar autoridades e até seduzi-las, a fim de conseguirem defender sua família e a si mesmas contra a repressão. Ao reforçarem essa característica para agirem, as mulheres subverteram a ordem e se fortaleceram. As lembranças selecionadas pelas narradoras mostram que o privado também é político.

Entre o movimento estudantil e a luta pela igualdade de direitos para as mulheres: uma contribuição à memória da

militância feminina em Aracaju/SE, 1960-1988.

José Vieira da Cruz(UNIT)

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo apresentar uma discussão a respeito da memória de algumas mulheres que atuaram no movimento estudantil e/ou no Conselho Municipal em Defesa da Condição Feminina em Aracaju/SE, no período de 1960 a 1988. As entrevistas foram realizadas através do uso metodológico da história oral. Essas militantes atuaram em diferentes momentos e movimentos políticos e/ou culturais. Parte delas atuou no movimento estudantil, algumas nos movimentos populares de cultura, na militância política e outras em movimentos artísticos. A prisão de algumas e a militância clandestina de outras revelam aspectos diferentes em seus relatos. Duas delas, além de sofrerem coações psicológicas, também foram vítimas de torturas físicas. Houve ainda aquelas que atuaram na luta em favor da anistia, envolveram-se na luta pela redemocratização do país, participaram do Conselho Municipal em Defesa da Condição Feminina de Aracaju – um dos primeiros do gênero –, e encaminharam propostas em favor da igualdade dos direitos das mulheres aos constituintes de 1988. O resgate, registro e análise dessas memórias significa uma contribuição ao debate sobre a participação das mulheres nos movimentos políticos e culturais do país, sobretudo a partir dos desdobramentos e inter-relações dessas experiências tecidas em Sergipe.

Palavras-chave: movimento estudantil, militância feminina, defesa de direitos, Sergipe.

A História Oral na pesquisa sobre a Medicina Legal na Bahia: Maria Theresa de Medeiros Pacheco (1928-2010).
Lina Maria Brandão de Aras(UFBA), SABRINA GUERRA GUIMARÃES

Resumo: A presente comunicação objetiva analisar como a

metodologia da História Oral contribui para a análise das relações de gênero na trajetória da Medicina Legal na Bahia, tendo como principal objeto de estudo o papel de Maria Theresa de Medeiros Pacheco no seu desempenho como médica legista, portanto, de como ela, sendo mulher numa sociedade de discurso androcêntrico, numa área dominada pelos homens, conseguiu ascender na profissão.

Em 1948, aos 20 anos, ela informa a família do seu interesse em prestar exames na Faculdade de Medicina da Bahia. Apoiada principalmente por seu pai deixou a família no Estado de Alagoas se instalando em Salvador. Conclui o curso de Medicina em 1953, daí por diante atuou nas Maternidades Climério de Oliveira e Nita Costa, nos hospitais Aristides Maltez e Santa Isabel. Em 1954, foi convidada pelo Prof. Estácio de Lima para atender no Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, na especialidade de Sexologia Forense, pela sua experiência nos serviços de ginecologia e obstetrícia, para periciar as vítimas de atentados sexuais: às crianças, adolescentes e mulheres, tornando-se a primeira mulher médica-legista do Brasil.

Escrever sobre esta história de vida é um compromisso com a história das mulheres, onde não podemos perder de vista a importância e a necessidade de continuar fazendo uma discussão historiográfica onde as mulheres estejam inseridas e com enfoque nas questões de gênero para compreendermos o processo histórico não só do passado como também do presente é ao percebermos que em todas as situações a história foi masculinizada, nos dá ânimo para escrever uma história com a tão real participação feminina. E a história oral nos permitirá, através dos depoentes que viveram diretamente com a nossa pesquisada, nos fornecer informações que nos permitirão avançar nesses estudos de forma responsável, ou seja, essa metodologia nos abrirá um campo vasto de possibilidades. Optamos aqui pelo termo gênero, por acreditarmos que este conceito é abrangente e nos ajudará a perceber todas as

conexões que envolvem as relações sociais, neste campo, porém, sem esquecer que o nosso foco é a MULHER. O diálogo entre a metodologia da História Oral e a teoria feminista é fundamental nessa pesquisa, pois, ambas norteiam o campo de visualização de forma ampla das dificuldades enfrentadas pelas mulheres para se inserirem no campo da ciência em especial a medicina, evidente que as conquistas de muitas mulheres em especial esta que tratamos se deve e muito pelas ideias e vitórias feministas, seja ela enquanto pensamento ou movimento.

Palavras chave – Relações de Gênero – Biografia – História Oral – Feminismo.

Dizer-se feminista no Brasil entre os anos 1970 e 1980

Cintia Lima Crescêncio

Resumo: Em entrevista realizada em 2005 para o projeto “Cone Sul: ditaduras, gênero e feminismos (1960-1990)”, empreendido pelo Laboratório de Estudos de Gênero e História - LEGH/UFSC, Eva Alterman Blay, ao ser questionada sobre sua identificação com o feminismo, destacou que o título feminista (60-70), era mobilizado muitas vezes como meio de ofender. Já em entrevista jornalística concedida à revista Veja em setembro de 1977, a maior revista semanal de informação do período, a socióloga feminista que, nessa ocasião, dissertava sobre a questão do trabalho feminino, dedicou uma tímida citação ao tema feminismo. Estabeleço essa relação entre testemunho oral, pensado a partir de uma pesquisa acadêmica, e entrevista jornalística, pensada a partir das especificidades de um veículo da imprensa, para refletir sobre possíveis estratégias de divulgação dos feminismos utilizadas por mulheres que, durante a ditadura civil-militar brasileira, ocuparam-se de levantar bandeiras e buscar espaços para debater as reivindicações feministas, o que é evidenciado por entrevistas realizadas na atualidade. Tomo o relato de Eva Alterman Blay como

parâmetro em função desta ser um dos principais sujeitos dos feminismos brasileiros de segunda onda do período e ainda em função de sua entrevista mais recente sinalizar as barreiras para a construção dos feminismos de segunda onda brasileiros. A publicação de periódicos, a realização de palestras, de encontros e de congressos feministas não negam a efervescência da cena feminista que, encabeçada por mulheres de renome, não se restringiu ao “universo feminista”, mas dissipou-se nos mais diferentes nichos, como pode ser demonstrado pela revista *Veja* que dedicou centenas de páginas a entrevistar mulher engajadas nessa causa. Nesse sentido, dentro de uma perspectiva histórica, fazendo uso metodológico das ferramentas da história oral e também da análise do discurso, parto do relato oral de 2005 e da entrevista publicada em 1977, para identificar táticas discursivas exploradas para o “bem” do feminismo brasileiro.

11/07 - Quarta-feira (Tarde - 14h as 17h)

A Prática da esterilização feminina no Brasil (anos 1970/1980)

Andrea Moraes Alves(UFRJ)

Resumo: O campo da reprodução ocupa uma posição fundamental nas pesquisas sobre relações de gênero. Assuntos como gravidez, contracepção, aborto, maternidade/paternidade, novas tecnologias reprodutivas são recorrentes e construíram um imenso arcabouço de conhecimentos na área. A preocupação em investigar os significados sociais da reprodução e de seu controle rendeu às ciências sociais alguns trabalhos significativos, como, por exemplo, o estudo de Emily Martin - *A Mulher no corpo* (2006) - uma abordagem antropológica sobre o significado que mulheres e médicos atribuem ao “corpo feminino” e sua identificação com a função reprodutora. No Brasil, algumas pesquisas antropológicas e históricas têm aprofundado o tema da regulação da reprodução e do gênero,

investigando as práticas e discursos sobre aborto e infanticídio (Rohden, 2003; Pedro, 2003; Mota, 2008).

Minha pesquisa insere-se nesse debate. Meu interesse está no estudo das trajetórias reprodutivas de mulheres que adotaram a esterilização como método contraceptivo em um determinado momento do ciclo de vida, em um contexto histórico brasileiro marcado pela simultânea ilegalidade, acusação moral dessa prática e adoção maciça da mesma por grande parte de mulheres em idade reprodutiva. Um olhar atento ao processo de atribuição de significado social à reprodução pode nos ajudar a compreender melhor os discursos da época sobre o lugar da mulher na sociedade, a conjugalidade, a fecundidade e as relações de parentalidade. Esse contexto é o da Ditadura Militar no Brasil e o ambíguo tratamento dado pelo regime ao tema do controle de natalidade no território nacional (Sobrinho, 1993). De acordo com Vilmar Faria (1989), apesar do Estado Brasileiro não ter adotado uma política explícita de regulação da fecundidade até o começo da década de 1980, outros vetores institucionais, como as políticas de crédito ao consumidor, de telecomunicações, de previdência e de atenção à saúde geraram impactos não previstos sobre a regulação da fecundidade no Brasil. Os anos 1970/1980 são também aqueles marcados pela forte mobilização do movimento feminista no Brasil e fora dele. Momento atravessado por polêmicas internas ao próprio movimento, entre elas questões a respeito dos limites ao controle de natalidade em países periféricos, como o nosso (Sarti, 2001).

O material da pesquisa é composto por 15 entrevistas com mulheres que foram esterilizadas entre os anos 1970 e 1980. Nesses relatos, elas contam a memória de sua experiência com a esterilização naquele contexto de suas vidas. Esse conjunto de histórias nos abre a possibilidade de termos uma compreensão mais profunda do que estava em jogo nos anos 1970/1980, quais valores orientavam quais ações e como foi vivida a esterilização por mulheres de distintos estratos sociais.

“Una nunca vuelve igual”: relatos sobre los Encuentros Nacionales de Mujeres en Argentina.

María Cristina Viano (CLIHOS/Universidad Nacional de Rosario)

Resumo: En Argentina el movimiento de mujeres ha adquirido un protagonismo que no ha cesado de incrementarse, transformarse y re-significarse a lo largo de los años transcurridos entre el fin de la última dictadura militar y la actualidad, constituyéndose en una presencia relevante de la escena político-social con capacidad tanto de alterar la rutina patriarcal como de articularse al universo de movimientos sociales que germinaron desde la sombra que proyectó el neoliberalismo. Si Asociaciones civiles u ONGs, espacios de articulación o pequeños grupos autónomos habían predominado hasta los años '90 desde aquí se abre un panorama cuyos contornos son más complejos de trazar; Al decir de una entrevistada "...un feminismo urbano, blanco y de clase media... hoy cada vez más aparecen feministas indígenas, campesinas y de sectores populares" que se expresan a través de organizaciones territoriales, culturales, partidos de izquierda o espacios sindicales y que no solamente han amplificado esa primera constelación de feministas de la postdictadura sino que han contribuido decisivamente a visibilizar y colocar en la agenda pública un repertorio de demandas.

Una de las singularidades del movimiento de mujeres lo constituye el encuentro nacional que se realiza desde el año 1986 en distintos puntos de la geografía nacional y que iniciándose con apenas unos cientos de feministas hoy logra convocar entre veinte y treinta mil mujeres anualmente. Nuestro trabajo se detiene particularmente en el análisis de los significados y sentidos que poseen las experiencias y memorias forjadas alrededor de la participación en los encuentros nacionales a partir del relato de mujeres de distintos grupos generacionales, sociales y organizacionales que se manifiestan

en este tiempo presente.

“O mundo também era para nós”: camponesas dizem de sua vida e trabalho no Movimento do Dia do Senhor em Sobral – CE.

VIVIANE PRADO BEZERRA (UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ - UVA)

Resumo: A pesquisa busca compreender as diversas experiências vivenciadas por camponesas da zona norte do estado do Ceará, que durante as décadas de 1970 a 1990 estiveram participando do Movimento do Dia do Senhor, movimento este de cunho católico progressista, tendo em vista a autonomia e libertação do homem do campo. Neste período o movimento propiciou uma discussão sobre a condição feminina das camponesas que passaram a se reunir regularmente no que se convencionou chamar de “encontros de esposas”, espaço estritamente feminino, onde refletiam sobre seus problemas concretos abarcando desde a difícil sobrevivência no campo até complexas questões de gênero tais como sexualidade, opressão feminina e relação conjugal. Para tanto, nos apropriamos de uma gama de documentos escritos produzidos pelo Movimento, como também assumimos como base fundamental de nossa pesquisa a análise de relatos de História Oral.

MULHERES GUARDIÃS DA TRADIÇÃO ORAL DE UMA COMUNIDADE AFETIVA

Márcia Nunes Maciel (Núcleo de Estudos em História Oral)

Resumo: As Guardiãs são entendidas nessa pesquisa como mulheres que atualizam a memória de um mundo carregado de

simbologias e, no qual se encarregam de transmitir para as novas gerações. Dessa maneira, será desenvolvida nessa pesquisa a perspectiva de Tradição oral de uma comunidade afetiva, tendo em vista, que Tradição Oral, se constitui por meio de histórias transmitidas por várias gerações. Essa escolha se deu por a Tradição Oral ser uma das variações da história oral, a qual requer uma condução ou procedimentos próprios, pois, trata das dimensões míticas e visões de mundo de comunidades que “têm valores filtrados por estruturas mentais asseguradas por referências ao passado remoto” [...] (MEIHY, p, 166, 2005). Dentro desse contexto foi percebido nas narrativas das colaboradoras que fizeram parte da dissertação: O Espaço Lembrado: Experiências de Vida de pessoas que vivenciaram o Espaço do Seringal da Amazônia (2010) há uma comunidade afetiva atualizada pela memória estabelecida pelos elos afetivos entre as colaboradoras e as pessoas lembradas por elas. Essa comunidade afetiva está ligada por meio das lembranças sobre os lugares de experiências compartilhados por essas pessoas e que se mantém viva em suas memórias. É desse ponto de partida que será desdobrada a proposta aprofundamento das narrativas de mulheres que ocupam o lugar de transmissora da tradição da comunidade que fazem parte.

Relatos sobre o cytotec: um olhar de gênero sobre os discursos de homens e mulheres

Carmen Susana Tornquist(UDESC), Silvana Maria Pereira(Hospital Universitário - UFSC)

Resumo: Este trabalho problematiza aspectos metodológicos ligados a coleta de dados sobre a prática do aborto, mostrando como as metodologias qualitativas em geral, e a história oral, especificamente, são fundamentais para a análise de práticas sociais consideradas ilegais. Apesar da mortalidade de mulheres por causas relacionadas à gravidez, parto e puerpério ter decrescido no Brasil, nos últimos anos, os óbitos por aborto mantêm-se estáveis, com distinções por raça/cor e classe social.

Algumas evidências científicas demonstram que o uso de misoprostol (cytotec) pode contribuir para a diminuição de agravos e óbitos, por ser um medicamento mais seguro do que outros métodos abortivos utilizados pelas mulheres. Atualmente seu uso legal está restrito ao espaço hospitalar, mas conforme relatos podem ser adquiridos em redes de comércio local de Florianópolis. Este trabalho analisa como os usos do comprimido (cytotec) são representados de formas diferenciadas por homens e por mulheres em narrativas de itinerários abortivos de mulheres e de homens de um bairro popular da cidade, a partir da perspectiva da história oral.

HISTÓRIA, MEMÓRIA E PODER FEMININO EM POVOADOS AMAZÔNICOS

Benedita Celeste de Moraes Pinto (Universidade Federal do Pará)

Resumo: Baseado em fontes orais, mediante relatos orais e histórias de vida, e no cruzamento de documentos escritos disponível, o presente estudo trata das experiências históricas e das relações sociais de gênero em povoados remanescentes de antigos quilombolas na região do Tocantins, no Pará- norte da região Amazônica. Analisa, entre outras coisas, a ativa participação da mulher na constituição dos antigos redutos negros desta região, seu poder de liderança e os diferentes papéis desempenhados nos povoados remanescentes.

Palavras - chave: Memória, Poder Feminino, Quilombos, Amazônia

NARRATIVAS DE MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE MULHERES BAIANAS DO ALTO SERTÃO (1940 -1960)

Maria Lúcia Porto Silva Nogueira (Universidade do Estado da Bahia)

Resumo: Este estudo das narrativas escritas de memórias e experiências femininas tem por objetivo a apreensão das

mulheres enquanto sujeitos históricos em seus variados estilos de vida e em suas extensas redes de sociabilidade. Essas narrativas deixam transparecer as influências assimiladas na constituição do seu “eu” e também expressam outras que extrapolam a si próprias, mas que não estão desvinculadas da sua existência social e que portanto, são comuns aos seus grupos culturais. São registros memoráveis que perpetuam singularidades e especificidades das suas culturas, dando a conhecer realidades multifacetadas e detalhes do público e do privado que permitem vislumbrar diferentes ritmos dos processos sociais. Nesse percurso, torna-se possível trazer à tona um sem número de informações sobre o sertão baiano em meados do século XX.

O silêncio nas fontes: história, relações de gênero e oralidade sobre a prostituição em Candeias/BA/Brasil (1949-1964).

DANIELA NUNES DO NASCIMENTO, IOLE MACEDO VANIN (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA)

Resumo: Durante séculos as mulheres foram, segundo Michelle Perrot, sombras tênues da história. Destinadas aos espaços privados eram poucas as fontes históricas que indicavam suas falas, experiências e histórias, e que permitissem recompor as memórias daquelas que viveram nos tempos pretéritos. A incorporação da história oral e a legitimação do depoimento como fonte historiográfica contribuiu para visibilizar as mulheres e indicar as suas múltiplas histórias que não apareciam nos documentos “oficiais”, pois, priorizavam as ações masculinas nos espaços públicos. O uso da oralidade possibilitou à revanche das mulheres ao evocar a subjetividade do privado, ajudando a restituir-lhe a dimensão política, dando significação aos discursos pessoais, contribuindo no resgate das múltiplas identidades e da vida daquelas que viveram no anonimato. Nesta perspectiva, este trabalho tem como objetivo discutir sobre a importância do uso da técnica da história oral para os estudos das relações de gênero e para compor a

trajetória do mundo da prostituição entre as décadas de 1950/1970 no município baiano de Candeias, período que a localidade sofreu migração de trabalhadores de outras localidades e de prostitutas atraídos (as) pelo desenvolvimento econômico provocado pela construção da primeira refinaria de petróleo do Brasil na região do Recôncavo. A prostituição por ser considerada uma atividade comercial “marginalizada”, feita por mulheres tidas como “desvalorizadas”, que não mereciam serem historicizadas, ocasionou a carência de informações nos documentos oficiais e na historiografia local e regional nada se fala acerca da presença das mulheres prostitutas que vivenciaram este período e de seus locais de trabalho. Com a técnica da história oral, está sendo possível visibilizá-las como sujeitos históricos, indicando os seus campos de atuação, inserção e conflito.

12/07 - Quinta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Namoros em Lages na década de 1970

Vanessa Aparecida Muniz(Escola Básica do Estado de Santa Catarina)

Resumo: Este artigo trata de práticas de namoro na década de 1970 em Lages. Referencia-se nos pressupostos da história Cultural como possibilidade de interpretação das representações e apropriações quando os comportamentos foram influenciados pela liberação sexual, a chegada da pílula anticoncepcional, o uso de drogas alucinógenas, incidendo nas formas de vivenciar a vida noturna, os clubes sociais, as discotecas, o cinema, rádio e a televisão. Pauta-se na categoria de gênero de análise histórica na percepção das prescrições sexuais e sociais, nos usos do corpo e das condutas, bem como suas transgressões. É também o período em que a cidade passa por uma expressiva migração do rural para o urbano, se vê e se diz moderna, devido ao enriquecimento de latifundiários e empresários da madeira

(vindos do pinheiro araucária).

Educação da Rainha do Lar - Formação das professoras no Ginásio Santa Bernadete em Amargosa/BA – 1946-1973

Miguel Jose da Silva (Secretaria de Educação do Estado da Bahia)

Resumo: O Ginásio Santa Bernadete, instalado em Amargosa no ano de 1946, pertencente à Congregação das Religiosas do Santíssimo Sacramento, tinha como objetivo maior atender a formação das moças, futuras mães e professoras. A educação desenvolvida por este Ginásio coincidia com os anseios da sociedade amargosense, no tocante às funções sociais destinadas ao gênero feminino. Mediante uma educação alicerçada na observância dos valores cristãos, marcada pelo rigor da disciplina e sempre fomentando a prática do respeito, da ênfase à obediência e do testemunho e exemplo a serem vivenciados, as alunas assimilavam valores, tabus e preconceitos que reforçavam o modelo de mulher que a sociedade desejava. Em 27 anos de atividade educacional em Amargosa, as religiosas sacramentinas impregnaram marcas relevantes nas meninas/mulheres que ali estudaram.

Memórias de mulheres líderes e feministas na Cidade de Boa Vista durante a década de 1990

Raimunda Gomes da Silva (Universidade Estadual de Roraima)

Resumo: O trabalho tem por objetivo analisar relatos de experiências de mulheres nordestinas na cidade de Boa Vista em movimentos sociais: sindicatos, movimentos de mulheres e feminista. No sentido de compreender como ocorrem os processos de construções e reconstruções das relações de gênero e como são configurados os desafios e possibilidades de fazer política na perspectiva do feminismo e de gênero nesses espaços sociais da capital roraimense durante o período em estudo.

Narrativas Femininas: Sobreviventes judias do Holocausto radicadas no Brasil.

Lilian Ferreira de Souza

Resumo: A partir do registro das narrativas orais sobre o Holocausto pretendemos analisar testemunhos que expressem as trajetórias das mulheres sobreviventes do nazismo. Como critério optamos pelas narrativas daquelas que passaram por campos de concentração e/ou de trabalho forçados, por guetos e/ou atuaram em frentes de resistência como partisans. O foco está nas histórias de vida daquelas que escolheram o Brasil como comunidade de destino pressionadas pela política antissemita do endossada pelo Terceiro Reich e países colaboracionistas que previam a “Solução Final” para o povo judeu. Assim o registro dos testemunhos têm como objetivo documentar estas narrativas redimensionadas à luz de documentos pessoais. Para nós - intermediários e interlocutores - esse exercício de reflexão ajudará a (re)pensar a sociedade que, ainda hoje, convive com novos genocídios.

Mulher atrás das grades: estratégias das presas para lidar com o ambiente prisional

Ana Paula Moniz Freire(FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos)

Resumo: O presente trabalho visa discutir as estratégias utilizadas por mulheres em situação de cárcere a fim de suportar as vicissitudes do ambiente prisional. Este estudo foi realizado a partir de entrevistas usando o método qualitativo e a técnica de história-de-vida. Dentre essas estratégias, a pesquisadora percebeu como relevante a religião, o trabalho, o uso de drogas, a família e a sexualidade. A religião oferece um discurso alternativo ao discurso prisional, promovendo consolo e sentido à vida na prisão; contudo, ela é utilizada como estratégia de controle sobre a presa, uma vez que a religião é usada como instrumento de docilização, para que a presa internalize as

regras da prisão. A segunda estratégia, o trabalho, geralmente é visto como uma forma de remir a pena, porém, a pesquisadora também observou que este era utilizado para “distrair a mente”, como foi relatado por uma das informantes. A terceira estratégia, o uso de drogas, pelo fato de ser visto como um lazer, é usado para punir a presa, uma vez que a retirada do lazer é utilizado como castigo. Contudo, as drogas são capazes de proporcionar sensações prazerosas e tornar a pessoa incapaz de perceber impulsos desagradáveis. Neste viés, o uso de drogas é utilizado como estratégia para suportar o ambiente prisional. Outra estratégia, a família, serve como proteção social primária. Através dela, a presa mantém os laços afetivos, protegendo-se do sentimento de solidão e abandono que o próprio cárcere impõe, podendo até mesmo diminuir sua vulnerabilidade a reincidência, depois que a presa conseguir sua liberdade. A última estratégia, a sexualidade, é utilizada como moeda de troca para conseguir proteção e outros privilégios, mas também é usada como forma de compensar a carência sexual e o abandono afetivo que é comum aos presos, principalmente à presa feminina. Então, as estratégias descritas acima têm o objetivo de minimizar (ou, se possível, remediar) as consequências nocivas do ambiente prisional, mesmo que de forma temporária.

Memória de militâncias feministas

LATIF ANTONIA CASSAB (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ - FECEA)

Resumo: O presente trabalho procura evidenciar uma pesquisa qualitativa, embasada na metodologia de História Oral, cujo objetivo foi conhecer, através de relatos de vida, o percurso realizado por mulheres que culminaram na atuação de cargos de Direção e/ou Técnica em ONGs feministas, nos Estados do Sul do Brasil. Em outras palavras, como se empreendeu tal travessia e os resultados alcançados enquanto militante e profissional feminista? Atualmente, muitas das mulheres integrantes dos

movimentos feministas fundaram ou participam das Organizações não Governamentais, principalmente a partir dos anos 90, exercendo cargos de Diretoria e/ou Técnicos, assumindo o caráter institucional do feminismo, focalizando atividades políticas voltadas às mais diversas necessidades das mulheres, dentre elas o enfrentamento à violência cometida contra a mulher no âmbito familiar e/ou doméstico. Desta forma, as últimas décadas têm sido marcadas pela aproximação entre os movimentos feministas e as ONGs feministas, na busca pela superação das desigualdades de gênero, buscando novos paradigmas hierárquicos, que não o patriarcal, para transformação da sociedade.

Memórias de mulheres estudantes e professoras de Engenharia.

ROSILENE DIAS MONTENEGRO (Universidade Federal de Campina Grande)

Resumo: A presente comunicação oral é um dos resultados de pesquisa sobre a participação das mulheres no curso de Engenharia Elétrica, na cidade de Campina Grande, estado da Paraíba, no período de 1960 a 1970. Período que compreende, por um lado, o ápice da breve existência da Escola Politécnica da Paraíba (1952-1976), transformada em Centro de Ciências e Tecnologia da UFPB, campus de Campina Grande; e, por outro lado, um momento de importantes mudanças no âmbito local e nacional, que abria às mulheres a oportunização de experiências e questionamentos sobre sua condição de gênero. Pretendemos contribuir para o conhecimento da história de gênero em Campina Grande, cidade do interior do nordeste do país, em um período da história em que estava fortemente marcada por práticas de gênero com fortes traços patriarcais. Cenário em que algumas mulheres, poucas em relação aos homens, vivem a experiência de cursarem o ensino superior, algo já admirável para o tempo e a cultura regional. Essas mulheres narraram em suas memórias suas experiências como universitárias,

primeiramente alunas e depois professoras pesquisadoras, relatando situações em que se depararam ou criaram possibilidades de burlas e escolhas propiciadas pela experiência acadêmica, num campus e particularmente num curso universitário como o de Engenharia Elétrica tido como caracteristicamente masculino, com presença majoritária de homens. A pesquisa fez uso da metodologia em história oral e reuniu os registros orais constituídos pelas entrevistas em arquivo do tema estudos de gênero nas ciências e tecnologias. No decorrer da pesquisa percebemos alguns aspectos a serem analisados, desde a própria questão do recurso da metodologia em história oral, sua relevância para o registro de testemunhos e memórias, algumas delas em desaparecimento, até questões de contradições nas narrativas, por vezes muito organizadas, concatenadas, elaboradas como seguindo um fio único e contínuo, parecendo histórias já prontas de si mesmas, poucas vezes críticas da condição de gênero, outras vezes afirmações que contrariam uma suposta harmonia, respeito e igualdade no tocante aos papéis de alunos/alunas no curso de Engenharia Elétrica. Mas, em geral, visões e construções de si que parecem esconder ou ocultar situações, sentimentos, anseios, sonhos, conflitos, tensões, desejos, em favor do reforço a imagens positivas que se escolheu mostrar. A análise dos relatos mostra lacunas, lugares privados, calados. Podem ser dificuldades em lidar com as memórias. São muitas interrogações. Uma certeza: as memórias das mulheres da Engenharia Elétrica, da Escola Politécnica, significativas para o período singular da história de gênero e história local.

13/07 - Sexta-feira (Tarde - 14h as 17h)

Soraia André: uma judoca “japonegra”

Cláudia Maria de Farias(FAPERJ)

Resumo: O trabalho reafirma a importância dos estudos de gênero para a compreensão dos processos históricos

contemporâneos através dos quais se realizaram a inserção, permanência e ampliação da participação das mulheres no campo esportivo brasileiro, durante o processo de abertura política, iniciado em 1974. Ao abordar a narrativa oral da judoca Soraia André, são examinadas as múltiplas intersecções do gênero com outros componentes de diferenciação social, como classe, raça/etnia e geração, fundamentais para a reconstrução das experiências que marcaram o projeto, a carreira, trajetória e memórias dessa atleta, após o fim das restrições à prática esportiva no país, em 1979.

Primeiras competidoras do surfe carioca: década de 1960

Ana Carolina Costa Cruz (prefeitura do município do Rio de Janeiro)

Resumo: Neste estudo, buscou-se analisar os primeiros momentos do surfe como esporte no Rio de Janeiro, compreendendo os processos históricos relativos à inserção das mulheres nessa modalidade. Foram realizadas entrevistas com competidoras do primeiro evento de surfe no Rio de Janeiro, realizado na praia do Arpoador/RJ, em 1965: Maria Helena Beltrão, Fernanda Guerra e Heliana Oliveira. Quem são essas mulheres pioneiras? Como se envolveram com o surfe? Que dificuldades encontraram? A metodologia usada foi a da História Oral. Esse tipo de metodologia permite que os fenômenos subjetivos sejam reconhecidos, através de representações, que devem ser apuradas e ouvidas. Não se trata de uma história diferente, nem alternativa, ou que rompa com a história institucional, mas sim, da relativização da política/ contexto a partir da lembrança dos entrevistados, dando importância aos aspectos culturais e às sensibilidades vividas. Enfim, investigando a vida dessas primeiras competidoras de surfe do Rio de Janeiro na década de 1960, constatamos que certos estereótipos em relação ao surfe feminino foram construídos no decorrer do processo de institucionalização, notadamente de profissionalização da modalidade.

Oralidades de jovens mulheres acauteladas: medidas socioeducativas de privação de liberdade na Amazônia

André Benassuly Arruda(UFPA)

Resumo: A pesquisa intitulada Medida Socioeducativa de Privação de Liberdade feminina no Estado do Pará: relações de saber-poder e questões de gênero possui como objetivos principais: (1) estabelecer o perfil socioeconômico e a trajetória de vida das jovens cumprindo Medidas Socioeducativas de Internação no Cento Socioeducativo Feminino (CESEF) localizado no Estado do Pará ; e (2) realizar uma investigação sobre as condições gerais de cumprimento das medidas, através de uma metodologia de pesquisa documental e de entrevistas, tanto com as adolescentes cumprindo medida de privação de liberdade; como com os técnicos que trabalham diretamente nas ações socioeducativas. Utilizaremos as perspectivas da História Nova e da arqueogenealogia foucaultiana, para escolha, recorte e problematização das oralidades que serão produzidas através das entrevistas. O projeto já foi autorizado pela Secretaria de Desenvolvimento Social do Estado do Pará e no mês de março de 2012 iniciamos as primeiras experiências de campo no CESEF. As entrevistas serão realizadas nos meses de abril e maio de 2012. A pesquisa se encontra em fase de consolidação metodológica e de busca de espaços acadêmicos para problematizações teóricas. Apresentando resultados parciais da pesquisa, a partir das entrevistas realizadas com as adolescentes acauteladas e com os técnicos responsáveis pela aplicação das medidas socioeducativas, buscaremos tanto realizar uma problematização das práticas que são efetivadas nos espaços de aplicação das medidas socioeducativas de privação de liberdade para os adolescentes considerados em conflito com a lei tendo como subsídio teórico as cartografias das mecânicas do poder que Foucault realizou em torno das racionalizações da

Modernidade; como que efeitos essas práticas tiveram sobre os corpos das consideradas em conflito com a lei. Nossas problematizações vêm demonstrando que elementos tanto do poder soberano (em suas novas formas de exercício no liberalismo) através do racismo de Estado, como do poder disciplinar, da biopolítica, atravessam e se atualizam em espaços de contenção da liberdade para adolescentes. As pesquisas na área demonstram que ainda é dominante a visão do adolescente como aquele em fase de transição da infância para a vida adulta, sendo assim um ser faltante em relação ao adulto idealizado. Conflitos psicológicos, turbulência emocional, momento complicado da vida, são estratégia discursivas utilizadas para caracterizar a adolescência.

“A santa para as mulheres espancadas, traídas”: Um estudo sobre a devoção a Isabel Maria da Conceição em Guaraciaba do Norte, Ceará.

MICHELLE FERREIRA MAIA

Resumo: Nos interiores cearenses, é possível observar que tem surgido com maior frequência a devoção a homens e mulheres do povo, já falecidos. Lá, o húmus da glorificação e da redenção celeste é fértil e, ao mesmo tempo, complexo. Isabel Maria da Conceição é cultuada como a “Santa das Mulheres espancadas e traídas” em Guaraciaba do Norte. Neste artigo, busco analisar o lugar de devoção a santa popular, percebendo que este espaço (re)apresenta a sua memória antes e depois da santidade, além disso, possibilita ao pesquisador tatear e interrogar se as insígnias da fé estão emaranhadas pelas implicações sociais, econômicas, culturais de seus seguidores. A devoção aos santos populares também inventa sua própria ordem ou desordem. Histórias permeadas também pelas lembranças e esquecimentos. A piedade, a fé e os pagamentos de promessas apresentam a fabricação da Santa popular.

Palavra-Chave: Mulher – Santa - Fé

Vidas desenhadas pela renda irlandesa na cidade de Divina Pastora, no Estado de Sergipe

Maria de Fátima Ferreira(UFRB)

Resumo: Divina Pastora é uma pequena cidade, próxima de Aracaju, no Estado de Sergipe, na qual se destacam a renda irlandesa e as rendeiras, em geral tecendo a renda, sentadas na grande praça central da cidade, situada no ponto mais elevado de uma bela paisagem, de onde se descortina o vale do Rio Cotinguiba. A renda irlandesa é uma das modalidades de renda de agulha, que chegou a Divina Pastora pela aristocracia local e se incorpora à cultura das mulheres da cidade, numa atividade exclusivamente feminina. Em novembro de 2008 foi reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil, pelo Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Nosso objetivo é através da memória feminina focalizar a renda irlandesa e as mulheres que se dedicam a essa atividade em Divina Pastora, para saber como se estabelece a relação entre o ato de tecer renda e a construção de sua vida. O uso da memória feminina se justifica porque a pesquisa pretende investigar a experiência feminina na tecelagem tradicional no Brasil. Foram realizadas cinco entrevistas temáticas e uma história de vida com Alzira Alves dos Santos. Durante as entrevistas foram captadas imagens e áudio das entrevistadas, utilizadas para a criação de um ensaio fotográfico e um vídeo documentário. Com essa pesquisa resgatamos a história de uma atividade milenar juntamente com a história das mulheres, material que servirá para que não se perca essa tradição.

“Quem me fez casar diversas vezes foi muita sorte”: memória e construção de si de uma “casamenteira” do sertão baiano

Vânia Nara Pereira Vasconcelos(UNEB)

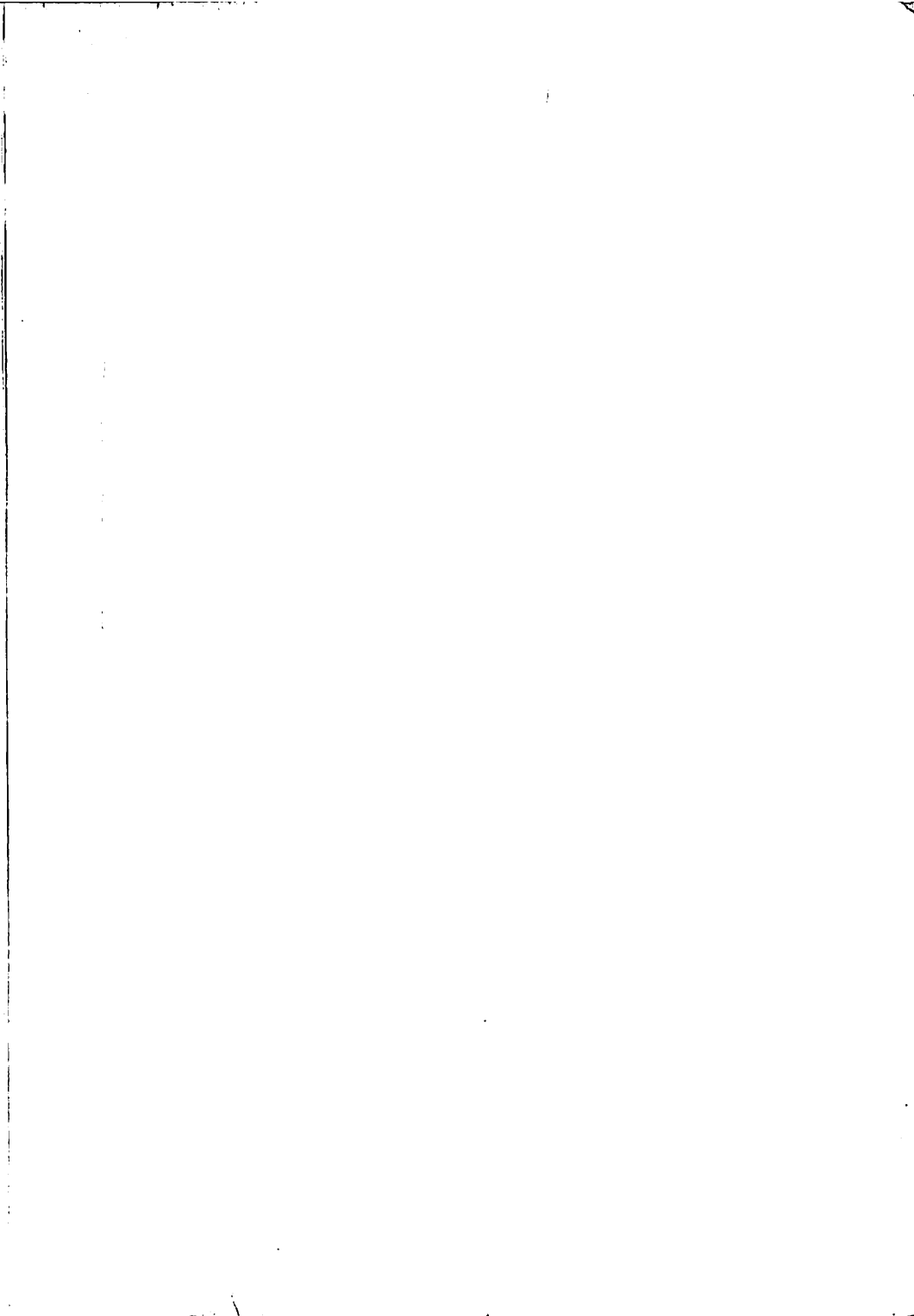
Resumo: Essa comunicação analisa a trajetória de Dona Farailda, uma mulher do sertão da Bahia (da cidade de Serrolândia) que casou-se sete vezes ao longo da sua vida. Discute seu processo de “construção de si” a partir das suas memórias. Além de entrevistas orais realizadas com ela, utiliza também como fonte fotografias e depoimentos de pessoas ligadas a ela ou que viveram (ou ainda vivem) em Serrolândia e que se dispuseram a falar sobre as representações em torno dessa “figura lendária”. Dona Farailda aparece como uma mulher que, embora reproduza em seu discurso valores “tradicionais” como a defesa da família e do casamento monogâmico, visto na perspectiva heteronormativa, tem práticas que parecem subverter normas estabelecidas para as mulheres daquela comunidade. Nesse sentido, utiliza os conceitos de “tática” de Michel de Certeau, procurando compreendê-la como uma mulher que subverte valores sem o enfrentamento direto, agindo no campo oposto sem propor um contra-poder e o de “paradoxo” de Joan Scott, na perspectiva de positivar ações aparentemente contraditórias. Discute ainda as possibilidades narrativas acerca dessa trajetória.

“A santa para as mulheres espancadas, traídas”: Um estudo sobre a devoção a Isabel Maria da Conceição em Guaraciaba do Norte, Ceará.

MICHELLE FERREIRA MAIA

Resumo: Nos interiores cearenses, é possível observar que tem surgido com maior frequência a devoção a homens e mulheres do povo, já falecidos. Lá, o húmus da glorificação e da redenção celeste é fértil e, ao mesmo tempo, complexo. Isabel Maria da Conceição é cultuada como a “Santa das Mulheres espancadas e traídas” em Guaraciaba do Norte. Neste artigo, busco analisar o lugar de devoção a santa popular, percebendo que este espaço (re)apresenta a sua memória antes e depois da santidade, além disso, possibilita ao pesquisador tatear e interrogar se as insígnias da fé estão emaranhadas pelas implicações sociais,

econômicas, culturais de seus seguidores. A devoção aos santos populares também inventa sua própria ordem ou desordem. Histórias permeadas também pelas lembranças e esquecimentos. A piedade, a fé e os pagamentos de promessas apresentam a fabricação da Santa popular.



ANISTIA

REALIZAÇÃO



Associação Brasileira de
História Oral



APOIO

